

GIL FOX



DUOLOGIA

O cupido



GIL FOX



O CUPIDO

Bebeu

ATIROU A FLECHA NA PESSOA ERRADA

Ficha Técnica

Copyright © 2017 Gil Fox

Todos os direitos reservados.

Título: O Cupido Bebeu – Atirou a flecha na pessoa errada

Capa: Daniella Moreno

Diagramação Digital: Daniella Moreno

Autora: Gil Fox

Revisão: Clara Taveira & Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

Sinopse

Oi! Eu sou a Chay, a amiga não muito louca da Mônica, e vim aqui contar a história dela com o Eduardo. É isso mesmo que você leu, EDUARDO. Cara, eu estou rolando de rir com isso. Como uma boa amiga que sou, coloco para tocar Legião Urbana sempre que posso.

Bem, era isso que ia contar, mas no meio do caminho virou a história de Chay e Quim. Não sabe quem é esse aí? Joaquim, ou Quim, ou Quindim – só eu posso chamá-lo assim, ouviram bem? Ou melhor, leram bem? Enfim, só eu —, o chefe da minha amiga, um gostoso, mas que é um chato de galocha. Onde eu fui amarrar meu burrinho, senhor?

No meio das nossas histórias conturbadas de amor, Momo – minha linda e maravilhosa amiga – está recebendo uns presentes estranhos de algum ex-namorado perseguidor babaca que irei dar na cara.

Bem, espero que gostem dessa nem um pouco louca história.

Baseado em fatos não tão reais assim.

Nota da autora e agradecimentos

Olá.

Você quer conhecer um fato curioso sobre o livro?

Este livro é baseado em fatos reais: a Chay, a Mônica e o Eduardo realmente existem, não com esses nomes e talvez não do modo louco como foi retratado. Essa história começou com uma mensagem de uma amiga para outra. Na vida real, tudo ficou um pouco bagunçado e não teve o mesmo fim que a história ficcional, tendo em vista que infelizmente Quim não existe. Porém eu me diverti escrevendo cada linha e ri muito em todo o processo, então espero que gostem tanto quanto eu.

Para Lims, muito obrigada por sempre estar ao meu lado, me incentivando a escrever. Espero que o seu Duuu ou um outro loiro apareça na sua vida e te faça esquecer o passado. Sempre estarei aqui para você, minha amiga docinho estragado. Te adoro gata.

Se você está lendo este livro em PDF, não se preocupe, não vou te processar, mas fique sabendo que é crime. Sabe como você pode me ajudar? Indo até a página da Amazon, procurando por Gil Fox e avaliando o meu trabalho. Deixe sua estrelinha, seu comentário – pode ser crítica, amo críticas, me fazem crescer como autora.

Ah! Vamos bater um papo. Você pode me procurar no Facebook ou no meu Gmail: v.g.s.fox

Beijos, meus amores!



CAPÍTULO 1

Sinceramente, eu acho um absurdo ter que aguentar o cheiro de asa logo pela manhã. Sério, gente, qual o problema de tomar um *banhozinho* cedinho antes de pegar o metrô? Na minha frente, um senhor careca, aparentemente com uns quarenta e tantos anos e com aquela barriguinha de chope, segurava no apoio de mãos do metrô, o braço erguido, fazendo o odor vir em nuvens para cima de mim. Será que se abrir discretamente minha bolsa, puxar o meu Geovanna Baby e borrifar no cidadão, vou ser muito ou pouco aplaudida?

Mas a culpa é minha, toda minha, por ficar mais cinco minutos na cama, ou vinte cinco talvez, com preguiça de levantar e vir trabalhar. O resultado da minha folga foi ter pego a maldita linha azul do metrô completamente cheia – não dá nem para se mexer – e ter que sentir a catimba do cidadão.

Finalmente a moça fanha do metrô anunciou a estação Ana Rosa, local em que eu trocava para a linha verde, que me levaria até a Paulista, onde fica meu trabalho, localizado em um conjunto de escritórios que abriga uma administradora de condomínios. Sou a TI^[1] do local, mais conhecida como a garota que conserta computadores. Mano, que raiva me dá quando escuto isso, principalmente vindo da boquinha linda e desprezível de Quim, chefe da porcaria toda. Acima dele, só o dono da empresa, que nunca vi na vida. Não é meu chefe, porque sou terceirizada,

porém isso não me dá direito de mandar o cara para aquele lugar onde o sol não bate, pois ele tinha o poder de pedir ao meu chefe real para me realocar.

Assim que me lancei do vagão e comecei a subir as escadas para a linha verde, senti meu celular vibrar entre meus seios, um lugar estratégico para guardá-lo e não ser roubada. Olhei para o ícone de alerta de mensagem do Telegram, desbloqueei a tela e vi que Mônica deixou um recado.

Fiquei um mês de férias e voltei para casa dos meus pais. Resultado: fazia um mês que Mônica e eu não nos víamos. Estava com tanta saudade daquela louca, quer dizer, daquele anjinho. Revirei os olhos, ela adorava dizer que era um anjinho, e eu gostava mais ainda de falar que Lúcifer também era um anjo.

Conheci Mônica na internet, nós duas gostamos muito de livros e acabamos nos tornando amigas. E por uma daquelas coincidências estranhas da vida, acabamos trabalhando no mesmo lugar.

Sua mensagem apenas dizia:

Com toda a sinceridade do mundo: como você me definiria?

Parei para olhar o celular por uns instantes e tentei pensar bem no que iria dizer. Não sou boa com definições. Tipo, conheço a Mônica há uns dois ou três anos, e tudo foi como um encontro de almas entre nós duas. A minha não tão loucura combinou com a não tão *angelicagem* dela – acabei de inventar uma palavra para o ato de ser um anjo.

Enfim, era como se fôssemos irmãs gêmeas de mães diferentes e idades diferentes. Mônica tinha uns três anos a menos do que eu. Também somos de cores diferentes: enquanto ela é branca, eu sou preta – isso mesmo, sou preta. Depois que vi o vídeo de um angolano expressando como o termo negro é negativo, passei a me considerar preta. Foda-se, sociedade, se minha amiga pode ser branca, eu posso ser preta e acabou.

Voltando para Mônica, ela tem cabelos lisos, e, eu, bem, uma linda mata que cresce para todos os lados. Todavia, somos irmãs gêmeas, e quem disser o oposto, eu mostro o dedo do meio e mando ir para a casa do Pedrinho, já que estou diminuindo a quantidade de palavrões que falo.

Como precisava responder a mensagem, escrevi para ela:

Em uma palavra?

Cativante.

Você tem algo que faz com que as pessoas queiram ficar perto de você.

Simpática.

Quando você tem razão, expressa de uma maneira meiga.

Teimosa.

Quer fazer as coisas do seu jeito.

Sincera.

Você tem uma sinceridade refrescante.

Autêntica.

Você não segue tendência. Acredito que por causa da teimosia, você faz, veste e gosta do que quer, mas não porque é moda.

Ai, sei lá, Mônica, você é um misto de coisas, como qualquer ser humano. Como diz a música: complicada e perfeitinha. Agora diz quem é que tá te enchendo o saco, para que eu vá até aí quebrar a cara.”

Eu costumava colocar medo em algumas pessoas, principalmente nos caras, por ter um metro e oitenta e três de altura. E alguns quilinhos a mais. Odeio academia e adoraria matar quem inventou essa bosta. Sendo assim, tinha muita presença, tanto física quanto espiritualmente.

A resposta de Mônica veio em sequência:

Quase fiquei vermelha. Quaseeeeeee. Obrigada pelas palavras. Mas a minha definição atual é arrogante e esnobe. Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

É, alguém ganharia minhas impressões digitais na cara. Em vez de descer na estação Trianon-Masp, desci na Brigadeiro, pois sabia que ia dar de cara com uma loja da Starbucks. Depois dessa resposta de Mônica, ela precisaria de uma dose de açúcar. Conhecia bem a minha amiga, nesse ponto éramos iguais: sempre que ficávamos chateadas, nos deliciávamos com alguma coisa bem doce ou gordurosa ou com algo que seja os dois ao mesmo tempo.

Claro que fui para a saída errada ao chegar na estação e, quando cheguei na rua, estava do outro lado da Paulista. Tive que atravessar a avenida e quase ser atropelada por uma bicicleta na ciclofaixa para chegar à cafeteria. Depois de altos xingamentos de ambos os lados, finalmente entrei no santuário da felicidade. Pedi dois *moccas* com dose extra de cobertura e muffins de chocolate, um bolinho para cada uma como acompanhamento. Saí com os meus preciosos itens e caminhei até o prédio onde ficava a administração.

Depois de quase derrubar tudo ao passar na catraca – obviamente esqueci de tirar da mochila gigante que levava nas costas. Juro que eu parecia uma tartaruga ninja por causa das tranqueiras que levava na bolsa –, cheguei no elevador.

Meu começo de dia não estaria tão ferrado se o idiota e delicioso do Quim não viesse com alguma piadinha. Por que Deus mandou ele para me tentar? Sério, sabe aquele mandamento de amar o próximo e aquele outro, “não matarás”? Pois é, eram as minhas metas da vida quando o assunto era Joaquim.

— Primeiro dia de retorno ao trabalho e já atrasada, Charlene? – Ele era o único desgraçado que me chamava pelo meu maldito nome. Juro que se tivesse dinheiro e a minha mãe estivesse morta, trocaria o meu nome. Claro que torcia

para que meu primeiro desejo acontecesse e o último, nunca. Minha mãezinha tinha o gosto horrível para nomes, mas era incrível.

— Bom dia para você também, Joaquim. — Já que ele iria falar meu nome inteiro, falaria o dele também. Apertei o número do nosso andar no painel, o décimo oitavo, e me perguntei: por que Deus estava também testando a minha paciência? Subir todos aqueles andares e naquela hora da manhã era um teste de paciência, já que a probabilidade de parar em todos os andares é muito alta. Encostei, ao lado de Joaquim, no fundo do elevador, esperando a multidão de gente entrar.

— Como está seu dia? A propósito, eu estou muito bem, minhas férias foram incríveis. — Mostrei a língua para ele, vi o rolar de olhos que me deu e o ignorei. Ambos ficamos quietos. Acho que tinha mais umas oito pessoas no elevador e cada uma desceu em um andar diferente.

Enquanto isso, fui responder à mensagem da Mônica:

Chay: *“Esnobe não: seletiva. Arrogância todo mundo tem um pouco, ainda mais se você sabe algo”.*

Mônica: *“A pessoa não sabe trabalhar. A gente tem que passar por essa. Sempre tentei mostrar o caminho da melhor forma. Arrogância é diferente de ter orgulho de saber e ser o melhor... O cara falou de um jeito como se eu tivesse sido a pior pessoa que ele cruzou na vida. Não que eu ligue pra ele. Mas, sei lá”.*

— Agora que você está de volta, precisa arrumar um computador para o Du. Espero isso para antes do almoço. — Quim disse, tirando minha atenção do celular.

Levantei os meus olhos e encarei o ruivo lindo ao meu lado. Sério. Não é justo o cara ter aquela cor de cabelo natural, olhos verdes, ser mais alto do que eu — isso é, tipo, muito difícil —, ter músculos nos lugares certos (aposto que ele tem

um pacotinho de seis por debaixo da roupa de engomadinho dele, tipo, seis perfeitos gominhos no abdômen sarado dele) e cheirar muito bem.

— Quem é Du? – Perguntei quando saímos do elevador em nosso andar.

Não existia nada melhor que um homem cheiroso! O cara poderia até ser feio, porém deveria estar sempre limpinho e ter boa conversa. Não era o caso de Quim, em minha opinião, com aquele rosto quadrado, semblante fechado, ou seja, cara de homem mesmo, que te pega gostoso, cheiroso sempre com a barba bem-feita. Ele não seria nenhum modelo ou ator de novela, mas, para mim, era um gato.

— Eduardo, o novo engenheiro.

A empresa para qual trabalhamos, além de administrar prédios prontos, administrava obras em andamento. Fazíamos tudo, desde contratar pessoal até instalação de equipamentos de segurança. Por isso eu tinha um emprego lá: sempre alguém precisava de um TI, e como oferecíamos serviço para diversos lugares, isso me garantia um posto fixo.

— Esse não conheço ainda.

Quim passou o cartão para liberar o nosso acesso e, todo cavalheiro, me deixou passar primeiro. Observei a foto dele no cartão, que também era um crachá. Ela não tinha ficado feia como a minha, e mais uma vez vi como o mundo era injusto.

— Faça o que eu pedi até o almoço.

Revirei os olhos mentalmente mil vezes e mordi a língua para não dar uma resposta espertinha para ele. Quim andou pelo corredor que dava acesso às salas de trabalho, mas antes de passar por outra porta, ele virou para mim com cara de interrogação. Era isso, ou ele estava com vontade de ir no banheiro, nunca se sabe.

— O que você fez com seu cabelo?

Peguei uma trança solta e olhei para ela, dando um pequeno sorriso. Recentemente, eu havia resolvido mudar um pouquinho: em vez de deixar meu

cabelo livre, leve e solto e todo black, fiz tranças nagô^[2] coloridas. As pontas da trança estavam azuis. Eu achei o máximo o novo visual, não precisava me preocupar em acordar cedo e pentear cabelo, os produtos reduziram de cinco ou seis para apenas xampu anticaspa e tranças me possibilitavam dormir mais de manhã – cabelo afro dá um trabalhão. Para completar, eu estava gata.

— Mudança de visual.

— Eu gostava mais do outro jeito. – Dito isso, ele entrou.

Mas que porra eu faria agora, além de ficar com a boca aberta que nem um peixe-boi? Gente: o Quim reparava em mim a ponto de perceber que mudei o meu cabelo! Tudo bem, a mudança foi bem radical e qualquer um poderia perceber, todavia ele nunca tinha falado nada sobre mim.

Dei uma olhada no visual. A partir daquele momento, decidi que iria melhorar as roupinhas também... Ou não. Eu adorava dormir mais tempo e praticamente me jogava dentro do guarda-roupas e saía de qualquer jeito.



CAPÍTULO 2

Caminhei tranquilamente pelo corredor, avistando as diversas baias com todo tipo de gente trabalhando. Toda parte contábil, compras de materiais e qualquer chatice referente a administrar prédios acontecia lá. Meu destino era o mesmo do Quim: ir até a mesa de Mônica. Aguardei ele terminar de conversar com a minha amiga – o chato estava pedindo um relatório qualquer para ser entregue até o almoço. Acho que o cara tinha fixação por comida, só pode, tudo era para a hora do almoço.

Depois de sua partida, fiquei babando na bundinha apertada dele dentro das calças sociais. Gente, daria tudo para dar um beliscão nela.

— Minha Nossa Senhora da Bicicletinha! – Mônica gritou ao me ver. – O que você fez com seu cabelo?

Dei uma jogadinha de cabelo para o lado, balançando as trancinhas.

— Gostou? – Apesar de não ligar muito para a opinião das pessoas sobre meu modo de agir, vestir ou qualquer coisa, a Mônica não era qualquer pessoa. Eu levava muito em consideração a opinião dela.

— Amei, são tão lindas. – Mônica disse, e eu deixei minha carga preciosa, meu café, em cima da mesa e fui dar um senhor abraço na minha anjinha louca. – Que saudades!

— Eu não sou católica, mas acho que não existe nenhuma Nossa Senhora da Bicicletinha, não... – Brinquei e ri, atraindo a atenção do povo do escritório. – Vamos até o refeitório colocar o papo em dia.

— Preciso fazer um relatório para o Quim...

— E eu tenho que aprontar um PC^[2] para ele até o almoço. – Cortei. Peguei a minha preciosa carga e mostrei. – Vamos para o refeitório, e se Quim falar algo, mande ele dar meia hora de bundinha na praia. – Dei meu melhor sorriso para ela. Aquela frase era da minha mãe, que, como morava em região litorânea, vivia falando isso.

Mônica caiu na gargalhada, e fomos para o refeitório do outro lado do prédio. Não tinha ninguém na pequena cozinha, já que nós, pobres mortais, não tínhamos dinheiro para pagar trinta *mangos* em uma refeição na Paulista – meu vale-refeição era só de dezenove reais).

— Quero saber como foram as suas férias. – Mônica disse, e sentamos uma de frente para outra. Entreguei um dos copos com o nome dela e o bolinho, e depois fui abrir o meu café e colocar um pacotinho de açúcar. Sei que já tinha todo o chantilly, mas gostava de todas as bebidas bem docinhas.

— Nada disso. – Dei um golinho na bebida quente e quase gemi de contentamento. Nada era melhor que começar o dia com a cafeína no organismo. – Vamos falar no idiota que vou plantar a mão na cara quando conhecer.

Mônica deu de ombros antes de dar uma mordida generosa na iguaria que trouxe para ela. Só de olhar para sua cara, já sabia que tinha ficado muito sentida com o que ouviu.

— Ele é o novo engenheiro contratado. – Mônica brincou com o copo que estava em sua mão, e eu quase arranquei dela, pois minha adorável amiga era o desastre em pessoa, a chance de ela derrubar o líquido quente em si mesma deveria ser de uns cinquenta por cento.

— Ah! O tal de Du. – Fiz cara de nojo. Nem conhecia o sujeito e já o detestava. – Quim pediu para aprontar um PC para ele.

— *Mano*. O cara que ficou no seu lugar era um paspalho. — Mônica pegou em minha mão e fez uma cara triste. — Tenho pena de você, vai ter um monte de coisa para fazer.

Passei as minhas mãos pelo rosto e tentei contar até dez. Quando soube quem cobriria as minhas férias, quase desisti de sair aqueles dias.

— Já até imagino. — Devido ao grande número de funcionários, os donos da empresa de engenharia contrataram o serviço da empresa para qual eu trabalho. Assim eles teriam uma pessoa de TI para cuidar de tudo. Isso inclui as máquinas, impressoras, toda a parte de cabeamento, etc, etc, etc. — Sobre o *Duuuuu*. — Alonguei a sílaba para demonstrar o meu desprezo.

— Ah! Sei lá. — Mônica se concentrou no copo em sua frente. — Ele falou de um jeito como se eu fosse ruim. Nós não nos demos bem desde o primeiro dia.

Deu para perceber que toda aquela situação mexeu muito com ela. Mônica era como eu, não se importava muito com o que os outros falavam, porém, lá no fundo, sempre algo nos tocava. Por exemplo, os comentários maldosos ou toques sobre nosso peso. Por mais que nossa autoestima fosse lá em cima, éramos humanas. Então, como toda boa amiga, fui em sua defesa quando soube do que aquele cara fizera.

— Quando eu o ver, vou falar para ele parar de *frescagem* e virar homem. Vou usar toda minha magnificência e lhe avisar gentilmente que, da próxima vez, meto a mão na cara dele.

— Meu Deus, só você. — Ela caiu na gargalhada. *Isso aí, Chay, objetivo concluído, fiz ela rir e tirar a carinha de tristeza.*

Mônica era linda, linda mesmo. Tinha um rosto delicado de princesa da Disney, caso as princesas fossem mais cheinhas – sempre me perguntei por que não tínhamos princesas gordinhas. Ao menos estávamos progredindo, já tínhamos uma preta. Voltando para a minha amiga, ela tem a pele clara, olhos claros risonhos, cabelos castanhos que iam até o meio das costas, era um pouco mais baixa que eu, acho que beirava a um metro e setenta e cinco, porém estava acima

da média nacional. Muito bem maquiada, no passado foi modelo *plus size*. Enfim, linda.

— Não se preocupa, vou colocar um malware no PC dele que vai roubar suas senhas. Aí vou entrar na conta dele do Facebook e trocar seu nome para: “Eu tenho o pau pequeno”. – Mônica quase cuspiu todo o café na minha cara. Ofereci um dos guardanapos que vieram junto com o bolinho para ela.

— Você não faria isso. – Ela afirmou e não perguntou.

— Claro que não. Porque não sou uma *hacker* e não sei mexer com essas paradinhas aí. – Dei de ombros. – Mas eu talvez conheça um cara que conhece um cara que mexe com isso.

— Jesus, Chay. Ainda bem que somos amigas.

— Falando sério. – Coloquei os meus cotovelos em cima da mesa e olhei para ela. – Eu acho que ele só falou isso porque é gay e ficou com inveja do seu *modelito*. – Ela estava usando uma saia lápis de risca de giz e uma blusa creme com vários acessórios combinando. – Ou quer te comer e está agindo como um babaca, tipo os garotos dos filmes americanos que agem estupidamente para chamar a atenção.

Mônica ia responder, quando a porta da cozinha abriu e por ela passou o gostosão do Quim e mais um outro cara. Olhei bem para o moreno e pensei que até que o homem era bonitinho, não um Reynaldo Gianecchini da vida, bem longe disso. Entretanto, tinha presença, um quê a mais. Não tão alto como o ruivo, não tão moreno como eu, estava mais para um branco bronzeado. Não tão forte como o delacinha do lado dele, mas também não era gordo.

— Charlene, o computador. – Quim ficava tão mais bonito com a boca fechada, qual a necessidade de falar o meu nome inteiro?

— Trabalhadores de jornada de oito horas têm direito a uma pausa de uma hora para refeição e outras duas pausas de quinze minutos para um intervalo de descanso. – Apontei para o meu café. – Você pediu até a hora do almoço, e vou ver se isso é possível assim que chegar no meu escritório. – Que na verdade era

um cubículo cheio de peças de diversas máquinas, umas boas, outras ruins, e que não tinha espaço para me mover dentro dele.

— Você é a menina dos computadores? – O moreno também perdeu a oportunidade de ficar com a boquinha fechada. Que raiva, cinco anos na faculdade, mais um ano e meio de especialização e duas certificações técnicas para ser chamada da menina dos computadores.

— Você é quem mesmo? – Levantei a sobrancelha, questionando.

— Sou Eduardo, o...

— Ah! O pedreiro novo. – Cortei ele. Adorei vê-lo ficando todo vermelho. Que os pedreiros me desculpem pela comparação ruim, porque sei que tem cara que nem terminou a escola e manda muito bem em construção, porém não poderia deixar essa passar. – Não se preocupa, vou aprontar o seu computador o mais rápido possível. – Levantei da mesa e guardei a metade do meu muffin de volta ao saquinho. Virei para Mônica e disse: – Garota, não seja esnobe e me espere para o almoço.

Conhecia muito bem minha amiga para saber que ela estava segurando o riso. Mônica concordou com a cabeça, e pude ver um brilho de travessura no olhar. Dei uma piscadinha e me virei para a porta.

— Vocês vão ficar como um dois de pau aí, na minha frente?

Os meninos foram cada um para um lado, me dando passagem, e eu fiz questão de passar com o nariz arrebitado. Acho que minhas tranças bateram no peito de Quim.

Escutei o tal de *Duuu* falando com Quim delícia:

— Nossa, ela é sempre assim? – Causei uma ótima impressão no engenheiro novo.

— Não. – Essa era a voz de Mônica. – Ela está de bom humor hoje. Mas não se preocupe, quando você precisar, ela não vai te esnobar. – Coloquei a mão na boca para impedir que o riso saísse descontrolado. *Essa é minha garota.*

Entrei em minha sala e tive vontade de sair gritando nua pela Paulista. O idiota do cara que ficou em meu lugar badernou tudo, a desordem era geral. Tinha CPU's abertas na pequena bancada, teclados e monitores no chão, caixas de comida na mesa, uma zona total. Deixei minhas coisas na cadeira e comecei a abrir espaço para trabalhar na máquina do Du.

O antigo dono não tinha deixado a senha, então comecei o processo de quebrar a codificação. Enquanto isso, ia colocando ordem naquela bagunça toda. Estava guardando o último mouse solto dentro da caixa destinada a eles, quando senti um rastejar em minha linda mãozinha. Quando olho para ela, vi uma gigantesca barata olhando de volta para mim. Não me importo se isso não é possível, ela estava olhando para mim, sim.

Dei um berro. Acho que o pessoal doido que corria no parque Ibirapuera deve ter escutado. Segundos depois, a porta abriu e Quim apareceu e me pegou pulando e sacudindo a mão como uma louca.

— O que está acontecendo?

Andei até ele e apontei para caixa.

— Um monstro. – Corri para trás dele, acenando freneticamente com a mão que foi violentada pela barata.

— Um o quê? – Se eu não tivesse com tanto asco daquele bicho, teria achado bonitinho a cara de espanto dele.

— Uma barata monstruosa. – Olhei para ele.

— Todo este escândalo por causa de uma barata? – Revirei os olhos para ele. Quim estava tirando uma com minha cara, só pode. Ele não via a monstruosidade que estava a ponto de nos atacar?

— Juro que ela usa anabolizante.

— Meu Deus! Eu não escutei isso. – Quim caminhou até a caixa onde estava o monstro. – Está aqui? – Na hora que ele perguntou, a criatura maligna

saída dos infernos voou e grudou na linda camisa de seda azul-escuro que combinava com seus olhos lindos.

O ruivo tomou um susto tão grande que começou a espantar o bicho da roupa todo agitado. De repente, quem estava pulando era ele. Encostei na porta, tomando o máximo de distância possível do demônio, e dei um lindo sorriso angelical.

— Todo mundo é macho até que a barata voa.



CAPÍTULO 3

Joguei-me ao lado da cadeira onde Mônica estava sentada. Quim foi chamar a manutenção do prédio para jogar veneno ou qualquer coisa para espantar as baratas que poderiam estar no meu cubículo. Claro que ele só fez isso depois que o ameacei processá-lo por me manter em um ambiente insalubre. Isso, e o lance de hackear o computador dele e trocar o nome dele por “Eu sou um *bubbaloo*^[4]”. Ele ficou com a cara de, tipo assim, *que merda essa garota tá falando?* Aí apontei para o cabelo acobreado dele e ele riu.

Gente, como o idiota fica lindo rindo. Acho que nunca tinha percebido isso, ele é tão sério sempre.

— Estou impossibilitada de trabalhar no meu cafofo. – Contei para Mônica, suspirando pesadamente. Um calafrio subiu pela minha espinha quando pensei no que mais poderia ter na minha salinha querida.

— O que houve? – Minha amiga nem se deu ao trabalho de olhar para o meu rosto, continuou a digitar seja lá o que ela estava digitando em seu computador.

— Tem um monstro no meu armário. – Peguei o PC do *Duuuu* e comecei a mexer nele. Felizmente, era um notebook.

— Como é? – Mônica virou para mim, espantada.

— Uma barata voadora. – Se tem alguém que compartilha comigo o horror daqueles bichos, essa é a Mônica.

— Seja bem-vinda ao meu cafofo. – Ela sorriu. Nós duas começamos a trabalhar em nossos serviços enquanto eu ia contando sobre as minhas férias tediosas na praia próxima ao local em que meus pais moravam.

Antes de sairmos para almoçar no refeitório, Mônica entregou o relatório para o *Bubbaloo* e eu não encontrei o *Duuuu* para entregar o seu notebook.

— Queria tanto um chocolate agora... – Disse a ela enquanto retornávamos para sua mesa.

— Eu também, mais precisamente um *shot* de chocolate branco.

Paramos de rir quando o *Duuuu* – algum dia vou chamá-lo assim pessoalmente sem querer, se não parar – veio ao nosso encontro com uma caixinha nas mãos. Só pelo formato, eu já sabia de onde era.

— Mônica. – Ele a chamou. Paramos em frente a ele, que estendeu uma caixinha em sua direção. Olhei por cima do seu ombro enquanto ela abria a embalagem. Dentro havia um pedaço de bolo veludo vermelho, que me fez salivar. – Para você.

— A esnobe prefere bolo de chocolate. – Mônica disse e saiu andando, deixando o *Duuu* de boca aberta e eu tentando não me engasgar com a risada que estava prendendo.

— Sabe, cara – parei e dei um tapinha nas costas dele –, você perdeu a oportunidade de ficar com a boca calada. Agora vai ter que ralar muito para me conquistar.

— Conquistar você? – *Duuu* me olhou de cima a baixo, me avaliando. Levantei a sobancelha e o encarei, desafiando a falar qualquer coisa sobre o meu lindo corpinho.

— Se você vai querer algo com a minha amiga, primeiro vai ter que ganhar o selo Chay, caso contrário, sua batalha estará totalmente perdida. – Tomei da mão

dele a caixa com bolo. – Isso já é um bom começo.

Dei um sorriso irônico e fui atrás da minha amiga. Meu caminho foi parado por Quim, que me olhou descontente.

— Você já pode voltar para a sua sala. – Ele olhou para caixa em minhas mãos. – Vê se não come nada lá para não juntar esse tipo de bichos, já que eles são atraídos pela sujeira.

— Está me chamando de porca? – Fechei a cara para ele. – Porque se estiver, acho bom começar a se desculpar. – Quim ia falar, mas ergui a mão para pará-lo. – Meu escritório é limpo e organizado, apesar do *muquifo* em que você me colocou. Não tenho culpa que o imprestável que ficou em meu lugar era um porco. Então, meça suas palavras, *parça*, antes de falar qualquer coisa sobre mim.

Saí pisando duro até a mesa de Mônica, não dando a oportunidade de o ruivo dizer nada. Em todos os anos que trabalhava naquela indústria vital, sempre foi assim entre eu e o Quim: bastava ele abrir a boca, e já trocávamos farpas. Desde o primeiro dia de serviço, quando quase me atropelou no estacionamento e eu reclamei por ser um barbeiro. O imbecil ainda disse que a culpa era minha por não olhar por onde andava.

— Quim é um idiota – confessei a ela.

— Eduardo também é. – Ela olhou para o bolo. – Quem ele pensa que é para me comprar com um pedaço de bolo? – Mônica me encarou com a cara fechada, depois olhou para si mesma. – É por causa do meu peso? Ele acha que só porque sou gordinha, vai vir com comida, e eu vou ser toda sorrisos?

— Sei lá. – Abri a tampa do recipiente e dei uma garfada na iguaria vermelha. – Você não quer mesmo? – Quase soltei um gemido ao saborear o bolo.

— Você nem deveria ter aceitado. – Mônica balançou a cabeça, desgostosa. Dei de ombros e comi mais um pedaço. – Cadê a irmandade das mulheres?

— Disse a ele que se ele quisesse ter chances com você, precisaria do selo Chay. — Mônica arregalou aqueles olhos para mim e seu queixo caiu.

— Você não fez isso! — Exclamou. As pessoas que iam entrando provavelmente pensavam que eu havia feito algo imperdoável.

Depois de engolir o pedaço do bolo voltei a falar com toda a tranquilidade:

— Já disse, acho que ele quer te comer e por isso faz essas palhaçadas de crianças para chamar sua atenção. — Apontei o garfo em sua direção.

— Só você para ter essas ideias. Mesmo que seja verdade, eu não quero.

— Ah! Vamos lá. — Dei mais uma garfada no bolo. — Tá na cara. — Comi o pedaço e apontei para ela. — Olha para você.

— O que tem eu? — Mônica se olhou.

— Toda gostosona desse jeito, qual cara não vai querer te comer? — Ela me olhou com cara de quem quer dizer “*miga, sua louca*”, e eu completei: — Eu, se gostasse da fruta, já teria dado legal em cima de você.

— Sério, Charlene? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Você é doida.

— Não sou. Quando o Eduardo e você ficarem juntos, vou lembrar dessa conversa e tacar na sua cara. — Naquele momento, algo em minha cabeça estalou. — Espera aí. — Dei um grito.

— Que foi?

— Mônica e Eduardo. — Sorri para ela com a piada na ponta da língua. Mônica ficou lá, me olhando com cara de pastel murcho em final de feira. — *Mano*, não acredito! O casal mais fofo e incrível da música.

— Que casal? Não tem casal nenhum, para de viajar! — Minha amiga ficou vermelha.

— Eduardo e Mônica. A música do Legião Urbana! — Exclamei, esperando uma reação dela, não era possível que não conhecesse a música.

— Ah, tá! Não somos um casal e não somos o casal da música. — Ela pegou sua nécessaire para poder ir escovar os dentes.

— *E quem irá dizer que existe razão para as coisas feitas pelo coração?* — Cantarolei, ganhei um tapa no meu braço antes dela sair para pegar o que mandou imprimir na impressora.

Procurei uma imagem bem legalzinha de Eduardo e Mônica da música e coloquei de fundo de papel de parede do computador do *Duuuuu*. Falando do diabo, o dito cujo estava entrando na sala naquele exato momento... Eu queria dar uma daquelas gargalhadas malignas quando veio até mim. Escrevi em um papelzinho a senha e a deixei junto com o computador em cima da mesa.

— Meu computador está pronto? — Ele me perguntou.

— Está aqui. Sua senha. — Entreguei um papel para ele em que estava escrito: “TINAO3M3NIN4DOCOMPUT4DOR!”

Nota para todos: nunca mexa com alguém de TI.

— O *XVideos* e todos os sites de sacanagem que você pensar estão bloqueados.

— Você está de palhaçada com a minha cara, não é? — Ele ergueu o papelzinho, mostrando minha letra perfeita. Dei o sorriso de um milhão de dólares. — Posso trocar essa senha?

— Não pode. — Minha vadia interior estava rindo muito. — Assim você aprende que eu não sou a garota do computador.

— Vocês gostam muito de guardar mágoas.

— Eu sou um docinho. — Mônica, que tinha voltado para sua mesa, comentou.

— Eu sou de escorpião, nascida no ano da cobra, sou o cão em pessoa. — Joguei um beijo para ele. Levantei da cadeira e fui para o meu cubículo. Entrei com extremo cuidado na sala, olhando para todos os lados, não queria ter uma

surpresa. O cheiro de produto de limpeza e inseticida atacou o meu nariz. Conclusão? Comecei a espirrar como uma vaca velha.

Deixei a porta aberta, marchei até a sala do Quim, bati na porta e, três espirros depois, entrei, meus olhos lacrimejando e a garganta coçando.

— Não dá para trabalhar na minha sala. – Espirrei uma vez e outra e o encarei com expectativa. – O cheiro de produto de limpeza está me matando. – Espirrei de novo e de novo. – Tenho certeza que esse é seu plano maligno.

— Você é maluca, mulher? – A cara confusa dele era tão fofa!

— Não sou, não. – Cruzei os braços e tentei segurar o próximo espirro. – Sou meio louca às vezes.

— Sempre, você quer dizer. – Ele abriu os braços. – O que você quer que eu faça agora? Mande limpar o lugar.

— Me dê um lugar para trabalhar onde eu não morra. – Segurei o “cacete!” que estava prestes a sair da minha boca.

— Fica com a minha sala. – Ele levantou e apontou para mesa. – Estou saindo para uma reunião. – Pegou a bolsa do notebook e caminhou para a porta. – Só não vai fazer baderna.

— Além de porca, sou bagunceira. Nossa, o conceito que você tem de mim, hein? – Quim parou e olhou para mim, olhou mesmo. Aquela olhada que foi desde os meus All Stars de caveirinha, passou por meu jeans rasgado, minha blusa do *Deadpool* (sim, eu sou nerd), deu uma pausa bem demorada nos meus peitos e fixou em meu rosto.

— Você não sabe o que se passa na minha cabeça, então pare de colocar palavras na minha boca. – E saiu pela porta, me deixando de boca aberta uma segunda vez no dia por suas as frases confusas.

Sério? O que há com esse cara? Ele é doido, e depois ainda fala de mim! O que eu acho uma calúnia completa, só sou espontânea e verdadeira.

Cacete.



CAPÍTULO 4

Depois de Quim sair, passei a tarde toda na sala dele jogando e respondendo um mês de e-mail acumulado no meu computador. Claro que, antes de tudo isso, vasculhei todas as gavetas da mesa. O cara era todo certinho, não tinha nada fora do lugar. A sala tinha um armário de canto, ao olhar para dentro, achei um monte de pastas arquivadas por ordem alfabética, tudo no canto... esquerdo da sala. Eu tive que parar e olhar para as mãos para saber qual era esquerda, tenho problemas com isso, por isso vivo me perdendo.

Voltando à mesa, na última gaveta achei algo muito interessante. Meu queixo foi ao chão. Peguei em minhas mãos um pacote de Jontex XL ACQUA com efeito refrescante.

Ai, caralho.

Puta merda.

Jesus, Maria, José e o burrinho.

Se aquilo fosse de Quim, ou o cara tinha o ego grande ou o equipamento grande. A imagem daquele chocolate branco com morango completamente nu usando uma Jontex XL ACQUA com efeito refrescante com toda certeza faria parte dos meus sonhos molhados naquela noite.

A porta da sala abriu de repente, e o *Duuu* entrou por ela. E claro que o maldito pacote de camisinha pulou da minha mão e criou asas, parando aos pés do idiota do engenheiro. Levantei as mãos tentando não parecer tão culpada como eu era e disse:

— Juro que não é meu.

Gente, que coisa estúpida para se dizer. Claro que não era meu, não tenho pinto. Apesar de levar camisinha na bolsa, caso tivesse a sorte de acontecer alguma coisa. Não deveria ser responsabilidade somente do homem a proteção do casal, afinal era um ato em dupla, não é?

O moreno avaliou a embalagem e depois olhou para mim.

— Você não tem o equipamento certo para isso. – *Duuu* me deu uma olhada e sorriu.

— Você acha que Quim tem o equipamento certo para usar tudo isso? – Cara, fico impressionada como a minha boca não tem nenhuma sintonia com o meu cérebro. *Cacete, às vezes, era melhor pensar antes de dizer, Chay.*

— Apesar de dividirmos o mesmo alojamento na faculdade – Eduardo caminhou até a mesa e depositou a embalagem ali –, tem certas coisas do meu amigo que não fazem parte do meu conhecimento sobre ele.

— Ou seja – Já que eu comecei a falar merda, vamos me enterrar –, você não serve para nada. – Adorei a cara de paspalho que ele fez. – Diga, *Duuu*, o que posso fazer por você nesta linda tarde de sol em que, por ser pobre, sou obrigada a ficar presa nessa sala?

— Eu vim falar com Quim. – Aposto que ele deveria estar pensando: “Essa mina é louca”. – Eu mando uma mensagem para ele.

— Certo. – Peguei o pacote de camisinha e devolvi ao seu lugar enquanto o *Duuu* saiu por onde entrou.

Deu o meu horário, ou seja, sete da noite – como eu havia chegado às dez, fui embora para minha casinha. Felizmente, morava próximo à estação São Judas,

então andava uns duzentos metros para chegar em casa. Você sabe, uma mulher sozinha andando na noite, por qualquer lugar que fosse, era alvo fácil para ser assaltada. Como não carregava nada de valor, vai que o assaltante cogitasse querer o meu corpinho?

Sexta-feira deveria ser um elogio, tipo, você chega na pessoa e diz: “Nossa, você é tão sexta-feira”.

O bom de voltar de férias em plena quinta-feira é que você só trabalha dois dias e já cai no final de semana. Ao chegar no trabalho sem maiores incidentes, como morrer devido ao “cecê” dos outros, dei de cara com um entregador todo nervosinho na recepção.

— Eu não tenho tempo de subir até o décimo oitavo andar para entregar este pacote. — Ele apontou para a caixa cor-de-rosa em suas mãos. Era realmente lindinha, mas muito rosa para o meu gosto. — Minha moto *tá* em lugar proibido e posso levar uma multa, *cê tá ligado...*? Então, dá para receber logo a encomenda?

— Você falou décimo oitavo? — Eu sou tão solícita! Às vezes, um anjo de candura, não como a Mônica que parecia às vezes que tinha um tridente e um rabinho. — É o meu andar.

— Ótimo. — Disse o cara, que era magro e tinha as roupas todas ferradas...
S

Sério, eu adorava um jeans desgastado e rasgado, mas o homem em minha frente devia ter ido para guerra. A roupa estava esfarrapada.

— *Tá* aqui. Uma encomenda para uma tal de Mônica. — Ele empurrou uma prancheta nojenta. Pensei que aquele negócio iria grudar em minha mão e não sair mais. Tive que assinar o meu nomezinho ali, e o cara foi embora em seguida, como o diabo foge da cruz.

— Tenha um bom dia para você também. — Disse inutilmente para as costas do cara. O segurança riu, e eu dei de ombros, entrei no elevador e fui para o meu andar. Minha curiosidade estava a mil por hora. Quem será que mandou presentinho para a Mônica? Apostava no *Duuu*, e logo pensei que aquele casalzinho seria tão fofo se estivesse junto.

Fui até a mesa de Mônica, e a doida já estava digitando furiosamente no teclado. Coloquei o presente em sua frente, fazendo a maior cara de expectativa.

— *Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?*
— Cantarolei.

— Bom dia. — Ela sorriu e pegou a caixinha. — O que é isso?

— Um entregador mal-humorado deixou aqui para você. — Puxei uma das cadeiras de uma das mesas e fiz que nem criança, coloquei o queixo em cima das mãos e o cotovelo no tampo de madeira. — Aposto que é do *Duuu*.

— Se for, pode jogar fora. — Ela fez uma cara azeda. O idiota realmente tinha a magoado com as palavras dele.

Falando do santo, *Duuu* surgiu, caminhando em nossa direção. Quando chegou na mesa, ofereceu uma rosa vermelha para Mônica e outra para mim.

— Bom dia, meninas. — Tínhamos que dar o braço a torcer, o cara era persistente e mostrava um sorriso bonito.

Peguei a rosa e olhei para ela. Quase ri. Tanto eu quanto Mônica não éramos chegadas em rosas, principalmente as vermelhas.

— Bom dia, *Duuu*, tá cheio de presentinhos hoje...

Mônica, de repente, levantou da cadeira dela com estardalhaço, me interrompendo. Eu a olhei e a vi mais branca que fantasma. Na mesa estava a caixa aberta e dentro havia *post-its* de todas as cores e tamanhos e um conjunto de canetas coloridas de glitter essas coisas de papelaria que minha amiga tanto gostava.

— Não, não, não. — Mônica estava em pânico total. Levantei correndo e fui até ela. — De novo não. — Eu a abracei e senti seu corpo tremendo contra o meu. Depois vieram os soluços. Em dois ou três anos de nossa amizade, nunca tinha a visto chorar assim, do nada. Claro, só com filmes chatos de drama, livros do mesmo estilo e até um comercial gringo sobre alguma doença rara em crianças.

— Ei, o que foi? — Olhei por cima do ombro, encontrando o olhar assustado de Eduardo. — Eu sei que o *Duuu* é um completo burro por te dar rosas vermelhas, tão clichê. Mas ele aprende. Um dia, vai descobrir que chocolates ou livros são melhores presentes para você do que uma plantinha que logo, logo vai morrer.

— Não é isso... — Mônica me agarrou e enterrou a cabeça em meu ombro.

— Eu acho que ele deve ter roubado de algum túmulo. — Meu *modus operandi* em situações de choro é fazer a pessoa rir, afinal o que devemos fazer em uma situação dessa?

— Como é que é? — Eduardo quase gritou.

— Confessa, *Duuu*, você é um saqueador de túmulos nas horas vagas. Você tem cara disso. — Como esperado, Mônica riu. Sou muito melhor com risos do que com lágrimas. — Essa sua fachada de “eu sou um engenheiro fodão” esconde o seu eu verdadeiro. *Duuu*, o saqueador de túmulos.

— Você é louca. — Eduardo passou as mãos pelo cabelo preto engomadinho, e eu fiz um gesto com a cabeça para ver se percebia que estava tentando tirar minha amiga de uma crise de choro.

— Na verdade, sou meio louca. — Mônica fungou, se soltou do meu abraço e disse: — Se me dão licença... — E nos deixou e caminhou em direção ao banheiro.

Peguei a caixa e entreguei para o *Duuu* embasbacado.

— Ainda não sei quem mandou essa porcaria, mas é o motivo de ela estar nesse estado. Suma com isso daqui, que vou fazer o controle de danos. — Abri a

primeira gaveta da mesa de Mônica e alcancei seu estojo de maquiagem, sabia que a dona patricinha iria querer retocar o reboco da cara.

— Certo. — Comecei ao entrar no banho feminino. Dei uma olhada e vi que as três portas das casinhas estavam todas abertas, o que indicava que estávamos sozinhas. — Quem foi que chutou seu cachorro?

— Às vezes, você não faz sentido algum. — Mônica pegou a bolsa que eu oferecia e começou a tirar o arsenal. Fiquei somente olhando. Não é como se eu não quisesse ser mais feminina e usar mais aqueles trecos, era pura preguiça mesmo.

— Traduzindo, em quem eu vou ter que bater? — Estalei os dedos para dar um efeito melhor.

— Você é muito violenta também. — Mônica estava passando aparentemente de modo despreocupado os trecos no rosto, mas vi sua mão tremer.

— E você está evitando o assunto. — Cruzei os braços e olhei para ela, esperando. Mônica levou seu tempo. Uma coisa em abundância nela era a teimosia. Ninguém faz com que ela fizesse aquilo que não desejava, por mais que a pessoa tente convencê-la ou a suborne. Eu já fiz as duas coisas e realmente não deu certo.

— Na minha época de modelo — a coisa era séria, ela nunca falava dessa época para mim, e olha que falávamos de tudo na vida —, conheci um cara. Seu nome era Bruno. — Virou para mim com os olhos perturbados. — Ele era charmoso, envolvente e incrível.

— Só que não. — Completei para ela.

— Sim. Só que não. — Mônica desistiu de tentar se maquiar, o tremor nas mãos não permitia. — Ele me dava presentes, perfumes, joias, livros, flores, uma infinidade de pequenas coisinhas. Eu fiquei encantada com todos aqueles presentes. — Apontou para si mesma. — Sempre fui acima do peso, e você sabe como o preconceito é forte para o lado das gordinhas.

Balancei a cabeça concordando, era um saco mesmo. Os caras só ficavam secando os meus peitos e, quando chegavam na barriga e nas coxas molengas, faziam cara feia. Adoro escutar aquelas frases: com um pouco de exercícios e uma alimentação balanceada, você perde peso; seu rosto é tão lindo, se perdesse peso...; você deveria emagrecer, é questão de saúde. Fora o meu IMC... Nada está descontrolado aqui, pode acreditar, sou uma gorda muito saudável e feliz.

— Bruno fez eu me sentir bonita e desejável. Eu me encantei, começamos a sair, as coisas evoluíram, mas algo não se encaixava. — Ela colocou uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha. — Numa noite, estávamos no apartamento dele, e as coisas esquentaram. Era minha primeira vez, estava com medo, pedi para ele parar.

— Por favor, diga que ele não te forçou. — A raiva borbulhava dentro de mim só de pensar na possibilidade.

— Não. Ele parou, olhou para mim, como se eu não fosse nada, e começou um monte de xingamentos...

— Filho de uma puta.

— Sim. Saí de lá arrasada. No dia seguinte, veio me pedir desculpa. Em um primeiro momento, não aceitei, mas ele insistiu tanto, que eu aceitei ele de volta.

— O que aconteceu? — Mordi o lábio para não dizer o quanto ela fora burra por ter aceitado. Estava na cara que era um começo de relacionamento abusivo. Quantos relatos não vemos de mulheres dizendo que o homem era um cavalheiro até mudar drasticamente? Para mim, isso mostrava um comportamento sociopata.

— O nosso relacionamento mudou. Ele ficou mais grudento do que já era. Começou a me ligar quatro ou cinco vezes por dia, e quando não atendia, ficava bravo.

Sabia, a história sempre é a mesma.

— Na frente das pessoas, ele era o príncipe encantado. Todo mundo dizia que era um bilhete de loteria que eu havia achado, pela sorte que tive em conhecê-lo. Diziam que era para casar, que nossos filhos seriam lindos... — Mônica olhou para mim. — Não tinha chegado aos vinte e cinco, e o povo queria que fosse mãe. O discurso sempre o mesmo: você tem que aproveitar, na sua situação, não pode rejeitar um companheiro.

— Por que tudo na vida se volta para o fato do nosso IMC estar alterado?

Nem esperei ela responder e emendei:

— No passado, ser gordo era sinônimo de riqueza. Caralho, deixa a gente ser feliz. Mas continua...

— Aos poucos, ele foi me afastando de tudo e todos: conhecidos, amigos, pessoas amadas por mim. Não podia sair com meus amigos sem ele, não podia vestir o que queria... A gota d'água foi quando simplesmente jogou fora um livro que estava lendo porque não queria que eu lesse aquelas coisas inúteis.

— Ele não fez isso! — A raiva aumentou em mil graus, ninguém mexe com a leitura de uma mulher!

— Fez. — Mônica fechou os olhos. — Terminei tudo, e as poucas pessoas mais próximas ainda restantes, aquelas que ele permitia, se afastaram de mim, pois ele pintou um cenário em que eu era a megera, e ele, um coitadinho.

— Esse cara é um psicopata, isso sim. — Cerrei meus punhos.

— Sim. Foi aí que começaram os presentes, os bilhetes e a perseguição. — Não estava gostando do rumo daquilo. — A última vez que o vi, me disse: “Você me pertence, e se não voltarmos, vai se arrepender”.

— Ah, puta que pariu de rodinhas. — Senti um calafrio. Isso não era nem um pouco bom. Todos meus anos de filme de terror vieram em minha mente.



CAPÍTULO 5

— Eu fiquei realmente com medo. Com a ajuda de uma amiga que conheci pela internet, tomei coragem, fui até uma delegacia da mulher prestar queixa e consegui uma medida protetiva.

— Aquela que a pessoa tem que ficar tantos metros longe?

Vi isso em algum lugar ou em algum seriado. Amava seriados policiais, médicos, com bombeiros, de fantasia, acho que atualmente estava acompanhando umas trinta séries diferentes, fora os livros, os mangás, HQ's, gibis. Já falei que sou uma nerd?

— Isso. Ele me deixou em paz por esses três anos. — Mônica suspirou e começou novamente o processo de se maquiar, sua mão não tremia mais, e meu nível de preocupação aumentou. Meu cérebro começou a pensar em maneiras de ajudar a minha amiga.

— Pena que só nos conhecemos depois. — Fui até ela e a abracei. — Eu teria dado uma boa surra nele para parar de ser besta e deixar meu docinho em paz.

— Ah! — Mônica soltou uma gargalhada. — Você confessou que eu sou um docinho!

— Nunca disse o contrário. Você é um docinho meio louco. — Mostrei a língua, fiquei nos admirando no espelho, nossa diferença nos completava. — Para

falar a verdade, na classe dos docinhos, você é um quebra-queixo. – Mônica terminou o seu reboco e riu mais um pouco. Eu era assim, as pessoas começavam a chorar do meu lado, e eu já corria para o meu arsenal de piadas.

Sáímos do banheiro e demos de cara com Quim. Meus olhos criaram vida e foram direto para a braguilha dele. Tinha esquecido de mencionar o “senhor gigante pela própria natureza” para Mônica. Isso com toda certeza iria animá-la.

— As duas de fofquinha, tendo trabalho para fazer... – Meus olhos subiram pela camisa social cinza até chegarem naqueles lábios suculentos e finalmente pararam nos olhos claros.

Como seria beijá-lo? Meu Deus, Chay, você estar ficando louca.

— Bom dia, Quim! – Disse com alegria. – Como vai nesta sexta maravilhosa? Dormiu bem? – Coloquei a minha mão em seu ombro. – Olha, eu dormi muito bem, tive sonhos refrescantes, com coisas gigantes.

Ele ficou vermelho. Tipo, muito vermelho, quase beirando o roxo. Claro que o fofqueiro do *Duuu* foi falar para ele que eu tinha mexido e encontrado seus preservativos.

— Charlene, vai trabalhar, antes que eu ligue para o seu chefe e...

— Bubbaloo, você não vive sem mim. – Cortei ele e dei um sorriso doce. – Isso é um fato, minha caixa de e-mail estourou com mensagens de reclamação e chamados abertos, então, se você quiser ligar para o meu chefe, tenho certeza que ele vai adorar mandar o cara que cobriu as minhas férias de volta para cá.

Do vermelho que estava, ele ficou pálido de repente, e isso me mostrou minha razão sobre o assunto. Não me considerava louca. Ok, talvez só um pouquinho. Estava nesse emprego havia quatro anos, e, em todo esse tempo, eu e Quim sempre trocamos as nossas farpas, como já mencionei. Quando chegava o momento das férias, tanto as dele quanto as minhas, eu tinha certeza da saudade que um sentia do outro. Mas nós não demonstrávamos isso facilmente.

— O que foi isso? – Mônica me perguntou quando voltamos para a mesa dela, e eu contei sobre as Jontex XL ACQUA efeito refrescante. – Será que ele tem todo esse potencial?

— Gente, para o bem dos meus sonhos molhados, eu espero que sim. – Disse, peguei a rosa vermelha que *Duuu* me deu e cheirei. – Porque, você sabe, com ele, tem que ir com amor à pátria.

— Como assim?

Revirei os olhos para Mônica. Às vezes, precisava ligar a tecla SAP para ela conseguir me entender.

— Colocar a bandeira do Brasil na cara enquanto mandamos ver. – A gargalhada de Mônica foi ouvida no andar todo. – No caso, teria que amordaçá-lo, porque o problema dele é a boca linda e impertinente: quando aberta, é só para me deixar brava.

— Só você mesmo, Chay, para me fazer rir. – Ela jogou a rosa dela no lixo.

É, Duuu, você não foi feliz no seu presente.

— Tenho entradas VIP para uma balada aqui na Paulista hoje. – Bati palmas, feliz.

— Não sei...

— Pode parar, nós vamos. – Levantei da cadeira, porque Quim entrou em minha linha de visão e eu não queria receber uma bronca por não estar fazendo meu serviço. – Sairemos daqui, iremos para minha casa, colocaremos roupas fabulosas, você vai fazer sua magia neste rostinho aqui, e vamos caçar umas *delicinhas* para termos alguma atividade.

Saí correndo para o meu cubículo antes que ela negasse meu convite ou que Quim viesse reclamar novamente. Qualquer um dos dois seria terrível. O que não percebi naquele momento, e somente muito depois Mônica me contou, foi que Joaquim havia ficado com uma cara estranha.

Mônica acha que ele está a fim de mim, mas eu sempre fui a louca da dupla, imagine se o delícia do ruivo iria se interessar por mim.

Às cinco horas da tarde, dei meu dia por encerrado. Matei um terço dos chamados de problemas abertos, trabalho que o pastel do cara que ficou no meu lugar não fez. O restante ficaria para segunda e, com fé em Deus, terminaria tudo pendente, para somente a partir daí começar com o meu trabalho planejado para aquele mês.

A minha sala e a de Quim ficavam bem próximas, então quando saí para ir embora, dei de cara com ele fazendo o mesmo. Uma ideia passava pela minha cabeça, uma ideia nem um pouco louca. A história de Mônica havia girado a tarde toda em meu cérebro. Na hora do almoço, ela tinha me contado mais coisas da loucura do tal Bruno, que era o inimigo número um na minha lista negra. Viu o porquê de não eu gostar de ser chamada de negra? Lista negra era o termo utilizado para uma lista de coisas ruins.

— Quim, preciso de sua ajuda. — Chamei a atenção dele.

— Seja o que for, vai ficar para segunda. — Disse e virou, dando o assunto por encerrado. Como aprendi com a Mônica a ser teimosa, dei vários passos apressados e parei em sua frente, e Quim quase bateu em mim.

— Chay, tive o dia cheio...

Espera! Ele me chamou de Chay? Quase coloquei a minha mão em sua testa para ver se estava com febre.

— Que seja. — Cortei ele. — Não dá para esperar. Preciso confirmar quais são as intenções do *Duuu* com a Mônica. — Os olhos claros bonitinhos dele se arregalaram, e percebi que neles havia umas pintinhas em amarelo.

— Eu tenho cara de casamenteiro agora? Ou pai da noiva? Qualquer merda dessas? — Joaquim tentou passar por mim, porém dei um passo para o lado, bloqueando sua passagem.

— Você é o amigo dele, então tem que saber disso. — Era óbvio para mim que Mônica tinha uma quedinha pelo engenheiro, mesmo que não soubesse disso ainda. Era meu dever como amiga ajudá-la a ver isso. Poderia ser o príncipe encantado dela ou um cara para aliviar o estresse, mas ela nunca saberia isso se não tentasse.

— Eu não sei sobre a vida dele. — Cruzei os braços e o encarei enquanto batia o pé. — *Tá*, ele está a fim.

— Dã! Só precisa ter meio cérebro e um olho para ver isso. — Às vezes, eu desejava torcer o lindo pescoço do bonitinho na minha frente.

— O que você quer, Charlene? — Joaquim bufou e me encarou.

Quero você nu com chantilly em cima; quero você debaixo de mim; quero saber se você realmente é um XL, pensei, mas apenas disse:

— Traga o idiota do seu amigo para a balada da rádio Kiss. — Passei o endereço e depois virei as costas para saída, quando lembrei de algo e voltei para falar:

— E pelo amor do deus do enfadonho, coloque uma calça jeans e camiseta. Não me vá todo engomadinho.

Escutei um xingamento, mas nem liguei. Nos quatro anos que conheço o XL, nunca o vi de calça jeans. Eu confesso, já usei um vibrador pensando no ruivo e suas gravatas. Precisava de material novo para minha imaginação.

Chegamos em minha casa, Mônica e eu, e nos revezamos no banheiro. Tinha roupas dela em minha casa enquanto ela guardava algumas peças minhas na

dela, incluindo roupas íntimas. Seria meio estranho emprestar uma calcinha, nosso nível de amizade não chegava neste patamar.

Optamos por um estilo meio roqueiro, já que era um evento da rádio Kiss, então só teria rock, o melhor estilo musical. Eu fui de legging, coturno fofinho com pedrarias e uma bata vermelha, que cobria a minha bunda e dava uma bela visão dos meus seios. *Me processe*, adorava exhibir os meus meninos. Um colar com um crucifixo de prata, brincos de cruz e uma pulseira fina no pulso esquerdo. Tenho certeza que era o esquerdo porque tenho uma queimadura nele.

Mônica foi com um vestido azul-escuro, jaqueta jeans e botas de salto alto – mesmo assim, não chegou na minha altura. Além disso, usava um monte de trecos que não sei o nome e que combinava muito bem com ela, e meia-calça.

Assim que passamos a hora da tortura, que era a da maquiagem, estávamos prontas para arrasar na pista. Enquanto caminhamos pela rua, conversando, animadas para chegar à estação de metrô, senti que tinha alguém me olhando. Olhei ao redor, mas não vi ninguém. Numa sexta, as ruas fervilhavam de gente, logo tudo deveria ser fruto da minha imaginação fértil.

Chegamos no metrô e recebemos uma cantada de um velhinho que estava saindo da estação. O cara parecia estar na casa dos noventa anos, usava bengala e tudo, então apenas rimos muito e fizemos nossa viagem até a balada.

Ao chegar no lugar, pegamos uma pequena fila de uns cinco minutos e finalmente entramos. O espaço possuía um bar como outro qualquer, em madeira e cores pretas, e dois ambientes: um andar superior, que estava um pouco mais vazio, e um piso inferior, onde ficava o palco que as bandas covers iriam tocar. Olhei bem o local, até uma cabeleira vermelha chamar a minha atenção no piso superior.

— Não olhe agora para cima, mas... – Fiz um suspense ao sussurrar no ouvido da minha amiga. – Quim e *Duuu* estão aqui. – Ela olhou para onde eu indicava e a vi revirando os olhos, já fazendo as contas de por que os meninos

estavam aqui. Coloquei a minha cara de *anja*, coisa que totalmente sou, e tentei não sorrir. Resultado: ganhei, de Mônica, um beliscão no braço.



CAPÍTULO 6

Nós subimos para o segundo andar, afinal os convites caros para caramba que comprei e não ganhei – por favor, não digam nada a Mônica – davam acesso àquele nível. Para não ficar na cara que tínhamos visto os meninos, caminhamos para o bar primeiro. Tínhamos direito a duas bebidas, então já fui pedindo tequila para nós.

– Chay, você sabe que não bebo. – Revirei os olhos ao ouvir aquilo. Claro que sabia, mas, devido aos acontecimentos, precisávamos de muita coragem líquida.

— Vamos lá, só uma dose e te deixo pegar um energético. – Dei meu melhor sorriso, tipo aquele que usamos quando queremos vender mercadoria parada.

— Eu nem sei beber isso. – Ela apontou para os copos que o menino do bar colocou em nossa frente.

— O que as meninas estão aprontando? – *Duuu* e Quim chegaram bem na hora.

Acho que perdi a capacidade de falar. Sério, vamos precisar sair daqui e ir para a emergência de um hospital. Eu sofria de um caso raro de perda de voz devido a gostosura de um certo ruivo. Quim estava de jeans preto, *aleluia, Senhor,*

uma camiseta polo, *tinha que ser*, vermelha, *beeeeem* coladinha naquele torso maravilhoso. Aposto que se eu passasse a mão, poderia facilmente sentir os gominhos dele. Com aqueles braços, ele puxava ferro com toda certeza, e o ambiente fresco se tornou quente, o homem mexia comigo.

— Chay, nem sei tomar esse treco. — Ouvi a voz da minha amiga de longe, porque a minha concentração estava colada naqueles olhos claros. Sério, pode ser a luz diminuta, mas ele parecia um homem com fome, e eu era seu banquete. Aquilo estava fazendo o meu corpo criar vida.

— Fácil, Momo. — A muito custo, virei de volta para o balcão e para minha bebida. — Presta a atenção. — Mas em vez de me virar para ela e fazer a apresentação, me virei para Quim. Dei uma lambida no dorso da minha mão, pregando os meus olhos aos dele. Depois, alcancei o sal, polvilhei e fiz o mesmo processo como se fosse uma gatinha. Eu estava prestes a me esfregar no deus na minha frente. Tomei o líquido, que desceu queimando na minha garganta, e finalizei chupando o limão. — Viu, muito fácil.

— Eu ainda prefiro um refrigerante.

Olhei para ela e dei de ombros antes de me voltar para Quim.

— Cabelo de fogo, preciso ter uma conversa séria com você. — Minha mão criou vida e foi parar em seu peitoral. Tive que a segurar para não se mover para baixo e explorar mais. — Não te dei instruções quanto ao vestuário?

— Do que você está falando? — Quim olhou para mim como se estivesse nascendo outra cabeça no meu pescoço.

— Disse para você não vir todo engomadinho. — Empurrei ele para sairmos dali e não pagarmos de vela para o casalzinho. Escutei o *Duuu* perguntando qual era o meu problema e Mônica rindo. Isso era o que eu precisava.

Quim e eu fomos para o outro lado do espaço. Lá embaixo, uma banda cover começou a tocar, e não pude conter a gargalhada espalhafatosa.

— Isso é sério, né? – Perguntei para o Quim enquanto apontava para o local.

— O quê? Que você é doida? – Dei um beliscão no braço dele.

— Não, idiota, a música. – A cara dele de perdido me deixou perplexa. – Mano, Legião Urbana.

— Eu sei. E daí? – Quim estava querendo torrar a minha paciência.

— Uma das músicas da banda se chama Eduardo e Mônica. – Quim virou o rosto na direção de onde deixamos os dois e começou a rir.

— Não tinha ligado este fato ainda. – Disse e me deu um sorriso brilhante que parecia o de um demônio. Não que eu já tivesse visto um sorriso desses, mas deveria ser exatamente desse jeito.

— Você é meio lerdo. Mas o governo manda a gente não discriminar, saca? – Ele fechou a cara para as minhas palavras. – Você veio de polo, por favor, Joaquim.

— Estamos combinando, se você não percebeu. – O olhar de Quim estava me fazendo ficar molhada, já podia sentir minha calcinha úmida. Meus mamilos duros roçando no bojo do sutiã contribuíam para aumentar minha excitação.

— Pois é, parece que temos gosto iguais. – Ele chegou mais perto, e o perfume amadeirado que sempre usava me deixou tontinha. Juntando o fato de não ter comido nada e de que a tequila poderia estar fazendo efeito, meu mundo girava.

— O que mais temos em comum, Charlene? – É impressão minha, ou a voz dele ficou mais profunda? Quim me pressionou contra a parede, colocou uma mão do lado da minha cabeça, me prendendo. Paramos perto das grades de proteção do andar de cima, sendo assim, não havia possibilidade de escapar. Eu estava totalmente presa e sem nem um pinga de vontade de sair de lá.

Vi seu rosto se aproximando do meu, finalmente iria beijar aquela boca deliciosa, tipo, são quatro anos de desejo reprimido. Parece que tudo entrou em

câmera lenta. Ergui meu rosto, pronta, e tentei não me jogar nos braços fortes e musculosos dele.

— A sua amiga é louca. — Quase voei grade abaixo quando a voz irritada do *Duuu* chegou em meus ouvidos.

Olhei para ele com cara de poucos amigos, já querendo o jogar lá embaixo, quando realmente o vi. O cara estava todo molhado. A camisa preta que usava tinha uma marca gigante de umidade: alguém deveria ter dado um banho nele. Por cima do ombro de Quim, tentei ver onde estava Mônica.

— Que merda você fez para minha amiga? — Empurrei o braço do Quim para o lado e já fui soltando os cachorros para cima do moreno. — Juro que vou arrancar suas bolas e te fazer comer.

— Pode ir baixando as garras, gatinha. — Quim me segurou pela cintura, fazendo com que eu grudasse em seu corpo. — Vamos primeiro descobrir o que aconteceu.

— Seu amigo deve ter sido um babaca de marca maior, como sempre. — Resmunguei, cruzei os braços e, por um minuto, me deixei distrair pelo corpo forte atrás de mim, acho que senti o senhor XL me cutucando.

— Alto lá. — *Duuu* reclamou enquanto tirava a própria camisa e a torcia. Cacete. O cara tinha uma belíssima tatuagem tribal que ia desde o ombro até se perder no cóis da cueca. Seus braços também eram fechados com desenhos de linhas pretas.

— Me diga que você tem uma dessa. — Ergui minha cabeça e olhei para o rosto de Quim.

— Não tenho uma dessa. — Ele me deu o sorriso de demônio. — A minha é outra. — Ah, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, me ajude, sou piradinha em tatuagem.

Fechei os olhos por alguns minutos antes de voltar ao meu atual problema, precisava me focar e não pensar onde naquele corpo maravilhoso tinha uma

tatuagem.

— O que foi que você fez? – Indaguei novamente, abrindo os olhos e encarando o *Duuu*.

— Eu não fiz nada, cacete. – Eduardo estava bravo. – Eu ia comentar como as pernas dela eram bonitas naquele vestidinho curto, ela não me deixou completar a frase e jogou o refrigerante em mim.

Aquilo era estranho, mas sou uma amiga fiel, e como tal, digo que Mônica só estava errada até que se prove o contrário.

— Como foi que você começou a frase, exatamente?

Eduardo me encarou. Se os olhos dele fossem iguais aos do Scott, de X-Men, eu estaria frita.

— Eu comecei com “*nossa, esse seu vestidinho curto...*”, e ganhei refrigerante na cara.

Não ia tirar conclusões sem escutar o outro lado, por isso, a contragosto, saí dos braços de Quim – amizade vem sempre em primeiro lugar – e fui procurar a minha amiga. Como uma piada sem graça, a banda começou a tocar Eduardo e Mônica.

Depois de cinco cantadas malfeitas, sendo que em uma, tive vontade de voltar e quebrar a cara do sujeito – tipo, ele veio com o papinho de “você não vai encontrar coisa melhor”, e eu disse que se isso acontecesse, viraria lésbica na mesma hora –, finalmente achei Mônica em dos banheiros do lugar, dentro de uma das casinhas (tive que bater e chamar uma por uma para encontrá-la).

— Ei, Momo, o que aconteceu? – Perguntei do lado de fora.

— Eu não sei. – Ouvi a porta da casinha se abrindo e a vi sentada na tampa da privada. – Eu realmente não sei, estava conversando na boa, e de repente ele vem me dizer sobre o tamanho do meu vestido.

— Ele me disse que só queria elogiar suas pernas. – Olhei para ela e vi lágrimas nos olhos.

— Bruno também... – O soluço cortou sua frase, finalmente entendi o que estava acontecendo.

A noite tinha terminado. Puxei a minha amiga de pé e a abracei. Ficamos dentro daquele banheiro tempo suficiente para ela se recompor e depois saímos do bar. Pedi um Uber para nós, porque ela não estava em condições de enfrentar o metrô naquela hora, e, ao olhar para o relógio, vi que faltavam vinte minutos para a meia-noite.

Já sentada no carro, senti meu celular vibrar. Peguei ele no meio dos peitos e desbloqueei. Tinha uma mensagem nova no *Whats* de um número desconhecido. Cliquei na mensagem e apareceu:

Anônimo: *“Onde vocês estão?”*

Chay: *“Quem é você, criatura?”*

Anônimo: *“Sou eu, o Quim”*

Chay: *“Quindimmmmm”*

Quim: *“>:(”*

Chay: *“Estamos a caminho da minha casa”.*

Quim: *“Onde é isso? Estão indo de quê? O que aconteceu com a Mônica?”*

Chay: *“Não vou dizer, vai que você queira me sequestrar. Estamos indo de Uber. É complicado, pede desculpas para o Duuu”.*

Quim: *“Te sequestrar? Pelamor de Deus, você dá muito trabalho”.*

— Idiota... – Resmunguei.

— O que houve? – Mônica desencostou a cabeça do meu ombro. Mostrei o celular para ela. – Vou ter que pedir mesmo desculpas para o Eduardo.

— Vai sim. – Concordei com a cabeça.

— Eu exagerei. – Olhei para o semblante triste de Mônica. Dei um tapinha em seus joelhos, em uma tentativa de consolá-la.

— Conta para ele o que aconteceu.

Mônica balançou a cabeça em negativa.

— Já foi difícil contar para você...

— Tudo bem. – Não iria insistir, Mônica era muito reservada com as coisas dela.

Peguei meu celular e mandei mais uma mensagem para Quim:

“Benzinho, você não daria conta de mim, sou muito para seu caminhãozinho”

O que era uma mentira deslavada, já que eu bem senti o tamanho do senhor XL.

“Para certas coisas, vale a pena dar duas viagens”

Mas que porra ele quis dizer com isso?



CAPÍTULO 7

Passei o final de semana inteirinho com a Mônica. Fizemos maratona de série – nada como os bombeiros gostosos de Chicago Fire para animar as coisas – e colocamos as coisas em ordem. Ela me falou mais do caso Bruno e montamos uma estratégia para pedir desculpas para o *Duuu*. Em contrapartida, contei tudo sobre o Quim e sobre como estava confusa com as mensagens dele. Chegamos à conclusão que o meu *cabeça de fósforo* queria me comer e eu a ele, agora só faltava ajeitarmos as coisas.

Minha segunda-feira começou péssima. A dona bonita da minha menstruação resolveu aparecer. Acordei atrasada. Um babaca no metrô fez insinuações sobre o meu peso, e eu mandei ele se ferrar, e quando cheguei no meu trabalho, dei de cara com Quim abraçando uma loira magérrima.

— Dá licença – disse entredentes –, vocês estão atrapalhando a passagem. – De fato, não era bem assim, poderia dar a volta no casazinho e passar a catraca. Podia, porém não queria. A loira se separou do meu Quim, passei no meio dos dois de cabeça erguida como se aquilo não importasse. Quanta mentira, pois me importava muito, queria estar no lugar dela.

A recepcionista me chamou e entregou um pacote para mim. Outro embrulho no nome da Mônica. Aquilo gelou meu sangue. Perguntei para a menina quem tinha entregado, e ela disse que foi o mesmo cara simpático – *só que não* –

da outra vez. Entrei no elevador, olhando fixamente para o embrulho em minha mão, mas sem ver mais nada, os pensamentos a mil.

— Charlene! – Quase grudei no teto do elevador pelo susto. Olhei para frente e vi Quim segurando a porta. Não tinha percebido que tinha chegado no nosso andar e nem que ele estava no mesmo espaço que eu.

— Desculpe... – Falei sem jeito. Saí do elevador ainda encarando a caixa. – Quando uma amiga pode ser intrometida?

— Mais do que você foi na sexta? – Ele perguntou. Deixei essa passar na boa, já que a caixa pesava em minha mão e eu me sentia segurando uma bomba-relógio.

— Se te contar uma coisa, você não vai abrir essa boca bonita e falar o que vou te contar? – Não sei o que me deu, mas achei melhor contar para alguém. Sei lá, os filmes de psicopatas voltaram na minha mente.

— Não vou trair a sua confiança. – Acreditei nele, Quim não fazia fofocas. Porém, ainda hesitei, estava quebrando o código das amigas aqui.

— O que você faria se um idiota perseguidor voltasse a incomodar sua amiga? – Olhei para a caixa em minhas mãos.

— Me conta todo contexto da história, Chay. – Em quatro anos, Quim nunca tinha me chamado pelo apelido. Nunca mesmo, e agora, com essa, já somava duas vezes.

— Eu... Nós podemos conversar em outro lugar? – Não queria que Mônica escutasse nada. Nem ela, nem ninguém.

— Minha sala, ou podemos descer e tomar um café...

— Starbucks, você paga. – Sorri, já feliz, muito, muito feliz, enquanto apertava o botão do elevador para descer.

— Por que devemos andar vários quarteirões para tomar um café? – Voltamos para dentro da caixa metálica.

— Porque estou naqueles dias e a minha tendência ao melodrama está em alta. – Fiz cara de paisagem.

Quim ficava ainda mais gostoso quando gemia de frustração. Claro que eu preferia ele gemendo de tesão embaixo de mim – ou em cima, não era muito exigente.

Enquanto caminhávamos, contei sobre tudo o que estava acontecendo com Mônica. Meu ruivo era um bom ouvinte, não disse nada até eu terminar tudo. Quando vi, estávamos dentro da cafeteria.

Depois de pegar nossos cafés e um bolinho de chocolate para cada, sentamos na mesinha, o pacote no meio de nós dois.

— Esconder este presente ou qualquer coisa da Mônica não é a solução. – Quim falou por fim.

— Eu sei. – Beberiquei o meu café. – Eu estaria sendo manipuladora igual ao cretino.

— Exato. Você precisa deixar ela escolher. – Quim pegou em minha mão, e entrelaçamos os dedos. Eu achava bonito o nosso contraste, a brancura da pele dele contra a minha cor de chocolate.

— Odeio isso. Queria colocar ela dentro de um potinho e guardar bem protegida. – Fiz um bico do tamanho do mundo.

— Às vezes, não dá. – Quim fez carinho em meu rosto, e ficamos uns segundos só nos olhando, até o celular dele tocar. Ele pegou o aparelho, olhou para o visor e depois colocou de volta no bolso. Lembrei da loira de mais cedo e fechei a cara.

— Não vai atender? – Soltei as nossas mãos e cruzei os braços.

— Não. – Quim passou as mãos pelos cabelos, os despenteando. – Não estou com humor para falar com a minha mãe. Para isso, preciso de uma garrafa inteira de tequila. – Olhei sem entender. – Minha mãe é daquelas que deseja ser cheia de netos. Só os dois pequenos terroristas da minha irmã não são o suficiente.

— Sei como é. — Levantei da mesa e peguei a caixa como se ela fosse uma bomba. — Nessas férias, minha mãe passou todos os dias me perguntando quando eu iria arrumar um marido e dar netos para ela.

— Qual foi sua resposta? — Voltei para a fila do caixa, Mônica precisaria de muito café e chocolate, e como o ruivo delícia pagou o meu, eu pude comprar um para ela.

— Que está cedo, quero fazer um tour pela Europa antes. Tenho que ir na Irlanda antes de morrer. — Esse desejo nasceu quando eu comecei a trabalhar com um certo ruivo. Antes seria a Itália, precisamente a ilha da Sicília, devido ao meu gosto por livros de banca de jornal. Olhando bem para Quim, ele parecia um daqueles caras que apareciam na capa. Eu até podia imaginar o título: Meu Adorável Irlandês, ou qualquer coisa assim.

Fiz outro pedido, e, quando voltei, Quim comentou:

— A Irlanda é linda mesmo. Você vai comer mais um desse aí? — Virei para ele e levantei a sobrancelha. Se ele falasse sobre o meu peso, juro que perderia toda compostura e daria na cara dele. — Sério, Charlene, muito açúcar faz mal para a minha saúde.

— Como eu comer mais um bolinho vai fazer mal para a sua saúde? — Não fazia sentindo algum, acho que o café dele estava batizado.

— Você já é terrível sem ingerir quantidades grandes de açúcar e já faz meu dia um caos, imagine com dois bolinhos. — Eu tive que rir da cara fofa dele. — Sinto muito, mas você é maluca.

Mostrei a língua e, em seguida, ouvi meu nome sendo gritado pela barista. Peguei meu pedido e voltamos para o escritório em um silêncio gostoso. Meus pensamentos giravam em torno da minha amiga. Eu precisava de um plano, descobrir realmente se era o tal de Bruno novamente.

— Eu não sou maluca, sou meio doida. Todavia, isso é para Mônica. — Quim pegou a caixa das minhas mãos e a minha mochila, e achei muito fofo da parte dele. — Eu não sou terrível.

— Certo. Está rolando algo entre você e o Quim? – Mônica me perguntou enquanto sentávamos na mesa do refeitório vazio.

— Não. Ele só me ajudou com as coisas. – Dei de ombros. – Acho que ele viu que ia acontecer um acidente gigante.

— Mais café para mim? – Ela abriu a tampa do copo e colocou o açúcar. – Ganhou na loteria?

— Não. – Empurrei a caixa para ela. – Achei que você iria precisar, já que chegou outro pacote para você.

Mônica deixou o copo de lado e afastou o bolinho. Desfez o papel pardo da caixa e a abriu. Dentro dela havia alguns livros rosas, de capa dura. Era a coleção de luxo da Jane Austen. Não gostava da autora, mas achei os livros muito bonitos.

— Como você sabe que os presentes são dele? – Perguntei. Poderia ser qualquer um, Mônica sempre colocava em sua página do Face e no Insta frases dos livros que lia.

Mônica tirou uma pequena mecha de cabelo de dentro da caixa.

— É a assinatura dele. – Ela jogou a mecha de cabelo de volta no pacote.

— Ele é bizarro. – Fiz cara de nojo. Quem em sã consciência mandava mechas de cabelo para outra pessoa? Ninguém, a não ser o cara estranho de As Panteras. – Viu o *Duuu* hoje?

— Não. – Mônica fechou a caixa e empurrou para longe. – Ele vai ficar a semana toda em uma obra. – A cara tristonha dela me cortava o coração.

— Você não sabe da maior. – Fiz um *draminha* para deixar as coisas mais legais. – Peguei Quim aos *agarros* com uma loira magrela oferecida. *Tá*, era só um abraço de despedida, mas é daí?

— Não vamos tirar conclusões. — Mônica pegou em minha mão. — Lembra do Felipe?

— Como eu ia saber que o cara era gay e queria o telefone do meu cabeleireiro? — Questionei, indignada. Eu achei que estava abafando quando vi um loiro lindo de morrer me secando em uma feira gastronômica. No fim, ele só queria saber onde tinha feito meu penteado, para o boy dele fazer o mesmo.

— Então vamos primeiro descobrir quem é a loira. Não acho que Quim é um destes caras que tem um harém. — Mônica suspirou. — Mas quem sou eu para dizer alguma coisa, olha o meu histórico.

Quis apertar com todas as minhas forças o pescoço desse Bruno por fazer a minha amiga sofrer deste jeito. Ia fazer uma colocação espertinha, mas Quim entrou bem na hora.

— Já estou indo para minha sala. — Levantei em um pulo antes que o ruivo gostoso começasse a brigar.

— Preciso que você vá fazer seja lá o que faz para construir um pequeno escritório em uma obra. Os caras da operadora de telefonia já instalaram o telefone e a internet por lá.

— Sim, senhor, meu soberano. — Fiz uma mesura exagerada. Ganhei risos de Mônica e um franzir de testa do Quim, sem graça.

— Chame um táxi para te levar e buscar. — Quim não caiu na minha deixa, ele era um estraga-prazer. — Mônica, é semana de fechamento e preciso de você depois do horário. Não se preocupe, que terá táxi para você também.

— Até Osasco^[5]? Minha Nossa Senhora da Bicicletinha! — Gente, como adorava essa senhora aí. — Vai ficar uma fortuna.

— Não se preocupe com isso, só faça seu trabalho. — Antes de sair, me deu uma olhada que classifiquei como *molha-calcinha-da-Chay*.

— Esse homem está tão na sua. — Mônica riu.

E eu estava muito na dele.



CAPÍTULO 8

A semana foi pesada. Tipo, fui todos os dias para a obra, porque sempre havia algum problema com algum equipamento. Sério, estava quase dando na cara dos engenheiros que bagunçavam todo o meu trabalho. Nas obras, sempre tinha uma casinha ou um trailer onde eram guardadas todas as papeladas e afins. Nele, eu montava um escritório com um ou dois computadores e impressoras. Tudo integrado com Wi-Fi.

A obra era a mesma para qual o *Duuu* foi chamado, então conversamos bastante, acabei o conhecendo e vendo um outro lado não tão babaca dele. Não podia contar o verdadeiro motivo da loucura da Mônica, já quebrei o código das amigas com o Quim, não iria fazer o mesmo com *Duuu*.

Até que o cara era legalzinho; tirando o gosto horrível para música – o cara curtia pagode, minha veia roqueira gritava para que eu o doutrinasse –, ele realmente era um cara legal, o que me deu mais vontade de ajudar os dois.

Quem me surpreendeu foi o Quim. Mônica me contou que em todos os dias desta semana, ele a acompanhou e a esperou pegar o táxi para ir para casa. Além disso, os dois andaram conversando sobre mim, mas a safada não me deu detalhes, disse que teríamos que nos encontrar à noite para termos uma noite de meninas.

O que me leva ao fato de estar extremamente puta da vida nesse exato momento. O idiota do engenheiro chefe derramou café no notebook, e eu tive que trocar o equipamento e trazer o danificado para empresa e ver se dava para fazer qualquer coisa. Só que a obra fica do outro lado de São Paulo e totalmente no fluxo em uma sexta-feira, quando tudo mundo quer andar de carro. Mesmo o taxista tendo feito uns caminhos doidos, cheguei na Paulista quando já eram quase oito horas da noite.

Além de levar o notebook, precisei trazer uma impressora defeituosa, então entrei pelo estacionamento. O taxista, com outra corrida programada, nem me ajudou com a caixa enorme, portanto estava toda cheia de coisas, atravessando a escuridão do bloco B. Minha mente pensava naqueles filmes de terror que adoro assistir, fazendo meu coração acelerar e me fazendo ver coisas que não existiam. O barulho de um alarme soou em algum canto e me gelou a espinha. Quando virei em uma fileira de carros próximo ao acesso ao elevador, vi uma cabeleira acobreada.

– Quim! – Chamei, e o gostosão olhou para mim. Naquela semana longe, tínhamos trocado várias mensagens no *Whats*, mensagens de duplo sentido na maioria das vezes. Prometi para mim mesma que a próxima vez que o visse, iria acabar com aquele joguinho de gato e rato. Estava determinada a agarrar o Garfield e matar toda a minha curiosidade sobre o gosto da sua boca.

Quim veio em minha direção, todo delícia. A caixa em minhas mãos estava pesada para caramba, e eu simplesmente a deixei no chão, iria fazer todos aqueles músculos trabalharem para mim. Foi quando vi o carro preto vindo em nossa direção, com os faróis desligados, vidro filmado. Pode me chamar de louca, mas estava parecendo filme de terror tudo aquilo.

— Quim, cuidado! – No mesmo momento que gritei, o motorista acelerou com tudo para cima do meu gato. O barulho da pancada e o cantar de pneus foi audível em todo o estacionamento. O carro passou por mim, e se eu não tivesse me jogado para o lado, tinha me acertado também.

— Oh, meu Deus! — Levantei correndo e fui de encontro ao corpo caído de Quim. — Não, não, não. — As lágrimas me cegaram. Tinha sangue escorrendo no seu rosto, a camisa cinza estava rasgada e o braço se encontrava em um ângulo estranho. — Quim! — Chamei, não o tocando, estava com medo de mexer e causar mais danos. — Respira, Chay, não entre em pânico. O que seus treze anos de Grey's Anatomy te ensinou?

Olhei a extensão de seu corpo. Primeiro era necessário ver se ele estava vivo. Com extremo cuidado, coloquei dois dedos em seu pescoço até conseguir achar os batimentos. Quase levantei e fiz uma dancinha da vitória, mas tinha que manter o foco.

Peguei o meu celular no meio dos meus peitos e tentei ligar para emergência, mas a droga do aparelho não tinha sinal, a Vivo não pegava no andar.

— Por favor, não morra. — Sussurrei para ele. — Eu ainda preciso usar seu corpinho delícia e precisamos ainda brigar muito um com outro. — Levantei e saí correndo com o celular na mão até achar um sinal e ligar para emergência. Depois de dar o máximo de informações possível, terminei a ligação, voltei para ele e me sentei ao seu lado.

— Por favor, Quim, não faz isso comigo... — Fiquei repetindo a frase várias e várias vezes. Comecei a lembrar de todas as nossas pequenas discussões, de sua rigidez, de seus raros sorrisos. Fiz uma prece a quem estivesse me ouvindo, prometendo que se ele ficasse bem, eu não ia mais arrumar briga. Fiquei nessa até os paramédicos chegarem.

Ele foi posto na ambulância, e os enfermeiros me deixaram ir junto. No meio do caminho, Quim havia recobrado a consciência algumas vezes e apagado em seguida. Aquilo me deixou ainda mais nervosa. Eu segurava, às duras penas, as lágrimas.

Chegamos no hospital, e eles o levaram para emergência enquanto fui posta na sala de espera. Passou meia hora, e um policial apareceu para pegar o meu depoimento. Depois de responder a um milhão de perguntas, ele finalmente

me liberou. Horas se passaram, mas ninguém quis me dar informação sobre o estado de Quim.

— Já disse que só pessoas da família podem saber o estado de um paciente. – O segurança babaca falou pela terceira vez.

— Sou quase da família. – Juro, não corei pela mentira. Foda-se, queria ver meu Quim.

— Ah, é? – Ele me olhou de cima a baixo. – Qual o grau de parentesco com o ruivo?

Sério que ele iria pela linha do preconceito racial?

— Sou noiva dele, agora você vai me deixar entrar nessa porra, ou vou ter que chamar o SPTV^[6]? É o amor da minha vida naquele leito de hospital! – Bem, isso era uma meia verdade, não sabia ao certo se o amava. A única certeza era que minha atração por ele crescia a cada dia, mas foda-se, o segurança não precisava saber que nunca nem dei um beijinho no meu Quindim.

— Chico, deixa a moça passar. – Um outro segurança, que estava chegando no posto, viu meu estado de agitação e pediu para o colega.

A contragosto, Chico me deu um crachá de visitante e me indicou o local onde eu deveria ir para encontrar Quim. Se um estacionamento escuro era aterrorizador, imagine um hospital todo iluminado. Já estava imaginando aquelas enfermeiras zumbis com cutelo de carne saindo do nada para me atacar. Preciso parar de assistir filmes de terror.

Felizmente, cheguei ao meu destino sem ninguém pular em mim. Uma simpática enfermeira me levou até o quarto de Quim e me explicou que houve uma pancada bem forte na cabeça, várias escoriações e um braço quebrado. Ele estava fora de perigo, recobrou a consciência algumas vezes e iria ficar no hospital a noite toda em observação. Se tudo estivesse bem, ganharia alta pela manhã.

Ganhei uma cadeira para ficar ao lado dele. O meu novo status de relacionamento me conferiu a permanência ao seu lado como acompanhante.

Peguei sua mão boa e entrelacei meus dedos nos dele. Fiquei ali, olhando seu peito subindo e descendo, feliz por ele estar vivo. Acho que dormi, pois, em um dado momento, ouvi vozes de pessoas por perto. Estava prestes a abrir os olhos e anunciar o meu estado em alerta, quando a frase seguinte me fez retroceder na ação.

— Ela ficou a noite toda, claro que depois de quase bater no segurança. — A voz era de uma mulher.

— Chay tende a ser um tanto quanto violenta, às vezes. — Essa era a voz do meu Quim.

— Confesso: no lugar dela, teria feito pior. — Não sabia quem era a mulher, mas já gostava dela. — Acha que eu ficaria sentada em uma sala de espera com o meu noivo perdido dentro do hospital...? Não, nem morta.

Gelei com essa última parte aí. Senti um aperto em minha mão e o retribui, esquecendo de permanecer o meu fingimento de estar dormindo.

— Minha garota é assim mesmo. — *Tá*, com isso ele conseguiu toda a minha atenção. A mulher se despediu, e ouvi o barulho de uma porta sendo fechada. — Eu sei que você está acordada, minha noiva.

Abrir os olhos e levantei o meu rosto para ele.

— Oi. — Disse timidamente. Seu lindo rosto estava com pontos já ficando arroxeados. Sua pele clara estava bem pálida, os outros danos, escondidos pelo lençol.

— Oi. — Quim apertou mais a minha mão. — Você está bem?

— Sou eu quem devo te perguntar isso. — Com a mão livre, tirei uma mecha de cabelo de sua testa.

— Agora não sinto nada, acho que estou meio chapado de analgésicos. — Ele deu um sorriso fraco. — Eu não sei bem o que aconteceu.

— Um filho de uma puta te atropelou no estacionamento do prédio. — Agora que o medo de o perder foi embora, a raiva assumiu o lugar. Queria bater

em alguém, e desta vez não era somente uma frase: um sentimento assassino nasceu em mim ao ver meu Quim machucado.

— Você viu quem foi?

— Não. Era um carro preto, com vidros filmados, poderia ser um Celta ou um Logan...

— Há uma grande diferença neste dois aí. – Quim sorriu.

— Eu não entendo de carro, fique feliz por eu saber o que é um fusquinha.
– Retruquei, e ele gargalhou.

— Minha Chay, só você para me fazer rir.

Derreti com o “Minha Chay”. Não sei que remédios ele estava tomando, mas assim que eu encontrar seu médico, vou pedir umas doses extras.

— Está no meu manual de instruções, você deveria ter lido antes de me aceitar. – Dei um sorriso parecido com uma careta para ele.

— Eu preciso de uma outra cópia deste manual aí, porque você é completamente confusa. – O revirar de olhos dele já era conhecido por mim.

— É bem simples, Quindim, eu sempre estou com a razão e você sempre deve ter chocolate. – Quim teve que segurar a barriga com a mão engessada.

— Chay, eu sofri um acidente, estou todo estropiado, e você me fazendo rir. – Quim se queixou com uma careta fofa.

— Que tal um beijinho nos dodóis para sarar mais rápido? – Mostrei a língua para ele. Quim ficou sério, juro, a cor de seus olhos ganhou um brilho intenso quando disse:

— Na verdade, eu quero sim, mas só se você beijar em todos os lugares que estão machucados ou estejam doendo.

Ai, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, não ia deixar essa passar batido, né?

Soltei nossas mãos, levantei da cadeira e parei por cima de seu corpo. Vi suas pupilas dilatarem. Sorri de modo faceiro e me dirigi para sua boca e, quando estava a milímetros de distância dela, simplesmente desviei e dei um beijo casto em um dos seus hematomas.

— Às vezes, você me irrita tanto. — Quim rosnou as palavras enquanto, com a mão boa, puxava minhas tranças, trazendo a minha cabeça de encontro à dele. Nada na vida me preparou para o choque de ser beijada por Joaquim.

Os lábios dele eram macios, carnudos e deliciosos. Muito dominante, exigente. Esqueci de tudo o que me rodeava, a única coisa que me importava no momento era aquela língua travessa brincando com a minha. O cheiro bem fraquinho do seu perfume invadiu o meu sistema. Nada, nenhuma das minhas mais loucas fantasias me preparou para a doce e deliciosa realidade. O cara sabia beijar muito bem, me deixava com gosto de quero mais, muito mais, principalmente com o desejo de saber onde ficava a sua tatuagem.

A porta do quarto abriu de repente, nos assustando. Ergui a cabeça e me deparei com a loira do outro dia.

Fodeu.



CAPÍTULO 9

Nessas horas que agradeço por ser preta. Não dava para ver a coloração avermelhada de vergonha em meu rosto, mas senti minhas bochechas pegando fogo. Afinal, me tornei uma vadia completa, já que estava pegando o cara de outra. Provavelmente essa é a verdadeira noiva, ou sei lá o que, de Quim.

— Vou ligar para Mônica e dizer que estou viva. – Caminhei para a porta sem olhar para loira. – Volto depois.

Antes de sair correndo como se o diabo estivesse me perseguindo, ainda pude ouvir a loira perguntando quem eu era. Bem, sou a vadia que está pegando seu cara, prazer. Era isso que eu teria que falar.

Caminhei de volta à guarita do segurança chato. Felizmente, ele não estava lá, o cara gentil com cara de Papai Noel – barba branca, grande barriga, *saca?* – era o da vez.

— Pode me dizer onde tem um refeitório? – Perguntei para ele. Estava morrendo de fome e realmente tinha que ligar para Mônica, vi umas quinze chamadas perdidas no visor do celular.

— Você está sangrando. – Eu já ia perguntar que diacho de lugar era “Você Está Sangrando”, quando ele apontou para o meu braço. Quando desviei do carro

para não ser atropelada também, acabei caindo, e isso resultou em pequenas escoriações no meu braço esquerdo.

— Não é nada...

— A senhorita vá por este corredor, abra uma ficha e cuide do ferimento. Você está em um hospital, sabe quantas doenças tem aqui? – Com este argumento, ele me convenceu. Não precisava ter meu braço amputado, eu gostava dele onde estava. Sim, quando estou nervosa, sou dramática.

Tive que fazer todos os trâmites, passar no médico, depois ir para o curativo e ainda ganhei uma injeção de tétano de graça, porque não fazia a ideia de quando foi a última vez que estive em um posto para tomar vacina.

Tudo finalizado, fui finalmente comer. Já eram seis horas da manhã. Detalhe: só me perdi duas vezes e quase fui parar no necrotério, porque as pessoas insistiam em me dizer “vire à esquerda” ou “é logo à sua direita”,

A cafeteria do hospital estava vazia naquele momento. Pedi um cappuccino gigante e dois salgados – me julgue, aquilo era café da manhã e janta. Comi tudo e liguei para Mônica.

— Oi... – Falei em um sussurro, fechando os olhos e esperando a bronca.

— Onde é que você se meteu, sua louca? – Só pelo seu tom de voz, eu soube que estava puta comigo, então me apressei para contar toda a minha noite. – *Eita*, como ele está? Como você está? Quer que eu vá para aí? – Ouvi o barulho de lençol, ela estava se levantando da cama.

— Não precisa, já estou indo para minha casa. – Só precisava voltar no quarto, enfrentar uma situação delicada, pegar minha bolsa, tentar não me desmanchar em lágrimas e chegar no meu doce lar. – Quim está bem, várias escoriações, um corte na testa, um braço quebrado, a noiva dele, ou sei lá o que ela é, está com ele.

— Como assim?! – Tive que tirar o telefone por causa do berro que ela deu.

— A loira magrela...

— É noiva dele?

Olhei o restinho de chocolate no fundo da xícara do meu cappuccino e suspirei.

— Acho que sim. Não fiquei para ser apresentada. – Na verdade, queria achar um buraco para me esconder.

— Por que não?

— Porque ela nos pegou em um beijo. – Eu tive que afastar o aparelho do ouvido mais uma vez por causa do berro que a louca deu.

— Finalmente! Não acredito que vocês demoram tanto tempo! – Pela respiração ofegante, ela deveria estar fazendo nossa dancinha da vitória.

— E eu não deveria ter feito isso. – Agora estava me sentindo muito culpada.

— Quer parar de sofrer por antecipação? Me diga o hospital em que você está, para eu ir dar na sua cara.

— Ei! A amiga violenta sou eu. – Levantei da cadeira e comecei o meu trajeto de volta. Não era uma covarde, não ia me esconder, iria chegar na mulher e pedir desculpa por beijar o cara dela. – Já estou indo, *tá?*

— Ótimo, me liga quando puder.

— Sim, mamãe. – Era sempre bom falar com Mônica, não sei explicar, mas tínhamos um negócio de alma. Nossa amizade nasceu do nada e só crescia desde então.

Antes de bater na porta do quarto, respirei fundo pelo que pareceu um milhão de vezes. Ao entrar, vi Quim sentado na cadeira com um short e camiseta, era a roupa mais informal que eu já tinha visto nele. Acho que meu queixo caiu no chão.

— Olha ela. — A loira veio saltitante em minha direção, isso era um bom sinal né? Ela não iria me matar ou coisa assim. — Eu sou a Maria, irmã do desnaturado ali.

Meu queixo já estava no chão, a minha cara toda estava lá. Porra, irmã? Eu queria gritar “mas você é loira, ele é ruivo”, no entanto só disse um “prazer em conhecê-la” bem baixinho.

— Ela é o lado estragado da família. — Maria revirou os olhos, e Quim sorriu.

— Espera! — Apontei para ele. — Você fez uma piada? — Entre os irmãos os papéis se inverteram: Quim era todo sorriso alegres, e Maria estava sombria. — Mano do céu, tenho que ver a previsão do tempo, eu ia lavar roupa hoje.

— Engraçadinha. — Maria pediu licença para atender o telefone, que começou a tocar uma musiquinha, e saiu do quarto uns minutos, e Quim se dirigiu a mim. — Pode me dizer por que saiu correndo como uma doida?

Nem por todo dinheiro do mundo, confessaria que, na minha cabeça doida, criei um cenário de luta greco-romana na lama entre a loira e eu, por imaginar sobre o suposto noivado. Fiz a minha melhor cara de *anja* e disse apenas:

— Estava com dor. — Mostrei o meu braço com ataduras e quase dei um pulinho de alegria por ter pensado tão rápido.

— Você foi atropelada também?

Fiz que não com a cabeça.

— Deu tempo de pular para o lado, porém caí por cima do braço e deu nisso. — Aproximei da cama e me encostei nela, ficando de frente para ele. — Onde conseguiu as roupas?

— Meu cunhado trouxe, são dele. — Só poderia ser de outra pessoa, o meu Quim não usava algo neste estilo, meio surfista, bermuda de tacetel cheia de cores?

— Eu tenho que ir. — Maria entrou toda agitada no quarto. — João caiu e bateu o queixo.

— Foi grave? – Quim perguntou. Fiquei pensando de quem diabos eles estavam falando. – João é um dos gêmeos dela.

— Eu não sei. Enquanto falava com ela, pude ouvir o choro pela linha. Ana disse que não foi grande coisa, nem está mais sangrando, mas...

— Vai cuidar dos terroristas. – Quim a cortou.

— Vou ligar para mamãe...

— Não se atreva! – Quim quase gritou. – Eu estou muito bem...!

Caracas, a mãe deles deveria ser bem ruim. Quim quase saltou da poltrona.

— O médico disse que você precisa de alguém te olhando, por causa da pancada na cabeça. – Fiquei olhando a interação dos irmãos, como se estivesse em um jogo de pingue-pongue.

— Mamãe, vai querer minha volta para a casa dela ou vai se mudar para a minha. – Eu vi o verdadeiro terror em seu semblante.

— Ainda vai demorar mais um pouco para você ser liberado, e tenho que ver o que está acontecendo em casa...

— Eu cuido dele.

Cara senhora boca, antes de sair falando qualquer coisa, primeiro pergunte para o cérebro se é certo. Obrigada, de nada.

Os dois irmãos olharam para mim, um aliviado e outro surpreso.

— Ai, Charlene, muito obrigada. – A loira veio me abraçar. Odiava abraços, mas aceitei, dando tapinhas no braço dela e torcendo para ela me soltar logo. – Não sei como te agradecer.

— Primeiro me chame de Chay e segundo me compre uma tonelada de chocolate por aturar seu irmão. – Fiz uma careta, e Quim bufou.

Maria riu, depois se despediu e saiu correndo para cuidar do filho. Ela tinha razão, precisávamos esperar os médicos trocarem de plantão para sermos liberados. Soube disso pela enfermeira que veio logo depois verificar os sinais

vitais do ruivo delícia. Precisei estar munida de muita paciência para não arrancar do quarto a mocinha que flertava descaradamente com o meu ruivo enquanto aferia a pressão dele.

Depois, o plantonista do dia veio fazer outro exame. Fez inúmeras recomendações, e eu fiz questão de anotar no celular e fazer inúmeras perguntas. Não queria me garantir apenas nos meus treze anos de Grey's Anatomy, não dava para gritar “chame a cardio” se a coisa ficasse preta.

Pegamos um Uber para casa dele. Não acreditei, éramos quase vizinhos, tipo, só uma estação de metrô de diferença: eu, em São Judas, e ele, na Saúde. Comecei a rir dentro do carro.

— O que foi agora? – Quim me olhou como se eu fosse doida.

— Somos vizinhos de bairro, moramos tão perto, e nem sabíamos.

Aqueles olhos claros, que, juro, queriam desnudar minha alma, me aprisionaram por um momento. Fiquei quietinha, meu coração batendo a mil por hora, pois estávamos tendo um momento, gente. Quim colocou uma das minhas trancinhas atrás da minha orelha. Senti um arrepio por todo o meu corpo quando ele me deu um beijinho no pescoço. Mordi o lábio para não dar um gemido. Jesus, estávamos dentro de um carro, o homem não tinha decência não?

— Vai me dar banho de esponja, minha enfermeira?

Banho de esponja naquele corpinho delícia? *Mas é claro*, queria gritar para os quatro ventos. Apertei minhas coxas, senti as coisas ali embaixo pegarem fogo apenas ao pensar em ter Quim nu só para mim e finalmente saber onde ficava e o que era a bendita tatuagem.

— Vou pensar em seu caso. – Disse apenas, me fazendo de difícil, empinei o nariz e olhei para o lado, Quim levou sua grande mão para o meu pescoço e o acariciou. Os bicos do meu peito ficaram duros, respirei fundo.

O carro parou na frente de um prédio pequeno, acho que tinha no máximo uns cinco andares. Ajudei Quim a descer do veículo e depois fomos para a

residência dele, um lindo apartamento todo arrumadinho. Cara, tinha que ser a casa do Quim! Percebi ali, na soleira da porta, como éramos diferentes. Ele todo impecável, e eu toda bagunceira, ele branco, e eu preta, ele em forma, e eu não tão em forma assim. Não ia dar certo nossa relação.

— Vai ficar aí parada? – Quim sentou no grande sofá de couro preto. A decoração na casa seguia nessa cor ou em branco, enquanto na minha casa tinha um monte de cores espalhadas. Fechei a porta e entrei, olhando para todos os lados com medo de tirar algumas coisas do lugar. – Chay, vem aqui. – Olhei para a mão dele estendida e fui quase me arrastando até lá. – O que se passa nessa sua cabecinha bonita?

— Nada não...

— Conheço você muito bem para saber que isso não é verdade. O que foi?

Parecia uma criança que fez arte. Até as minhas mãos coloquei para trás.

— É que... – Hesitei, mas alguém podia me culpar? Como falar para o cara que você tem um tesão reprimido há quatro anos que vocês não dariam certo porque eram opostos? Suspirei profundamente e caminhei até o sofá, praticamente me jogando nele.

— Deixa eu simplificar as coisas para você. – E ele fez de novo. Agarrou minha cabeça e me beijou.



CAPÍTULO 10

O celular no meio dos meus peitos começou a vibrar. Encerrei o nosso beijo tirando o aparelho do lugar, olhei o visor e vi o nome da Mônica.

— Sério, garota! – Falei quando atendi o telefone. – Eu te amo, muito mesmo, você é meu *crush*, mas vou dar na sua cara quando eu te encontrar.

Quim gargalhou ao meu lado e tomou o celular das minhas mãos. Fiquei olhando para ele, chocada. Esse cara na minha frente parecia uma alienígena. Onde estava o meu ruivo todo caladão?

— Oi, Mônica. – Ele escutou por uns instantes e depois voltou a falar: – Eu estou bem, Chay me prometeu um banho de esponja e uma massagem para eu relaxar.

— Não prometi massagem nenhuma. – Tentei pegar o telefone, e ele virou de lado, me dando as costas.

— Pode deixar. Vou falar para ela. – Ele desligou o telefone e jogou o aparelho no outro sofá. – Mônica disse que você precisa cuidar bem de mim, me dar carinho, beijinhos e banhos de esponja.

— Ela não disse isso. – Olhei para o sorriso maroto dele e quis apertar as bochechas em vingança, mas ele estava muito machucado. – O médico disse – limpei a garganta e tentei fazer voz de homem – *Senhor Joaquim precisa*

descansar e se recuperar, nada de esforço. – Olhei com seriedade para todo o corpo dele. – Não pode fazer esforço.

— Por isso vou ficar sentadinho, como um bom garoto, enquanto você me dá banho de esponja. – A cara de menino inocente que ele fez deu vontade de beijar.

E foi o que eu fiz, beijei com vontade.

— Vamos, cabeça de fósforo, vou lavar esse seu corpinho delícia.

Confesso, na hora fiquei com muita vergonha, a Chay debochada e bocuda sumiu e deu lugar uma estranha acanhada. Fomos para o banheiro do quarto dele, e levei junto uma das cadeiras de madeira da cozinha que havia pegado antes. Tivemos que colocar um saco plástico em sua mão. Os oito centavos^[7] pagos no Carrefour foram bem aproveitados, já que a sacolinha protegeu bem o gesso.

Realmente não dava para a gente brincar muito: um lado de Quim estava todo roxo. Tive que ajudá-lo, com muito cuidado, a tirar a camiseta, um braço de cada vez e depois a cabeça. E, pela milionésima vez, minha cara foi ao chão. As costas dele eram todas fechadas por uma tatuagem de asas tribais.

– Você é um anjo?

Quim, sentado na tampa da privada do banheiro, me puxou para o seu colo.

— Gostou? – Perguntou quando montei no colo dele.

— Se eu gostei? – Ele estava de *zoação* com a minha cara. – Eu quero lambar ela inteirinha. Melhor ainda, quero jogar sal e beber tequila com ela.

— Minha adorável louquinha. – Ele me deu um beijo no pescoço enquanto, com a mão boa, passeava por dentro da minha blusa. – Tira para mim.

Eu obedeci e esperei a reação dele. Quim nem reparou nos meus culotes ou nas gelatinas dos meus braços, só tinha olhos para os meus seios. Agradei mentalmente para a Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas porque eu tinha colocado o conjunto vermelho rendado. Uma coisa era certa, eu sempre andava de

calça jeans, camiseta e tênis, mas por baixo daquilo, sempre havia uma lingerie bem feminina, de seda, cetim, rendas, etc.

— Lindos, sempre tive vontade de prová-los. — Ele deu um beijo no vale entre meus seios. — Já sonhei muito com eles.

Calma, vamos por partes, bonito! Sou a fantasia daquele gostoso?

— Já bateu uma pensando neles? — Filtro, Chay, cadê a porra do filtro da sua boca?

— Com toda certeza. Você é meu doce tormento, quatro anos de pura fantasia. — Mirei aqueles olhos claros e vi o que eu sentia refletido ali. O seu desejo era o meu, e o meu, o dele.

— Foco no banho de esponja, Quim. — Dei um beijo na ponta do nariz dele e levantei. Alguém tinha que ser o adulto responsável nessa história. Era uma droga que sobrou logo para mim. Caminhei até o chuveiro e abri o registro. — Não vou poder tomar banho com você para não molhar minhas tranças...

— Tem toucas de plástico debaixo da pia. — Olhei para ele e vi o sorriso sapeca em seu rosto.

Obrigada, Nossa Senhora dos Remédios Doidos, seja lá o que deram para ele no hospital, algo o transformou de tal maneira, que eu preferia nem comentar em voz alta, para não estragar as coisas.

— Maria adora deixar suas tralhas por aqui. — Ele deu de ombros e fez uma careta de dor.

— Certo. — A verdade era que as tranças demoravam muito para secar e se não secasse direito, ficaria cheirando a cachorro molhado. Uma desvantagem do nagô. Todo sábado de manhã, acordava cedinho e as lavava. Você deve estar se perguntando “mas uma vez por semana somente?” Sim, pois o cabelo ficava dentro do material sintético, então o banho era praticamente para lavar o couro cabeludo.

Guardei as minhas tranças dentro da touca achada no armarinho. Ajudei Quim a tirar o resto das roupas e, sim, o senhor XL era verdadeiro e estava gloriosamente em seu ponto alto. Quim não tinha problemas com sua nudez e, como um bom menino (sério, era difícil de acreditar que, de todos os desenhos do mundo, ele foi escolher logo asas nas costas), sentou na cadeira e me esperou.

Tirei as minhas roupas tentando fazer um strip-tease, mas ri muito, fazendo ele rir também, ou seja, nada sexy. Ainda mais porque cantarolava a musiquinha da Pantera Cor-de-Rosa.

Mais uma coisa a agradecer a Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, quer dizer, duas coisas: a primeira é que eu tenho o fluxo de até três dias, então a Senhora Vermelha fora embora na quinta-feira. A outra coisa é que eu lembrei de me depilar ontem.

— Quero você... – Coloquei o dedo na boca bonitinha do ruivo, o calando.

— Banho de esponja, Quim. Somente isso.

A cara de desagrado dele me deixou nas nuvens, este homem gostoso me queria. *Ai, cacete.*

Não tinha esponja, então foi com a mão mesmo. Passei por todo seu corpo, bem lentamente, cobrindo cada pedacinho delicioso, enquanto ele roubava beijos cada vez mais pecaminosos. O homem, com toda certeza, parecia um especialista em beijos, minha nossa. Quando chegou no “gigante pela própria natureza”, eu sussurrei em seu ouvido:

— Acho que estou te devendo uma massagem também. – Chupei o lóbulo de sua orelha enquanto o massageava. O banheiro foi preenchido por seus gemidos. Ah, cara, aquilo me deixava quente também. Nada como ter tanto poder sobre um homem, vê-lo se desmanchar de prazer significava muito.

Quim deve ter adivinhado o meu estado de loucura ali nos países baixos, porque enfiou a mão no meio dos nossos corpos e começou a me tocar também. Não tenho vergonha nenhuma de dizer que eu gozei em poucos minutos. Foi só ele colocar dois dedos em minha entrada (eu estava na seca há um bom tempo),

começar o movimento de vai e vem enquanto sugava um dos meus mamilos, que explodi em várias partículas.

Quando estava voltando da minha viagem deliciosa, senti um jato quente em minha barriga. Meu quindim estava gozando também. Não sei por que as pessoas usam drogas, é só ter um ruivinho delícia que você já curte um barato.

Ficamos os dois abraçados por um momento, tentando recuperar o fôlego. Minha mente de repente começou a divagar: sério, o homem não entrou em mim, e já foi aquela loucura, imagine quando o ato completo acontecer?

Desliguei o registro e olhei para a cara vermelha dele.

— Hora de você ir para cama. — O sorriso animado mostrava que Quim imaginava ser um convite. — Só você.

— Por quê?

— Você vai descansar como o médico falou e quando ficar bom, prometo que dou para você até você cansar. — Quim quase engoliu a própria língua. — Fechado?

— Sim, senhora. — Balançou a cabeça, animado.

Eu estava com a razão. Ele queria mais, eu também, porém, ele sofrera um acidente e precisava dormir.

Dei um beijinho de leve em seus lábios, o levei para cama e dei um remédio para dor. Ele queria se fazer de machão, mas a pancada foi feia. Mal eu tinha terminado de organizar o banheiro, e ele já estava dormindo. Olhando para Quim assim, até que ele realmente parecia um anjinho. Mas, como eu sempre digo, Lúcifer também foi anjo, e um dos mais belos.

Fucei nas coisas dele dentro do guarda-roupas – até ali era tudo organizado por cores, as mais sóbrias possíveis – até achar uma blusa que me servisse. Peguei uma das cuecas boxer dele, que ficou um shortinho em mim, e a camiseta, um minivestido, e fui para a cozinha preparar algo para ele comer quando acordasse. Ao chegar na sala, a campainha começou a tocar desesperadamente. Abri a porta

com tudo e já ia xingar, quando uma senhora loira entrou, quase me atropelando, no apartamento.

— Cadê, onde está meu bebê? – Fiquei olhando para ela sem entender nada. O que aquela grã-fina vestindo terninho risca de giz estava dizendo? E as pessoas ainda me chamavam de louca.

— Que bebê? – Perguntei.

— Joaquim.

Mano, juro, naquele momento, o meu único pensamento foi tirar sarro da cara dele.

— Acabei de colocá-lo na cama, dei remédio, e agora ele está dormindo. – Eu me senti uma daquelas babás americanas dos filmes, me reportando para a mãe, só que o bebê em questão tinha quase dois metros de pura gostosura.

— Oh! Como ele está? O que o médico disse? Vai ficar com sequelas? Ai, meu Deus! – A mulher começou a se abanar.

Fechei a porta do apartamento, caminhei até ela e coloquei as mãos em seus ombros ossudos, repetindo tudo que o médico me dissera. Ao terminar, perguntei:

— Quer ver Quim? – Comecei a sentir pena dela, pois realmente estava muito agitada e toda preocupada. Será que quando for mãe eu serei assim também?

— Sim, por favor. – A mulher não parava de mexer as mãos e se tremia toda.

— Ele está no quarto dele dormindo, vá lá vê-lo.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, mas não saiu do lugar. Tive que dar um empurrãozinho para que começasse a andar.

Enquanto a mãe de Quim ia ao quarto, fui fuçar nos armários para poder encontrar algum chá para ela tomar. Achei uma lata com vários daqueles chás

chiques com o nome em inglês. Coloquei água para ferver. Olhei para o meu vestuário e gemi, não era o meu melhor momento, mas fazer o quê?

— Esse Quim não existe... — Resmunguei ao achar a geladeira e armários abastecidos com coisas, pasmem, em ordem alfabética. *O cara tinha TOC*, a minha diabinha apareceu gritando no meu ouvido, para bagunçar tudo.

— Ele está bem. — Levantei a cabeça da geladeira ao escutar a mulher falar. Ela me olhava como se fosse um bicho estranho.

— Está sim, foi só um grande susto. — Tirei tomate e cebola de lá e parei em frente à mulher. — Que tal fazermos algo bem levinho para ele comer quando acordar?

— Eu gostaria muito, Quim adora purê de batata. — Ela continuava a me analisar, me preparei para o julgamento que provavelmente estava por vir. Não era boa com mães, as poucas que conheci não gostaram de mim, então fiquei com a coluna reta e segurei a respiração. — Eu não sei seu nome.

— É Chay, quer dizer, Charlene. — Com as mãos ocupadas, não sabia se deixava os ingredientes na pia ou se estendia a mão para a senhora.

— Por causa da princesa? — A família de Quim tinha um jeito de me deixar de boca aberta. Balancei a cabeça afirmando. — Faz sentindo, você é linda como a princesa de Mônaco.

Juro que esse foi o melhor elogio que recebi em toda a minha vida. Quase saí voando como um balão.



CAPÍTULO 11

Eu não sei se foi o cheirinho maravilhoso de comida, afinal, modéstia totalmente à parte, eu mandava bem na cozinha, ou nossas vozes animadas tagarelando sem parar – sério, a mãe de Quim fala para caramba – que acordaram o ruivinho, mas, de uma hora para outra, me virei e vi o gato sorrateiro todo lindo e gostoso parado na soleira da porta, olhando com cara de pânico para a gente.

— Bebê! – Fátima, a mãe dele, deu um gritinho alegre e foi ao seu encontro. Juro, por um instante, achei que a mulher se jogaria em seus braços, todavia ela parou a centímetros dele e apenas tocou em seu rosto. Um tanto quanto baixinha perto do filho grandão, precisou ficar nas pontas dos pés para alcançá-lo. – Meu pobre bebê, olha só o que fizeram com você.

— Eu estou bem, mãe... – Quim ganhou um senhor de um beliscão no braço, que fez a minha vontade de rir aumentar uns cinquenta por cento.

— Está bem?! – A mulher passou de doce para o Godzilla com dor de dente em meio segundo. – Por que eu tive que saber pela sua irmã que você sofreu um acidente? Oh, meu Deus, o que fiz para merecer um filho tão ingrato? – A mulher jogou os braços para cima de modo cômico.

— Realmente, Quim, que falta de consideração. – Claro que eu iria piorar a situação dele em vários por centos. – Se fosse a minha mãe, não teria feito isso.

– Não teria mesmo, quando me machuco, só quero ela. O olhar mortal de Quim não me calou. – Coitada de Fátima.

— Isso mesmo, coitada de mim. – A mãe dele me olhou de modo gratificante. – Eu devo agradecer a essa jovem adorável por cuidar de você.

— Maria não tinha nada que falar para você. – Quim fechou os olhos por um minuto, medindo as palavras. – Não foi nada de mais, mama, não queria te preocupar à toa.

— À toa? – Fátima virou para mim, procurando apoio. – Você acredita neste menino, Chay? – Eu ia dizer que ele não era mais um menino, já que tinha provas muito táteis deste fato, todavia, preferi ficar quieta sobre isso.

— Ele é assim mesmo, um desnaturado. Mas não se preocupe, Fátima, de agora em diante, vou manter você a par de tudo, já que trocamos os nossos números do *Whats*. – Fui até ela e a abracei, abrindo uma grande exceção para a minha aversão a abraços só para tirar o ruivo do sério. Por cima do ombro dela, dei o maior sorriso para Quim. A veia saltando sem parar em sua testa indicava o estado de humor. Possivelmente, eu estaria em grandes problemas, mas adorava viver perigosamente.

— Que cheiro é esse? – Quim perguntou, tentando mudar de assunto.

— Fizemos o almoço para você, meu bebê. – Fátima virou para ele e pegou em sua mão, o puxando para a cadeira. – Sente, que vamos te servir.

— Fizemos um purê de batatas e macarrão de preguiçoso. – Quim olhou para mim em dúvida, e eu assumi meu tom de professora e comecei a explicar. – É macarrão feito na panela de pressão, mas prefiro chamar de preguiçoso, porque você taca tudo na panela e em cinco minutos está pronto.

— É uma maravilha, querido. – Fátima colocou o prato na frente dele e, para ajudar, eu coloquei a panela com o purê em cima da mesa. Ela veio logo em seguida, servindo colheres atrás de colheres de purê. Fiquei me perguntando como Quim mantinha a forma se ele comia tudo aquilo. – Vou fazer para o seu pai quando chegar em casa.

Minha criança interior estava muito alegre e travessa, então agarrei um pano de prato, me coloquei atrás da cadeira de Quim e o amarrei em seu pescoço.

— Para o bebê não sujar a roupinha. — Sussurrei em seu ouvido. Com a mão boa, ele me deu um beliscão na perna.

— Quer que eu te dê na boca? — Ao escutar essa frase, pedi licença e corri para o banheiro, só para rir. Sério, quase fiz xixi nas calças de tanto rir. O tão sério Quim sendo tratado como um bebezinho foi o melhor presente de Natal que eu tive.

Quando voltei para a cozinha, Quim e a mãe estavam brigando para ver quem ia operar o garfo. É claro que, discretamente, tirei uma foto e mandei para Mônica.

Chay: *“A mãe de Quim é um barato”*

Mônica: *“Ai, meu Deus, aquilo é um babador?”*

Chay: *“Isso foi eu, kkkkkk, não ficou uma gracinha?”*

Mônica: *“Miga, você é louca”*

Chay: *“Você me ama”*

Mônica: *“Com a mãe dele aí, vocês nem fizeram coisinhas”*

Chay: *“Antes dela chegar, eu dei um banho de esponja nele”*

Mônica: *“Nãooooo, conta tudo”*

Chay: *“Única coisa que posso te afirmar é que ele realmente é o senhor XL”*

Mônica: *“Ai, meu Deus”*

Chay: *“Não chegamos as vias de fato, porque eu não quis. Afinal, ele está machucado”*

Mônica: *“E o que vocês fizeram?”*

Chay: *“Só nós tocamos e chegamos em um orgasmo demolidor”*

Mônica: *“Sabia que quando vocês dois começassem, nem todo o corpo de bombeiros do Brasil iria conseguir apagar o fogo”*

Chay: *“Exagerada. Doida, tem como você me trazer algumas roupas aqui na casa do Quim?”*

Mônica: *“Claro! Me passa o endereço”*

Voltei o meu olhar para a cena em minha frente. Quim finalmente conseguiu a posse do talher e estava tentando comer com o braço bom, que não era o seu dominante, possivelmente era o direito ou esquerdo. Quando somos destros, qual é o lado dominante mesmo? Ah, sei lá. A maldita dislexia não me deixava saber. Enfim, o ruivo estava sofrendo, e enquanto Fátima se virava para espremer algumas laranjas, discretamente lhe ofereci uma colher, ou então o bichinho ficaria até amanhã para comer.

— Mônica vai passar mais tarde aqui para me trazer algumas roupas. —
Informei para ele.

Fátima terminou o suco e o colocou ao lado do prato. Enquanto ela alisava seu cabelo, eu limpei o cantinho da boca de Quim, sujo de massa de tomate. Aquela era uma situação cômica.

— Aí, que maravilha. — Fátima bateu palminhas. — Fico muito aliviada que você vai cuidar do meu menino. — Ela olhou para o teto e complementou. — Obrigada, Deus, por escutar as minhas preces e colocar uma boa moça no caminho do meu filho e não aquelas meninas de cabeças ocas que ele sempre arruma.

Olhei para o teto e senti o meu rosto arder. *Obrigada, Deus por me fazer moreninha e não mostrar a vergonha que acabo de passar*, pensei.

— Sem comentários. — Quim resmungou entredentes.

Fátima ficou mais um tempinho, só foi embora depois de colocar Quim na cama, me rendendo mais umas fotinhos e muitas risadas. Acompanhei a senhora

até a porta e, depois de assegurar que ia mantê-la informada de tudo, ela foi embora. Cuidei da cozinha e fui ver meu paciente.

Quim estava acordado e olhando para o teto. Entrei no quarto e fui até a cama, engatinhei pelo colchão e deitei de bruços com o queixo em cima das mãos e balançando as perninhas. Esperei até ele olhar para mim.

— Você não deve incentivar a minha mãe. — Quim resmungou. — Ela já é louca por si só.

— Fátima é um amor, quindim. — Sorri para ele. — Tivermos altos papos, ela me contou muitas coisas sobre a sua pessoinha.

— Jesus!

Agora gargalhei de verdade. Ele parecia realmente em pânico.

— Ela achava que você tinha algum problema. — Quim olhou para mim, e vi algo no seu olhar.

— Sim. Fiz um monte de exames quando pequeno, até ela ficar satisfeita de que eu não possuía traços do aspecto autista.

Tentei imaginar um Quim em miniatura, mas era impossível.

— Porque você sempre foi calmo, centrado e introvertido. — Queria dizer um pé no saco, às vezes, mas fiquei caladinha.

— Sim. Sempre gostei da calma e da ordem. — Ele deu de ombros e fez uma careta.

— Está com dor? — Perguntei, preocupada.

— Não, só incomoda um pouquinho.

Revirei os olhos e levantei da cama para buscar mais remédio. Trouxe até ele um comprimido de paracetamol e um pouco de água. Depois de ele beber, voltei a deitar ao seu lado.

— Acho que mereço mais beijinhos. — O ruivo colocou uma das minhas tranças atrás da orelha. Eu estava gostando muito daqueles carinhos.

— Devo chamar sua mãe? – Ri muito da cara dele enquanto me aproximava de sua boca. Trocamos vários beijos, e as coisas no quarto esquentaram muito, até a campainha tocar e nos interromper.

— Seja quem for, deixa lá.

Eu gargalhei, mas levantei da cama mesmo assim.

— Pode ser a dona Fátima de novo.

Saí correndo do quarto antes que o travesseiro jogado por ele me acertasse. Com um sorriso brincalhão no rosto, fui atender a porta. Do outro lado havia uma Mônica e um *Duuu* de cara amarrada.

— Te dou todo o apoio para você dar na cara dele. – Mônica foi logo dizendo antes de entrar como um vendaval no apartamento.

— Sua amiga é louca. – Foi a vez do *Duuu* falar antes de entrar.

Fechei a porta atrás dele e encarei os dois.

— *Duuu*, você tem meio segundo para dar uma boa explicação antes que eu parta sua cara em duas. – Analisei o engenheiro dos pés à cabeça, hoje em trajes informais composto de jeans e camiseta. Parecia até apresentável, mas nada como o meu Quim... Assim que o pensamento cruzou o meu cérebro, me dei conta da comparação. Nunca fiz isso, e de uma hora para outra, estava comparando o Quim com outro homem. Será que realmente estava amando ele?

— Como é que é? – *Duuu* perguntou, dando dois passos para ficar mais longe de mim.

— Eu não sei o que você fez, mas está errado. – Disse apenas. Por mais que Mônica pudesse estar errada, ênfase no poderia, o *Duuu* merecia apanhar só para virar homem.



CAPÍTULO 12

— Mas o que está acontecendo aqui? – Quim veio do quarto e nos olhou com cara de poucos amigos. Agora, não sei se foi porque nos interromperam ou por causa da discussão dos nossos amigos.

— O *Duuu* é um babaca. – Apontei para o moreno, depois cruzei os braços e comecei a bater o pé. – Vou dar na cara dele qualquer dia desses para ele aprender.

— Eu não fiz nada. – *Duuu* olhou de mim para o Quim. – Acho que depois de conhecer a história, você vai ficar do meu lado.

— Eu não acredito no que estou ouvindo. – Mônica estava fumegando de raiva. Seja lá o que o paspalho tenha feito, foi grave.

— Meu Deus, Eduardo, o que você fez agora? – Quim questionou. Ele foi se sentar no sofá, e eu o vi trincando os dentes. Até o presente momento, não houve um minuto sequer de descanso real, e isso me preocupava.

— Você deveria ser meu amigo, onde está a irmandade dos homens? – Olhei para cara do idiota e resolvi responder essa:

— Ela vai até o momento em que você empata uma foda. – Tomei o braço de Mônica e a puxei em direção ao quarto de Quim. – Vamos, Momo, não se junte com essa gentinha. – Empinei meu nariz de batata e saí pisando duro.

— E eu ainda saio perdendo nessa história. — Ouvi Quim resmungando.

Ao ouvir isso, voltei meus passos.

— Sai mesmo, se eu estiver puta, nada de coisinhas. — Claro que não faríamos nada, por causa do estado dele, mas me deixa pensar que havia alguma esperança.

— Você não presta, Chay. — Mônica me disse ao chegarmos no quarto. Ela me deu a bolsa que carregava, peguei de sua mão e joguei todo o conteúdo em cima da cama. — Trouxe o suficiente para três dias e uma roupa para o serviço. Vai ficar o final de semana todo aqui, né?

— Vou sim. O pior já passou, mas é bom ficar de olho no seu moço. — Peguei uma muda de roupa e olhei para ela. — Agora me conta, o que está acontecendo?

— O babaca do Eduardo acha que eu estou tendo um caso com Quim. — Estava tirando a camisa e me enganchei toda quando ouvi o que Mônica falou.

— Como é que é? — Perguntei depois de finalmente tirar a roupa e colocar o vestidinho solto que ela trouxe. Dei aquela ajeitada básica nos meninos, para encaixá-los no decote, e finalmente olhei para minha amiga.

— Eduardo disse que a empresa nunca iria pagar táxi para funcionário ficar uma ou duas horinhas a mais na empresa. — Parando para pensar, *Duuu* tinha razão. — E nenhum patrão fica esperando táxi com funcionário e dando abraços de despedidas.

— Você falou para ele que *tu é* a garota-polvo que adora um abraço? — Sorri para Mônica, tentando segurar a gargalhada.

— Meu Deus, Chay. Só você. — Mônica mostrou a língua para mim. — Me diga, de onde ele tirou essas coisas? Quim é mulher para mim, vocês dois estão em um chove-e-não-molha há quatro anos. Mesmo que ele tivesse dado bola para mim, você acha que ia passar por cima de você?

— Não sei de onde ele tirou isso. E com toda certeza, não, somos mais que amigas. — Já tive prova disso para afirmar. Uma vez, na balada, fiquei de olho em um carinha, e ele ficou de olho na Mônica. Ela disse não para ele, nós duas saímos de lá, paramos no McDonald's e terminamos a nossa noite na batata frita. — Talvez eu saiba o que está acontecendo. — Olhei para os meus pés, envergonhada.

— Charlene, o que você fez? — Vi o pezinho dela batendo sem parar.

— Talvez... Assim... O Quim esteja fazendo isso porque, assim... sabe como é...

— Chay!

— Não briga comigo, mas eu contei para ele sobre o Bruno! — Falei tudo em um fôlego só.

Depois de minutos em silêncio, Mônica explodiu:

— Inacreditável, Chay! Como você pôde fazer isso comigo? Eu contei em segredo para você, e você me traiu! — Olhei para a cara dela ficando vermelha de raiva. Eu sabia que, quando ela soubesse do que fiz, ficaria chateada.

— Mônica, entenda...

— Entenda uma merda! — Mônica saiu batendo o pé. Fui atrás dela para tentar me explicar. — Você me traiu, eu confiei em você, e me traiu. — Chegamos na sala, e os meninos nos olharam com espanto. — Só bastou uma foda, e você já foi falando todos os meus segredos para ele?

— Não foi assim. — Sei que tinha pisado na bola feio, mas ela estava sendo injusta, né? Por mais reservada que fosse, aquela história não era brincadeira. — Eu estava preocupada com você...

— Eu não preciso de amigas traíras como você. — Aquilo magoou, muito. Se ela tivesse dado um tapa na minha cara, não teria doído tanto. Mônica caminhou até a porta do apartamento, a abriu e bateu com força quando saiu.

Eu olhei para o Eduardo e, com a voz embargada, disse:

— Obrigada por ser um idiota babaca, está feliz agora? Isso é tudo culpa sua. — Virei de costas e voltei para o quarto. Chegando lá, me joguei na cama e cobri a minha cabeça.

Não consegui chorar. Acho que teria sido melhor se tivesse conseguido, mas sou daquelas pessoas que não choram. Na verdade, tenho um pouco de problemas com sentimentos, ainda que todo mundo pense que eu seja muito sentimental por ser escrachada e tudo mais. A verdade é outra, sou estragada, isso sim.

Não sei classificar os meus sentimentos agora. Pena? Dor? Mágoa? Raiva? Medo? Tristeza? Eu sei lá. Tudo que eu queria era ajudar, mas fiz com que minha amiga me odiasse.

Acabei cochilando, e Quim veio me acordar quando o quarto estava completamente escuro. Olhei para ele por uma fresta do cobertor, por um momento, e depois virei para outro lado. Não queria conversar, só queria ficar quietinha no meu canto.

— Ei! Quer falar sobre o que houve? — Ouvi a voz de Quim e cobri ainda mais a cabeça. — Vou pedir comida para nós, quer alguma coisa?

— Voltar no tempo e manter a minha boca fechada... — Resmunguei. Só me ferro quando tento ajudar, é sempre assim. Deveria ser egoísta, não pensar em ninguém a não ser eu mesma.

— Você estava, ou melhor, está preocupada com uma amiga...

— E o que isso me resultou? — Tirei as cobertas da minha cabeça. — Perdi a minha única amiga. Porque fui estúpida o bastante achando que eu estava ajudando. Mas não. — Balancei a cabeça, fazendo minhas tranças irem de um lado para outro, e as lágrimas contidas de repente começaram a cair.

— Você teve boas intenções...

— Como dizia minha mãe, de boas intenções o inferno está cheio. – Disse entre soluços. Meu corpo sacudiu, e não consegui parar de chorar. Senti Quim atrás de mim e depois senti seus braços ao meu redor. Deitei a minha cabeça em seu ombro e fiquei lá, lamentando minha idiotice. – Acho que estou com fome... – Disse depois de muito tempo. Minha voz estava rouca.

— E o que você quer comer, minha pequena Chay? – Ele passou a mão boa em meu rosto, enxugando minhas lágrimas. Deveria estar pavorosa, com a cara inchada, e torcia para que não começasse a sair ranho do nariz.

— Qualquer coisa. Contanto que, no final, eu ganhe chocolate.

— Eu já deveria ter imaginado. – Quim me deu um beijo na testa. – Eu tenho um estoque no escritório por causa de vocês duas.

— Onde? Não achei no dia que fiquei lá.

Parando para pensar no fato mencionado, lembrei que sempre que discutíamos feio por alguma bobagem, o que era muito frequente, Quim aparecia com algum doce. Apesar do presente vir sempre com o comentário: “um doce para adoçar a fera”, e isso dava mais vontade de bater nele.

— Então a senhora vasculhou minhas coisas? – Quim perguntou com um meio sorriso.

— Err... então... – Comecei a brincar com os botões da camisa dele. – Só dei uma olhadinha nas gavetas, à procura de cliques. – Fiz igual ao Gato de Botas, aquela carinha fofa dele, sabem?

— Cliques, sei... – Quim gargalhou. – Mas, respondendo a sua pergunta, o estoque está escondido.

— Você é tão malvado. – Fiz biquinho.

Passamos o final de semana juntos, indo da cama para o sofá, assistindo qualquer besteira na televisão, rindo, conversando, trocando beijos e carícias, nada de sexo (ele não estava podendo com isso, ainda que tenha tentado, fui bem firme quanto a isso). Descobri que, apesar de termos bastante coisa em comum, teria um grande trabalho para que ele entrasse no mundo nerd. Ainda não acredito que não viu nem o primeiro filme do Homem de Ferro. Absurdo.

Por outro lado, teria que aprender algumas coisas também. Por exemplo: carros. Quim era aficionado por carros, mal pude crer quando entrei no quarto, que deveria ser de hóspedes, e vi a coleção de miniaturas. Onde deveria estar a cama, tinha uma mesa com um computador, e a parede oposta estava repleta, do chão ao teto, de prateleiras com carrinhos de vários tipos e tamanhos.

Na hora, pensei que minhas *action figures*^[8] ficariam perfeitas ali também.



CAPÍTULO 13

— Ei, mocinha! — Na segunda-feira, a menina da recepção começou a acenar como doida de trás do balcão. — Pode fazer um favor para mim? — Ela me perguntou quando cheguei perto. Apontando para o grande vaso com flores azuis, ela continuou: — Aquele entregador nojento deixou isso para sua amiga, pode entregar?

Fiquei tentada a dizer não, afinal Mônica não estava falando comigo porque me intrometi. Suspirei e peguei o arranjo de flores com a minha mão livre, na outra eu levava pães de queijo da Casa do Pão de Queijo que tinha ali, na galeria. Estava tão distraída, que não reparei no cara que estava junto comigo no elevador.

— Qual andar? — Olhei para o dono da voz rouca e meu queixo foi parar no chão. Um loiro alto, mais alto que eu, então era bem alto, já que eu tenho um metro e oitenta e três de altura, estava parado ao lado do painel. Lindo, cabelo em estilo militar, cortado parecendo uma escova de dentes, olhos azuis meio acinzentados. O nariz era meio torto, indicando que já fora quebrado, a boca curvada para baixo indicava que não sorria muito. Seu tom de pele era daquele branco dourado, como se passasse algum tempo ao ar livre. Suas roupas eram casuais: jeans e camiseta, ambos pretos. Só que não tinha sardas no nariz e acho que era meio vesgo. Apesar de bonito, não era meu Quim

— Décimo oitavo.

Sabe o que é engraçado? Não senti nada pelo cara gostoso. Sabe quando você passa por uma propaganda de cueca, vê aquele cara *malhadão* e pensa “homão bonito” e continua seu caminho sem se importar? Era este o caso. Acho que Quim afetou meu cérebro.

— Você conhece uma pessoa chamada Charlene? – O loiro me perguntou.

— Depende. – O que será que o adônis queria comigo? – Se for cobrança, não conheço. Se for para relacionamento, chegou tarde, meu chapa, ela está comprometida até o último fio de cabelo com um ruivo chato e meio idiota.

— Não é nem uma coisa e nem outra. – Olha só, o senhor soldado universal deu um sorriso, se você considerar um levantar de lábios um sorriso.

— Eu sou a tal. – O elevador abriu as portas, e ele, muito cavalheiro, as segurou para mim. – Mas se você me chamar de Charlene, a chance de não te responder nada será maior.

— Como devo lhe chamar, senhorita? – Parei em frente a porta que dava para os escritórios, sem saber como as abrir, já que tinhas as mãos ocupadas.

— Segura isso aqui. – Dei as flores para ele enquanto pegava o meu cartão e dava acesso para nós dois. – Me chame de Chay.

— Certo, Chay. – O loiro me seguiu pelo corredor que separava a entrada de todas as baias. – Eu sou o detetive Michael...

— Você não parece um detetive. – Parei no meio do corredor, dei uma boa olhada nele e, só naquele momento, notei que por debaixo da jaqueta de couro também preta havia um volume a mais.

— Eu pareço com o quê? – Michael torceu a cabeça para o lado e me analisou também.

— Com um modelo da Calvin Klein. – Dei de ombros. – Ou Armani, porque você tem esse ar de perigo que parece que você é o próximo 007.

— Não, senhorita, sou só um policial do estado de São Paulo.

— É uma pena, já posso imaginá-lo em um terno ao lado de uma loira com um prédio explodindo atrás. – Continuei meu caminho até chegar à mesa de Mônica. Como sempre, ela já estava teclando em seu computador. – Tenho flores para você. – Falei ao parar ao lado da mesa dela.

Mônica me olhou com cara de poucos amigos e não disse nada. Quando apontei o loiro com as flores, notei que ela teve a mesma reação que eu, só que corou lindamente.

Obrigada, Deus, mais uma vez, por minha melanina ser alterada e não demonstrar o meu embaraço na frente de loiros bonitos, amém.

— Se contratar um *gogo boy* para me trazer flores azuis é sua tentativa de se desculpar, confesso que esperava mais de você. – Ela cruzou os braços e me encarou.

Eu tive que olhar para o loiro mais uma vez e gargalhei gostoso.

— Minha imaginação é melhor que a dela. – Apontei para Mônica. – Imaginei você como um agente secreto, e ela quer arrancar suas roupas.

Michael nos olhou algumas vezes, acho que tentando imaginar qual era a menos louca. Claro que era eu.

— Podemos conversar em algum lugar privativo sobre a noite de sexta? – Ele apenas perguntou.

— Sim. – Peguei as flores de suas mãos e as deixei na mesa. – Não vou pedir desculpas para você, quando a única coisa que quero é te manter segura. Se isso significa que quebrarei a sua confiança, não me importa, prefiro você puta da vida comigo olhando de cara feia, do que puta da vida comigo puxando meu pé a noite como fantasma. – Não esperei ela falar, virei para o loiro e o chamei para a sala de Quim. Não ia levá-lo para o espaço minúsculo que era o quartinho em que eu trabalhava. – Por aqui, detetive.

— Muito bem, senhorita... – Michael começou a falar.

— Chay. – Eu o interrompi ao entrar na sala e fechar a porta atrás dele, indo me sentar na cadeira do meu ruivo.

Minha mente, por uns minutos, tentou encontrar o esconderijo dos doces, mas o soldado meu trouxe para realidade.

— Chay. Você poderia me contar exatamente o que aconteceu na noite de sexta? – Olhei para ele e comecei a falar tudo que tinha ocorrido, desde a minha saída da obra até a minha chegada ali, o acidente e tudo mais com o hospital. – Por acaso você conhece este homem? – Ele me mostrou a foto de um cara.

— Nunca vi mais gordo. – Na verdade, o cara não era gordo mesmo, era o típico cidadão brasileiro. Cabelos pretos, olhos escuros, pele dourada, só mais um cara que você via no metrô.

— Sabe o porquê de alguém querer atropelar o senhor Joaquim?

— Quim é um chato de vez em quando, eu já desejei passar o carro por cima dele algumas vezes. – Parabéns, boca, mais uma vez não conversou com o cérebro antes de falar. – Entenda, eu o amo, mas ele me deixa doida de vez em quando. Ai, meu Deus! – Tapei a boca com a mão. – Eu amo o Joaquim!

— Chay...

— Calma, preciso assimilar sobre a minha recém-descoberta. – Respirei fundo. – Pronto, passou meu surto. Não me leve a mal, não vou matar Quim mesmo ele me irritando.

— Entendo. – Eu esperava que sim, pois não queria ser acusada de atropelar meu futuro namorado.

Aliás, Quim não pediu nenhum compromisso da minha parte, será que ele quer um relacionamento aberto? Se for isso, vou passar por cima dele com o carro, com toda certeza.

— As câmeras do estacionamento pegaram tudo, porém o carro estava sem placa, então só temos o modelo.

— Será como encontrar uma agulha no palheiro. – O pouco conhecimento que obtive com Quim sobre carros este final de semana me disse o suficiente sobre achar um Honda Fit específico na maior capital do Brasil: muito, muito difícil.

— Pois é. – Michael tirou um papel do bolso e me entregou. – Caso você lembre de qualquer coisa, pode me ligar.

— Esse cara que você me mostrou – aponte para a foto que ele estava guardando no bolso outra vez –, é o motorista?

— Pode ser. – A cara dele não mostrava expressão nenhuma. Não dava para saber se estava mentindo ou não.

— Como você sabe? Pelo que me lembro, os vidros do carro eram escuros. – Toma essa, detetive Michael, você pode portar uma arma, mas eu sou formada em quinze anos de CSI.

— Isso é confidencial. – Cerrei as minhas mãos para não ter ideias de agredir um policial. – Tenha um bom dia, senhorita. Não hesite em me ligar se souber de algo.

— Sim, senhor! – Quase disse um “capitão” no final da frase. Porém, meu cérebro deve ter mandado um comando de “feche a boca”, e meus lábios ficaram imóveis.

O dia foi totalmente atarefado, não consegui nem parar direito para comer alguma coisa. O dono da empresa apareceu para conversar comigo sobre sexta e avisar que o filho dele ficaria no lugar de Quim enquanto se recuperava. Adam era até legalzinho, mas não era o meu quindim, então não era a mesma coisa.

Falando no meu diabinho, passamos o dia todo trocando mensagem. Tudo começou com coisinhas sem importâncias e acabou com mensagens picantes. No final do dia, estava necessitada de tal forma que estava dando um foda-se para o tempo de convalescência dele. Naquele dia, eu ia atacar meu ruivo.

Era nisso que estava pensando quando saí do elevador no subsolo do prédio onde ficava o estacionamento. Meus planos eram passar em casa, tomar

aquele banho gostoso, colocar aquela roupinha “eu sou safada e serei a sua sobremesa” (calcinha minúscula, corpete, meia-calça 3/8 com cinta liga e, porque a noite pedia, saltos) e finalmente me jogar nos braços do meu ruivo.

Todavia, o céu estava contra mim. Quando as portas abriram, dei de cara com Mônica e um cara. Conheço bem minha amiga para avaliar seu rosto e saber que algo ia mal, tipo, muito mal, aquele grau de malvadeza estilo Darth Vader, eu vou dominar o mundo. E o que você com uma boa amiga faz? Dá uma de louca.

— Finalmente achei você. – Apontei para ela. Mônica arregalou os olhos e começou a balançar a cabeça. – Não vai fugir de mim novamente.

— Chay, eu tenho que ir. – A voz de Mônica estava chorosa, isso ativou todos os sinos na minha cabeça.

— Nem pensar. – Caminhei até ela e cruzei os braços. – Não vai sair daqui até nós duas conversamos sobre sábado.

— Prometo que converso com você amanhã, mas hoje tenho que ir. – Não era minha amiga falando. Mônica é daquelas pessoas teimosas igual mula quando empaca. Ceder assim, facilmente, sem nenhum drama? Ela estava doente ou alguma coisa não estava certa.

— Não. – Olhei para o cara pela primeira vez. Era o homem da foto do loiro gostoso. – Vamos conversar agora.

— Você não a escutou? – O cara comum perguntou. – Ela vai sair comigo hoje à noite. Não é Mônica?

— Cara de bolacha. – A cara dele era meio redonda e me lembrava uma bolacha Traquinas. Era isso, a fome falando mais alto. – Calma aí, que estou tendo um papo com a minha amiga aqui, fica na sua.

— Eu acho que não. – O cara de bolacha tirou a mão que estava atrás de Mônica e mostrou para mim a arma que levava. Eu não precisava recorrer aos meus muitos anos de séries policiais para saber que estava na merda. – Ela vai comigo, você ainda tem algo a dizer?



CAPÍTULO 14

— Eu tenho sim. — Se este cara estava pensando que ia levar a minha amiga, que pensasse novamente. Hora de ligar o modo louco. — Você deve ser o tal de Bruno, o cara que precisa de uma arma para ter uma mulher.

— Chay! — Mônica gritou. — Por favor, cale a boca e vai embora.

— Nem pensar...

— Ela vem com a gente. — O tal de Bruno falou. — Ande, vadia gorda. — O cara veio para cima de mim e colocou o cano da arma em minha têmpora. — Ou então estouro seus miolos aqui.

— Em primeiro lugar — encarei ele nos olhos, tínhamos a mesma altura, então isso foi fácil —, vadia é a senhora sua avó. E em segundo, atira, vamos lá, covarde de merda, atira. Você se acha o valentão por estar com essa arma, não é? Mas no momento que você fizer isso, o barulho vai atrair um monte de pessoas e aposto que você não chegará nem na saída do prédio.

Aquilo era literalmente um tiro no escuro. O que eu disse não tinha nenhuma base teórica, provavelmente era uma mentira, mas seja lá de onde aquilo saiu, parecia estar dando certo, o tal de Bruno começou a ponderar minhas palavras. Ele tirou a arma da minha cabeça e apontou para a de Mônica.

— Anda, ou eu acabo com ela aqui mesmo, depois com você e por fim comigo. – Eu não duvidaria disso. Agora eu entendi totalmente a expressão “olhos de louco” só de observar o semblante dele.

— Tá certo, cara, você que manda. – Levantei os meus braços e comecei a andar.

— Você sabe dirigir? – Se eu dissesse que não, o que ele iria fazer? Como brinquei muito com a sorte, achei melhor só dizer que sim. – Pegue a chave. – Ele colocou uma chave em minha mão. O chaveiro tinha a foto de Mônica; o cara era doido. – Mônica, entre no carro cinza. À sua direita, Charlene. – Olhei para ele, espantada. – Sim, eu sei seu nome também. Você vai esperar nós dois entrarmos no carro e depois vai entrar ao lado do condutor.

Foi o que fizemos, Mônica ficou no banco do passageiro ao meu lado, Bruno atrás de nós. Pelo retrovisor, pude ver que ele apontava a arma para minha amiga. Liguei o Honda Fit e saí de ré da vaga. O carro tinha Sem Parar^[2], então, nem precisamos validar o ticket de estacionamento. Saímos para as ruas escuras de São Paulo.

— Para onde você quer que eu vá? Já vou te falando que sou meio perdida com direita e esquerda. – Não queria que Mônica morresse porque entrei na direita errada.

— Você vai pegar o corredor Norte-Sul, depois a Av. dos Bandeirantes. – Ele não precisou continuar, já sabia para onde estava indo.

— Você quer pegar um bronze na praia? – Aquele caminho levava diretamente para a baixada santista.

— Eu tenho um bom lugar na Praia Grande para mim e Mônica...

— Como você é mão de vaca, poderia ser em alguma praia bonitinha do litoral norte, pelo menos. – Bruno rosnou, decidi manter a boca fechada.

Vamos lá, cérebro idiota, pense em alguma saída. Mas ele não estava cooperando, quanto mais os quilômetros iam sendo percorridos, mais sem

alternativa eu ia ficando. Só quando chegamos na rodovia dos Imigrantes foi que, finalmente, um plano se formou. Era louco, a chance de sobrevivência era minúscula, mas eu torcia para dar certo.

— Mônica, sabe qual é o *hobby* do Quim? – Olhei de relance para ela e a vi com o cinto de segurança.

— Não sei. – A voz dela estava cheia de medo, e não podia culpá-la. Também estava me borrando.

— Carros. – Confessei para ela. Olhando no retrovisor, vi que Bruno não estava de cinto. – Eu passei o domingo todo escutando ele falar sobre carros.

— Nossa, que programaço. – Mesmo na tensão que estava no carro, a minha amiga não deixou o seu de humor de lado. – Já posso imaginar você revirando os olhos para ele por isso. Você odeia carros.

— Odeio mesmo. – Olhei novamente para Bruno enquanto ia acelerando ainda mais. – Foi você que atropelou o meu Quim?

— Ele estava de olho no que era meu. – Bruno só tinha olhos para Mônica. – Pena que não morreu.

— Ai, caralho! – Exclamei puta da vida. – O que a Mônica tem, que todos os caras acham que ela está com o Quim? Porra, o ruivo é meu.

— Seu? – Bruno não deixou de prestar atenção na mulher ao meu lado, agradei aos céus por ele não ter percebido o velocímetro aumentar. – Eu o vi colocando Mônica no táxi a semana toda.

— Viu só? – Mônica gritou comigo. – Se você tivesse mantido a boca fechada, Joaquim estaria bem.

Ai, aquilo doeu. Eu coloquei Quim naquela situação por causa da minha grande boca, ele quase morreu por minha culpa. E talvez Mônica seguiria o caminho da luz por minha causa também.

— Eu achei que estava fazendo algo bom, não esperaria que o doente do seu ex achasse que Quim estava afim de você. – Apertei o volante com mais força,

olhei o mostrador de velocidade e vi que atingimos a marca de cento e sessenta por hora. “Meu Deus, proteja a minha alma, amém”, fiz uma prece. – Sabe os filmes Velozes e Furiosos? – Perguntei para Mônica.

— Chay, estamos brigando aqui sobre a sua boca grande, o que o Toretto e companhia limitada tem a ver com a história?

— Sabe o Velozes e Furiosos 3...?

— O mais chato de todos que ainda por cima o Han morre? – Essa era minha garota. Fiz Mônica assistir a série toda várias vezes, porque, apesar de não gostar de carros, eu me amarrava em filmes com efeitos especiais bem mentirosos.

— Esse mesmo. Lembra do *drift*? – Levei a minha mão até o freio de mão enquanto segurava firmemente o volante com a outra.

— Lembro que você era doida para fazer aquilo. – Mônica fez que sim com a cabeça. Era loucura, eu sei, ela sabia também e estava me dando carta branca para fazer a loucura. Porque não tinha graça ser louca sozinha, precisava de amigas do lado.

— Vamos parar com a conversinha, vocês duas. – Bruno disse com raiva e cutucou a minha cabeça com a arma. – Diminua a velocidade, não quero nenhum policial atrás de nós.

— Sim, senhor. – Já estávamos em cento e oitenta por hora. – Sabe o que eu aprendi no final de semana? – Não esperei ninguém responder. – Que o Fit é um dos carros no Brasil que tem *airbag* e que sempre que entramos em um carro, devemos colocar o cinto de segurança.

Ao terminar essa frase puxei o freio de mão ao mesmo tempo que pisava no freio. Bem diferente dos filmes, quando o carro só dá uma guinadinha para direita ou para esquerda, o Fit simplesmente foi para um destes lados e bateu no alambrado. Senti o impacto, o *airbag* foi acionado e explodiu em minha cara. Depois disso, eu fiquei de cabeça para baixo.

Sabe quando você vai em uma montanha-russa, pode ser a mais *zoadinha* do *Playcenter*, e mesmo assim seu estômago gruda nas costelas, você levanta as mãos para curtir o barato e a única coisa que escuta é o barulho do vento e os seus batimentos cardíacos a toda velocidade em seus ouvidos? Era mais ou menos isso que estava sentindo naquele momento. Em uma montanha-russa, girando e girando.

Sabe o que é mais assustador nisso tudo? Começar a cantarolar a música do Roberto Carlos enquanto capota o carro. Sabe aquela nas curvas da estrada de Santos? Essa aí. Eu nem gostava das músicas dele, mas veio em minha mente doida.

“Se acaso numa curva

Eu me lembro do meu mundo

Eu piso mais fundo, corrijo num segundo

Não posso parar”

Eu devo ter desmaiado em algum ponto, ou meu cérebro desligou por segundos, não sei, só sei que depois de girar como se estivesse em um liquidificador, nós finalmente paramos, meu rosto estava acomodado em uma almofada gostosa e só queria dormir um pouquinho.

– Chay... – Dei um gemido em resposta.

Uma voz chata que não queria me deixar dormir estava lá, me chamando, e parecia a Mônica.

— Me deixa dormir, só mais cinco minutos. – Resmunguei de olhos fechados.

— O carro está pegando fogo. — Aquilo não fazia sentindo nenhum para mim. Que carro? Que fogo? — Precisamos sair daqui.

— *Tá* bom. Já vou levantar, mamãe. — Ela realmente estava me irritando. Respirei fundo, e o cheiro de fumaça fez com que eu tossisse uma daquelas tosses que você só ouve em pessoas idosas. Abri meus olhos e dei de cara com concreto e árvores. — Eita, porra! Onde estamos?

— Estamos prestes a explodir se você não mexer o seu traseiro gordo e sair de onde está! — Mônica gritou. Foi aí que tudo voltou na minha mente. Bruno, o carro, e minha louca ideia de fazer um *drift* em plena rodovia dos Imigrantes.

— Fique na linha, que sua ligação é muito importante para nós. — Resendi para ela enquanto tentava abrir a porta do condutor. — Estou presa.

— Me ajuda a tirar o cinto. — Mônica pediu. Virei para o lado e, com dificuldade por causa do *airbag*, consegui finalmente a soltar. Ouvi o barulho do metal retorcido protestando e, em seguida, minha amiga xingando como um caminhoneiro. Eu queria rir, mas aquilo doía para caramba. Momo quase nunca falava palavrão, a desbocada das duas era eu.

Depois que ela finalmente conseguiu sair do carro, foi a minha vez. Aí eu entendi o porquê de tantos palavrões. Meu corpo todo doía, tinha partes minhas que eu nem sabia serem passíveis de sentir dor. Eu senti algo quente escorrendo pelo meu rosto, minhas mãos estavam em carne viva e quase prendi a boca da calça em alguma parte do carro.

Fiquei totalmente sem fôlego do lado de fora. O carro em minha frente parecia uma lata de sardinha completamente retorcida. Acho que minha prece deu certo, porque eu não vi nenhum flashback com toda a minha vida passando por meus olhos, nem a luz no final do túnel e muito menos o coro dos anjos. A não ser que isso fosse minha versão do inferno.

— Acho melhor saímos de perto deste carro. — Mônica me ajudou a levantar. Ela segurava um dos braços contra o corpo e, com o outro, me ajudava. Assim que coloquei o pé no chão, gritei de dor.

— Filha da puta, desgraçada! – Olhei para o meu All Star de caveirinha, todo sujo de sangue. – Acho que torci o pé.

— E eu o pulso. – Saímos mancando para um pouco longe do carro em chamas. Andamos pelo acostamento devagar. – Você viu o Bruno?

Olhei para todos os lados. A pista estava cheia de destroços do carro. Mas, bem distante de onde paramos, vi um amontoado, que parecia um corpo, bem no meio da pista central de descida.

— Acho que é ele. – Apontei.

— Será que está vivo? – Mônica fechou a boca, e um caminhão, daqueles tipo cegonha, veio com tudo e tentou frear, mas acabou passando por cima do amontoado.

— Se for ele, acho que não.



CAPÍTULO 15

Acabou que era realmente Bruno o amontoado na estrada. Pode me chamar de insensível, mas foi muito bem feito para ele, ninguém mexia com a minha amiga. Minutos depois da transformação em hambúrguer do cara mal, uma infinidade de viaturas chegou no local. Tinha de tudo, SAMU, Ecovias, bombeiros, me senti em um episódio de Grey's Anatomy.

Sentada dentro de uma ambulância enquanto o paramédico enfaixava a minha cabeça, vi um cara dos bombeiros caminhar com uma pá até o amontoado que uma vez foi o Bruno.

— Qual é da pá? – Perguntei para o careca de uniforme azul, o responsável por me atender. Mônica estava em outra ambulância, e eu não sabia nada sobre ela.

Ele olhou na direção que eu apontava.

— Quando não dá para pegarmos o corpo com as mãos, usamos a pá.

Foi nessa hora que graciosamente vomitei. O prefeito de Diadema (como nem tínhamos chegado no pedágio, não podia cobrar do cara de Cubatão) deveria dar uma medalha de velocidade para o paramédico que conseguiu desviar do jato de vômito verde.

Obrigaram-me a deitar na maca e, pela primeira vez, não fiz nenhuma ceninha, só queria as drogas. Depois de o careca colocar qualquer coisa no soro, caí em um sono induzido, acordando de vez em quando. Meu corpo doía, minha mente estava um caos e tudo que eu queria era a minha mãe. Devo ter choramingado isso umas duas ou três no caminho do acidente até o hospital.

Chegando no centro médico, fui atendida, ou seja, cutucada, mexida, enfaixada, levada de um lugar ao outro e finalmente deixada em paz em um quarto branco. A cama ao lado estava vazia. Não por muito tempo. Mônica foi trazida minutos depois para ela.

— Como você está? – Ela me perguntou.

— O médico disse que tive sorte. – Olhei para o meu corpo coberto pelo lençol. – Uma luxação no pé esquerdo, vários hematomas, cortes para todos os lados, tive que levar alguns pontos aqui e ali, mas *tô* bem.

— O mesmo aqui, diferença foi que a luxação é no braço. – Mônica ergueu o braço e fez uma careta.

— Acabou, Mônica. – Olhei para o teto e vi as rachaduras. – Ele nunca mais vai te perseguir.

— Estou tão puta da vida com você. – Eu não esperava flores, mas quando Mônica começou a gritar, desejei morfina. – Primeiro você trai a minha confiança – Mônica ia voltar naquilo? –, depois se coloca na frente de uma arma e de um cara doido, e depois, que ceninha foi aquela de “atirar em mim”?

— Estava tentando livrar sua pele...

— Estava tentando se matar, isso sim. Você acha que eu ficaria contente com isso? – Os soluços dela preencheram o quarto. – Perder você me mataria, caramba!

— Eu não deixaria aquele louco te levar, você pode brigar à vontade comigo, mas eu teria feito tudo de novo. – Porra, como tudo doía e como eu queria mais remédio, onde estava a morfina quando precisávamos dela? Aliás, por que

nos hospitais brasileiros não davam morfina? Eu queria ficar grogue e achar todo mundo bonito.

— Você é louca.

— Eu sou meio louca, não completamente, então me dá um desconto, caralho, salvei a porra das nossas vidas. – Ficamos uns minutos em silêncio somente com nossos pensamentos.

— Achei que você ia parar com os palavrões.

Virei para ela com a boca aberta.

— Pelo amor de Nossa Senhora da Bicicletinha, acho que mereço mandar tudo isso à merda. – Sorri para ela. – Você deveria tentar. Um bom foda-se é libertador. – E ali, no leito de hospital, duas amigas doidas começaram a falar todos os palavrões que conheciam.

A porta do nosso quarto se abriu, e o loiro, policial e *homão*, entrou por ela. Ele olhou para nós duas demoradamente. Lembrei do que Mônica falou e comecei a rir, um riso histérico, que logo passou de fofo para totalmente estranho. Finalmente a ficha caiu: porra, eu quase morri. Pela segunda vez, a porta se abriu e, por entre as lágrimas, eu vi um pontinho vermelho passando por ela.

Quim veio até mim e me abraçou. Senti o cheiro do perfume maravilhoso, e ele fez com que eu fosse me acalmando aos poucos. Quando vi, estava sentada na cama com Quim atrás de mim me abraçando. Olhei para ele e dei um sorriso fraco.

— O que é um pontinho vermelho ao lado de um preto em um espaço em branco? – Perguntei para ele, secando as lágrimas com o lençol.

— Eu não sei, minha Chay. – Quim doce era tão bom.

— Um quindim abraçando uma Chayzinha em um hospital. – Quim caiu na gargalhada, Mônica e mesmo o detetive riram da minha piada.

— Eu sei que vocês passaram por maus bocados... – O detetive começou a falar depois de pigarrear.

— Quem é você? – Quim perguntou enquanto brincava com uma das minhas tranças com sua mão boa.

— Ele é o detetive, que mais parece o 007, mas que a Mônica acha que é um *gogo boy*, Michael, da polícia do Estado de São Paulo. – Mônica olhou para mim, vermelha, e me prometeu que teria volta. Dei de ombros e falei sem emitir som um “faz o seu melhor”. Mônica me mostrou o dedo do meio.

— Eu sou o detetive designado para o caso Bruno. – Michael parou no meio das duas camas e olhou atentamente para Mônica. – Qual o seu envolvimento com ele?

— Atualmente nenhum. – Com algum esforço Mônica se colocou sentada. – Ele é meu ex-namorado há algum tempo. Eu consegui uma ordem de restrição três anos atrás, e por isso ele sumiu do mapa, nunca mais o vi.

— Como era o seu relacionamento com ele?

Mônica abaixou a cabeça e olhou para as mãos. Demorou vários segundos antes de voltar a falar. Sabia como estava sendo difícil para ela esse momento.

— Hoje eu vejo que estava em um relacionamento abusivo, mas na época demorei a perceber. – Mônica deu de ombros como se aquilo não importasse, mas a verdade era que importava muito. – Depois da ordem de restrição, ele me deixou em paz, até este mês começar a mandar presentes novamente.

— Quais foram os presentes? – O olhar de Michael era totalmente voltado para Mônica, e eu senti que tinha algo ali. Cutuquei Quim, apontei o loiro e dei um sorrisinho para ele, que revirou os olhos para mim. Homens. Não entendem nada.

— Papel de carta e canetas coloridas, flores azuis e livros...

— Uma coleção de luxo chata de qualquer livro histórico aí. – Completei por ela.

— Jane Austen não é chata. Só não é como todos seus livros com zumbis e mortes. – Ela mostrou a língua.

— Zumbis são um clássico, tudo fica melhor com zumbis. – Defendi meus queridos.

— Queria ver o que você ia fazer se um zumbi aparecesse depois do acidente. – Ela apontou para o meu pé. – Com esse pé desse jeito...

— Posso interromper? – Michael olhava de uma para outra.

— Cara, quando essas duas começam... – Quim deu uma risada. – Acho melhor você sair e buscar dois bolinhos de chocolate para elas ficarem quietas e responderem o que você quer.

— Não seja maldoso, meu amor. – Dei um beliscão no braço dele.

— Por que esses presentes específicos? – Michael perguntou.

— São coisas que eu gosto e que ele um dia destruiu, por achar que eu gastava mais tempo com elas do que com ele.

— Você ainda tem os presentes? – Michael perguntou.

— Não... – Mônica começou a dizer.

— Sim. – Eu a cortei. – Eu ainda tenho os livros chatos no laboratório.

— Por quê? – Mônica quase gritou.

— Você ama aqueles livros, era uma coleção luxuosa, então eu guardei. – Dei de ombros. – Talvez conseguisse trocar eles por outra coleção qualquer e te dar de presente, ou então usar como peso de papel.

— Conversaremos sobre isso depois. – Mônica me prometeu. Fiz Quim me abraçar mais, sabia que viria outro longo discurso.

Nossa, me senti como se tivesse levado bronca da minha mãe.

— Eu vou precisar ver os livros. – Olhei para Michael sem entender, meus anos de CSI vieram a calhar.

— Por que? – Indaguei. – O caso era de perseguição, o cara virou hambúrguer, então por quê?

— Bruno estava envolvido em outras coisas, e é isso que estou investigando. — Olhei bem para o 007.

— Está em minha sala. — Cocei os olhos, as drogas estavam fazendo efeito. Bocejei. — Amanhã eu posso...

— Você não vai fazer nada. — Quim me deu um beijo no topo da cabeça. — Detetive, vou mandar recado para o meu chefe e o senhor terá acesso a tudo que quiser. — Quim saiu de trás de mim. — Agora, as mocinhas vão dormir e descansar. — Fiz biquinho, e ele me deu um beijo carinhoso nos lábios.

Os rapazes se despediram de nós e saíram do quarto, apagando a luz. Eu me ajeitei na cama e fiquei olhando, sonolenta, para o teto.

— Você me perdoa? — Perguntei.

— Eu ainda estou puta da vida com você. — Mônica respondeu. — Salvar a minha vida meio que ajudou, mas ainda estou muito chateada com você.

— Eu sei... — O meu discurso ensaiado morreu quando o sono veio.



CAPÍTULO 16

Ficar de cama é um saco. Pior que isso é ficar de cama na casa da sua mãe, a milhões de quilômetros de distância do seu *crush*. Como Quim e eu estávamos quebrados, eu sem poder andar, e ele sem mobilidade na mão, tivemos que ser cuidados por nossas mães.

Trocamos mensagens, ligamos, fizemos chamadas pelo Skype e tudo mais todos os dias. Estávamos parecendo um casal de adolescente apaixonados. Mas isso foi bom, conhecemos melhor nossos gostos por música, filmes, livros, viagens, enfim, tudo. Eu teria que ceder no quesito música, e ele teria que ceder na parte de filmes, mas, fora isso, não teríamos grandes problemas.

Mônica foi outra história. A bichinha, quando queria ser teimosa, conseguia. Demorou um século mais um caminhão de mensagens para ela voltar a falar normalmente comigo. Ficamos os três quinze dias de molho em casa e finalmente estávamos voltando das nossas férias obrigadas naquele dia. Eu estava morrendo de vontade de abraçar a louca, e isso queria dizer algo, já que não gosto de abraços.

Como sempre, saí atrasada de casa, peguei o metrô cheio, briguei com um cara que estava sentado no lugar de idoso e não queria sair para uma senhorinha sentar. Já que estava atrasada, passei na Starbucks e peguei três *moccas* e três bolinhos, dois de chocolate e um de morango, porque o senhor “eu tenho o cabelo

de fogo” não ia muito com a cara do chocolate. Sério, eu não deveria confiar no Quim, alguém que não gosta de chocolate não podia ser confiável. Chegando no prédio, óbvio que me atrapalhei com a catraca e finalmente entrei no elevador.

— Primeiro dia de volta ao trabalho, e já está atrasada, Charlene? – Ouvir aquela voz grossa pelo telefone não era nada comparado a ouvi-la pessoalmente no pé da sua orelha em um elevador, seguida de mãos fortes me abraçando por trás.

— Bom dia para o senhor também. – Resmunguei mais por hábito do que por raiva. – Como tem passado? Dormiu bem? Eu dormi maravilhosamente bem, se você quer saber.

Quim Gargalhou.

— Bom dia, minha *enfezadinha*. – Respondeu e me deu um beijo no pé da orelha. – Não marque nada para o almoço.

— Por quê? – Sentir aquele toque na minha pele me deu um arrepio gostoso.

— Teremos um almoço executivo. – A porta do elevador abriu, e ele saiu e a segurou para mim.

— Espera. – Pedi ao parar na porta de entrada do nosso andar enquanto ele passava o crachá para entrarmos. – O que você quer dizer com “teremos um almoço executivo”?

— Use a imaginação, Charlene. – Ele caminhou pelo corredor que separava as baias.

— Olha que a minha imaginação é bem fértil. – Olhei para a bunda dele no jeans escuro. A vontade de apertar estava me corroendo. Espera, Quindim de jeans! Ai, minha Nossa Senhora das Calcinhas Molhadas, o homem queria me enlouquecer.

— E eu gosto dela. – Quim olhou para trás e sorriu.

— Certo. — Mostrei a língua para ele. — Vou pensar em um monte de coisas. — Em especial, que vou ter que morrer em uma fortuna para conseguir uma depilação imediatamente. Céus! Como eu não lembro qual foi a calcinha que eu coloquei?

— Um destes cafés é para mim? — Ele parou perto da mesa de Mônica. Balancei a cabeça, afirmando, e ele pegou um copo. — Bom dia, Mônica, vou precisar dos relatórios dos últimos vinte dias.

— Já estou providenciando, bom dia. — Mônica ficou nos olhando de maneira estranha.

— Tem bolinho também. — Deixei os cafés em cima da mesa de Mônica e alcancei Quim antes que entrasse na sala. Ele olhou para o saco e depois para mim. Pegou o primeiro e me deu um selinho.

— Obrigado, querida. — E me deixou sem ação na porta da sala. Quim acabou de oficializar o nosso rolo na frente de mais de metade da empresa?

— Vem, Chay. — Mônica pegou em minha mão e quase me arrastou para a cozinha. — Acho que você está precisando de uma dose extra de açúcar.

— Você viu o que eu vi? — Perguntei, boba para ela. — Ele me beijou na frente de todos e me chamou de querida.

— Sim, eu vi. — Mônica colocou açúcar nos dois cafés, mexeu e me entregou um. — Agora beba. — Peguei o copo e bebi o líquido quente, que desceu rasgando. — Vocês ainda não conversaram sobre o status de relacionamento de vocês?

— Ainda não. — Tracei com o dedo o meu nome escrito no copo. — Ele não tocou no assunto, conversamos sobre tudo nesse tempo, mas não sobre isso.

— E por que você não toca?

— É mesmo... — Só porque eu sou mulher, não queria dizer que teria que esperar por ele. — Hoje, no almoço executivo, vou pedir para ele.

— Almoço executivo? – Balancei a cabeça confirmando. – Tipo, o almoço executivo, ou só uma reunião entre colegas?

— Eu não sei. – Joguei as mãos para cima. – Ele disse para eu imaginar o que significaria isso.

— Jesus. – Mônica balançou a cabeça e começou a rir. – Vocês dois.

A porta foi aberta, e por ela passou o *Duuu*.

— Bom dia, meninas.

— Bom dia, *Duuu*. – Respondemos. O cara pegou um café na garrafa térmica da sala e saiu. Claro, antes disso, deu uma bela de uma secada na Mônica.

— E aí? Esse enrolo tem jeito? – Perguntei para ela.

— Não sei. – Mônica desviou o olhar para o café. – Nós conversamos bastante ontem. – Eu tinha esquecido que ela voltara dois dias antes para o trabalho. – Eu contei para ele mais ou menos a história de Bruno e avisei que, no momento, não estava muito a fim de um relacionamento.

— E? – Quase caí da cadeira, na ânsia de chegar mais perto dela.

— E nada. Podemos trocar um ou outro beijo por aí, sair, às vezes, mas não vou entrar em um relacionamento. – Olhei bem para minha amiga e dei de ombros, iria apoiá-la na decisão que tomasse, mas claro que antes faria a advogada do diabo para que ela tivesse a certeza absoluta da decisão e não se arrependesse depois. – Ele não gostou muito, porém aceitou.

— Acho bom. – Estalei os dedos da mão. – Ainda não bati em ninguém.

— Você é tão violenta. – Nós duas gargalhamos.

Consegui uma depilação em cima da hora, felizmente estava com um conjunto azul de renda fofo que tinha ganhado da Mônica e consegui ficar pronta

ao meio-dia, horário em que Quim veio no meu cafofo me buscar para o tal do almoço, que realmente era executivo. Nós nos reunimos para discutir a expansão do escritório. No encontro estavam o dono da empresa, seu filho e mais outros dois. Eu finalmente teria uma equipe, seria a chefe da coisa toda e eles iriam me contratar, não seria mais uma terceirizada, seria aberta uma filial, pois essa não estava mais suportando o volume de clientes.

Apesar da notícia, estava um pouco desapontada pelo almoço executivo não ser aquilo que eu estava imaginando, ou seja, ter um Quim nu debaixo de mim, ou em cima. Para mim, tanto faz, o importante era estarmos tão conectados quanto seria possível.

— Reserva no nome de Joaquim. — Estava tão absorvida em meus pensamentos que não notei para onde estávamos indo depois que entrei no carro com ele. Quando olhei ao redor, vi que entrávamos em um dos melhores e mais caros hotéis da região. Quim pegou a chave da mão da recepcionista e guiou o carro até a vaga indicada. — Quero só ver como anda essa sua imaginação.

O carro foi tomado pelo som da minha gargalhada espalhafatosa. Quim parou o carro e tirou o cinto de segurança, tomou meu rosto em suas mãos e me olhou profundamente.

— Você me trouxe para um completo almoço executivo? — Perguntei enquanto esfregava o meu rosto em suas mãos.

— Sim, senhora, está mais do que na hora de eu ter você inteirinha. — Quim me beijou com vontade, como se fosse um homem sedento no meio do deserto e eu fosse a sua única fonte de alimento.

Explorou a minha boca enquanto suas grandes mãos geladas se enfiavam dentro de minha blusa. Senti um arrepio com o contraste da temperatura, a dele fria e a minha, quente. Soltei um longo gemido contra sua boca. Ele mordeu o meu lábio inferior, e eu senti um choque nos países baixos.

— Quim... — minha voz saiu como um lamento, queria mais, precisava de mais. De contato pele a pele, aquele monte de roupas só estava atrapalhando.

Comecei a desabotoar sua camisa com urgência.

— Calma, minha pequena. — Quim segurou as minhas mãos. — Preparei umas surpresas para você. — Fiz beicinho quando ele me largou, saiu do carro, dando a volta, parou ao lado da porta do passageiro e a abriu. Como um cavaleiro, me deu a mão para sair, e é claro que eu tinha que me atrapalhar com o cinto, minhas mãos tremiam, a fivela idiota não queria abrir. — Deixa que eu faço isso.

Ele me levou para o quarto reservado. Quando entrei, fiquei parada por uns instantes, vendo a graciosidade do lugar. Uma grande cama oval ocupava o centro do lugar, do seu lado, uma banheira branca, o chão acarpetado tinha várias pétalas de flores espalhadas por todos os lugares. Havia uma mesinha com champanhe e morangos cobertos com chocolate. Em um outro móvel, vi algumas bandejas com outros tipos de comidas.

— Gostou, minha pequena? — Quim me perguntou ao me apertar em seus braços.



CAPÍTULO 17

Dei mais uma olhada para o quarto todo e depois me virei em seus braços.

— Só você mesmo para me chamar de pequena. — Dei um beijo em seu peito e mirei seus olhos claros. — Eu amei tudo. Nunca ninguém fez nada assim para mim. — Quim sorriu, não um pequeno sorriso, curvando os lábios para cima, o que se tornou seu habitual, mas sim um verdadeiro, daqueles que vemos em comerciais da Colgate, mostrando todos os dentes.

— Quero que hoje seja muito especial para nós, pois vai marcar uma data importante em nosso relacionamento. — Comecei a pular igual uma garotinha internamente, finalmente teríamos um status, mas tentei transparecer que tudo não passava de um dia comum.

Quim me levou até próximo da banheira. Ligou as torneiras e testou a temperatura da água. Quando se deu por satisfeito, sentou na beirada e me atraiu para perto dele. Naquele momento, gostaria de estar usando um lindo vestido igual aquelas mulheres magrelas usam na Paulista, com meia-calça e sapatos delicados e altos, que te fazem perguntar como elas não caem de toda aquela altura absurda. Mas não, eu tinha que estar com os meus costumeiros jeans, tênis e camiseta de alguma banda. Dei de ombros mentalmente, pois pelo menos a lingerie era bonita. Outra, ele me conheceu assim, então teria que se contentar.

Meu ruivo começou por meus tênis horríveis e ortopédicos, o tornozelo não estava muito bom ainda. Teria que começar fisioterapia em breve... Meus pensamentos foram interrompidos pela gargalhada de Quim. Olhei para baixo e notei que ele estava admirando minhas meias.

— Minions? – Ele me perguntou.

— Não sei se fico mais surpresa por você saber o que é ou por você ainda não ter se acostumado que eu sou uma nerd que ama desenhos. – Mostrei a língua para ele e mais uma vez desejei ter me preparado melhor para nossa primeira vez (o banho de esponja não conta).

— Você é uma complexa mulher de mil faces, e estou amando conhecer todas elas, pois compõem a incrível pessoa que você é.

Dito isso, ele mandou os Minions embora junto com a calça jeans e a blusa do Nirvana. Fiquei em sua frente somente de calcinha e sutiã rendado. Ele me olhou de cima a baixo bem lentamente, e eu sentia que seu olhar acariciava a minha pele.

— Você é linda, sabia?

— Eu me sinto linda quando você olha para mim assim. – Levei meus dedos ao cabelo vermelho dele e o acariciei.

Quim começou a tirar as últimas peças do meu vestuário. Ele levantou e me ajudou a entrar na banheira, onde antes tinha colocado sais de banho perfumados.

Fiquei o olhando retirar as próprias roupas. Quim era lindo, o corpo perfeito de uma pessoa que fazia exercícios regularmente, mas não como aqueles caras aficionados por academia. Sabia que ele gostava de jogar bola nos finais de semana ou correr de vez em quando. Ele era, verdadeiramente, uma daquelas pessoas que falamos serem magras de ruim, pois o bichinho comia com vontade. Eu até já tinha pedido a ele um casal de solitárias quando a dele desse cria.

— O que a mocinha está pensando? – Quim me perguntou ao sentar atrás de mim e começar a colocar minhas tranças dentro da touca de banho.

— Estou admirando sua beleza. – Ele terminou seu trabalho e virou o meu rosto, pegando meus lábios em seguida e me dando um beijo gostoso. – Mais. – Pedi quando terminamos. Sorriu e balançou a cabeça em negativa. Meu ruivo pegou uma esponja nova, colocou uma grande quantidade de sabonete nela e em seguida foi me lavando. Não preciso dizer que, quando terminou, eu estava prestes a gozar ali mesmo. Fiquei de joelhos na banheira e dei o mesmo tratamento em seu corpo, porém o pequeno tratante ficava me distraíndo com seus beijos quentes. No final, saímos da banheira, pois a água esfriou, e nos revezamos em secar um ao outro. Em seguida, ele me levou para a cama oval, e ali as coisas pegaram fogo.

Começamos com um sexo urgente, nada de preliminares – a não ser que você conte o tempo de banheira como preliminar. Aos poucos, o quarto foi inundado com o barulho de nossas respirações ofegantes, da carne batendo contra carne, da cama gemendo. Uma loucura completa, rápido, intenso e gostoso.

Depois de passar a urgência, veio a calma, e o sexo foi substituído pelo amor. Rimos e brincamos um com o outro, comemos os morangos, bebemos a champanhe, saciamos corpos e almas.

— Casa comigo? – Perguntei. Estávamos deitados na cama. Quim brincando com as minhas trancinhas, e eu fazendo pequenos círculos em seu peito.

— Como? – Quim sentou com tudo na cama e arregalou os olhos para mim. – Você está falando sério?

— Casa comigo? – Perguntei novamente, também sentando e enrolando o lençol em volta do meu corpo.

— Não. – Por essa, eu não esperava. Baixei o meu rosto para o lençol de cetim, desejando pela milionésima vez que minha boca e meu cérebro tivessem conversado antes. O que eu estava achando? Se ele quisesse algo comigo, já tinha pedido, não é? Claro que era só mais uma transa. Aposto que ele só fez isso porque estava em dívida comigo, afinal, eu salvei a vida dele, né? – Charlene? –

Ele levantou o meu rosto, e eu virei com tudo. Se eu olhasse para ele, me desmancharia em lágrimas.

— Tudo bem, é cedo para isso, não é? – Dei uma risadinha que mais pareceu um chiado. Quim me puxou para seu colo. – Nem somos namorados ou coisa parecida.

— Não vou aceitar o seu pedido, porque sou eu quem vai fazer. – Aquilo não fazia sentindo nenhum. Parei de me remexer em seu colo e olhei para ele. – Nós vamos casar, porém sou eu quem vai fazer o pedido. – Quim repetiu.

— E por que não posso fazer o pedido? – Cruzei meus braços e o encarei.

— Porque isso é coisa de homem...

— Não seja machista, quindim. – Apertei as bochechas dele. Olhei bem para os seus olhos e vi sua expressão grave. Aquilo era importante para ele. – Tudo bem, você pede, mas o tema do casamento, eu escolho. – Ele me deu um lindo sorriso, e eu estava começando a amar aqueles sorrisos dele.

Quim saiu da cama e foi até a mesa onde estava a comida que nem tínhamos prestado atenção até aquele momento. De uma das travessas cobertas, ele pegou algo. Voltou e se ajoelhou no chão ao lado da cama.

— Quer casar comigo, Charlene?

Ele abriu a caixinha preta de veludo, e pude ver um anel de noivado de prata com uma pedra em formato de coração. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto em toda a minha vida. E eu iria chorar mesmo. Olhei para o teto, para que as lágrimas traiçoeiras não se derramassem em meu rosto.

— Eu não sei. – Bati o meu dedo no canto da boca. – Será que eu devo?

— Sério, Charlene? – Vi Quim revirar os olhos e puxar a minha mão para a dele. Ele colocou o anel em meu dedo e soltou em seguida. Olhei para os meus dedos e vi aquela lindeza. Não resisti, pulei em seus braços e fomos os dois para o chão. Comecei a dar um monte de beijinhos nele enquanto dizia sim, várias e várias vezes.

— Você já tem a ideia do tema do nosso casamento? – Quim me perguntou quando estávamos saindo do quarto na manhã seguinte, depois de um delicioso café da manhã e mais um banho de banheira – não era todo dia que tínhamos uma banheira para usar, né?

— Sim, sim. – Dei o meu melhor sorriso de *anja* que sou.

— E qual seria ele? – O olhar desconfiado dele era muito fofo. Caminhei até Quim, fiquei nas pontas dos pés e dei um beijinho em seus lábios.

— Harry Potter. – Sussurrei em seu ouvido enquanto dava uma leve apertada em seu pau.

— Como é que é? – Quim quase gritou.

— Você ouviu bem. – Comecei a dançar *Despacito* na frente dele, ou pelo menos uma versão Chay. – Você preferiu fazer o pedido, e eu fiquei com o tema. Vai ficar uma graça de uniforme de Hogwarts. – Apertei a bochecha dele. – Um lindo Weasley. – Gargalhei enquanto finalizei minha incrível performance da música porto-riquenha.

Fim, ou não, talvez sim, claro que não. Ainda tem o casamento.

Não percam o próximo capítulo desta história: o casamento de Chay e Quim ao som de *Despacito*.

Beijos da Chay, uma garota meio louca.

Fim



"O IDIOTA ATIROU A FLECHA
NA PESSOA CERTA"

O CUPIDO NÃO

Bebeu

GIL FOX

Ficha técnica

Capa: Daniella Moreno

Revisão: Clara Taveira e Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

Diagramação Digital: Daniella Moreno

CIP – Brasil. Catalogação na Fonte

Catalogação pela Editora

Fox791c

Fox Gil- O cupido não bebeu/Gil Fox. São Paulo:
Livros Prontos Editora, 2018

1. Romance Brasileiro. I Título.

CDD B869.93

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da
imaginação da autora.

Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios —
tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epilogo](#)



Capítulo 1



Peguei a escova de cabelo de Quim e comecei a cantar junto com a música:

“Carry on my wayward son.

There'll be peace when you are done.

Lay your weary head to rest. Don't you cry no more.”

Hi, pessoas lindas do meu coração! Beleza? Não. Isso não é o início da nova temporada de Sobrenatural^[10]. Nada de Dean delícia e Sam gostoso para vocês. Se você está aqui é porque leu o primeiro livro da história da minha vida. Se não leu, está perdendo algo muito foda, cheio de emoção, aventura, romance e umas coisinhas a mais. Vou dar um resuminho básico para quem tem preguiça de ler ou é igual a mim, que esqueço de tudo.

Nossa história começa com a minha pessoinha tentando dar uma de cupido e arranjar um cara para a minha amiga Mônica, mais conhecida como a gostosa

Momo. Gente, juro para vocês que pegava ela fácil, apesar de ser um pouco confusa, um montão dramática, mais teimosa que mula empacada — ou seja, um doce de pessoa, tão doce como um quebra-queixo.

O cara sortudo que teria a chances de levar esse superpacote para casa se chama Eduardo. Isso mesmo, minha gente, eu estava agitando as coisas para o Eduardo e a Mônica. Som na caixa, produção:

Quem um dia irá dizer que não existe razão nas coisas feitas pelo coração?

Apesar de não ser o casal fofo da música, esse Eduardo e essa Mônica não deram muito certo. Por quê? Basicamente o Eduardo é um paspalho, juro que me dá vontade às vezes, quase sempre, de dar na cara do moreno idiota, o melhor amigo do meu Quindim. Nunca dá uma dentro. Tudo bem que não ajudou em nada o ex-namorado psicótico, do tipo “se você não ficar comigo, não fica com mais ninguém”, da Momo aparecer e quase nos matar — se não fosse a minha brilhante direção digna de Velozes e Furiosos (chupa, Toretto), nós não tínhamos conseguido escapar com vida do maluco do Bruno.

— Já acordou toda animada, Charlene? — *Esse que vos fala é o maravilhoso Quindim. Meu namorado/noivo/futuro marido/cruz da minha vida. Ruivo, alto, malhado, gostoso, meu chocolate branco com morango.* — Quer ir correr comigo?

— Por mais que eu te ame muito, nada no mundo vai me fazer sair daqui para correr. — Eu me aproximei dele e passei a minha mão por seu peitoral até

chegar no cóis do seu short. — Prefiro fazer exercícios na horizontal, se é que você me entende.

— Você está menstruada então não podemos fazer esse tipo de exercício na horizontal, por isso vou correr.

Eu havia marcado uma consulta médica na segunda-feira seguinte com a minha ginecologista. Ia pedir um anticoncepcional que interrompesse minha menstruação, era uma tortura ter todos aqueles músculos perfeitos para mim, e não poder usar.

— Passa na padaria e traz alguma coisa bem gostosa para mim?

Quim sorriu e me deu um beijinho nos lábios saindo do banheiro, e eu o segui.

— Além de mim? — Levei alguns segundos para perceber que o ruivo tinha falado uma frase de duplo sentido. Em minha defesa, a bunda linda dele me distraiu.

— Meu Deus, Quim. Eu estraguei você. — Encostei na porta do banheiro e fiquei admirando o meu homem terminar de se arrumar. — Um Quindim trazendo um quindim. Dose dupla de gostosura. — Bati o dedo no canto da boca, pensativa.

— E você é a minha melhor parte, Charlene.

O que você faz em uma hora dessa? Surta? Sai gritando que nem louca? Gente, é muita fofura para um ruivo só. Está certo que a maior parte do tempo ele me tira do sério. Nós vivemos trocando farpas, isso já dura cinco anos, e não é

porque estamos noivos, que iria mudar: ele é muito sério e certinho, e eu, muito bagunceira e meio louca.

— Não se esqueça que vamos almoçar na minha mãe hoje.

— Não me esqueci, estou morrendo de saudade dela. — Vi Quim suspirando pesado. Se tinha alguém mais doida que eu, com toda certeza era a mãe do Quim. Ainda tenho as fotos dele sendo alimentado por Fátima, com babador e tudo. Isso me fez lembrar que o desgraçado do Bruno, ex da Momo, quase matou meu Quindim. Se ele não tivesse virado hambúrguer na Imigrantes, eu teria feito picadinho dele.

Bem, como vocês podem ver, não presto para cupido. Ao invés de arranjar um namorado para a minha amiga, acabei com um ruivo gostoso. Depois de tantos arranca-rabos, ficamos juntos, e o doido me pediu em casamento. Na verdade, eu que pedi, mas ele não aceitou porque queria pedi — que coisa mais besta. O bom de tudo isso foi que eu ganhei o direito de escolher o tema do casamento, que seria Harry Potter.

Sim, sim, sim, eu sou uma nerd que gosta de desenhos, animes, mangás, HQ, séries, filmes, *action figures* colecionáveis que vão ficar lindas juntas dos carrinhos do Quim.

Conversamos e chegamos à conclusão que o apartamento dele era melhor para vivermos, já que era maior e estava completamente quitado — o meu era menor e eu morava de aluguel. Foi uma briga decidir sobre as contas da casa, já que ele queria assumir tudo, então depois de muita conversa e uma ameaça de

contar para todo mundo o fiasco com a barata, ele cedeu. Eu pagaria a internet, Netflix e parte da despesa com a comida, ele, a luz, condomínio (que já incluía água e gás) e a outra parte da comida. No final, ele estaria com o mais caro, porém me sentia muito melhor dividindo as coisas, já que agora seríamos uma dupla. Como:

Batman e Robin — deixei que ele fosse o Batman, já que era todo caladão, sem contar que pegar o Batman é tudo de bom;

Feijão com arroz — sendo eu o feijão, por ser pretinha, e ele, o arroz, por ser branquinho. Quando disse isso para ele, Quim ficou me olhando com uma cara estranha;

Bata frita com sorvete;

Pizza com Coca-Cola;

Bolacha de maisena com maionese — nesse ele me chamou de louca. Só revirei os olhos, porque é tudo de bom comer aquela mistura.

Enfim, somos uma dupla incrível.

Escutei meu telefone tocando e fui buscá-lo em cima da mesinha ao lado da cama já arrumada. Isso só queria dizer que o senhor perfeição passou por ali. *Será que Quim tinha TOC?* Olhei para o visor e vi o nome de Momo.

— Fala, doida — disse, ao atender o telefone.

— Oi, Chay, o que você vai fazer de bom hoje? — ela me perguntou. Fui em direção ao cesto de roupa suja, no canto do quarto, e o agarrei. Em seguida, saí

do meu mais novo ninho de amor e fui em direção à lavanderia.

— Vou dar uma arrumada na casa, e hoje tem almoço com os futuros sogros. — Estava com um friozinho na barriga, como se fosse acontecer algo ruim. O que era totalmente injustificado, já que a mãe e irmã de Quim eram incríveis.

— Chay dona de casa, *uhhhh*. — A paspalha riu da minha cara.

— Quim é *todo certinho* com as coisas, acho que ele tem TOC. — Ao passar para cozinha, reparei que não tinha uma única peça de louça suja na pia, meu ruivo deve ter lavado quando acordou. — Estou tentando não ser selvagem, para ele não desistir de mim.

— Você já sabia desse lado dele. — Momo tinha razão, eu sempre soube muito bem como o Quim é.

— Não estou reclamando...

— Mas?

— Tenho medo que a minha bagunça acabe estragando tudo. — Deixei o cesto de roupa suja no chão e abri a máquina de lavar. Fui selecionando as roupas, para colocar na lavadora as peças de acordo com a cor.

— Ele também conhece você. Então pare de frescura e não tenta se sabotar. — Momo me conhecia bem, bem até demais, porém ninguém poderia me culpar, meu lindo e gostoso Quim era muita areia para o meu caminhãozinho. — Chay,

vou usar sua frase preferida. — Momo fez uma pausa. — Eu vou aí dar na sua cara para você parar de *frescuragem*.

— Tá bom. — Suspirei. — Nos vemos amanhã?

— Claro que sim, esqueceu que sou sua madrinha? — Fechei a tampa da máquina e olhei para o anel no meu dedo.

— Quem disse que você é minha madrinha? Eu não fiz pedido nenhum. — Comecei a sorrir ao ouvir o bufar que minha amiga deu, dava até para imaginar a cara dela revirando os olhos.

— Acho bom eu ser pelo menos ser sua dama de honra. — Podia imaginar o bico do tamanho do mundo que ela estava fazendo no momento.

— Larga de ser besta, claro que vai ser a minha dama de honra. — Deixei a máquina funcionando, voltei para o nosso quarto e deitei na cama. — Hoje vou conhecer o pai dele, o cunhado e os sobrinhos. Saindo de lá, vamos para Praia Grande, para casa dos meus pais. Dormimos lá e voltamos amanhã depois do almoço.

— Eita, tudo muito rápido. — Olhei para o teto perfeitamente pintado e limpo. Quim tinha uma diarista que vinha toda semana cuidar da limpeza. Ele disse que a manteria, já que não achava justo eu trabalhar todos os dias e ainda chegar em casa e arrumar as coisas. Sinceramente, acho que o ruivo não existe.

— Quando contei para minha mãe sobre o Quim, ela passou uma hora no telefone reclamando que não o conhece, que só o viu de relance no hospital. Então

vamos fazer um bate e volta na casa dela esse final de semana. — Tínhamos tantas coisas para fazer, que só de pensar, me dava desânimo.

Eu tinha me tornado chefe de um único funcionário, mas e daí? A nova sede tinha sido entregue para nós naquela semana, os equipamentos tinham chegado na terça, e eu estava todos aqueles dias montando o cabeamento do lugar, preparando cada computador nas baias certas e montando o servidor. Minha sala sofreu um upgrade: por causa do datacenter, tinha espaço para três pessoas transitarem tranquilamente no local.

— Dona Mara sabe das coisas. — Revirei os olhos. Momo e minha mãe se tornaram ótimas amigas, daquelas que trancam WhatsApp e tudo mais. — Se quiser, podemos adiar.

— Nem vem, a senhora está querendo fugir do Eduardo. — O moreno veio se queixar comigo que Momo não o atendia. Na empresa, fugia como se o fosse o próprio tio Lúcifer. Eu estava ficando com dó do cara.

— Pode ser...

— É. — Cortei. Eu até entendi o receio de não querer se envolver com alguém depois do Bruno, mas isso não era motivo para viver como freira pelo resto da vida. Momo precisava de alguém para, pelo menos, ajeitar as coisas nos países baixos. — Já disse para você usar o corpinho do Duuu.

— Chay! — Tirei o telefone do ouvido devido ao grito que ela deu.

— Ah, vai. Qual é o problema de sexo sem compromisso? — Gente, estamos em um mundo moderno.

— Nenhum. Só que ele quer mais. Eu quero sexo sem compromisso, e ele quer namorar, trocar aliança e tudo mais. — Sentei na cama e senti meu útero gritar; *meu Jesus Cristinho, porque além de sangrar, temos que ter cólicos? Me diga? Senhor, juro que quando eu chegar no céu vamos ter uma conversinha sobre isso.*

— Você não quer compromisso, e ele quer, é isso?

— Sim. — Mônica suspirou. — Tivemos uma longa conversa, bem longa mesmo, na qual eu expliquei tudo o que tinha ocorrido no passado e por que não estou pronta para um relacionamento. Ele disse que entendia, e nós meio que estreamos o novo prédio...

— PUTA QUE PARIU DE RODINHAS ROSA CHOQUE! — Foi a minha vez de gritar, porque eu não estava acreditando no que ela tinha dito. — Você e o Duuu fizeram sexo no escritório?

— Sim...

— Sua vaca! Não acredito que você não me contou nada.

— Você estava toda ocupada com o novo serviço e...

— Eu vou dar na sua cara quando eu te encontrar. Vou deixar meus cinco dedinhos na sua linda e maravilhosa cara de princesa... — Monica gargalhou do outro lado da linha, a filha da mãe. — Só por isso vou te fazer carregar os negócios mais pesados da mudança.

— Bem capaz de eu derrubar tudo e quebrar suas coisas, sua doida.

Pensando por esse lado, ela tinha razão, nunca conheci ninguém mais desastrada que a Mônica em toda a minha vida.

— Bem, vou te contar tudo quando tivermos um tempinho para sentar e conversar direitinho.

— Vai ter que me pagar um café da Starbucks e um bolinho. — Se eu iria chantagear minha amiga? Sim, eu iria.

— Você quer que eu vá a falência. — Sorri, animada.

— Culpa toda sua.

Conversamos por mais uma meia hora. Mônica e eu nos víamos todos os dias, mas sempre tínhamos assunto. Depois, encerrei a ligação, voltei na lavanderia e constatei que a máquina tinha parado. Enquanto estendia a roupa, fiquei pensando na loucura que era tudo aquilo. Eu, Charlene, ia me casar com o Joaquim Gostosinho da Silva Sauro. Tinha certeza absoluta que ainda ia acordar daquele sonho maluco ou ia descobrir que a Matrix falhou e criou um universo alternativo.



Capítulo 2



A casa dos pais do Quim ficava em um bairro tranquilo de São Paulo, onde havia muitas árvores, pessoas caminhando com seus cachorros, crianças brincando — isso mesmo, havia crianças na rua brincando, isso deveria ser um fenômeno. A era da tecnologia veio para estragar pequenas coisas assim, era muito difícil ver tal cena.

— Chay, minha linda. — Desviei os olhos de uma menina correndo na rua atrás de um garoto e olhei para uma Fátima sorridente, que abria os braços para mim. Saí do carro e fui até ela.

Tem um fato que quase ninguém sabe sobre mim: eu odeio abraços. Alguém pode me dizer quanto tempo se deve ficar apertando as pessoas antes de soltar? Ou quando você conhece uma pessoa nova e não sabe se aperta a mão ou se dá um beijo ou se faz os dois e ainda dá um abraço: isso é confuso pra caramba. Será que tem algum manual que explica essas coisas? Sem falar nas diferenças regionais: fui ao Rio de Janeiro, e o povo lá costuma dar dois beijos no rosto,

então passei a maior vergonha várias vezes, quando as pessoas esperavam o segundo beijo, e eu me esquecia desse detalhe.

— Estou tão feliz com a notícia. — Fátima me largou e foi até o filho. — Não acredito que finalmente o meu bebezinho vai se casar. — Olhei para cima e admirei o arco do portão de ferro enquanto mordida o lábio para não cair na gargalhada. — E ainda mais com uma beldade dessas. Você foi muito sortudo, Joaquim.

— Escuta sua mãe, Quindim, mãe sempre sabe das coisas. — Dei meu sorriso Colgate enquanto via Quim revirar os olhos.

— Papai está em casa? — Quim perguntou.

Entrei no quintal e peguei em sua mão. Meu sentido aranha começou a apitar como louco, e eu não sabia o porquê. Fátima ia responder alguma coisa, quando duas cabecinhas loiras vieram correndo em nossa direção.

— Titio! — gritaram e se lançaram cada um em uma perna.

— Ei, pessoinhas, como vão? — Quim abriu o sorriso número um. Esse era o que mostrava todos os dentes e até mostrava as covinhas, extremamente raro. Só apreciava em ocasiões especiais, você deveria ter muito cuidado para não espantar aquele pequeno gesto.

— Quem é essa? — Um dos meninos apontou para mim enquanto segurava a perna com a outra mão. Seus olhos eram de um intenso azul bonito, as crianças pareciam ter saído de comerciais da Johnson & Johnson.

— Ela parece a Moana — disse o outro. Não conseguir segurar o sorriso.

— Quem? — Quim perguntou.

— A Moana, tio, a menina mais irada — o menino da direita falou, ou seria o da esquerda? Saco, não importa, uma das diretas certas. — Ela surfa ondas animais.

— Eles agora querem ser surfistas. — Olhei para a porta da casa e vi Maria encostada. Quim começou a andar naquela direção com os dois meninos ainda agarrados, parecia que aquilo era uma antiga brincadeira deles, pois os dois riam, contentes.

— O Quim não entende de desenho. — Acompanhei todos até chegar em Maria, que me deu um beijo no rosto, me poupando de descobrir como a cumprimentar. — Mas eu vou ensinar para ele.

— Qual o seu nome? — o menino da direita errada perguntou.

— Eu me chamo Chay, e você?

Ele levantou e estendeu a mãozinha para mim. Deveria ter uns cinco ou seis anos.

— Sou o João...

— Eu sou o Afonso — o irmão o interrompeu e o empurrou para pegar na minha mão primeiro. Para não ter briga, dei uma mão para cada.

— Muito prazer, senhores. — Apontei para as camisas de super-herói que estavam usando. — Batman e Superman?

— O Batman é o melhor — João disse. Dava para saber quem era quem, pois eles não eram idênticos, apesar de gêmeos.

— O Superman. — Afonso deu uma cotovelada no irmão.

— Nem um e nem o outro. — Olhei para os dois de canto de olho.

— A Mulher-Maravilha é a melhor — disse a eles, sorrindo.

— Isso eu tenho que concordar. — Maria gargalhou. — Ela faz tudo que os meninos fazem e ainda de salto. — Pegando no meu braço, Maria me puxou para dentro da casa. — E ainda coloca ordem na bagunça dos meninos — finalizou e me deu uma piscadela.

A casa da mãe do Quim era simplesmente... nem sei que palavra usar, havia tantas cores em tantos lugares, que foi um assalto a todos os meus sentidos. As paredes eram vermelhas e amarelas, o sofá, preto e branco, as almofadas, coloridas igual aos tapetes de barbantes, e não tinha um lugar onde não se viam fotografias de várias pessoas. À esquerda — tive de parar e olhar para mão para saber a direção; em minha mão esquerda tem uma queimadura, então eu estava olhando para aquele lado — tinha uma escada de caracol que dava o andar de cima, depois dela, uma grande mesa de carvalho com seis lugares já estava posta para o almoço. Vi uma porta que provavelmente daria na cozinha.

— Onde está o Breno? — perguntou Quim, agarrando os sobrinhos e colocando um de cada lado dos ombros. As crianças davam gritinhos de alegria e riam, contentes com o tio, uma cena tão terna. Do nada, surgiram lágrimas nos meus olhos, então pisquei várias vezes para não chorar. Aquilo foi estranho.

— Lá no quintal cuidando da churrasqueira. — Maria apontou para a porta do outro lado do cômodo. Quim caminhou para lá com os meninos.

— Os meninos não vão dar um minuto sequer de paz para o Quim. — Maria fez careta.

— É estranho vê-lo tão à vontade e sorridente — comentei.

— Realmente, Quim só age assim quando está com os meninos. — Maria concordou.

Da escada veio barulho de gente descendo. Um homem vestido de calças sociais e camiseta polo apareceu em minha linha de visão. Quando nossos olhos se cruzaram, eu senti um calafrio na espinha. O cara, que parecia uma versão mais velha do meu Quindim, me olhou de cima a baixo e depois fechou a cara, descontente.

Olhei para mim mesma. Estava de vestido — sim, minha gente, larguei os coturnos, jeans e camiseta de banda e coloquei um *vestido*. Eu estava de menina, com sandália de saltinho, um batom nos lábios e lápis no olho, e estava curtindo meu *look* meio Momo, até o momento em que aquele homem me olhou.

— Pai, essa é a Charlene, noiva do Quim — Maria nos apresentou, toda alegre. O meu futuro sogro levantou a sobrancelha grisalha e me deu mais uma olhada. — Chay, esse é meu pai, Manoel.

— Prazer. — Desta vez, nem precisei me preocupar se tinha que dar beijo, aperto de mão ou abraço. Manoel simplesmente virou as costas e seguiu o mesmo caminho do filho.

— Mas que bicho *mordeu ele*? — Maria perguntou.

O rosto de Fátima ficou vermelho, e ela simplesmente balançou a cabeça, incomodada. Não precisa ser um gênio para descobrir que ele não tinha ido com a minha linda carinha maquiada. Realmente deveria ter vindo de tênis e camiseta, afinal, se era para o cara me desaprovar, que fosse de maneira confortável, pelo menos.

— Chay! — Fátima bateu palminhas e foi até um móvel, onde ficava a televisão. De lá, ela trouxe uma caixa de madeira. Maria deu um longo gemido ao ver a caixa. — Fotos do Quim quando pequeno.

Minha criança interior estava dando cambalhotas de alegria, a minha vadia, também, a deusa, a centrada mulher e a meio doida, idem. Todas elas estavam muito alegres em ver aquela caixa e poder descobrir os podres do senhor perfeitinho.

Durante todos esses anos em que nos conhecemos, Quim sempre despertou a minha intensa curiosidade. Você sempre podia contar com ele, era a pessoa que em um desastre de avião andaria pela mata procurando o seu sapato perdido^[1]. Organizado, beirando a obsessão, e muito justo, ele não se deixava ser subornado por nada. Acredite, eu já tentei várias vezes, sempre com comida. *Será que com sexo funcionária?*

Eu conhecia o amante fegoso, o homem de negócios, o amigo fiel, o chefe íntegro e o homem aficionado por carros.

Sentamos as três juntas e fomos ver fotos de quando Maria e Joaquim eram pequenos. O pequeno Quim sempre aparecia sério nas imagens. Nas cinquenta fotos dele, somente em uns cinco por cento ele dava pequenos sorrisos tímidos. O que torna tal gesto muito especial. Fátima me contou algumas pequenas coisinhas, que foram arquivadas na memória para zoar com a cara dele depois — porque sou totalmente dessa. E essas brincadeiras sempre terminava com ele em cima de mim, fazendo cosquinha e depois, sexo intenso.

— Eu atendo — disse, distraída com uma foto de Quim vestido de escoteiro. Era a cara dele ser um, né? Não ouvi a campainha tocando até Manoel aparecer todo sorridente na sala.

— Estão esperando alguém? — perguntou Maria para mãe.

— Que eu saiba, não. Seremos somente nós. — Ficamos as três em silêncio. Segundos se passaram quando a voz de uma mulher foi ouvida do lado de fora.

— Puta que pariu, ele não fez isso. — Exclamou Maria.

— Minha querida, eu sinto muito. — Fátima pegou em minha mão e abaixou a cabeça, constrangida. Não entendi absolutamente nada da reação das mulheres.

— Olha só quem está aqui. — Manoel entrou com uma belíssima loira na sala da casa dele. Avaliei bem a mulher:

Cabelo oxigenado, precisando de um retoque na raiz: *check*;

Seios siliconados quase a sufocando: *check*;

Minivestido a vácuo, que provavelmente ela precisou ser untada em óleo para poder entrar: *check*;

Sorriso falso e atitude de “*eu sou a superior aqui, e você não vale mais do que a mosca do cocô do cavalo do bandido*”: *check*.

— Minha nora querida chegou. — Manoel estava com um sorriso triunfante.

Às vezes, era meio *lerdinha* quando a indireta era para mim, mas dessa vez eu entendi totalmente o recado. O pai do Quim não gostava de mim.

Fátima começou a falar em uma língua que eu desconhecia, e Manoel respondeu à altura, então os dois começaram uma discussão e nem apertaram a tecla SAP para que eu entendesse. Deixei as fotos que estávamos vendo e levantei do sofá.

— Olá. — Fui até a loira e estendi a mão. Uma coisa que eu não queria era ser covarde. — Sou a Chay, a outra futura nora. — Talvez Quim tivesse outro irmão e eu não soubesse.

A loira Susi^[12] — sim, falsificada daquele jeito, não podia ser Barbie — ergueu a sobrancelha para mim e me mediu dos pés à cabeça antes de pegar na minha mão com extremo nojo. Engoli o sapo e comecei a fazer um mantra em minha cabeça:

“*Seja uma dama, Chay*”.

Como pareceu que os pais do Quim não iam parar de discutir, simplesmente dei de ombros e segui em direção à cozinha.

A cozinha da Fátima parecia ter saído de alguma revista futurista, já que o espaço tinha todo o tipo de aparelho que se pudesse imaginar. Meu lado que adorava desmontar as coisas ficou pulando e querendo ferramentas, para saber como cada item funcionava. Eu o ignorei e continuei o caminho. Já dava para ouvir os gritos e as risadas. Mas nada me preparou para a visão de Quim jogando futebol como os sobrinhos.

— Ele é ótimo com criança, não é? — Uma voz masculina soou ao meu lado.

— Ai, cacete. — Coloquei a mão no coração e olhei para o lado de onde vinha a voz. Um moreno alto, em frente à churrasqueira, sorriu para mim. — Moço, você quer me matar do coração?

— Não seria apropriado matar minha futura cunhada. — Ele gargalhou. — Eu sou o Breno. — Ele me ofereceu o antebraço.

— Chay...

— A famosa Chay. — Ele me deu uma olhada. — Eu estava louco para conhecer a pessoa que fez o Quim cair. — Caiu na risada novamente. — Eu pensei que morreria e não veria esse dia chegar.

— Não sei se me sinto feliz ou assustada com isso. — Na verdade, eu não sabia de mais nada. Ouvir o pai do Quim tratando a outra como nora foi algo que me tirou do eixo, eu deveria ter confiado no meu sentido aranha.

— Bem, você sabe onde está se metendo? — Ele apontou com o garfo de churrasqueiro para Quim. — Aquele cara é o meu melhor amigo, e eu acho que ele é um alienígena, estou esperando que a nave-mãe venha buscá-lo a qualquer momento. — Foi minha vez de dar uma boa gargalhada. — É sério, me diga, quem nessa Terra leva o próprio copo em uma festa porque não confia na higiene do local?

— Meu Deus! Isso foi meio Sheldon Cooper^[13]. — Olhei para o homem sem acreditar.

— Tudo bem que o lugar era realmente muito sujo e que Quim foi o único a não pegar uma virose que deixou todo mundo vomitando por dois dias, mas, por favor, né?! — Coloquei a mão na boca para segurar a risada devido a cara cômica do homem.

— Não acredite em nada que esse cara fala. — Quim se aproximou de mim com os dois gêmeos embaixo do braço. Ele ofereceu um para mim, e eu peguei o João no colo.

— Paiê, essa é a Moana. — João abraçou meu pescoço. — Tio Quim disse que ela mora na praia, podemos ir na casa dela?

— Diz que sim, paiê. — Alfonso juntou as duas mãos em frente ao rosto, implorando.

— Não é a mim que vocês devem pedir. — Ele apontou com a cabeça para mim.

— Vocês podem ir na casa da minha mãe quando quiserem. — Dei um beijinho na bochecha do menino. — E eu levo vocês à praia, tenho uma amiga pode ensinar vocês a surfar.

— Sério? — os dois meninos perguntaram juntos.

— Sim. — Sorri para os meninos.

— Querida, você acaba de ganhar dois carrapatos, e eu não tenho culpa de nada. — Breno ergueu os braços.

— Quim, o pai aprontou — Maria já chegou alertando. Em seguida, foi até o irmão e pegou o filho no colo. — Vai lá dar um jeito. — O sorriso de Quim desapareceu, antes mesmo de ele passar por mim e me dar um beijo estalado na bochecha. Imediatamente foi ver o que estava acontecendo.

— Eu sinto muito, Chay...

— Maria, corta essa. — Dei um sorriso largo para ela. — Vamos fazer planos para um dia e irmos à praia.

Ficamos conversando sobre a praia, e os meninos me enchiam de perguntas sobre surfar. Fátima se juntou a nós, trazendo a loira — seu nome era Jaqueline. Juro que me segurei para não falar que aquilo era nome de guerra, mas isso era somente porque eu estava de implicância com a garota, por ela ser ex do Quim. Breno assou tudo o que tinha para assar e fui ajudar a Fátima a colocar as coisas na mesa e nem sinal dos dois homens.

— Querida. — Fátima vinha com uma travessa de pão de alho quentinho que me deu água na boca. — Poderia chamar aqueles dois para almoçarmos? Eles devem estar na calçada.

Balancei a cabeça concordando e fui até lá. Quando cheguei na porta, escutei o meu nome e parei antes de abrir a porta de ferro.

— Quim, por favor. Eu deveria ter ensinado melhor as coisas para você. — Essa era a voz de Manoel. — Pessoas como ela só usamos para descarregar nossa necessidade, não posso te culpar por ter curiosidade de ter uma carne escura para usar, mas casar, por favor, filho.

Então era isso. O pai de Quim era um maldito preconceituoso. Todo o meu ser entrou em ebulição, o que eu mais odiava no mundo era o maldito preconceito. Não estou falando somente do racial, mas de todos os tipos, puta que pariu. Qual o problema das pessoas? Como se a pessoa fosse menos por ter mais melanina na pele ou por ser mulher ou por ser gordo ou por gostar do mesmo sexo ou por tantas outras coisas no mundo.

“Respira, Chay. Engole mais esse sapo.”

Coloquei um sorriso no rosto e me fiz presente colocando a cabeça para fora.

— O almoço está na mesa. — A expressão no rosto do Quim me deu medo. Nunca tinha o visto daquele jeito.

— Estamos indo daqui a um segundo. — Ele nem olhou para mim, sua atenção estava voltada para o pai. Fechei a porta e o escutei falando na mesma

linguagem que os pais anteriormente. Precisava saber que língua era aquela.

Voltei para dentro. O clima estava pesado com os adultos calados. As crianças eram as únicas a fazer festa. Era para ser um almoço festivo, mas se tornou um sei lá o quê. Sentei no lugar onde Fátima me indicou, esperamos mais um pouco até Quim e o pai entrarem. Cada um sentou em seu lugar com o ar sóbrio.

Eu não estava no clima de fazer as minhas piadinhas infames para descontrair. As palavras que eu escutei doíam. Nunca tinha sido alvo diretamente do preconceito. Claro que já ouvir um “tinha que ser mulher” ou “gordo só faz gordice”, coisa quase me fez sair na mão ou mandar a pessoa se foder, mas, sinceramente, eu não queria me indispor com a família do meu noivo.

Manoel, vendo o clima tenso, começou a conversar com a tal da Jaqueline. A cada momento, ele engrandecia a mulher, me cutucando de leve. A loira era um máximo por ser administradora de empresa, e quando ele me perguntou o que eu fazia, fez uma piadinha, diminuindo o meu cargo. A mulher falou que tinha viajado para fora naquele ano, e quando eu disse que nunca saí do Brasil, ele começou a falar de como ser viajada era bom. Ela tinha um apartamento, e eu morava de aluguel, um carro do ano, um iPhone, tudo era motivo de me diminuir. Quim tentava me defender, e o pai o cortava. Só que ele não sabia o que quem estava mexendo.

— Sabe de uma coisa? — Levantei com tudo da mesa, deixando a cadeira cair. Todos me olharam. — O senhor é um babaca.

— Eu não vou permitir...!

— Quem não vai permitir sou! Eu até esse momento aguentei como uma lady, coisa que não sou mesmo, cada maldito insulto que você dirigiu para mim, mas vamos esclarecer uma coisinha. — Abrir a mão para ele. — Primeiro: eu fiz *UNICAMP*, não uma faculdade qualquer paga, passei em primeiro lugar no vestibular, minha mãe costurou muita roupa para me manter na faculdade, e eu me orgulho muito disso. Não, eu não tenho uma casa, porque estou terminando de quitar a casa dos meus pais. Não, eu não tenho um carro, porque optei em pagar um para meu pai, que usa para transportar a minha irmã portadora de uma doença rara, eles precisam mais do que eu. Não, eu não visto roupas de marcas ou tenho celulares chiques, pois eu prefiro gastar meu dinheiro com coisas que são mais importantes do que futilidade. — Eu vi vermelho e estava pouco me ferrando para qualquer coisa. — Eu sou preta e tenho muitíssimo orgulho da minha cor e não sou um objeto para descarregar as necessidades. — Vi o nojento ficar pálido. — Eu sou a mulher que faz seu filho sorrir, coisa rara e preciosa, sou a garota que vai se casar com ele, você aprovando ou não, sou a garota que vai ter o orgulho de ser chamada de senhora Joaquim O'Neill apesar de ele ser desse tom maravilhoso de pele.

Desviei meu olhar para Fátima.

— Muito obrigada pelo almoço, Fátima. — Quim ia se levantar, mas balancei a cabeça em negativa. — Fique com sua família, estou indo para sua casa e te aguardo lá para irmos até a minha. Pode deixar que lá você não vai ser

discriminado por ser branco e com toda certeza meu pai não vai chamar um ex para comer junto com você.

Empinei meu nariz de coxinha e saí com a cabeça erguida. Ouvi meu nome ser chamado, mas não virei para trás. Agradei ao céu pelas primeiras lágrimas só caírem quando eu cheguei do lado de fora.



Capítulo 3



As lágrimas não paravam de cair, não via mais para onde eu estava andando e o barulho das crianças brincando na rua ficou distante. Eu só ouvia as palavras cruéis do pai de Quim em meus ouvidos. Quando alguém gritou e xingou, percebi que estava andando no meio da rua. Estava tão desligada, que nem mandei a motorista folgada para casa do Pedrinho. Achei melhor procurar um lugar para me acalmar antes que fosse atropelada.

Um parquinho vazio me chamou a atenção, atravessei a rua e fui me sentar no balanço de pneu. Mal coloquei a bunda na borracha, e o celular, no meio dos meus peitos, começou a vibrar. Olhei para o visor e vi o nome da Momo, parecia que ela estava adivinhando.

— Oi, você está bem? — Era incrível a nossa sintonia. Há quem diga que em uma vida passada, fomos irmãs, mas eu logo contesto que nessa vida também somos, de idade diferente, de mães diferentes e de cores diferente, mas dane-se, ela é minha irmã gêmea de alma e pronto.

— Eu... — Não consegui completar a frase e abri o berreiro. Pelos próximos minutos só chorei, Momo ficou quieta do outro lado da linha. Acontece que eu nunca choro, a não ser assistindo Rei Leão simplesmente é impossível não chorar com a morte do Mufasa. Em compensação, quando começo a chorar, não paro.

— Chay, se acalma. — Não conseguia, por mais que tentasse, não conseguia parar de chorar. — Pelo amor de Nossa Senhora da Bicicletinha! — Tirei o telefone do ouvido devido o grito que ela deu. — Quer calar a boca e me contar o que aconteceu?

— Não dá para calar a boca e contar o que aconteceu! — Funguei.

— Você entendeu, desembucha.

Respirei fundo umas duas vezes. Ao passar a mão do rosto vi que saiu suja, o reboco que eu havia passado não era a prova d'água e eu deveria está parecendo uma panda.

— O pai do Quim me odeia. — Comecei a narrar todos os acontecimentos da minha desastrosa ida a casa dos meus ex-possíveis-futuros sogros.

— Me dê o endereço certinho de onde você está. — Momo pediu depois que terminei meu relato. — Estou indo aí meter a mão na cara desse velho babão.

Sem querer, eu acabei sorrindo, se tinha uma pessoa do mundo todo com quem eu poderia contar além da minha mãe, essa pessoa era a Momo.

— Não precisa, deixa quieto.

Como mudar a cabeça de uma pessoa preconceituosa? A diferença de uma pessoa branca para uma pessoa preta estava somente na quantidade de melanina na pele, um fator biológico que eu não tinha poder sobre, portanto era injusto sofrer preconceito por isso.

Eu amava meu tom de pele do mesmo jeito que adorava o tom de pele de Quim e o nosso contraste, simplesmente maravilhoso. Depois que fazíamos amor, ficávamos quietinhos, de mãos dadas, olhando a perfeição da nossa mistura. Por que as pessoas não podiam pensar igual?

— Me diga onde você está? — Mônica me tirou do meu devaneio. Olhei ao meu redor e constatei que não fazia a mínima ideia de onde me encontrava.

— Eu não sei. Estou em algum lugar perto da casa dos pais do Quim. — Não deveria ser muito longe, eu nem estava colocando o pulmão para fora depois de andar.

— Se conecte no Google Maps e compartilhe sua localização. — Eu podia imaginar com perfeição a cara zombeteira dela. — Nem parece que é a garota dos computadores.

Eu evitei dar uma resposta cretina para aquele insulto.

— Tá bom. — Tirei o telefone do ouvido para fazer o que me mandou.

— Fique onde está que estou indo para aí. — A safada desligou o telefone na minha cara.

— Sim, senhora. — Falei para o telefone desligado.

Fiquei ali me balançando, minha mente meio em branco. Parece que quando a gente chora, limpa a alma de uma tal maneira, que seria como fazer limpeza de disco no computador. Minutos depois, senti alguém puxar meu cabelo, já ia virar e xingar quando me deparei com uma linda garotinha de uns quatro ou cinco anos, vestida em shorts cor de rosa e camiseta branca. Pelos seus traços, imaginei que fosse chinesa. Quando você consome muita arte de países asiáticos, fica fácil distinguir a descendência.

— Oi.

— É cabelo de boneca? — Balancei as minhas trancinhas de um lado para outro e sorri.

— É sim. — Peguei em meus dedos uma das tranças.

— Então você é uma boneca gigante? — A risada fluiu com a pergunta.

— O que você acha?

— Eu acho que você é, sim. Além de ter cabelo de boneca, é bonita igual as bonecas que eu tenho em casa. — A menina me olhou com evidente interesse. — Igualzinha a uma que meu tio me deu, mas ela tem um cabelão que sobe no alto. — A pequena levantou os braços para mostrar.

— Mei Lee! — Uma mulher veio correndo em nossa direção. Pela semelhança, pressupus que deveria ser a mãe da menina. — Quantas vezes eu já te disse para não incomodar e falar com estranhos?

— Mas, mãe, ela parece uma boneca. — Puxou uma trança minha para mostrar à mãe. — Tem até cabelo igual.

— Desculpe, moça. — A mulher falou para mim. — Minha filha é impossível.

— Não tem problema. — Olhei para a menina com seriedade. — Você deve escutar a sua mãe e não falar com estranhos, mesmo se eles parecerem bonecas, entendeu? — A menina balançou a cabeça afirmativamente.

— Mãe, posso ter o cabelo igual o dela?

— Você quer trancinhas? — A mãe perguntou.

— Sim, quero ficar linda igual ela.

— Minha linda. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Você é linda do jeitinho que é, fazendo as tranças, só vai ficar mais bela. — As bochechas da menina coraram.

— A moça está certa. — A mãe pegou a menina no colo. — Vamos para casa, que eu vou fazer trancinhas em você.

— Yupi! — A menina comemorou. — Tchau, moça bonita. — As duas acenaram para mim.

— Uma criança sempre diz a verdade. — A voz rouca e deliciosa do meu ruivo chegou em meus ouvidos, me virei e constatei que ele estava lá, quieto, me observando. — São puras e nunca mentem.

— Nem começa com o papo de se desculpar pelo seu pai...

— Na verdade, não vou começar esse papo. — Quim caminhou até o balanço ao lado do meu e sentou, as correntes fizeram barulho. Por um momento, eu achei que o quadro homem de calça social e polo não combinava em nada com o parquinho. — Ele está errado e cabe a ele se desculpar.

— Não precisa...

— Sim, precisa. — Quim me interrompeu. — Já falei que só volto a colocar os pés dentro daquela casa quando ele pedir desculpas para você.

— Não quero que você corte laços com sua família por minha causa...

— Não é por sua causa. — Quim bateu no próprio peito. — É por mim, não quero uma pessoa ruim, porque ser racista é ruim, perto de mim. Afinal, ele que sai perdendo por não ficar perto da minha linda. Não vê que você é uma boneca?

— Ah! Ele vê. — Dei um sorriso irônico. — Uma linda boneca inflável para você descarregar suas frustrações. Pode deixar, vou ficar de boca aberta para você. — Não conseguir deixar o sarcasmo de lado. A cara de interrogação de Quim era fofa. — As bonecas infláveis vêm com a boca aberta assim. — Abri a minha boca como se eu estivesse muito chocada. — Você nunca teve uma? — Os vários tons de rosa que seu rosto adquiriu eram dignos de uma paleta de cores da Suvnil.

— Não, eu nunca tive. — Quim apontou para mim. — Para de desviar do assunto. — O meu conhecido revirar de olhos estava ali. — Eu escolhi você para ser minha esposa, mulher, mãe dos meus filhos, companheira, amiga...

— Amante. — Interrompi. — Olha para esse corpinho aqui. — Aponte para mim mesma. — Pois será o único que você vai comer a partir de agora.

— Charlene! — Agora meu Quindim ficou da cor do cabelo. Mas eu adorava falar safadezas para ele e ver as suas reações.

— Estou falando muito sério, preste muita atenção no que você está prestes a levar para casa, porque não tem devolução e nem garantia estendida, é pegar ou largar.

— Eu estou tentando ser romântico, e você está quebrando o clima. — Ele esticou o braço e colocou o dedo em cima dos meus lábios. — Fique com essa linda boquinha fechada. — Coloquei as mãos por cima dos lábios e balancei a cabeça afirmativamente. — Muito bem. Como eu ia dizendo, agora você é meu tudo, minha família. A partir do momento em que lhe pedi em casamento, já sabia o que estava levando para *casa*. — Deu ênfase na casa. — Desse momento em diante, pais e irmãos são apenas parentes. Não devem influenciar nossas decisões em nenhum momento, agora somos uma dupla e vamos trilhar o caminho para o futuro juntos. Como você mesma diz, estou puto da vida com as ações e palavras do meu pai e não volto para casa, afinal, ele te desrespeitando, ele está desrespeitando a mim.

Levantei e fui até ele, permanecendo no meio das suas pernas. Quim me abraçou pela cintura e descansou o queixo em cima da minha barriga, me olhando de baixo. Por um minuto, ficamos ali quietinhos, somente olhando um ao outro.

Em minha mente vieram todas as pequenas coisas que já aconteceram conosco, as brigas, as trocas de olhares, os sonhos molhados.

Suas palavras me fizeram bem, confesso que ao ver sua ex, me bateu uma leve insegurança, daquelas tipo “olha como ela é top, e olha como eu sou, digamos, normal”. Ouvir da boca de Quim um “minha mulher” com tanto orgulho fez meu ego murcho ir às alturas. Peguei seu rosto em minhas mãos, abaixei o meu e dei um beijinho em seus lábios. Eu me refletida em seus olhos claros e gostei, parecia que eu era a mulher mais linda do mundo — não que algum dia eu tenha duvidado disso, porque eu sou foda.

— Agora falando sério, Quindim, eu serei sua amante também, pois se sonhar que o senhor está com outra mulher, corto teu pau e jogo fora. — Levei um senhor beliscão do meu ruivo.

— Como se eu tivesse energia para procurar outra mulher. — Ele deu o sorriso número dois, aquele que dizia “que merda você está falando?” e que não passava de um erguer de lábios. — Você ocupa todo o meu tempo. Sinceramente, no momento estou muito bem somente com você. — Ele se levantou e tomou distância. — Talvez no futuro eu queira outra.

— Joaquim. — Mano, eu eu acabar com aquele *Bubbaloo*. — Eu não estou disponível para relacionamento aberto e já vou logo avisando. — Estava vendo vermelho. Avancei para ele para dar uns bons tapas na cara do ruivo imbecil.

— Eu quero outra mulher na minha vida, sim. — O safado segurou meus braços, me virando de costas para ele. Tinha esquecido quão forte ele era, por mais

que tentasse me livrar e dar na cara dele, não conseguia. — Uma linda pretinha que me chame de papai, porque sou louco o suficiente para querer ter duas Charlenes na minha vida. — Parei de me remexer e encostei em seu peito musculoso. O cara só podia estar doido.

— Agora me diz? Não sei por que as pessoas me chamam de doida, elas deveriam conhecer você. Duas de mim no mundo? — Olhei para cima, vendo que ele tinha um lindo sorriso no rosto.

— Exato. Como você mesmo fala: quero uma *mini-Chay* tocando o terror por aí. — Ele estava falando realmente sério? Até aquele momento, nunca tinha pensando em filhos. Será que seria uma boa mãe?

— Com a sorte que eu tenho, vai se parecer com você. — As fotos que a mãe de Quim me mostrou vieram em minha mente, eu já podia imaginar um *mini-Quim* quieto e centrado igual ao pai. — Só para saber, quantos filhos você quer?

— Apesar de Maria ser uma doida e muitas das vezes, através dos anos, me deixar maluco, não vejo minha vida sem ela, então que tal dois?

— Ser filha única é um saco...

— Você disse que tinha uma irmã.

Sorri para ele.

— Eu tenho. Minha mãe adotou uma linda garotinha dois anos atrás. Ela tem uma doença rara de pele que exige tratamento. — Pensar na pequena Adriane me dava tristeza e felicidade, um ser tão pequenino não deveria passar por tanto

sofrimento. — Falando nisso, concordo com você quando disse que agora nós dois somos uma família e o resto é parente, mas eu ajudo a minha mãe com os remédios da Dri e pago a casa deles, lembra? Estou quase acabando, vou usar meu FGTS para quitar o que falta...

— Chay. — Quim me deu um beijo estalado na bochecha, me calando. — Não se preocupe, minha linda, não quero que você pare de ajudar sua família. O que está fazendo é o certo, se eu puder ajudar...

— Obrigada, Quim. — Abracei meu noivo e repousei a minha cabeça em seu ombro. Era realmente sortuda por ter meu ruivo. — Sabe o que é bom em ter filhos?

— O quê? — Quim me abraçou de volta.

— Teremos que fazer muito sexo até ter um.

O corpo de Quim sacudiu com uma risada. Isso me lembrava que teria que conversar com a médica sobre ter *mini-Quindins*, porque Deus me livre ter *mini-eu*, a garota iria dominar o mundo de salto alto.



Capítulo 4



— Não toque no rádio. — Dei um tapa na mão de Quim. Estávamos na estrada a caminho da casa dos meus pais. — O copiloto controla a música e alimenta o motorista. — Ofereci uma batatinha frita para o ruivo. Como eu quase não havia comido nada no almoço desastroso, passamos em um McDonald's para comprar lanches.

— Desde quando isso virou uma regra? — Dei de ombros. Tinha conectado meu celular no carro, e *B.Y.O.B.*, do System Of A Down estava tocando. — Pelo menos coloque alguma coisa que as pessoas cantem, e não berrem.

— Mi, mi, mi. — Abri e fechei a minha mão, imitando uma boca. — Que tal Nickelback?

— Não tem Bon Jovi? — Tentei lembrar se tinha alguma música e balancei a cabeça em negativa. — Pega meu celular, no Spotify tem uma playlist bem legal.

— Uh! Falou o boyzinho. — Peguei o celular no painel do carro. — Vai ter que me dar sua senha ou desbloquear o celular.

— A senha é 181189. — Ele falou.

— Você acaba de me dar acesso total ao seu celular? — Tentei fazer um sorriso demoníaco.

— Não tenho nada a esconder, essa é minha senha padrão para tudo...

— Espera. — Depois que digitei a senha e desbloqueei o celular foi que percebi um fato. — Sua senha é a data do meu aniversário?

— Sim. Sempre que tenho problema com senhas, tenho que chamar a garota do computador. — O sacana deu um sorriso sapeca, ele sabia muito bem que eu odiava ser chamada assim. — Para não esquecer, eu coloquei algo que eu iria lembrar.

— Essa senha é a mesma antes de a gente ficar juntos?

— Sim.

— Para tudo? — Ele balançou a cabeça afirmativamente. — Cara, você está tão na minha. — Não tinha como não dar o maior sorriso com aquele fato.

— Há bastante tempo. — Aproveitando o pedágio parado, Quim puxou meu cabelo até eu chegar próximo o suficiente para me dar um beijo rápido e possessivo. — A primeira vez que eu te vi, fiquei com um puta tesão, aí a senhora foi abrir a boca, e eu quis torcer o seu pescoço. Depois disso, você me mostrou que estava errado.

— Que bom, Quindim. — Peguei outra batatinha e apontei para ele. — Você reconhece que sempre estou certa, e você, errado.

— Você me mostrou que o meu ideal de mulher não era certo. — O ruivo totalmente me ignorou.

— De loiras falsificada em saltos Luiz 15 para pretinhas gordinhas em All-Star? — Lembrei do corpo e da forma da mulher, nunca seria como ela, pois para isso teria que parar com as guloseimas. E eu amava comer. Peguei mais uma batata para atestar o fato.

— Não. — Quim entregou o dinheiro para mulher da cabine e, depois de pegar o troco, continuou o caminho. — Bagunceiras, boca duras, meio doida. — Ele riu, provavelmente da minha cara indignada: olha só a visão que ele tinha de mim. — Que vêm para desarrumar a minha vida certinha, metódica e centrada.

— Quem escutar você falando, vai achar que você fez um mal negócio.

— Muito pelo contrário. — Quim subiu a mão pelo meu joelho, o toque já me deixou toda, toda. — Você alegre meu dia, suas loucuras fazem a minha vida divertida e alegre.

— Você me chamou de palhaça? — Ganhei um aperto na coxa. — Ai. Entendi seu ponto de vista. Somos bem diferentes em muitos pontos, o que é bom, já que nos completamos. Nossas brigas são divertidas, depois que passa a vontade de torcer seu pescoço.

Quim gargalhou, um som rouco que estava mexendo comigo, aquela mão subindo e descendo não estava cooperando também. Era tão injusto ficar menstruada e não poder usufruir do corpinho delícia do meu Quindim. Apesar que

naquele mês não veio quase nada, eu estava usando protetor diário. Fiz uma prece agradecendo aos céus.

Momo, por outro lado, não podia falar a mesma coisa, ela tinha algum problema que não sabia o que era exatamente, mas que a deixava muito mal todos os meses, com cólicas pesadas, altos sangramentos, um verdadeiro horror.

— Ai, meu Deus! — Bati a mão na testa. — Esqueci da Momo, ela deve estar me esperando no parque...

— Não está. — Quim balançou a cabeça em negativa. — Eu pedi para ela te ligar depois que briguei com o meu pai, pra que me contasse onde você estava, pois com toda certeza não iria me contar.

— Entendi. E, sim, você tem razão.

Nossa viagem foi regada com muita música e altas gargalhadas. Quim e eu aproveitamos para conversar sobre o casamento, quem iríamos convidar para padrinhos, como seria a cerimônia, brigamos por causa das músicas, concordamos em tudo no cardápio. Não ia abrir mão das coxinhas, não queria saber se aquilo era ou não era fino, meu casamento, minhas regras.

A verdade era que eu tentava transparecer tranquilidade e que o episódio na casa de Quim não tinha sido nada, mas aquilo mexeu comigo. Nunca tinha sido vítima de preconceito por causa da minha cor.

Era totalmente injusto, não tinha culpa se Deus havia a mão na melanina, nem culpa se houve idiotas tantos anos atrás que se sentiam superiores e escravizaram toda uma nação, fazendo com que houvesse uma separação: eles e

nós. Quando o mundo iria cair na real que somos pessoas? Que devemos parar de nos classificar?

Branco.

Pretos.

Amarelos.

Vermelhos.

São só níveis de uma substância chamada melanina. Devíamos ser tratados iguais. Vamos viver o presente e deixar o passado lá atrás e nos tratar como as pessoas que somos. Chega de sistema de cotas, que, na minha opinião, é a coisa mais preconceituosa que existe, já que é destinada aos pretos. Para mim é o mesmo que dizer: “Olha, já que você é preto, vamos te dar vantagem para ser alguém na vida”. Eu passei em primeiro lugar na faculdade não porque sou preta, mas sim porque tenho capacidade. Cá entre nós, quem no Brasil não tem um pretinho na família? Então todos são afrodescendentes, não precisa de cotas.

Claro, não estou desmerecendo a luta de todos, não só dos movimentos contra racismo, ou dos direitos das mulheres ou dos direitos dos homossexuais e todo e qualquer movimento que procura igualdade. O que eu quero é que exista um movimento pró-humanos, onde paremos de lutar para ter direitos, pois nossos direitos serão reconhecidos. Mas talvez isso seria um sonho.

— Meu Deus! Um fusca azul. — Na hora, eu virei e dei um soco no braço de Quim. Tínhamos acabado de entrar na rua da casa dos meus pais.

— Ai, tá louca? Por que fez isso? — Quim me olhou com a cara assustada, e eu gargalhei. Pobre criança, preciso ensinar tudo para ele.

— Fusca azul. — Apontei para frente.

— Eu sei.

— Quim, quando se vê um fusca azul, você precisa bater em alguém. — A cara de interrogação dele era hilária. — Você não conhece a brincadeira do fusca azul? — Ele balançou a cabeça negativamente. Apontei para o carro e disse: — Estaciona atrás dele, vou ter um grande trabalho em te *nerdficar*.

Paramos o carro e descemos. Quim foi logo olhar o carro mais de perto, meu ruivo era fanático por carros antigos, tinha cada miniatura mais linda que a outra.

— Parece que o interior é todo original. — Ia responder, quando vi meu pai saindo pelo portão.

— É tudo original. Minha Lene é perfeita. — Revirei os olhos, papai deu o nome do carro por causa do meu nome. Como não dava para chamar de Chay, escolheu outro apelido possível.

— Papito. — Fui até ele e recebi um senhor de um abraço. Tive de ficar nas pontas dos pés para alcançar sua bochecha. Papai era um puta de um negão grandão que escondia muito bem a idade, pois pintava o cabelo e usava altos cremes para sempre estar bonitão. Claro que a vantagem de ter a pele que tínhamos ajudava muito, e meu pai era um pouquinho mais escuro que eu. Em minha classificação, ele ficava com o chocolate meio amargo 40% de cacau.

— Como vai meu docinho? — Ele perguntou.

— Vou bem. — Quim parou de babar no carro e veio ficar ao meu lado. — Pai, esse é Joaquim, Quim, esse é meu pai, Abrão.

— Muito prazer, senhor. — Quim ofereceu a mão, e meu pai ficou olhando para ele sem tomar uma atitude.

— Quanto você gosta da minha filha? — Seu Abrão estava todo sério ao fazer a pergunta.

— Eu a amo de todo o meu coração. — Quase virei uma poça de chocolate ao leite ali, naquele momento.

— E o quanto você gosta de carros? — Fiz careta para essa pergunta.

— É minha segunda grande paixão.

— Pai, Quim tem uma grande coleção de miniaturas em casa. Já que não dá para ter todos.

— Já que não temos dinheiro suficiente para ter todos eles na garagem, vamos de miniaturas. — Meu ruivo deu de ombros.

— Gostei de você. — Por fim, ele apertou a mão do meu ruivo.

Entrei pelo portão e deixei meus dois homens conversando. A casa dos meus pais era aconchegante. Com um quintal imenso, uma garagem que cabia dois carros tranquilamente, a construção com dois andares abrangia dois quartos e um banheiro no andar de cima, a cozinha, sala e outro banheiro no andar de baixo e, nos fundos, a lavanderia e uma edícula.

— Ei, princesa. — Chamei a atenção de minha irmãzinha deitada no sofá. Quando Dri me viu, abriu um sorriso. Olhei para as pequenas mãozinhas envoltas em ataduras e senti uma dor no coração.

Dri tem uma doença rara chamada epidermólise bolhosa em um estado mais simples, que atacava somente as mãos e os pés. A doença transformava a pele em algo extremamente frágil, e qualquer cortezinho virava feridas horríveis e dolorosas. Por ser rara, o tratamento era caro: cremes loções, luvas protetoras e tudo mais. Fiquei tão aliviada por Quim ter me apoiado em tudo.

Minha mãe estava descendo as escadas e começou a troca de abraços, beijos, apresentações. Estava com saudade, apesar de nos falarmos todos os dias, não era a mesma coisa. Todo mundo foi para a cozinha comer bolo de cenoura com calda de chocolate, meu preferido. Depois de todo mundo estar satisfeito, Quim tirou uma caixinha vermelha e colocou em cima da mesa.

— Abrão, gostaria de pedir oficialmente a mão da sua filha em casamento.

Mostrei a mão onde tinha o anel de noivado que ele me dera.

— Já aceitei, quindim.

— Mas o certo seria eu ter pedido antes...

— Não estamos no século passado, corta essa, Bubbalo.

— Não importa. Seu pai ainda é responsável por vocês...

— O que importa é minha opinião, e eu já disse sim, a opinião dos meus pais não vai mudar a minha decisão. — Cruzei os braços e encarei o ruivo bobão.

— É um sinal de respeito, Chay...

— Minha filha, deixa o rapaz fazer o que é o certo. — Meu pai pegou em minhas mãos. — Pelo menos não é igual aquele preto safado do seu último namorado. Dessa vez, você acertou.

— Ah, minha santa. — Olhei brava para o meu pai. — Odeio quando você fala desse jeito. Sabia que você também é preto e esse tom pejorativo é horrível?

— Não falei nada de mais...

— Quem não te conhece que te compre, senhor Abrão. — Apontei o dedo. — Você tem o maior preconceito com pessoas da nossa cor. Vive falando frase como: “Só podia ser preto” ou “fulano é um macaco”. *Deixa eu* te falar uma coisa, é foda ser vítima de preconceito. Eu fui recentemente e me senti um lixo por algo que não tenho culpa, então não quero nunca mais que você use esses termos ou fale de maneira pejorativa perto de mim.

— E só modo de dizer, minha filha, uma brincadeira...

— Toda brincadeira tem fundo de verdade. Você não gostar do Dinho porque ele realmente é um safado é uma coisa, outra bem diferente é não gostar dele porque é preto, coisa que também sou, então para com isso.

— Está bem, vou parar. Me desculpe.

— Quim, essa menina não tem papas na língua. — Minha mãe gargalhou. — Então veja bem onde está se metendo.

— Já o avisei. Ainda dá tempo de devolver.

— Você é minha, toda bocuda e esquentadinha.

Nessas horas, você faz o que que com um ruivo gostoso que fala as coisas certas? Eu totalmente ia atacar aquele homem naquela noite.



Capítulo 5



Meu noivo era um gato com G maiúsculo, o sonho de consumo de qualquer mulher, O que chamava mais a atenção para mim era a linda tatuagem em suas costas, em forma de anjo. Engatinhei sobre o colchão até chegar no início da cama, onde ele estava sentado, tirando os sapatos.

— A Dona Vermelha foi embora. — Sussurrei no ouvido dele. — Quero você.

— Mas já? — Quim me olhou por cima do ombro. — Foi muito rápido este mês.

— Sim, sim. E assim que passar na médica, ela não vai aparecer mais...

— Não, Chay, isso pode ser perigoso para sua saúde, já ouvir muitas reportagens aí de mulheres que têm problemas de saúde por causa de anticoncepcional.

Dei a volta e me sentei montando em seu colo.

— É por isso que vou passar na médica e ver o que ela me receita, é horrível ficar sangrando, nojento, também. Vou ver o que ela fala, e provavelmente vai pedir exames, reclamar que estou acima do peso, etc. — Comecei a dar vários beijinhos em seu pescoço. — Se queremos colocar em prática o plano *mini-Quins*, eu preciso ver com ela sobre isso também, pois um tempo atrás, uma médica disse que por causa dos meus ovários policísticos, eu teria dificuldade de engravidar.

— Não quero que você se estresse por causa disso, podemos adotar.

— Muito bom você tocar nesse assunto. Desde que Dri chegou em nossas vidas, eu tenho o desejo de adotar também, há tantas crianças no mundo precisando de amor...

Quim me puxou e alcançou a minha boca. Eu já tinha beijado alguns caras em minha vida, mas nada era como beijar o meu Quindim. Talvez o fato de estarmos apaixonados fosse um fator a mais, todavia os beijos dele eram incríveis e sempre deixavam um gostinho de quero mais.

— Quim. — Gemi contra seus lábios. — Quero você.

— Sou todo seu, minha Chay.

Eu estava pouco me importando com o que as pessoas pensavam de mim, raramente eu me preocupava em colocar uma maquiagem ou vestir uma roupa mais sexy. Para mim, deveria ser um padrão da sociedade o jeans, camiseta e tênis. Mas quando estava entre quatro paredes com o meu ruivo e via Quim me comendo com os olhos, simplesmente era demais. Eu me sentia a própria Miss Universo.

Quim se levantou da cama comigo no colo e me colocou no meio dela. Na velocidade da luz, terminou de tirar suas roupas e se uniu a mim na cama.

— Sabe, eu totalmente vejo você em um terno e gravatas fazendo um striptease para mim. Não sabe quantas vezes já sonhei com isso.

Quim não falou nada, veio para cima de mim e começou a me despir. Depois do jantar, tínhamos ido para edícula nos fundos onde passaríamos a noite, eu havia um banho e vestido uma das camisa dele. Eu as adorava no meu corpinho, mas o Senhor Ruivão me queria fora delas.

— Já eu fantasiei muitas vezes te pegando dentro da sua salinha ou em cima da minha mesa, principalmente quando você entra na minha sala toda nervosinha por alguma coisa. — Quim pegou um dos meus seios em sua grande mão e deu uma lambidinha no bico, que no mesmo instante ficou enrugado.

— Podemos fazer isso quando você quiser. — Dei um gemido, adorava essas preliminares, Quim tinha uma verdadeira adoração por meus meninos. — Mas não seremos os primeiros.

— Eu sei. — Quim me olhou. — Nossos amigos passaram na nossa frente.

— Safadinhos. — Minha gargalhada se tornou um gemido. Quim foi descendo os beijos por meu corpo, me deixando cada vez mais excitada.

Fizemos amor calmamente, curtindo o corpo um do outro. Gostava muito desse lado terno do Quim, do mesmo jeito que do lado mais explosivo, mais urgente, com nossas rapidinhas, beijos roubados, passadas de mão na bunda, olhares maliciosos, frases de duplo sentido e mensagens safadas.

— Amo você, minha Charlene. — Quim olhou profundamente em meus olhos.

— Eu também, meu Joaquim.



— Duuu, se você quebrar qualquer uma das minhas *action figures*, vou quebrar a sua cara.

Estávamos todos em meu apartamento. Depois que acordamos na casa dos meus pais, Quim e eu tomamos café, fomos dar uma volta na praia e em seguida pegamos a estrada de volta para São Paulo. Mônica e Duu vieram para nós ajudar, mesmo antes de casar, Quim e eu moraríamos juntos, pois não fazia sentido eu ficar pagando aluguel de um lugar onde aparecia só para pegar mais roupas.

Ficamos nesse vai e vem por três meses, até ele finalmente dar a ideia de morarmos juntos. Eu pedi para ele não contar para ninguém sobre o pedido de casamento, queria ver se realmente daríamos certo, não queria que os eventos com o Bruno acelerassem as coisas entre nós, então guardei o anel e ficamos como namorados até o ruivo me dar um ultimato. Fiz charme e finalmente aceitei o que já tinha aceitado antes.

— São só bonequinhos...

— Acho melhor você não terminar essa frase se você sabe o que é bom para manter a sua saúde. — Mônica passou por ele e foi buscar mais alguma coisa no meu quarto.

— Ela tem toda a razão. — Cruzei meus braços e o encarei de forma ameaçadora.

— Me dá essa caixa, cara. — Quim tomou a caixa onde estavam meus preciosos colecionáveis. — Vamos evitar que você ganhe uns tapas da minha linda, sim.

— Tá certo, não está mais aqui quem vai estragar os bonequinhos. — Dei um senhor beliscão no braço dele. — Está certo, *action figure*.

— Ótimo.

A mudança foi bem rápida. Eu tinha alugado o apartamento com mobília, então só levei para casa de Quim as minhas coisas: tudo de cozinha, a TV, minhas roupas, meus livros, um monte de DVDs, o computador e, claro, minhas *action figures*. Toda vez que ia para Liberdade, voltava com algum colecionável, então imagine que eu tinha um monte.

De repente, fui pegar uma mala no meu quarto e tudo começou a rodar.

— Acho que eu... — Não me lembro de ter finalizado a frase, num instante estava rodando mais que o Pião da Casa Própria, e no outro, tudo ficou escuro. Acordei em um lugar macio, ao som de uma discussão. Quando abri os olhos, vi o rosto preocupado do meu ruivo.

— Oi.

— Oi. — Quim estava sentado na cama, com a minha cabeça em seu colo.

— Você está legal?

— Acho que sim...

— Quer saber de uma coisa, vai se ferrar, Eduardo. — Eu me ergui um pouco, bem na hora que o Duuu estava ganhando um senhor de um tapa na cara.

— O que está havendo...? — Voltei a deitar e a fechar os olhos, pois estava tudo rodando novamente.

— Pelo que entendi, Du fez algum comentário que Mônica não gostou, e os dois começaram uma briga. Eu deixei de me importar, estou mais preocupado com você.

— Acho que minha pressão caiu. — Voltei a olhar para ele. — Às vezes acontece isso comigo. Sobre o Duuu, ele sempre perde a oportunidade de ficar calado.

— Eu estou indo nessa. — O próprio parou e me olhou. — Você está bem, Chay? — Dava para ver a marca vermelha em seu rosto. Balancei a cabeça afirmativamente para ele. — Quem bom. Se precisar de mim é só chamar, estou levando o carro para o seu apartamento, Quim. — Meu ruivo se mexeu e tirou um molho de chaves do bolso da frente do jeans e jogou para o amigo. Duuu saiu em seguida.

— Seu amigo é um escroto total, Quim. — Momo veio sentar do outro lado da cama. — Que comentáriozinho idiota que ele fez.

— O que ele disse? — Perguntei.

— Ainda bem que ela caiu perto da cama. — O rosto da Mônica estava mais vermelho que os cabelos do Quim. — Como se quisesse dizer que pelo fato de estar acima do peso, daria mais trabalho te levar a um lugar mais confortável.

— Ou pelo fato de que o chão do quarto é acarpetado e eu ter caído aqui fez com que não me machucasse tanto. — Levantei um ponto. Duuu, às vezes, era babaca, mas nunca seria preconceituoso com o peso de uma garota. — Você só está arrumando desculpas para afastá-lo de você.

— Isso não é verdade. — Momo assumiu a pose de teimosa: braços cruzados e cara fechada.

— Eu sei disso, Quim sabe disso, acho que o único que não sabe é o Duuu. — Tentei levantar de novo, e o meu mundo não girou, mas uma vontade de vomitar se formou. Tive que respirar fundo umas duas vezes até acalmar o meu estômago. — Quando é que você vai deixar a história do Bruno de lado e continuar a sua vida?

— Eu já disse para o Eduardo que agora não dá. O Bruno voltando me mandou para um mundo escuro, e, nesse momento, eu não preciso ter ninguém, preciso ficar sozinha e ajeitar a minha vida. — Olhei para ela e mais uma vez quis passar o carro por cima daquele desgraçado. — Por isso só posso ficar com ele sem compromisso, mas ele não aceita isso, o que posso fazer?

— Eu achava que todo homem quisesse algo assim... — resmunguei.

— Isso não é verdade. — Quim me puxou, me sentando na cama e fazendo com que eu encostasse em seu peito. — Nós, homens, também queremos achar a garota certa, claro que têm uns que pensam que a quantidade é melhor que a qualidade. Edu realmente está a fim de você Mônica, ele é realmente é um idiota...

— Boca aberta — complementou Momo, e rimos.

— Vou conversar com ele. — Quim disse. — Você está melhor?

— Acho que sim. — Sorri para ele.

A mudança fui bagunçada e demorou muito para colocar tudo no lugar. Acabamos indo dormir muito tarde e acordando atrasado. Perdi meu horário no médico e tive que remarcar, só consegui para dali a um mês. Para compensar, Quim me deu um café *mocca* e um bolinho da Starbucks. Sim, meu ruivo era demais.

A semana foi corrida, estávamos nos últimos retoques do novo escritório, e eu não me cabia dentro de mim. Havia projetado toda a arquitetura de sistema do lugar. Cada cabinho no lugar certo e nada à vista, a rede de wi-fi tinha um longo alcance.

Parei e olhei para todas as mesas com os monitores instalados e abri o maior sorriso. Eu sou foda. De repente, senti a boca encher de água, coloquei a mão na barriga e respirei fundo.

— Merda. — Saí correndo pelos corredores até encontrar a porta do banheiro, no primeiro sanitário, coloquei todo meu café da manhã para fora.

— Chay. — Era a voz de Momo. Respirei fundo mais algumas vezes antes de atestar que não ia vomitar novamente. — Você está bem?

— Acho que estou com alguma coisa. — Sentei no chão do banheiro e olhei para minha amiga.

— O que você está sentindo? — Levantei o rosto, mas o mundo girou, então fechei os olhos.

— Como se um alienígena tivesse abduzido o meu corpo e agora está corroendo minhas entranhas. — Fiz uma careta. — Tenho sentindo tonturas e enjoos de manhã e agora parece que a tarde também.

— Xi! Tá grávida?

Abri meus olhos e a encarei.

— Está louca? Minha menstruação veio no final de semana passado, eu devo estar com algum outro problema.

— Então você vai precisar ir ao médico e saber o que está acontecendo.

Fiz que sim com a cabeça. Momo me deu a mão, e eu levantei.

— Assim que o técnico do ar-condicionado chegar...

— Agora, dona Charlene.

Fiz careta para ela. Não gostava muito de hospital, mas fui mesmo assim. Cheguei no pronto-socorro depois de pegar um Uber — quando disse para Mônica

que ia de metrô, quase voei pela janela, ela queria fechar tudo e ir comigo. Porém o técnico estava para chegar, e o desgraçado demorou quase um mês para aparecer, não podíamos esperar mais, os computadores precisavam de um lugar frio.

A fila estava enorme, peguei uma senha e sentei ao lado de uma mulher. Uma leve tontura me pegou, e eu fechei os olhos mais uma vez, me perguntando o que deveria ser aquilo.

— Agora vai ser sempre assim. — Uma mulher falou atrás de mim. — Onde nós vamos, essa gentinha vai.

— Do que você está falando? — Outra mulher perguntou.

— Essa. — Nem me dei ao trabalho de procurar saber do que diabos elas estavam falando. — Não sou obrigada a sentar do lado de pessoas como ela.

— Eu também não. Não sou obrigada a sentar perto de pessoas como você. O mundo seria um lugar melhor se gentinha como você não existisse. — Minutos depois, senti alguém sentando ao meu lado. — Você é linda, sabia?

Abri meus olhos e vi uma simpática senhora sorrindo para mim.

— Odeio pessoas racistas.

— Parece que eu estou atraindo todas ultimamente. — Olhei para a última fileira de cadeiras, onde uma senhora estava me olhando com cara de nojo. — Mas estou tão enjoada, que não tenho fôlego para fazer discurso.

— Comeu alguma coisa estragada? — Balancei a cabeça em negativa. — Eu só fiquei assim quando estava grávida do meu segundo filho, não tinha um só dia em que eu não vomitava. Em vez de ganhar peso, acabei perdendo.

— Eu não estou grávida, minha menstruação já veio esse mês. — *Por que será que todo mundo acha que estou grávida?*

— Eu menstruei até os quatro meses de gravidez. Na verdade, minha médica ia fazer uma cauterização em meu útero e viu meu filho lá, dando tchauzinho. — A mulher riu e logo em seguida se levantou porque tinha sido chamada.

Fiquei olhando para a porta por onde ela entrou, sua história girando em minha mente. Eu levantei do banco e comecei a caminhar para a saída. Antes de deixar o pronto-socorro, ainda tive o prazer de ouvir que a mulher preconceituosa não ia passar no médico por falta de pagamento do convênio. *Toma essa, vaca, sou preta, mas não sou caloteira.*

Corri para primeira farmácia que achei. Era bem engraçado que perto do hospital havia uma farmácia, um bar e uma igreja. No meu ponto de vista, fazia todo o sentido, já que ou você ia comemorar a boa saúde no bar ou você ia pedir misericórdia pela sua alma. Entrei na drogaria São Paulo e esperei minha vez no balcão.

— Em que posso lhe ajudar? — a simpática atendente me perguntou.

— Quero um teste de gravidez. — Acho que minha voz até tremeu um pouco.

— Tem alguma marca de preferência?

— Aquela que dar negativo? — A menina deu um sorriso forçado e foi buscar o teste. Ela me trouxe vários. — Quero um de cada. Melhor, dois de cada.

— Senhora, qualquer teste daqui tem de 95 a 99 por cento de eficácia...

— Eu quero ter certeza, então vou levar dois de cada. — Cortei. A mulher me olhou de maneira estranha, mas fez o que eu pedi. Aproveitei e comprei duas garrafinhas de suco, já que teria que fazer muito xixi para todos aqueles testes. Saí com uma sacola cheia, peguei o metrô e fui para minha casa. Quando cheguei no apartamento, corri para o banheiro.

Fiz xixi em vários potinhos e coloquei depois os palitinhos no líquido amarelo, deixando cada um separado em cima da pia. Eu podia ter ficado no pronto-socorro, esperado ser atendida e fazer o exame, mas não ia esperar quinhentos anos para sair o resultado. Precisava saber para já, se teria menos um ruivo no mundo ou uma miniterrorista. Porque sendo meu filho, a crianças ia aprontar até altas horas.



Capítulo 6



A porta do banheiro estava sendo esmurrada, mas não conseguia me mexer, só olhar todos os palitinhos ao redor de mim. Não podia acreditar naquilo. Do primeiro palito até o último, todos apontavam o mesmo resultado.

— Charlene, abre essa porta! — Esse era o Quim.

— Vamos lá, amiga! — Momo estava junto.

Eu estava congelada. Primeiro eu neguei, olhava para cada palitinho e não acreditava nas duas linhas, era mentira, eu estava ficando com problemas de visão, só podia ser. Depois veio a raiva, eu quis matar um, amassei todas as caixas imaginando algum pescoço. Comecei a bater o pé como uma criança mimada, pedindo aos céus que fosse algum estado alucinógeno, prometendo que se a minha loucura passasse, eu seria uma boa menina e não daria mais na cara de ninguém.

Prometi para todos os santos que me manteria na linha se aquilo não fosse verdade, mas os folgados deveriam ter ido no banheiro, sei lá, então fiquei na mão. Sentei no chão do banheiro e alinhei todos os testes em um círculo ao meu redor.

O meu destino estava traçado e eu teria de aceitar: dentro de mim havia um *mini-Quim*, eu seria mãe.

— Charlene! — Olhei para cima quando a porta do banheiro se abriu. Provavelmente Quim usou a chave reserva. — Meu Deus, o que é isso.

— São testes... — Momo pegou uma caixa amassada no chão. — De gravidez?

— Isso é tudo culpa sua! — Eu gritei. — Isso mesmo, cabelo de fogo. — Olha isso! — Peguei um teste e joguei nele. — Você e esse monte de músculo! — Outro teste voou, Quim desviou, aquele tratante. — Essa boca impertinente perfeita!

— Chay...

— Não me vem com Chay. — Coloquei as mãos no rosto. — Meu Deus, eu vou ter *mini-Quim*.

— Ou uma *mini-Chay* — Momo comentou. — Totalmente quero um desses pequenos anjinhos.

— Anjinhos? Ela vai dominar o mundo de fraldas. Ela vai ser a Angélica.

— Quem? — Quim só podia estar de brincadeira com a minha cara.

— A Angélica dos Rugrats.

— É um desenho, Quim. — Mônica colocou a mão no braço do ruivo.

— Onde vocês estão com a cabeça de querer outra de mim no mundo...?

— Vai ser tão fofinha, vou ser a tia mais coruja no mundo todo e madrinha também! — A tratante estava pulando de alegria?

— Ei, vamos respirar, sim? — Quim se ajoelhou no chão e pegou em minhas mãos geladas. — Vamos ser pais?

— Vamos ser pais. — Concordei com a cabeça. — Vou ter um *mini-Quim*, que vai ser um bebê perfeito igual aquele comercial antigo onde a criança briga com a mãe para comer legumes, e ele vai ser um supergênio, e vai criar algum motor que funcione à água salgada, e ele vai me odiar porque não sei como ser uma mãe de *mini-gênios*, eu vou querer dar Legos para ele, e ele vai virar para mim aos dois anos de idade e dizer: “mulher, você é louca para dar brinquedos desse para crianças na minha idade?”

— Chay...

— Não, eu vou ser péssima, ele vai me odiar para todo sempre! — As lágrimas voltaram a cair. — Eu sou uma bagunceira, não me alimento direito, vou matar o garoto de fome, esquecer no mercado, vou...

— Chay, minha linda, duvido muito disso. — Quim fez carinho no meu rosto. — Eu vi você com a Dri, com João e Alonso, você entende as crianças, sabe como conversar com elas, você vai ser uma eterna garota, alegre e descontraída. Vai transformar nosso filho em um fã de desenho e gibi, vou ter que os levar naquelas festas de fantasia e aprender a lutar com aquelas coisas com luzes.

— São sabre de luz.

— Quem é que sabe fazer o melhor macarrão de panela de pressão?

— Não podemos viver de macarrão.

— Quem é a melhor enfermeira? — Dei um pequeno sorriso. — Eu também não sei se vou ser um bom pai, só todo certinho, talvez o nosso bebê vai me odiar por isso...

— Pode parando, eu vi você com os gêmeos da sua irmã, você vai ser um excelente pai. — Balancei a cabeça para clarear as ideias. — Eu tive uma ótima infância, minha mãe é a melhor mãe.

— Eu também tive uma boa infância. Apesar de meu pai ser um maldito preconceituoso, eu não tenho nada do que reclamar dele.

— Vocês podem pedir ajuda. — Momo cruzou os braços e encostou no batente. — E eu vou ser uma ótima tia que vai estragar a criança. Chay, você pode agora não saber como ser uma mãe, mas tenho certeza que você vai tirar dez nessa nova vida.

— Eu não sei...

— Pois eu sei. Agora sai desse chão e vamos comemorar.

Quim veio até mim e me deu um beijo nos lábios.

— Nós seremos pais de um lindo bebê.

— Quim, eu estou com tanto medo. — Voltei a chorar, e meu ruivo me colocou no colo e me abraçou. — Vou ser uma grávida horrível que chora por tudo, e ao mesmo tempo, vou brigar com você, no final, vai acabar me odiando.

— Charlene, você já briga comigo, tem mudanças de humor como toda mulher. Já conhecia o pacote completo antes de eu adquirir, agora para de tentar fazer com que eu mude de ideia. Você vai ter que me aturar, mocinha.

Limpei as minhas lágrimas do rosto e o encarei.

— Você é doido...

— Doido por você, pretinha. Agora que tal sairmos do banheiro e irmos comemorar tomando sorvete? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Dona Fátima vai pular de alegria.

— Eu espero que nosso filho nasça realmente igualzinho você, pois não quero que seu pai o rejeite por ser igual a mim. Ele pode fazer o que quiser comigo, mas não com o meu filho. — Senti um gosto amargo na boca. — Juro para você que o denuncio...

— Não vai precisar. — Quim me interrompeu com um beijo nos lábios. — Meu pai, se quiser ver o nosso bebê, vai precisar vir até aqui em casa, e minha casa, minhas regras. Como disse a você, minha mulher não vai ser desrespeitada.

— E muito menos meu sobrinho, pode ter certeza absoluta que vou defendê-lo.

Sorrir para os dois. Eu realmente não sabia se seria boa mãe, não sabia se o bebê algum dia iria me odiar, se eu ia acertar ou errar, o que eu sabia era que aquela criança recém-descoberta seria muito amada. Levantei do chão com a ajuda minha amiga e recebi um senhor abraço da menina-polvo — outra coisa que teria que me acostumar, dar abraços, crianças gostam disso.

— Chay, você fez um círculo de teste de gravidez do mesmo jeito que o Coringa vez com facas no Esquadrão Suicida. — Olhei para o chão e fiz que sim com a cabeça. — Quantos testes você fez?

— Vinte. — Momo olhou de mim para os testes várias vezes, acho que ela estava me achando doida, então eu tinha que me defender. — A moça da farmácia disse que a probabilidade de os testes serem eficazes era de 95 a 99 por cento. Sendo assim, peguei dois de cada para me certificar que estavam corretos, só fui acreditar nessa possibilidade já pelo decimo sétimo teste, fiz o resto de teimosa.

— Uma coisa é certa. — Dava para ver que Mônica estava tentando segurar o riso. — Seu filho nunca será uma pessoa triste. — Ela gargalhou, em seguida o Quim também.

Creio que eles estavam me achando com cara de palhaça, armei o maior bico de todos.



— Alô, mãe está me ouvindo?

Estávamos em uma sorveteria perto de casa, onde eu recentemente havia descoberto que além de ter todos os tipos de sorvetes do mundo, eles tinham um sem-número de coberturas, e eu adorava fazer a maior salada. Já o Quim era previsível: napolitano com uma cobertura, chato. Momo ia sempre nos de chocolate, com cobertura de chocolate e com mais chocolate possível.

Minha mãe, do outro lado da linha, disse que sim, estava me ouvindo.

— Então espere um minuto, que vou colocar a mãe do Quim na linha. — Resolvemos fazer uma conferência para contar às nossas mães a novidade, assim nenhuma delas se sentiria desprezada por ser a segunda a saber. Quando as duas estavam na linha, eu coloquei o celular no viva-voz.

— Mãe, Fátima, estávamos, eu, Quim e Mônica aqui...

— Como cabe todo mundo em uma mesma ligação? — Essa foi a minha mãe.

— Aconteceu alguma coisa? Vocês estão bem? — Essa foi a Fátima.

— Mãe, isso é tecnologia. — Respondi as perguntas em sequência. — Fátima, aconteceu, sim, mas uma coisa boa, e todo mundo está bem.

— Graças a Deus, acho que outro acidente seria demais para o meu coração. — Dava para sentir o alívio no tom de voz da Fátima. Ninguém poderia culpá-la depois dos acontecimentos de meses antes.

— Fátima, não conheço você, mas concordo plenamente. Chay gosta de testar o meu coração, uma vez...

— Mamãe — chamei a sua atenção. — Vamos focar no pronunciamento?

— Isabel, depois vamos ter uma longa conversa sobre essas histórias. — Dei um senhor beliscão no braço do ruivo e ganhei em troca um beijo estalado na bochecha.

— Certo, o que você apontou desta vez, dona Charlene? — Fiz careta para a pergunta da minha mãe.

— Dessa vez, a culpa é do Quim. — O ruivo ao meu lado gargalhou. — Eu culpo o cabelo de fogo dele e os músculos, sério, eu fui muito patriota neste caso.

— Não estou entendendo nada! — Fátima exclamou.

— Fátima. — Mônica se pronunciou. — Chay tem a teoria que com alguns homens, temos que ir pelo amor à pátria, colocando uma bandeira do Brasil na cara do cidadão na hora H. No caso aqui, provavelmente ela deve ter amordaçado o Quim, porque nunca vi duas pessoas para adorar discutir desse modo.

A gargalhada da minha mãe foi ouvida por todos.

— Algum dia, os cientistas do governo ainda vão levar essa minha filha para análise, assim vão descobrir de onde vem tanta criatividade.

— Eu digo isso sempre. — O tratante do Quim concordou. — Eu aceito toda a culpa dessa vez, e com muito orgulho.

Nessas horas que eu tenho vontade de pular no colo dele e arrancar todas as roupas e, como uma amiga realmente fala, fazer um SSI: sexo selvagem e intenso.

— Eu estou grávida. — Fiz o comunicado solene.

Por um minuto, eu achei que realmente a ligação tinha caído. Dava para ouvir o som dos grilos do outro lado. Olhei para Quim e ia fazer um comentário, quando gritos surgiram do outro lado. As duas mães/avós começaram a falar ao mesmo tempo, não dava para entender nada.

— Vocês duas, caladas! — Demorou para o meu comando ser atendido. — Bem, agora vem a hora em que eu peço ajuda, eu não sei ser mãe.

— Ah, minha querida. — Minha mãe estava chorando. — Ninguém sabe, é uma coisa de ir aprendendo com o tempo, e nada no mundo é igual.

— Isabel tem razão, Chay. — Fátima estava aos prantos também, e eu estava segurando a duras penas as lágrimas. — Eu tenho dois e o que eu usei com um não deu para usar com o outro, Joaquim e Maria são dois seres humanos totalmente diferentes, tive que aprender a lidar com os dois de maneiras separadas.

— Isso. Chay, minha linda, eu sempre estarei aqui para você. — Nesse momento, já não conseguia mais falar. Abri o maior berreiro. Quim me abraçou e me confortou.

— Senhoras, Chay está aos prantos e não consegue nem falar. — Ouvi a Momo dizendo. — Mas falo pelos dois que as ajudas de vocês serão muito bem-vindas. Já aproveito a ligação para avisar que vou criar um grupo no *Whats* para decidirmos como vai ser o casamento desse dois. Diga-se de passagem, estou esperando esse dia há cinco anos, e como a minha amiga doida quer um casamento com o tema de Harry Potter, vamos ter trabalho.

— Harry Potter é aquele menino com vampiro que brilha no sol? — Eu gargalhei com a pergunta da minha mãe. — Minha filha gosta dessas coisas estranhas, quero só ver agora, com um filho, se vai manter os brinquedos.

— Harry Potter é o menino bruxo, não é? — Fátima estava em dúvida.

— Esse mesmo, Fátima. — Momo concordou. — Vamos fazer um casamento temático, então preciso de ajuda para achar um vestido verde.

— Ai, que lindo, adoro verde. — Fátima deu um gritinho. — Vamos nos reunir na minha casa no sábado, que tal? Podemos fazer um planejamento de tudo que precisamos, um cronograma, já vou conseguir números de salões de festa.

— Já temos uma data? — Minha mãe perguntou. — Vamos precisar colocar tudo na ponta do lápis, fazer vários orçamentos.

Eu me desliguei da conversa das três e fiquei curtindo o abraço quente do meu noivo. Quim colocou a mão na minha barriga e fez um carinho, olhei para ele e vi que estava com um novo sorriso no rosto, o sorriso número não sei o quê. Esse era o que eu mais amava de todos os sorrisos Quim. Eu me senti em paz. Seja qual fosse o futuro, eu sabia que não estava sozinha.

— Sabe qual a melhor parte de ser mãe? — Quim balançou a cabeça em negativa. — Eu vou poder fazer lindos cosplays com o nosso bebê, e ele vai ser a sensação da Comic Con.

— Só você, minha Chay, só você. — Quim riu e me beijou, um beijo com gosto de sorvete napolitano. Eu realmente teria de ensinar algumas coisas boas para o meu ruivo.



Capítulo 7



Estar grávida deveria ser considerado doença — não porque o bebê dentro de você é uma coisa ruim, muito longe disso, mas o fato de ele estar dentro de você te faz ficar ruim, muito ruim mesmo. Os enjoos, que deveriam ser matinais, vinham a qualquer hora, principalmente de madrugada. Eu acordava durante a noite e parecia a própria menina d'O Exorcista. Quim era um amor (principalmente porque eu o xingava todas as vezes), cuidava de mim e tinha toda a paciência do mundo.

Deixei de pegar metrô e ia de carro com ele para o novo escritório, muito mais perto de nossa casa, coisa de trinta minutos fazendo os caminhos doidos do Easy. Isso por si só já era uma maravilha, imagine começar a vomitar por causa do balanço do vagão?

Mônica decidiu mudar de casa, ela ficou com o meu antigo apartamento, e eu não me cabia em si. Osasco era muito longe para ela ir e vir todos os dias. Porém eu suspeitava que ela queria ficar perto de mim por causa do baby Quim.

Sim, eu apelidei o pequeno ser dentro de mim deste jeito, pois pedia para os céus que ele fosse igualzinho ao pai. Por mais que estivesse brincando sobre ele ter a personalidade calma do pai, eu sabia que esse mundo não era um lugar muito bom para uma criança preta. Se o próprio avô poderia discriminá-lo, imagine os outros?

Tive que cortar várias coisas do meu cardápio, a primeira foi o café, eu vomitava as tripas com o cheiro de café, então adeus Starbucks. Bolo confeitado? Não mais, o gosto do chantilly me deixava enjoada, isso para frituras também. Acabei entrando em uma dieta na marra, e pela primeira vez na vida, estava perdendo peso sem esforço nenhum.

Fizemos nossa primeira consulta pré-natal. Foi engraçado, a recepcionista nos perguntou se éramos um trio, já que tanto Quim quanto Momo fizeram questão de me acompanhar na primeira consulta com a minha obstetra. Quando disse que não, ela me explicou que tinha de perguntar já que no mês passado houve um pequeno incidente com um trio, era dois pais e uma mãe. O mundo estava mudando, e as pessoas não estavam acompanhando. Garanti que éramos uma dupla, mas Momo estaria comigo em todos os processos — menos no parto, porque a bicha odiava sangue.

A campainha tocou, me tirando do meu devaneio. Naquele dia, não tinha ido trabalhar. Tive uma crise de vômito e um pequeno sangramento, fomos parar no pronto-socorro no meio da madrugada, e o médico de plantão me deu três dias

de atestado. Já tinha ligado para minha médica, e ela adiantou o ultrassom para sabermos como que estava o baby Quim.

— Olá, minha querida. — Quando abri a porta, dei de cara com uma Fátima sorridente. O grupo criado por Momo vivia cheio de mensagens, as três realmente estavam se empenhando em fazer o casamento dos meus sonhos, e eu estava me sentindo uma merda por não está ajudando. — Meu filho me ligou dizendo sobre o que aconteceu, e vim cuidar de você.

— Não quero incomodar...

— Pode parando, mocinha, é um prazer para mim.

Não reclamei mais. Principalmente porque ela trouxe comida. Estava morrendo de fome, eu não conseguia comer a minha própria comida. Estávamos vivendo de delivery, tudo me fazia enjoar.

Passei o dia todo fazendo várias perguntas para Fátima, tinha lido muita coisa na internet sobre gravidez e crianças. Comprei quatro livros diferentes sobre o assunto, e eu e o Quim passávamos nossas noites estudando. Éramos pais de primeira viagem que estariam bem informados.

Outra coisa mudou em nossa rotina, o sexo: éramos mais cuidadosos, apesar de saber que não iria afetar em nada, parece que inconscientemente começamos a ter mais cuidados. A frequência também mudou, não podia ver o Quim, que já o queria nu debaixo de mim, ou em cima, tanto faz. Agradei aos céus que pelo menos nessa parte, eu não enjoiei.



— Certo. Quem está pronto para ver o bebê? — Minha médica, uma animada japonesinha, perguntou depois de me tranquilizar informando que o sangramento não era nada preocupante e que estava tudo bem com o colo do útero. Ficamos os três aliviados. Mônica estava em um lado, e Quim, do outro. — Hum.

— Esse hum, é bom ou ruim? — perguntei, olhando para o monitor preto com imagens distorcidas. Quem em sã consciência conseguia ver alguma coisa naquelas imagens?

— Você tem uma perfeita e saudável gravidez de doze semanas — a médica falou.

— Certo, porém eu escutei um “mas” aí. — Mordi o lábio e senti Quim e Mônica apertando a minha mão.

— Um minuto. — Ela mexeu o aparelho de ultrassom e depois aumentou o som da coisa. A sala foi preenchida pelo tum-tum de um coração. Claro que comecei a chorar na hora, estava me tornando uma pilha de hormônios.

— Aqui estão os batimentos cardíacos do primeiro bebê. — Era lindo, o melhor som do mundo e...

— Espera. Você disse primeiro bebê? — Olhei para ela, minha visão embaçada. — Quantos mais tem aí?

A doutora sorriu para mim.

— Aqui estão os batimentos cardíacos do segundo. Parabéns, papais, vocês terão gêmeos.

O bom de tudo que eu estava deitada em uma maca, porque no minuto seguinte, vi tudo preto. Eu não sei quanto tempo fiquei inconsciente, fui acordada por vozes.

— Como já disse, Joaquim, não tem por que ficar com medo. — Essa era minha médica. — Charlene é uma mulher saudável, vou passar alguns remédios para os enjoos, e em poucos dias, isso vai se normalizar. Estar grávida de gêmeos requer alguns cuidados a mais, porém nada diferente de uma gravidez qualquer. A única coisa que me preocupa no momento é a sua pressão está oscilando e a glicose alterada, mas tudo isso podemos controlar com dieta e exercícios. Sua noiva está com a saúde em dia.

Mostrei que estava acordada, e começaram as orientações. Devido a minha nova condição, eu teria de ir ao médico a cada quinze dias em vez de uma vez por mês. Teria de fazer mais ultrassons do que se tivesse uma única criança dentro de mim. O fato de ter gêmeos que não compartilhavam a mesma placenta diminuía alguns riscos — que eu nem queria saber quais eram, já que não iria me sobrecarregar de problemas que não teria. Era melhor focar nos que eu poderia ter, como pré-eclâmpsia e a diabete gestacional, mais provável no meu caso.

Parto prematuro era bem provável também. Se tudo ocorresse como planejado, até a trigésima sétima semana manteríamos os planos de um parto normal. Nessa hora, eu fui categórica: não queria um parto normal. Confesso que

sou cagona para dor, meu índice de cagaço aumentou de cem para dez bilhões. Não, não, não. Cesária, por favor. Minha médica não prometeu nada, tudo seria estudado de acordo com a minha evolução, e eu devia parar de arrumar problemas. Nada indicava que eu teria alguma coisa. Mas não adiantava, meu cérebro estava em modo pânico total.



— Chay. — Ouvi a voz de Quim me chamando. Tínhamos chegado da consulta já fazia um tempo. Eu tomei um longo banho, deitei na nossa cama e fiquei olhando para o teto. — Maria está aqui.

Não queria ver ninguém. Então fiquei ali parada, sem ter reação alguma. Senti o colchão balançar e o cheirinho adocicado do perfume de Maria.

— Quando descobri que estava esperando não um, mais dois bebês, eu surtei. Não foi algo bonitinho, eu queria sair correndo na rua gritando, não sabia o que fazer, estava com tanto medo, que só sabia chorar. Meu marido realmente ficou preocupado comigo, passei três dias somente chorando, não comia, não dormia. — As lágrimas vieram aos meus olhos novamente. — Como eu iria cuidar de duas crianças? Eu não sabia nem cuidar de uma planta, todas elas morriam ou por falta de água ou por excesso. Quando menor, eu matei todos os meus peixinhos, não seria uma boa mãe.

— Sei como é... — murmurei.

— Minha mãe veio até a minha casa e gritou comigo. — Maria riu. — Você pode imaginar dona Fátima brava a ponto de falar em irlandês?

— Não. Sua mãe é um pouco hiperativa e preocupada demais, de um jeito totalmente fofo. Ainda tenho fotos do Quim com babador e ela dando comida na boca dele. — Agora Maria gargalhou.

— Totalmente quero uma cópia. — Maria se acalmou e voltou a falar. — Foi difícil, meus bebês nasceram com trinta e três semanas, ficaram vinte e nove dias na UTI neonatal. Eu não amamenteei meus bebês porque meu leite secou, foi um pesadelo. — Se ela estava tentando me animar, não estava conseguindo. — O fato que tudo isso foi compensado: hoje aqueles dois são a razão do meu viver, cada conquista deles é uma vitória para mim. Ainda acordo de noite e vou ver se os dois estão respirando e acho linda a união deles até na hora de levar bronca. — Ela pegou a minha mão. — Vai dar tudo certo, Chay. Eu prometo.

— Tem certeza? — Passei a mão pelos olhos.

— Tenho.

Depois da conversa com Maria, conversei com Fátima e com minha mãe também. Não posso dizer que meu medo foi embora, mas diminuiu bastante. Entre o casamento, que marcamos para dali a três meses, e a minha gravidez, minha vida estava extremamente ocupada e mudada. Na maioria das vezes, estava tão cansada, que chegava em casa e dormia.

Precisei realmente entrar em uma dieta, nada de açúcar e de sal. Tanto a minha pressão estava alta como a minha glicose, elevada. Isso se tornou uma

preocupação grande, o que gerou um estresse. Por mais que tentava não me preocupar, eu ficava preocupada.



Sabe aqueles dias em que tudo dá errado? Eu estava naqueles dias. Não tinha dormido nada porque me deu uma crise de falta de ar. O laboratório perdeu meus exames, então tive de ser furada de novo, estava parecendo uma peneira. Quim ficou preso em um reunião de última hora, e eu, muito teimosa, inventei de pegar um metrô, e não um Uber, como ele dissera. O único assento que estava livre era o preferencial, mas mesmo estando em meu direito, eu nunca o usava, preferia os comuns mesmo ou ficar em pé. Só que meus pés estavam me matando de tão inchados, eu queria jogar longe meus confortáveis e surrados tênis All-Star.

Estava de olhos fechados, tentando não chorar no meio do metrô, quando escutei:

— Agora gordura virou sinal de deficiência, acho um absurdo essas pessoas que sentam em assento preferencial e ainda fingem estar dormindo.

Abri meus olhos, vendo tudo vermelho, e me deparei com uma senhorinha na minha frente. *Quer saber de uma coisa, foda-se, ela pediu.*

— Por que a senhora não vai tomar no olho do seu cu? — Eu gritei. — Gorda é a puta que pariu. — Abri a minha bolsa e tirei a minha carteirinha do pré-natal e mostrei para ela. — Eu estou grávida de gêmeos, minha senhora, velhice

não é sinônimo para ser babaca preconceituosa. Mesmo que eu não estivesse grávida, a senhora não tinha o direito de fazer comentários maldosos como esse. Eu deveria processar você, mas prefiro ter pena de um ser patético como a senhora. — Levantei do banco. — Tá aí seu precioso banco, faça bom aproveitamento, cabe você e essa sua língua grande.

O vagão todo começou a aplaudir. A próxima estação chegou, e eu desci mesmo não sendo minha parada. Já tinha dado para mim, eu ia pegar um Uber e finalmente chegar em casa e comer um pote de sorvete inteiro.

— Oi. — Uma mulher me cutucou. Olhei com cara de poucos amigos para ela. — Muito obrigada pelas palavras que disse lá dentro, odeio quando me perguntam de quantos meses eu estou. — Observei bem a mulher linda que era, e estar acima do peso não diminuía isso.

— Amiga, um bom palavrão é libertador. Se você se ofender com qualquer comentário, mande a pessoa para a puta que pariu. Não deixe as pessoas te afetarem, você é linda, incrível, e ninguém pode dizer o contrário. — Virei as costas e saí andando.

Quando Quim chegou em casa, eu estava com um mau humor do cão, munida de sorvete e uma barra de chocolate — foda-se a dieta, eu precisava daquilo. Além do que, o sorvete era zero açúcar, e o chocolate, 70% de cacau: eu era doida, mas se os meus filhos estivessem no meio, eu era consciente.

— Eu tive um dia de merda e estou pior que o cão chupando manga. — Fui logo avisando para ele. Quim não disse nada. Simplesmente pegou o celular e

começou a mexer no aparelho. Eu estava a ponto de soltar os cachorros em cima dele também, quando a música da Pantera Cor de Rosa preencheu o quarto. — Quim?

Meu ruivo começou a dançar sensualmente. Toda a minha raiva foi embora, dando lugar a luxúria, eu estava ganhando um strip-tease. Quindim, homem de preto, estando vestido com terno, gravata e óculos escuros, começou a despir as peças de roupas bem devagarzinho. Quando chegou na camiseta, ele virou as costas para mim, tirando-a de pouquinho a pouquinho, revelando a tatuagem. Eu já estava completamente excitada e gritando como uma louca.

— Tira, tira, tira!

Quim ficou somente de cueca boxer preta, e dava para ver que eu não era a única animada ali. Seu pau estava evidente no tecido justo. Meu homem veio engatinhando pela cama. Ele não disse nada, pegou as minhas mãos e me fez passá-las por seu tanquinho maravilhoso até chegar no gigante pela própria natureza. O senhor XL Acqua com efeito refrescante estava pronto para mim.

— Tive que assistir aquele filme dos gogo boys para fazer minha performance.

Gargalhei.

— Magic Mike? — Ele balançou a cabeça, afirmando. — Prefiro você do que o Tatum.

— Ainda bem, por um momento, fiquei com medo. — Quim tirou a minha camisola e a minha calcinha, me colocando de quatro na frente dele. Descobrimos

que essa posição me deixava muito confortável, afinal, mesmo não estando tão avançada a gravidez, as coisas já complicaram. — Pronta para mim, minha Chay? — Dei um gemido em resposta. Quim encheu a mão com os meus cabelos e os puxou para trás, o safadinho sabia que esse era meu ponto fraco. — Aqui vou eu.

Nós transamos, uma louca transa, como há muito tempo não fazíamos. A cama chacoalhava embaixo de mim, no quarto só se ouvia nossos gemidos. Foi alucinante, delicioso, incrível. Quando terminamos, eu não passava de uma massinha de modelar feliz. Dormi uma noite inteira nos braços do meu ruivo, pensando em como eu era sortuda.



Capítulo 8



“Quimmmmmmm eu não vou mais casar”, escrevi a mensagem e enviei para ele. Não demorou muito e veio a resposta:

“Charlene, o que está acontecendo?”

“Eu sou um balão, nenhum vestido cabe em mim. Eu tenho duas crianças fazendo festa dentro de mim, achando que minha bexiga é pula-pula. Eu vou matar a sua mãe, a minha mãe e minha melhor amiga se me fizerem ir a mais algum lugar. Só caso se fugirmos para Las Vegas.”

“Querida, por mais que te ame muito, não tenho condições de pagar uma viagem para Las Vegas, mas podemos largar todos os preparativos do casamento e ir casar no cartório.”

“Nossas mãe nos matariam, eu quero chorar”

“Me diga onde você está, que vou aí te sequestrar. Eu, Du, seu e meu pai, já achamos as fantasias de Harry Potter”

“Diga que você tirou foto vestido de Weasley”

“Não é azar ver o noivo antes do casamento?”

“Isso não é só para noivas? Seja como for, é melhor não. Já temos a ave de mau agouro do seu pai.”

Depois de ver o vestido de noiva, todo mundo se reuniria em um restaurante para almoçarmos, ou seja: eu teria de olhar a fuça do intragável senhor Quindim estragado.

Meu casamento estava saindo como planejado. No dia anterior, eu dobrei e envelopei um monte de convites em forma de carta de convocação de Hogwarts. As lembrancinhas tinham chegado naquela manhã, seriam caixinhas com jujubas imitando os *feijõezinhos de todos os sabores*, uma réplica do pomo-de-ouro e de uma varinha com o nome do Quim e o meu. Por fim, um porta-retratos com uma foto da pessoa durante a festa. Tudo isso em uma sacolinha com emblema da Sonserina

O salão que tínhamos encontrado seria decorado com todas as bandeiras das casas, achamos um promotor de evento que se encarregou de recriar o Salão Principal do castelo. Meu bolo de casamento teria três andares em branco e dourado, e por dentro, a massa seria de cenoura com recheio de chocolate, porque era o bolo favorito dos dois.

Haveria salgadinhos e churrasco, as bebidas temáticas, as músicas seriam uma mistura de tudo. Eu só pedi para entrar no salão com Iron Maiden, Quim entraria com Bon Jovi, ele amava essa banda (obrigada, Deus pelo ótimo gosto

musical do meu futuro marido). As madrinhas e padrinhos estariam vestidos a caráter, e os convidados, se quisessem, também, mas no dia haveria algumas fantasias para usar e tirar fotos.

Agora só faltava o maldito do vestido.

— Querida, eu vou fazer o seu vestido. — Olhei para minha mãe e sorri.
— Nem que eu passe noites em claros, vai sair o vestido que você quer.

— Ah! Mamãe. — Claro que abri o berreiro. Será que eu ia me tornar uma dessas mulheres que choram por tudo durante a gravidez?

Resolvido esse pequeno detalhe, saímos da loja de noivas e fomos comprar o tecido. Eu queria um vestido verde com a faixa prateada, pois eram as cores da minha casa, se fosse de Hogwarts. Minha mãe e Momo ficaram vendo inúmeras fotos de vestidos até acharem uma seleção de modelos e escolherem dez.

Mas nem precisou. Fiquei apaixonada pelo primeiro, com um decote de princesa, de alças largas, uma faixa embaixo dos seios, totalmente soltinho — o que iria me ajudar com a linda barriga de grávida que eu estava.

“Quindimmmmmmmmmmm! Tudo resolvido, ainda vou casar com você.”

“Ufa, então posso desfazer os planos de sequestro.”

“Sim, sim. Se bem me lembro, você disse que ninguém iria querer me sequestrar. -_-”

“kkkkk Ninguém seria realmente doido, você dá muito trabalho, sorte minha que amo todo esse trabalho.”

“Seu besta. -_- Estamos indo para o restaurante.”

“Venha, minha Chay.”

— Se você fosse um desenho animado... — Momo olhou para mim. —
Teria coraçõezinhos nos seus olhos agora. Está falando com o Quim.

— Sim. — Sorri. — Estava surtando pelo casamento, mas agora passou.

— Vai dar tudo certo.



— Charlene! Sério que, no metrô, você mandou uma senhora para aquele lugar? — Dei de ombros para minha mãe, o pessoal rindo na mesa.

— Ninguém mandou ela me chamar de gorda. Ou me pegar em um dia de mau humor. — Olhei bem para o pai do Quim, que estava quieto no canto dele. Ele cumprimentou todo mundo, mesmo a mim. — Se a pessoa falar o que quer, ela vai escutar o que não quer. Vou mandar todo mundo para a casa... do Pedrinho, se vierem com preconceito para cima de mim, seja ele racial, de gêneros, orientação sexual, etc. Digo mais, vai passar vergonha, para largar de ser besta.

— Essa é minha amiga! — Momo gargalhava. — Não entendo essas pessoas preconceituosas, será que elas não notam que machucam, essas palavras? Eu já sofri muito por causa disso no meu tempo de modelo, olha que eu era *plus size*. A frase que mais me matava era “tão bonita de rosto, mas o corpo...”

— Eu odeio ouvir o “tinha que ser loira” — Maria disse. — Como se a cor do meu cabelo definisse meu QI.

— As pessoas hoje dizem que só preto sofre preconceito, mas isso não é verdade, o preconceito não tem cor, forma ou tamanho, qualquer pessoa pode ser uma vítima por não se encaixar em algum estereótipo ditado por alguém — eu falei, ao mesmo tempo em que coloquei a mão na barriga. — Eu peço a Deus todos os dias que meus filhos nasçam da cor do pai, para que ele não tenha que passar por isso, mas eu sei que mesmo assim eles vão estar propensos a algum tipo de preconceito. — Passei a mão pelos cabelos vermelhos de Quim. — Não é, meu cabelo de fogo?

Quim riu.

— Cansei de ser chamado de ferrugem, cabeça de fogo, pimentinha. — Ele olhou para mãe. — As pessoas ficavam incrédulas por eu não ser bagunceiro.

Fátima gargalhou.

— Elas vinham com “nossa, com esse cabelo, deve ser um pimentinha”. Não deixa de ser um preconceito. No final, somos todos rotulados.

A conversa fluía na mesa, passamos para outros assuntos, principalmente sobre os gêmeos que estavam por vir. Agora foi a vez da minha mãe contar alguns podres meus. De onde eu estava dava para ver as crianças brincando nos brinquedos. Minha irmãzinha foi bem aceita pelos gêmeos, que a cercavam e cuidavam dela, uma coisa linda de se ver.

Teve uma hora que, não sei o porquê, olhei na direção do pai do Quim e notei que ele estava vermelho como um pimentão, suando horrores, o que não fazia sentido, pois estávamos no ar-condicionado. Alguma coisa estava errada.

— Quim, seu pai não está bem. — Eu me levantei da cadeira e fui até ele.
— Oi, você está bem?

Ele balançou a cabeça em negativa e depois disso caiu para o lado, segurando o peito. A toalha da mesa foi para baixo, uma bagunça de comida, talheres e pratos. Tentei segurar o homem e acabei indo junto com ele, uma confusão só. Todo mundo falando ao mesmo tempo, alguém gritou para que uma ambulância fosse chamada.

Mantive a calma, não sei de onde ela veio, mas não ia reclamar. Avaliei todo o cenário, e os meus anos de Grey's Anatomy, somados ao curso de brigadista que tive que fazer para inauguração do prédio, me disseram que poderia ser um ataque cardíaco.

“Vamos lá, Chay. ABC da vida”.

— Quim, estica ele no chão por favor. — Meu noivo foi para o outro lado e posicionou o pai como eu mandei. — Momo, *page cardio*, — Apontei para o outro lado e minha amiga se ajoelhou. Toquei o lado do seu pescoço tentando achar pulso, mas nada, olha que coloquei os dedos em toda parte do local. Resolvi me inclinar para sentir a respiração. — Mônica, me ajuda.

A partir do momento que constatei que ele não estava respirando comecei as compressões no tórax, era ainda mais complicado estando grávida, mas não ia

deixar meu futuro sogro morrer. Momo fez as respirações. “Vamos, vamos, não morra”, fiz um mantra na minha cabeça. Acho que fiz umas cinco sessões, quando ouvi finalmente o som das sirenes.

Um cara do SAMU chegou com uma bolsa enorme, Mônica deu lugar para ele. Ele avaliou o paciente e na hora que passou mensagem pelo rádio avisando que de fato era uma parada cardíaca, mas que encontrou pulso, eu respirei com tranquilidade.

— Eu assumo daqui, a senhora está de parabéns, sem você, ele teria morrido — o simpático moço me disse.

— Acho que vou desmaiar. — Braços fortes me seguraram. Senti o cheiro bom de Quim. Tudo aconteceu muito rápido. Em um minuto, estávamos rindo, no outro, correndo atrás de uma ambulância e o pai de Quim estava lutando pela vida.

Por insistência de Quim, fui para o pronto-socorro também, passei por avaliação médica, minha pressão estava altíssima e fiquei internada em observação. Eles me deram um remédio que me deixou com sono. Eu cochilava e acordava toda hora, e Quim estava sempre ao meu lado.

— Você deveria estar com a sua mãe — eu disse em uma das vezes que acordei.

— Eu deveria estar onde eu estou. Maria permanece ao lado da minha mãe e me passa o status do meu pai sempre que ela descobre algo. — Ele mostrou o celular.

— Seu pai, como está?

— Os médicos estão fazendo todos os exames para saber o que ele tem de fato, há a suspeita de infarto. — Quim fez um carinho no meu rosto. — O que é totalmente certo é que você salvou a vida do meu pai.

— Agradeça a Shonda Rhimes e a todas as séries médicas que gosto de assistir. — Sorri para ele. — E o curso de primeiros socorros que você me obrigou a ir.

— Depois dessa, até eu vou fazer o curso.

Minha pressão não quis abaixar, e eu fiquei três dias internada no hospital. O pai do Quim precisou de um cateterismo, parece que um coágulo entupiu quase completamente uma das veias do coração dele, então precisou ficar na UTI por dez dias, e mais duas semanas no hospital.

O susto passou, mas ele teve que mudar drasticamente sua vida.

Eu finalmente entrei no sexto mês de gravidez. Minha pressão não queria se manter estável, a cada dois ou três dias, eu parava no hospital para tomar medicamento no soro. A minha médica me afastou do serviço por algum tempo, e me manteve em repouso absoluto na minha cama.

Minha mãe e irmã vieram passar um tempo comigo, já que a Fátima tinha de cuidar do marido, e Quim, trabalhar.

Por um lado, foi até bom, ela trouxe a máquina de costura, e quando precisava provar o vestido, eu já estava ali. Meu ruivo estava proibido de entrar no quarto dos brinquedos, que em breve seria o dos bebês. Eu fazia compras pela internet, porque não podia ir em lojinhas comprar as roupinhas dos meus bebês,

me deixando triste. Quando Quim, vendo como eu reagia à situação e quis me agradar, apareceu com duas corujas Edwiges, os primeiros brinquedos dos nossos pequenos, chorei litros, culpo os hormônios, mas aquele gesto do meu ruivo me tocou fundo.

Estávamos vendo a possibilidade de adiar o casamento, minha médica disse que veríamos como minha ficaria a minha pressão. Se ficasse estável, eu estava liberada. Fiz tudo certinho, primeiro porque não iria colocar em risco a vida dos meus bebês e depois porque eu queria me tornar logo a esposa do meu ruivo.

— Chay. — Minha mãe colocou a cabeça dentro do meu quarto. — Você tem visita.

Sentei na cama. Dri estava dormindo ao meu lado, tínhamos feito maratona de desenho no Netflix, e a menina pegou no sono. Deu uma dó, a pequena prendeu a mão na porta da geladeira e estava com um bolha enorme na palma da mão. Maldita doença.

— Quem é? — perguntei para minha mãe e olhei meus trajés.

— Seu futuro sogro. — Achei estranho, mas nada disse. Minutos depois, o homem entrou no quarto.

— Posso entrar?

Fiz que sim com a cabeça. Apontei a cadeira que sempre ficava ali para as visitas. Eu tinha muitas, Momo e Duu eram as mais frequentes. Por incrível que parecesse, eu e o amigo do Quim começamos uma amizade legal. Ele até que não era um cara tão ruim, só com um péssimo *time*.

— Você está bem? — Ele estava com uma aparência meio abatida, portanto não consegui sentir raiva mais dele, a preocupação tomou o lugar e comecei a fazer várias perguntas ao mesmo tempo. — Já deveria andar por aí? Seu médico já te liberou?

— Acabei de vir do médico, estou fora de perigo, mas vou ter que fazer exames periódicos e tomar um monte de remédio. Mas estou bem.

— Bem-vindo ao meu mundo. — Apontei para a mesinha cheia de frascos.

— Os meus netos estão bem?

Travei o maxilar para não escancarar a boca.

— Estão sim, só minha pressão que não quer ficar normal. Estou fazendo bastante repouso e seguindo as orientações certinho. — Nós dois olhamos para minha barriga. — Me dê sua mão. — Por um instante, ele hesitou, depois chegou mais perto. Posicionei a mão dele de um lado. — Esse é o Baby Quim número um. — Esperamos uns minutos e o bebê se mexeu. — Ele é mais hiperativo, não para um minuto e adora me acordar de noite. — Movi a mão dele para outro lado. — Esse é o baby Quim número dois, ele é mais quietinho, para a médica ouvir o coração dele, preciso sempre comer um chocolate.

— Eu tinha um irmão gêmeo. — O pai de Quim olhou para mim. — Ele morreu quando eu tinha onze anos, foi como perder uma parte de mim. Éramos extremamente unidos. Aprontávamos muito, já que ninguém sabia nos diferenciar.

Gargalhei.

— Acho que sai na vantagem, assim como Maria, meus gêmeos não vão ser idênticos. Ou eu ficaria mais doida que já sou.

— Eu vim pedir desculpas pelo que eu disse e fiz no dia em que você foi em minha casa...

— Não precisa.

— Sim, precisa. Eu fui maldoso e desnecessário, e mesmo assim, você salvou a minha vida.

— Na hora, eu não pensei em sua cor, só que você era uma pessoa e estava morrendo. — Sorri para ele. — Afinal, é isso que somos. — Apontei para o meu peito. — Aqui dentro somos iguais, um amontoado de órgãos, sangue e vida.

— Chay, você ensinou a esse homem velho uma boa lição. — Vi uma lágrima no canto dos olhos. Eu sorri, um sorriso verdadeiro, meu coração estava aliviado. Tinha conversado muito com o Quim, família era importante, nosso alicerce. Não estava certo ele não ir mais na casa dos pais.

— Nunca é tarde para aprender.

As pessoas tinham razão, perdoar fazia um bem danado para todos envolvidos.



Capítulo 9



O grande dia finalmente chegou, não me cabia de tanta felicidade. Eu ia me tornar a senhora Quindim. Quando comentei isso com o ruivo, ele achou graça e disse que passaria a me chamar assim.

O meu vestido ficou uma graça, melhor trabalho da minha mãe. Momo foi a responsável de fazer o reboco na minha cara: o que já era lindo ficou ainda melhor, segundo ela, concordei sem falsa pretensão. Meu cabelo estava ao natural, uma linda mata encaracolada, eu possuía um cabelo bem black, e Quim me pediu para deixá-lo solto, então tirei as minhas tranças azuis e fiz várias hidratações para ficar bem lindo. Fiz um nagô^[14] de lado e coloquei uma flor branca como adereço.

— Você está tão linda.

Momo parou ao meu lado em frente ao espelho. Seu vestido seguia as cores da Grifinória, depois de uma disputa acirrada por ele com a Talita (acredito que as duas não se bicavam). As cores eram uma mistura de vermelho, laranja e dourado, igual à casa dos leões do meu tão amado livrinho. Maria vestia as cores da Lufa-lufa, e minha amiga de infância ficou com a Corvinal. Do lado do Quim,

Duuu, Breno e Felipe, amigo também de infância do meu ruivo, vestiam os uniformes da escola de cada casa, sendo que Joaquim seria da Grifinória, meu Weasley.

— Será que o Quim está bem depois de ontem? — Não consegui prender o riso quando lembrei da noite de despedida de solteiro.

— Chay, se prepara para dizer adeus aos gatinhos. — Foi a primeira coisa que Maria disse ao chegar na minha casa ontem à noite. Finalmente tinha tido uma boa semana, minha pressão estava boa, nenhuma tontura, os pés levemente desinchados. Obrigada, Deus, por minha médica me liberar para poder ir no meu próprio casamento.

— Vê se não vão aprontar. — Quim disse ao chegar na sala vindo do quarto.

Ele estava tão lindo em jeans e polo, seus ombros largos e seu peitoral ficando evidentes naquelas roupas. Naquele minuto, eu não queria mais ir em lugar nenhum, somente ter uma boa noite de sexo quente com meu cabelo de fogo.

— Pode deixar, maninho. Vou levar a Chay para igreja. Assim ela agradece aos anjos a benção de ter você na vida dela. — Dei uma sonora gargalhada com a cara incrédula do Quim e a fingida cara de inocência de Maria.

— Você está de brincadeira? — Quim entortou a cabeça como se estivesse na frente de uma equação difícil de matemática.

— Claro que sim. — Maria foi até o irmão e apertou suas bochechas. — Vamos levar a Chay em um clube das mulheres para ela ter vários homens lindos e cheio de óleo dançando para ela, muitos boys magia para nossa menina. — Quim olhou para mim, foi nítido sua mudança de humor, uma coloração vermelha foi subindo pelo pescoço até seu rosto ficar da cor do cabelo.

— Você não vai levar minha mulher grávida a um clube de mulheres onde homens ficam nus por dinheiro.

Gargalhei. Quim não demonstrava ciúmes por mim, mas era nítido na cara dele quando algum homem ficava olhando demais para mim. Era como se ele quisesse perfurar os olhos desses caras e dizer: ela é minha! Sabia disso porque ele me disse uma vez, enquanto estávamos na cama depois de um sexo maravilhoso.

— Quindim, olha para mim...

— Estou olhando, e você não vai. Pode arrumar outro lugar. — O ruivo cruzou os braços e assumiu uma posição que eu apelidei de burro empacado.

— Escute aqui, seu projeto de marido. — Peguei a minha bolsa em cima do sofá e comecei a andar para porta. — Vai existir alguém nesse mundo ainda para me dizer o que fazer.

— Charlene, você não vai...

— Não ouse tentar terminar essa frase. — Parei no batente da porta do apartamento. — Eu ouvi muito bem que o Breno está arquitetando uma dança

exclusiva de alguma stripper seja lá onde vocês forem. — Apontei para o meu peito. — E você está me vendo dar chilique?

— Eu vetei isso...

— Não me importa — cortei. — Você acha que eu gostei desses planos? Você não acha que estou me corroendo de ciúmes porque alguma vagabunda vai se esfregar em você? — Levantei a mão, e ele calou a boca. — Sabe de uma coisa que tenho de sobra, Joaquim? — Nem esperei que ele respondesse, de tanta raiva que eu estava. — Confiança. Eu confio que você não vai me trair. Se você não sente o mesmo por mim, é melhor repensar nessa coisa toda de casamento, ainda dá tempo.

Saí do apartamento literalmente soltando fogo pelas ventas. Quem o cabeça de fósforo pensava que era para me dizer onde eu devia ir? Eu nem queria ir a lugar nenhum, estar grávida de gêmeos era cansativo. Na maior parte do tempo, eu queria dormir; e na outra parte, comer — e não podia comer nada do que eu gostava porque meu índice glicêmico estava nas alturas.

Esperei as meninas no elevador, descemos em silêncio. No portão, uma linda limusine preta estava me esperando. Uma a uma, entramos no carro luxuoso, que rumou ao nosso destino em seguida. Meu celular começou a vibrar; olhei para o visor e vi que tinha mensagem do Quim no Telegram, ignorei.

— Me diga: qual é o seu nível de raiva? — Momo veio sentar ao meu lado e me entregou uma taça. Maria e Talita estavam estourando o champanhe. — A senhora tem duas escolhas: suco de uva ou espumante sem álcool.

— Quero o suco de uva, esse troço tem gosto ruim. — Não sabia qual a porcentagem de açúcar naquele negócio e não queria que na manhã seguinte, quando fosse ver o meu nível de açúcar, ele estivesse tão alto, que não poderia comer meu próprio bolo de casamento. Todo cuidado era pouco com os meus bebês.

Maria chamou Momo para curtir a claraboia e ver São Paulo. O carro tinha sido um presente do meu futuro cunhado, Breno trabalhava em uma locadora de automóveis e conseguiu a limusine de graça. Se não fosse assim, eu não teria condições de pagar seiscentos reais em um aluguel de carro, nem todos os vales do Peixe Urbano dariam conta.

Depois de um tour pela Paulista (que eu já conhecia de cor e salteado), apesar de ser uma avenida linda de noite, eu não estava mais no clima de festa, odiava brigar com o Quim depois que começamos a namorar. Finalmente chegamos no tal clube da discórdia. Nem tinha entrado, e já queria ir embora. Umas mulheres na fila começaram a nos xingar por termos entrado na frente dela. Além de eu ter preferência, tínhamos reserva e estávamos no nosso direito, mas estava tão para baixo, que nem a mandei tomar naquele lugar onde o sol não bate.

Sentamos em uma mesa na frente do palco, totalmente privilegiada. O ambiente me lembrava aquele bar do filme Burlesque. A música já estava me dando dor de cabeça, ficava variando de funk, que eu detesto, para sertanejo ou coisa pior. O show começou e a coisa só ficou pior, a mulherada começou a gritar

como loucas pelos homens que desfilavam pelo palco, todos untados de óleo perfumado. Sim, eles eram bonitos e tudo mais, porém aquelas malditas tanguinhas ridículas brochavam qualquer uma. E vamos combinar, nenhum chegava aos pés do meu ruivo de cueca boxer preta ao som de Pantera Cor de Rosa.

A faixa que a mulher da recepção colocou em mim, escrita “condenada à forca”, estava pinicando. Maldita hora em que escolhi um vestido de alcinha.

Não tinha suco ou nada sem álcool além de energético, fiquei na água com gelo e limão. Minha amigas estavam curtindo a noite, gritavam e bebiam todas. Quando um loiro saiu rebolando com aquele pedaço de pano que só cobria o pau, eu quis sair gritando correndo. Daria tudo para estar deitada na minha caminha com um balde de pipoca e meu Quindim, assistindo Grey’s Anatomy.

Meu telefone começou a vibrar como um louco em cima da mesa. Peguei o aparelho e vi o nome do Duuu no visor. Quim já tinha me mandado umas trinta mensagens e eu não vi nenhuma, um gelo naquele ruivo o faria pensar melhor.

— Fala, Duuu. — O tempo passou, mas a mania ficou, não consegui mais chamá-lo pelo nome e tinha que alongar a última letra.

— Chaaaay, euuuuuu teeee amooo... — A voz de Quim saiu pastosa.

— Quim? — Olhei para o celular sem acreditar. — Você está bêbado?

— Não se casa com um bombeiro todo besorado e óleo. — Acho que ele quis dizer “besuntado em óleo”. — Você vai abraçar ele, e ele vai sair

escorregando. — Jesus! Quim estava bêbado, e eu nem estava por perto para filmar tudo aquilo.

— Quim, onde você está? — Dava para ouvir um barulho de máquina no fundo e alguém rindo como um louco.

— Estou no Roger Tattoo, escrevendo seu nome no meu peito, porque te amooo...

— Joaquim! — Dei um berro tão alto, que todas olharam para mim. — Você não vai fazer uma tatuagem bêbado!

— Ainda não, estou esperando o Duuu terminar. — Quim gargalhou no telefone. — Ele vai escrever Momo na bunda dele. Eu vou tatuar um quindim com olhos, que não parece um quindim porque ele tem cor de chocolate e tem uma pontinha.

— Quim, não se atreva...

— Charleneeee. Quindim gosta de você e você gosta do Quindim, não se case com o policial, a arma dele não é de verdade, a minha é e está toda armada só de pensar em você com camisola transparente. Já disse como gosto dos seus peitos? — Olhei para o palco, de fato tinha um policial parecendo uma minhoca em asfalto quente. Quim achava mesmo que trocaria ele por aquilo? — Eu te amooo... — Era engraçado ouvir o ruivo alongando as palavras.

— Se você me ama de verdade, não vai fazer tatuagem nenhuma, promete? — Ainda mais porque eu suspeitava que ele iria tatuar o emoticon de merda, aí eu ficaria tão puta, que arrancaria a tatuagem com uma lixa de ferro.

Quim começou a cantar a música da Pantera Cor de Rosa e dizer que ia tirar a roupa para mim. Se não estivesse com medo dele fazer algo realmente estúpido, eu até que iria me divertir com a situação.

— Quim, estou indo até você. Não faça nenhuma tatuagem, me escutou?

— Sim, minha Chayzinha. — Desliguei o telefone e levantei.

— Estou indo atrás do Quim.

— Chay, não... — Maria começou a falar.

— Nesse momento, o seu marido e o meu futuro marido estão prestes a fazer tatuagens estúpidas, tem certeza que quer ficar sentada aí? — Maria levantou e pegou a própria bolsa.

Quando fui dar um passo em direção à porta, o tal do policial chegou em mim e me pegou no colo. O cheiro do óleo e do perfume me fez querer vomitar. Olhei para cara de safado com a minha expressão “mãe zangada”, que eu estava treinando por causa dos meus bebês. Tinha certeza que eles seriam parecidos comigo.

— Você tem meio minuto para me colocar no chão, ou vou dar na sua cara.

— Hum. Adoro uma gata selvagem. — Cacete, o homem não sabia quando não estava agradando. Mesmo eu o empurrando, o bicho não me devolveia ao chão. Ele ficou mais perto de uma mesa um pouco mais alta, então consegui

pegar um copo com alguma bebida colorida e não pensei duas vezes, joguei na cabeça do policial.

— Mas que porra é essa? — Quase fui lançada no chão. No último minuto, me equilibrei. Meu lindo vestido estava cheio de bebida.

— Isso é para você aprender a escutar, seu ridículo! — O cara estava bravo, veio para cima de mim, e eu peguei uma garrafa de cerveja em cima de uma outra mesa e apontei para ele. — Vem para cima de mim, que você vai ver. — Logo me senti a própria P!nk naquele clipe de faroeste.

Um armário vestido de segurança veio até nós dois, expliquei que o policial fajuto era um babaca que não escutava não. Ele não gostou muito e me escoltou gentilmente para fora do estabelecimento. O bom foi que acabamos saindo se pagar, o ruim que talvez nunca mais entraríamos naquele lugar.

— Essa mulher é louca. — Escutei alguém dizendo.

— Louca é a mãe! — retruquei e saí com o meu lindo narizinho de batata empinado. — Diga para o babaca do policial — falei para o segurança — que aposto que ele fez implante peniano porque o documento do cara era pequenininho.

O segurança me olhava como se eu fosse louca, mas só falei a verdade, duvidava que tudo aquilo fosse original de fábrica. As mulheres não colocavam silicone nos seios? Então, o cara devia ter feito a mesma coisa.

— Onde vamos, Chay? — uma Momo bêbada e cambaleante me perguntou.

— *Atrás do Quim. — Segurei minha amiga. — Aliás, Duuu tá fazendo uma tatuagem com seu nome.*

— *Babaca. — Momo olhou bem para mim. — Espera, você disse o quê?*

Segurei no braço de Mônica, parecia que a minha barriga me puxava para frente, fazendo com que eu sentisse medo de cair, ainda mais com a presa que eu estava. Caminhamos rumo ao carro.

— *Te conto no caminho. — Vi o motorista fumando um cigarro ao lado da limusine quando viramos a esquina. — James, vamos voar para o Roger Tattoo. — Não era o nome dele, mas eu o apelidei assim, me processa.*



Eu esperava tudo na vida, menos o que eu vi assim que cheguei no estúdio de tatuagem. No meio da recepção, Quim e Breno estavam tentando dançar Macarena. Os dois estavam tão bêbados, que batiam um no outro enquanto dançavam. Eles também tentavam cantar a música, mas saía alguma coisa enrolada quando vinha a parte “Hey Macarena”.

— *Vou começar a cobrar ingressos. — Uma ruiva, parecendo um gíbi, de tão tatuada, comentou atrás de um balcão, olhando os dois.*

Não sabia se ria ou chorava daquela cena lamentável, na dúvida peguei o celular e comecei a gravar — aquilo seria uma moeda de chantagem quando ele não quisesse assistir pela quinta vez todos os episódios de Grey’s Anatomy.

— *Eu sou a noiva do ruivo. — Eu talvez mandaria os vídeos para o Faustão e assim ganharia uma graninha para comprar fralda.*

— *Estou pensando em colocar a música que diz “vai descendo na boquinha da garrafa”. — A ruiva voltou a responder. Ela comia o meu Quim com os olhos.*

— *O ruivo é meu e eu não permito isso. — Ninguém iria ver o meu ruivo rebolando.*



— Chay demos um problema. — Saí dos meus devaneios com a chegada de Maria no quarto, seguida por minha mãe e Fátima. As duas estavam lindas, com seus vestidos de gala em tons verde para minha mãe e vermelho para minha futura sogra. — Está acontecendo uma manifestação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, e o carro não consegue chegar aqui para nos pegar.

— E agora? — Meu coração começou a bater como um louco. — Como vou chegar no meu casamento?



Capítulo 10



Pode me chamar de louca, não ligo nem um pouco, já estou até acostumada. Quando minha futura (ou não) cunhada entrou e jogou aquela bomba, meu cérebro hiperativo começou a buscar alternativas, e a ideia brilhou lindamente, só faltou a lâmpada em cima da minha cabeça. Eu ia chegar no meu casamento, e tudo iria depender da loucura que surgiu depois de meio segundo de pânico. Só durou tempo suficiente para eu imaginar o Quim me odiando por não ir casar por causa da nossa briga. Peguei meu celular na cômoda ao lado do espelho e ia fazer uma ligação quando pensei na solução, só podia ser um anjo.

— Eu vou de metrô. — Tinha dado uma olhadinha no endereço, e o salão de festa ficava bem perto da estação Vila Mariana. Como eu estava na Saúde, seriam quatro estações.

As mulheres em meu quarto estavam discutindo possibilidades e nem escutaram o que eu disse. Sentei na minha cama e tirei os sapatos lindo com a bandeira da Sonserina, minha casa do coração.

— Espera, você disse o quê? — Momo olhou para mim, todas as outras fizeram o mesmo.

— Disse que vou de metrô. — Minha mãe, Fátima, Maria e Momo começaram a dizer como eu era louca e blá, blá, blá. Parei de ouvir o que elas diziam e comecei a me ajeitar. A primeira coisa foi colocar as Havaianas dos Minions, depois fui até meu guarda-roupas e “pesquei” minha bolsa, caçando o meu bilhete único^[15]. — Vi aqui no *Maps*, quatro estações de metrô e cinco minutos de caminhada, eu ando bem mais que isso para chegar no serviço.

Os argumentos eram os mais variados sobre minha ideia. Maria achava que estragaria o meu penteado e maquiagem e todo meu visual. Minha mãe estava preocupada com a minha saúde, afinal, não era porque tinha passado a semana bem, que iria abusar. Vendo por esse ângulo, até que repensei um pouquinho, porém eu estava realmente bem, não era nada aquela viagem. Fátima estava preocupada com os manifestantes. Acho que ela nunca havia andado de metrô, não tinha cara de pessoa trabalhadora que acordava às quatro para pegar transporte público, e sim daquelas mãe de filmes americanos que cuidam das crianças em casa.

— Chay! Quim não vai gostar nada disso...

— Pode parar, Momo, eu não sou louca o suficiente para colocar a vida dos meus filhos em perigo. Não ligo a mínima se meu penteado bagunçar, Quim já me viu acordando toda descabelada com cara amassada, se ele ainda não desistiu de mim por causa disso, não desiste mais. E por fim, homem nenhum vai me dizer

o que fazer. — Olhei para a minha amiga e vi que ela estava corando. Já havia passado da hora de Mônica deixar o hambúrguer para trás, e mais uma vez desejei poder passar por cima do tal de Bruno com o carro. — Você vai ficar?

— E perder seu casamento? — Ela sorriu. — Mas nunca. Seu casamento tem que me matar do coração, não é?

Dei de ombros. Coloquei meu sapato dentro de uma sacola retornável, brinde de um livrinho fofo para meus filhotes, presente da madrinha coruja Momo, e saí do quarto com o meu pelotão atrás de mim. Quando abri a porta do meu apartamento, dei de cara com a minha amiga Talita.

— Ainda bem que deu tempo de chegar aqui, fiquei presa no trânsito, está tudo parado por causa de uma manifestação da MTST...

— Por que essas pessoas resolveram fazer manifestação justo hoje e nesta região? — perguntei, inconformada, interrompendo minha amiga.

— Parece que a polícia desocupou vários prédios abandonados nessa região e o povo está sem saber para onde vai.

Talita estava linda como sempre. A loira arrancava suspiros por onde passava, se não fosse a loucura dela ser igual a minha, acho que nunca teríamos nos tornado amigas.

— Pode parecer mesquinho por eu ter um teto e tudo mais, mas tinha que ser logo no dia do meu casamento? — Entreguei a minha bolsa para ela e agarrei o monte de panos do meu lindo vestido verde Sonserina. — Nós vamos de metrô.

— Você só pode estar brincando. — Caminhei para o elevador e apertei o botão para descer, morávamos no terceiro andar, então foi rapidinho. — Gente, tinha esquecido o quanto você é doida.

— Não acha melhor esperarmos mais uns cinco minutos? — Momo perguntou ao entrar no elevador. Ficamos meio espremidas na caixa metálica, era muito tecido e babados.

— Corta essa. — Talita respondeu por mim. — Ela vai perder o casamento se não for desse jeito, você não viu o caos lá fora...

— Ela está grávida e não é muito bom fazer esforço, a médica a liberou para fazer pequenas coisas, mas são sete quadras até chegar à estação de metrô. E se os manifestantes estiverem por lá? Vai querer Chay no meio da confusão?

Momo tinha um ponto. Coloquei a mão na minha barriga, meus bebês estavam quietos e geralmente ficavam assim pela manhã. À tarde, davam uma agitada, e à noite, parecia que estavam em uma escola de samba. O único que conseguia fazer com que me deixarem dormir era Quim, o mesmo cara que deveria estar me esperando no altar àquela hora.

— Eu sou enfermeira, se acontecer alguma coisa com a Chay, cuido dela.
— A coloração do rosto de Momo indicava seu nível de braveza.

— Momo, vai dar certo. — Olhamo-nos por alguns segundos. Tantas emoções passaram ali, naquela troca de olhar.

— Tudo bem, mas ao primeiro sinal de que as coisas vão dar errado, nós voltamos. — Bati palminhas, feliz. — Sério, tinha que ter muita emoção no seu

casamento, não é?

Gargalhei. Parecia que as coisas sempre se tornavam muito loucas comigo. Em minha defesa, eu não tinha culpa nenhuma. E assim fomos as seis caminhando para estação de metrô Saúde. Não tinha uma só pessoa que não reparava em nós, estava me sentindo uma celebridade.

Quando finalmente chegamos em nosso destino, um cara, vindo do nada, veio correndo em minha direção gritando que Nostradamus estava vindo. O cheiro de urina e sujeira quase me fez vomitar. O velho não me deixava entrar na estação, por mais que eu tentasse passar por ele sem o tocar e me sujar. A raiva foi subindo, e eu peguei a bolsa com os meus sapatos e ameacei o mendigo/pregador com ele: o cara tinha meio segundo para sair da minha frente ou eu lhe daria várias sapatadas — ele fugiu de mim rapidinho. Fui me colocando em marcha novamente, esqueci de pegar as camadas de saia do meu vestido e quase fui ao chão, só não aconteceu porque mãos fortes me seguraram.

— Eu conheço você! — disse quando fiquei equilibrada novamente e pude ver o rosto do meu salvador. — Momo, veja só, se não é o policial gogo boy. — Apontei para o *muito loiro* homem em minha frente.

Confesso que não sei qual dos dois ficou mais vermelho de constrangimento. Minha amiga tinha um leve fraco para loiros ou tatuados, acho que por isso ela ainda estava naquele chove não molha com o Duuu. Atualmente eles estavam em uma trégua de paz a meu pedido, já que eu estava casando e queria tudo perfeito — o que incluía minha melhor amiga e o melhor amigo do

meu ruivo não lutando. Momo pediu um tempo para pensar e colocar sua vida em ordem, e parece que o Duuu estava aceitando numa boa. Já tive uma conversa bem séria com a mocinha para colocar um ponto final definitivo na história deles e assim ambos seguirem com sua vida.

— Como vai, senhorita Charlene? — Eu acho que o cara, que eu não lembro o nome porque sou muito ruim em guardar, tentou esboçar um sorriso, porém ele era tão tenso, que poderia ser uma careta também ou um AVC^[16]. Uma brilhante ideia surgiu em minha mente.

— Detetive, precisamos dos seus serviços. — Estava na hora de o cupido Chay entrar em ação, se não deu certo da primeira vez, tente uma segunda. — Vem com a gente?

— Chay... — Balancei a cabeça em negativa para Momo. Um lindo sorriso diabólico nasceu em meu rosto. “Duuu, você tem um concorrente de peso agora, vai ter que fazer as coisas certo”, pensei comigo mesma.

— Desculpe, onde você quer que eu vá? — As maneira polidas do policial me pareceram tão fofinhas, que pensei: “*acho que agora vai dar certo*”.

— Me escotar até o meu casamento. — Ao longe dava para ouvir o som da manifestação. — Está tendo uma confusão aqui por perto e estou com muito medo pela minha segurança e dos meus bebês. — Parece que meus filhos estavam comigo naquela, pois resolveram se mexer no momento. Peguei a grande mão do policial e coloquei onde sentia o baby Quim número um. — Ver só? Você precisa nos proteger. — Fiz a minha melhor cara de gato de botas. O policial levantou o

rosto, seus olhos estavam tristes, fato que me deixou intrigada. Ele fez um carinho na minha barriga antes de tirar a mão.

— Tudo bem. — Ele me ofereceu o seu braço, que aceitei rapidinho. — Vou te levar até seu destino...

— E vai ficar para cerimônia e a festa. — Avaliei seus trajes. Calça jeans, camisa polo e tênis, ou seja, totalmente perfeito para o casamento, pois sou daquelas que prefere tênis para tudo nessa vida.

— Não precisa...

— Sim, precisa, e você não pode contrariar uma mulher grávida. — Começamos a descer as escadas rolantes. Paulista é um povo estranho, acho que os únicos que realmente descem pelas escadas rolantes em vez de só esperar que elas te levem para seu destino.

— Achei que isso era somente para loucos...

— Neste caso, Michael. — Momo andava ao meu lado. — Dá no mesmo. — Enquanto comprava os bilhetes na bilheteria do metrô, eu apresentei a todas Michael, agora que sabia o nome dele, e contei como nos conhecemos.

Entramos no vagão e procuramos lugares para sentar. De propósito, deixei Momo ao lado do Michael, eles dariam um ótimo casal. Queria fazer uma observação espertinha, quando o vagão do metrô foi preenchido pelo som de um violino. Olhei para frente e vi dois caras munidos por instrumentos musicais.

— Gente! — Chamei a atenção de todos. — Para tudo! É *Despacito* ao som de violino. — Olhei em descrença para os dois rapazes pretos vestidos com as cores do reggae e com *dreads*. Isso me deixou chateada. Não tinha conseguindo ninguém que tocasse violino no meu casamento, e eu simplesmente amava demais aquele instrumento. Fiquei escutando a música toda concentrada.

— Senhoras e senhores, obrigado por nos escutarem. — Um dos caras falou depois da apresentação. — Enquanto meu amigo toca mais uma música, poderia nos pagar com um sorriso? Se tiver qualquer moedinha para ajudar, ficaremos muito agradecidos.

— Eu quero vocês no meu casamento. — Levantei do assento e gritei. Todo mundo no vagão olhou para mim, ele estava um pouco cheio, afinal estávamos em novembro, logo vinha o natal, e sábado era dia de compras na 25 de março. — Que foi? Nunca viu uma noiva indo para o casamento? — Perguntei para uma senhorinha que me olhava com um olhar de reprimenda.

— Chay! — Minha mãe gritou comigo. — Tenha modos.

— Povo zoiudo! — Fiz uma careta. — Então, vocês topam? — Eu me virei para os rapazes.

— Opa! — O mais alto deles falou. — Mas é claro.

— Não tenho muita grana para pagar vocês, mas vai ter coxinha a rodo na festa. — Ofereci.

— Quem em sã consciência recusaria coxinha? — O rapaz me perguntou.

— Não é? — Ergui meu braço. — Toca aqui, você é um dos meus.

— Chay, para de maluquice. — Revirei os olhos para Momo. — Você nem sabe se os caras tocam bem...

— Mano, sabe *Iris*, do Goo Goo Dolls? — Os dois balançaram a cabeça positivamente e se posicionaram para tocar, e a melodia preencheu o todo vago. Eu me virei para Momo. — Quem é a maluca, agora? — Nós duas caímos na gargalhada.



Visualize a cena. Um Quindim andando de um lado para outro em frente ao salão, e eu chegando com a minha comitiva, que consistia em um alto e musculoso policial, que era mais ou menos — o único gato de toda a face da terra era o meu ruivo delícia —, dois caras pretos com violinos na mão, uma quase sogra, uma mãe e três damas de honra.

— Chay? — Quim veio ao meu encontro e quando me viu de braços dados com o policial, fechou a cara.

— Quindim! — Abri o maior sorriso. Meu homem estava gostoso com G maiúsculo, parecia um Weasley.

— Como chegou aqui? Está tudo parado, tive que saltar do carro e andar um bom pedaço...

— Metrô. — Eu me soltei de Michael e caminhei até o Quim. — Meu carro não chegou por causa da manifestação, e eu não podia deixar você plantado no altar, então peguei o metrô. — Apontei para o Michael. — Com direito a escolta policial e tudo. Agora vai para o seu lugar, que eu quero casar com você.

— Não podemos...

— Joaquim! — Gritei. — Você não vai voltar atrás, está me escutando? Eu tive que andar até a estação com esse vestido, enfrentei um mendigo, andei de metrô para não te deixar no altar e estou carregando os seus filhos, que insistem em ficar em cima da minha bexiga, me fazendo ter vontade de ir ao banheiro a cada cinco minutos. — Respirei fundo para recuperar o fôlego. — E você diz que não podemos?

— Eduardo não chegou com as alianças. — Quim fez uma careta.

— Eu vou matar o Duuu. — Ia para a cadeia, e não ligava, porque o paspalho merecia.



Capítulo 11



Estava perto de abrir o maior berreiro. Meu casamento dos sonhos estava indo por água abaixo, tudo dando errado. Respirei fundo algumas vezes e iria xingar todos os palavrões que eu sabia quando Momo colocou um anel em minha frente.

— Dizem que a noiva deve estar com algo novo, velho, emprestado e azul.
— Minha amiga sorriu. — Seu buquê é azul, seu vestido é novo, o cinto que está usando é velho, falta algo emprestado. Sei que não são as fabulosas alianças que eu ajudei a comprar, porém não vamos deixar algo pequeno estragar esse grande dia. — Diaba ia mesmo me fazer chorar.

— Aqui. — Foi a vez do Michael. — Foi a aliança do meu casamento, acho que serve no Joaquim.

— Você é casado, Gogo? — Olhei para os dois anéis na minha mão. Um sentimento alegre se apossando no meu coração. Os dois acessórios eram completamente diferentes iguais a mim e Quim: um prateado, e o outro, dourado.

— Não mais, só que velhos hábitos nunca mudam. — Aí tem coisa, senhor policial tinha um passado turbulento, será que a mulher dele o deixou?

— Podemos nos casar? — Olhei para Quim, oferecendo as joias. — Por favorzinho.

— É tudo que eu mais quero, minha Chay. — Quim me deu um selinho, e eu tive de me conter para não o agarrar.

As coisas aconteceram muito rapidamente. Primeiro corri para fazer xixi. Sério, meus filhos deveriam escolher um lugar melhor para sentar. Depois briguei com Michael para que ele colocasse a roupa que seria do Duuu, o futuro cadáver. Ficou um pouquinho justa, mas nada que atrapalhasse.

Quim entrou no salão com a mãe ao som de *It's My Life*, de Bon Jovi — segundo ele, aquela música seria a definição de sua vida, o que não deixava de ser engraçado. Em uma parte da música havia algo que era mais ou menos como: “o que importava era o aqui e o agora”.

Depois dele, minhas damas de honras com seus pares vieram, ao som de *Iris*, do Goo Goo Dolls. Momo e Michael faziam um par incrível, eu sou muito boa no meu papel de cupido, e com toda certeza o Duuu estava na minha lista negra.

Eu entrei com o meu pai ao som de *Black in Black*, do AC/DC — apesar de a letra não condizer com o momento, eu tenho de confessar que o som dos instrumentos me deixava animada. Queria sair pulando quando eu ouvi o som dos violinos dos caras do metrô, gente, que lindo, chega fiquei toda arrepiada.

Devido ao meu estado, colocaram duas cadeiras para sentarmos, mas antes disso, o cara que estava ministrando a cerimônia pediu que todos ajoelhassem no chão para uma oração de um pai-nosso. Assim que nos posicionamos, o salão inteiro começou a rir. Olhei para trás com cara de poucos amigos, quando o meu pai apontou para Quim. Fiz uma vistória em meu noivo até chegar aos sapatos, onde estava escrito *HELP*, duas letras em cada calçado. Breno estava quase tendo um troço de tanto que gargalhava. Fiz com os lábios um “você me paga” e depois voltei ao meu lugar.

A cerimônia foi linda, em todos os anos que eu conhecia Quim, nunca imaginaria nós dois nos casando. Chorei litros e agradecia ao inventor da maquiagem à prova de água, ou naquele momento, estaria parecendo um panda.

— Chegou a hora dos votos. — Quim se ajoelhou no chão e pegou as minhas mãos. Fiquei olhando para ele sem saber o que fazer.

— Minha linda Charlene. Dizer somente que vou amá-la, respeitá-la, na alegria e na tristeza até que a morte nos separe é muito comum. E nada no nosso relacionamento é comum. — Sorri por entre as lágrimas. — Eu tentei escrever um texto bonito, com frase de poetas, mas nada chegava aos seus pés, porque você é única, autêntica, altruísta, uma amiga sem igual, uma pessoa alegre. Minha vida com você não vai ser preto no branco, como estou acostumado. Você veio bagunçar com tudo que eu tinha planejado. Meus planos certinhos que fiz há muito tempo...

— Bem típico de você planejar tudo certinho, aposto que tem alguma planilha escondida no seu computador. — Os nossos convidados riram.

— Exato, minha vida agora é uma matriz colorida...

— Mais ou menos umas 274 cores diferentes, com suas variações...

— Charlene. — Disse um “ops” e cerrei meus lábios. — Viu, minha vida agora vai ser uma aventura incrível e divertida ao lado dessa mulher incrível que está me dando um dos presentes mais lindos. — Ele colocou a mão em minha barriga. Quim pegou a aliança emprestada da almofada carregada pelos sobrinhos e disse: — Receba essa aliança improvisada, parece que esse será nosso futuro... — O pessoal voltou a rir. — Como prova do meu amor e respeito por você.

Levei uns instantes para me recompor depois que ele colocou o anel de Momo em meu dedo.

— Você é um chato, me irrita, me dá vontade de arrancar os cabelos às vezes...

— Só coisa boa. — Quim riu.

— Isso só mostra que é humano, nunca quis um príncipe encantado perfeito, eu queria um companheiro que trilhasse o futuro junto comigo. Você é tudo isso que eu disse e outras coisas, como carinhoso, protetor, a calma na tempestade. Você disse que eu trouxe cor para sua vida, e eu digo que você me trouxe a paz para o meu caos, você conseguiu ver através da maluquete da Chay, da briguenta, há uma menina que precisa ser amada e cuidada. Com você, eu não preciso fingir, está tudo bem, eu sempre vou esperar a sinceridade. — Pisquei

várias vezes para não chorar. — Todo esse tempo que vivemos brigando, mas ao mesmo tempo não conseguimos ficar muito longe um do outro, é uma amostra de que você é a tampa da minha panela.

— Não vivo sem você, minha pretinha linda. — Quim deu o meu sorriso, e ainda bem que estava sentada, pois minhas pernas estavam bambas.

— Somos diferentes. — Entrelacei meus dedos nos dele e ergui nossas mãos. — Somos orgulhosos demais, e é por isso que levou todo esse tempo para ficarmos juntos, por isso eu prometo tudo isso aí e mais: não deixar o orgulho ditar as minhas ações. — Peguei a aliança de Michael e coloquei no dedo de Quim. — Isso quer dizer que você é meu agora, e eu sou sua, e nenhuma loira vai me tirar o que é meu. — Quim revirou os olhos. — Prometo te fazer sorrir mais vezes, te tirar do sério e muito sexo. — O ministro quase engoliu a própria língua, e todo mundo gargalhou e bateu palmas. — Todo aquele que os nossos anjinhos deixarem. Te amo, meu Quindim.

— Eu também te amo, minha pretinha.

Fui até ele e o beijei nos lábios.

— Eu ainda não cheguei nessa parte. — O ministro se queixou.

— Se toca, mala velha. — Só de raiva, dei um senhor e demorado beijo em Quim. Ao som de mais aplausos.

— Então eu vos declaro marido e mulher...

— Você não vai perguntar se tem alguém que é contra a nossa união? —
Interrompi o ministro.

— Minha filha, se alguém aqui neste lugar for contra, acho que pelo bem dele é melhor ficar com a boca fechada, ou eu acho que você é bem capaz de matar um.

— Você tem toda razão.

No final, tudo deu certo. O pessoal do cartório trouxe os papéis para nós assinarmos, e me tornei oficialmente a senhora Quindim. Fiz questão de Momo e Michael serem meus padrinhos. Nem precisei usar a chantagem de que eu era uma grávida que não podia ser contrariada. Acho que todo mundo respirou aliviado quando o juiz me entregou a certidão de casamento.

Cumprimentamos todos os amigos e parentes que estavam ali. E quando a última pessoa da imensa fila caminhou para o outro salão, onde a festa de fato aconteceria, meu ruivo e abraçou por trás e sussurrou em meu ouvido:

— Enfim, senhor e senhora Quindim. Não vejo a hora de tirar esse seu vestido e ter você nua para mim.

Dei um beliscão em seu braço.

— Eu ainda estou brava por ontem. — Eu me soltei do abraço, empinei meu narizinho de batata e caminhei para o salão.

— Charlene. — Quim veio ao meu encalço, se colocou em minha frente.
— Me perdoe. Vou medir minhas palavras no futuro. É claro que confio em você,

é só que fico com ciúmes desse bando de homens olhando para você.

— Quim, eles podem olhar para essa maravilha. — Apontei para o meu próprio corpo. — Mas o único que vai ter o privilégio de tocar vai ser você. — Abri um sorriso traquinas para ele. — Mas não se preocupe, que já sei como me vingar. — A cara do meu marido era a melhor. — Vou mandar o seu vídeo dançando Macarena para o Faustão.

— Como é que é? — Quim estava com a boca aberta. Minha vadia interior estava sambando. — Que vídeo?

— Aquele que eu gravei ontem quando você me ligou bêbado de um estúdio de tatuagem.

— Não me lembro muito de ontem, depois da quarta dose de tequila, não recordo de nada a não ser acordar com uma puta de uma dor de cabeça na casa de Maria e Breno. — Quim passou as mãos pelas madeixas rubras, pedi para ele deixar o cabelo crescer um bocadinho, só para poder puxar na hora do sexo.

— Eu gravei para posterioridade, não se preocupe, que você terá acesso a tudo.



— *Charlene, meu amor. — Quando Quim me viu na porta, parou de dançar e veio aos tropeços em minha direção. — Me desculpe. Eu te amo.*

— Pronto. Quem vai ser o próximo? — Não tive tempo de responder meu noivo. Um cara todo tatuado saiu de trás de uma cortina. Ele era realmente bonito, mesmo parecendo um gíbi.

— Eu sou. — Quim ergueu a mão e já ia na direção do cara.

— Nem pensar. — Puxei meu ruivo de volta.

— Eu vou tatuar seu nome e um quindim com olhos, você vai gostar; ele é moreninho como você...

— Me digam que ele não quer desenhar o emoticon de cocô — pedi para os dois funcionários do estúdio.

— O cara insiste em dizer que é um quindim moreno. — O tatuador deu de ombros. — Um quis o coelho da Mônica, o outro, o emoticon, e esse aqui — ele apontou para Breno, que no momento estava vomitando em uma lixeira — quer tatuar oito estrelas, uma para cada gota de sangue depois de tirar a virgindade da própria esposa. — Maria ficou muito vermelha com essa última fala. — Esse é o trio mais estranho que eu já recebi.

— Meu chapa, cancela a tatuagem desse aqui? — Apontei para o ruivo. — Ele vai para casa curar a bebedeira para casar comigo amanhã, ou será um homem morto, e seu trabalho vai para os vermes.

— Ele já pagou pelo serviço...

— Fique com o dinheiro — interrompi. — Ninguém vai tatuar mais nada hoje.

— *Sim, senhora.*

— *Onde está o idiota número três?*

— *Vestindo as calças, vai ser meio dolorido para ele sentar por alguns dias...*

— *Espera. Ele fez tatuagem onde?* — *Momo perguntou.*

— *Na bunda...*

Eu gargalhei. Ri tanto, que até perdi o fôlego. O Duuu tinha tatuado o coelhinho da Mônica na bunda? Eu zoaria ele para o resto da eternidade, e quando morrêssemos, faria isso lá no céu, porque com toda certeza eu estaria lá depois daquela noite.

— *Momo, eu já estou com o meu cara, Maria com o dela, vai lá pegar o seu.* — *Minha amiga olhou com cara de poucos amigos para mim e saiu do estúdio.*



— *Lembrei que tenho que zoar muito o Duuu quando o encontrar.*

Quando entramos no salão, uma chuva de pétalas de rosa caiu sobre nós. As flores não eram de verdade, foram feitas com seda — não gastaria arroz com uma tradição besta, muitas pessoas passavam fome, não vi necessidade.

O salão de festa estava completamente decorado como se fosse o salão principal de Hogwarts, quatro grandes mesas ocupavam o lugar — na verdade, eram mesas de plástico, todas juntas, imitando perfeitamente os mesões, colocaram até uma toalha estampada como se fosse de madeira. Em um canto, uma cabine de fotos com algumas fantasias, o bar servia cerveja amanteigada e bebidas coloridas além de cerveja e destilados. Os garçons estavam a caráter, servindo a todos com salgadinhos, e depois viria o almoço com churrasco.

— Obrigada, obrigada, obrigada. Você não sabe o quanto estou feliz.

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para você ser a mulher mais feliz do mundo. — Quim e eu nos beijaríamos, quando o Duuu apareceu.

— Já aconteceu o casamento? — ele perguntou, nos olhando.

— Claro que sim, posso saber por que está atrasado? — Coloquei minhas mãos na cintura.

— Tinha uma manifestação...

— Isso sabemos. Você poderia ter vindo de metrô, sabia? — Nem deixei que ele desse uma desculpa.

— Eu não ando de metrô, esperei liberarem a saída do meu prédio e vim o mais rápido que eu pude.

— Você quer me dizer que deliberadamente não chegou a tempo para o meu casamento — bati no meu peito — enquanto podia pegar o metrô, e não fez isso pelo simples fato de que não anda em transporte público?

— Achei que o casamento seria adiado por causa disso, que todo mundo estaria preso. — Duuu ofereceu a caixinha preta para mim. — Liguei para todo mundo, mas ninguém me respondeu, então esperei liberarem as pistas e vim para cá.

— Eu estava com peso na consciência por arranjar Momo com o Gogo, mas agora você está morto para mim. — Comecei a andar em direção à mesa destinada para os noivos, quando ouvir Duu perguntar:

— Quem é ou o que é um Gogo?

Quim riu.

— É algum apelido que só a mente hiperativa da minha mulher é capaz de inventar. — Aquele “minha mulher” me fazia sentir borboletas no estômago. — Mas o cara é aquele ali, o loiro que parece um armário, fazendo Mônica rir. — Olhei para direção da minha amiga, e, de fato, ela estava radiante, fase um da operação cupido completa. *Fazendo dancinha da vitória mentalmente. Ah! Ah! Ah!*



Capítulo 12



Fiz um pequeno desvio antes de sentar no meu lugarzinho, estava realmente cansada meu pezinhos estava doendo e... percebi que casei de Havaianas dos Minions, e aquilo era realmente minha cara. Cheguei perto de Momo e Michael e disse:

— Eu realmente preciso que você tape os ouvidos por cinco minutos, e depois eu deixo você voltar a azarar a minha amiga. Sério, não quero ser acusada de premeditar crime, vou alegar insanidade.

— O que não seria uma surpresa. — Momo virou para mim e arqueou a sobrancelha. — Quem é que vamos matar?

— É por isso que te amo, anjinho da minha vida. — Abri o maior sorriso para ela.

— Meninas, sou um policial, acho melhor eu sair daqui...

— Só tape os ouvidos ou finja que não ouviu nada. — Apontei em direção do meu amado e idolatrado, salve, salve, marido. — O paspalho do Duuu não

apareceu na hora do meu casamento porque não pega metrô.

A boca da Momo abriu, escancarada.

— É um babaca mesmo. Seu casamento poderia ter ido por água abaixo por causa disso. — Momo olhou na direção do homem. — Vamos precisar de ajuda, você não pode carregar peso, e ele é pesado.

— Podemos colocar em um carrinho de supermercado. — Era engraçado ver a cara de espanto de Michael, acho que ele realmente estava pensando que nós duas iríamos matar o Duuu.

— Meninas, vocês estão realmente falando sério? — Ele nos olhou, e nós duas caímos na gargalhada.

— Não se preocupe, Michael, Momo nunca mataria alguém, a bicha desmaia só de ver um cortezinho de papel. — Dei meu sorriso de *anja* inocente que sou. — E esses dois aqui — aponte para minha barriga — são prioridade, carregar peso foi proibido pelo médico. Agora pode voltar para a azaração. Dica da Chay. — Fiz um suspense. — A sala que você usou para se trocar vai ficar livre e só dá para abrir por dentro. — Pisquei para ele. — Faça tudo o que eu faria, lembre-se que é um maravilhoso clichê a dama de honra e o padrinho se pegarem no casamento.

Dito isso, finalmente fui sentar. Mal coloquei meu bumbum na cadeira, e um rapazinho apareceu com um prato com maravilhosas coxinhas e um copo de cerveja amanteigada. O primeiro, eu comi com vontade, e o segundo, hesitei, aquilo deveria ter muito açúcar. Minha glicemia estava tão boa naqueles dias, que

não iria abusar, tinha de pensar no bolo de cenoura de três andares que estava acenando para mim, me dizendo: “me coma, me coma”. Muita tentação para uma pessoa só.

— Falta quanto tempo para eu poder tirar esse seu lindo vestido? — Quim sussurrou em meu ouvido. Senti um delicioso arrepio no corpo. Olhei para cima e vi o sorriso traquinas do meu ruivo. Claro que eu ia aprontar com ele.

— Se depender de mim, vai demorar. — Empinei o meu narizinho e me concentrei no meu prato.

— Ainda está chateada por ontem? — Quim sentou ao meu lado.

— O que você acha? — Eu queria gargalhar, mas não podia, tinha de manter a pose de mulher brava fazendo charminho.

— Eu acho que eu pisei na bola, e você tem toda razão de estar brava comigo, vou dormir no sofá...

— Nossa, Quindim, você é tão chato. — Olhei para ele e revirei os olhos. — Eu estava esperando uma discussão, seguida da carinha de cachorro que caiu da mudança, e por fim eu finalmente cedendo porque sou magnânima e compreensiva. — Suspirei. — Nunca vamos ter sexo de reconciliação?

— Se depender de mim, você terá sempre sexo simples mesmo, sem motivo nenhum. — Quim deu de ombros. — Você está a fim, eu estou a fim, pronto.

Gargalhei com a simplicidade dele.

— Sobre ontem, está esquecido...

— Não vai postar meu vídeo dançando Macarena? — Quim estava com a cara preocupada.

— Não. Sorte que eu te amo...

— Nisso, concordamos. — Ele puxou o meu rosto, e nos beijamos. — Por ser uma boa menina, vai ganhar um presente.

— Oba. Adoro presente. — Bati palminhas. Quim olhou para cima e balançou a cabeça. O idiota do Duuu apareceu ao meu lado, e ambos ergueram a minha cadeira. — Quim, o que você está aprontando?

— Uma loucura que só um cara apaixonado pode fazer. — Duuu respondeu, e Quim sorriu. Fui colocada no início do salão onde as pessoas iam dançar. — Depois dessa, espero que você me perdoe pelo negócio das alianças. — O bobão deu uma piscadinha e foi para o centro da pista.

Breno e mais alguns amigos de Quim se juntaram a eles, todos estavam de costas para mim. As minhas damas de honras, mais algumas amigas, se colocaram ao lado dos meninos. O DJ parou a música que estava tocando e colocou outra, e eu não podia acreditar em meus ouvidos.

— Ai, meu Deus! — Quando eu vi a perfeita bundinha de Quim rebolando ao som de Backstreet Boys, eu quis sair gritando.

A dança começou, *Everybody* tocava por todo salão, os casais formados faziam a dança de início do clipe dos anos noventa, depois eles formaram fileiras,

fazendo os passinhos de monstro, mãos em garra e braços fletidos, indo de um lado para outro. Eu não conseguia conter a minha gargalhada. Quim se jogou no chão bem próximo de mim.

— Serei seu gogo boy quando quiser. — O safado piscou e depois levantou do chão, voltando para o seu lugar para sua coreografia.

Não preciso dizer que aquilo era sexy pra cacete, meu ruivo dançando para mim, claro que eu ia pedir que fizesse mais vezes e só de cueca boxer. Disfarçadamente, fui conferir se não estava babando. No final da música, ele voltou até mim e me puxou para os seus braços, o som mudou para uma melodia lenta, e nós dois começamos a dançar sozinhos na pista.

— Eu não acredito que você fez isso. — Quim não me respondeu, alcançou os meus lábios e me beijou com ternura. A delicadeza com que ele fazia aquilo só deixou o momento muito mais precioso. Naquele instante, só havia nós dois ao som de Oasis, *Wonderwall*.

— Amo você, minha Chay... — Quim sussurrou ao meu ouvido. — Obrigado por me dar a honra de ser minha esposa.

— Eu também te amo, meu Quindim, sou afortunada por ser sua esposa.

— Será que eu posso ter a honra da dança? — Meu pai chegou ao meu lado. Quim me passou para seus braços e tirou uma Fátima chorosa para dançar.

Depois disso, passei por muitos braços, todo mundo queria dançar com a noiva. Quando chegou a vez do Duuu, olhei em advertência.

— Não pise no meu pé, viu? — Ele gargalhou.

— Você ainda está brava comigo?

— Só um pouco. — Olhei para o lado e vi Momo dançando com o Michael. — Digamos que quando eu voltar a trabalhar e a beber café, você terá que me pagar alguns *moccas* com bolinhos.

— Da Starbucks?

— Claro. Mas vou ser bondosa, não quero que você fique pobre: pode ser folheado da Casa do Pão de Queijo. — O Duu gargalhou.

— Você é uma figura. Fico feliz por meu amigo estar com você. — Olhei para Quim dançando com uma tia minha e fiquei com dó, aposto que já havia levado uns beliscões na bunda, ela adorava garotões. — Ele precisava de um pouco de loucura na vida dele.

— Nós nos completamos. O que eu tenho de sobra, falta nele e vice-versa. — Olhei bem para ele. — E você e minha amiga, tem jeito?

— Pedi Mônica em namoro, e ela disse que não. Agora está com o policialzinho de meia pataca...

— Parou. Eduardo, Momo é uma pessoa que você não pode pressionar, é pior que mula empacada, então dê o espaço que ela te pediu. — Parei de dançar. — Não é o que todo homem quer? Sexo sem compromisso? — Duuu ficou vermelho, me segurei para não fazer careta.

— Não vou discutir a minha vida sexual...

— Nem quero — interrompi. — Na real. Acho que você só quer ela por ser difícil. É a emoção da caça?

— Não é. Mônica é uma mulher legal, divertida, tem um papo bom...

— Eu sei tudo isso, Duuu. Me diga com sinceridade, por que você quer ficar com ela?

— Eu... — Duuu parou para pensar por uns instantes. — Eu realmente gosto dela, quero conhecê-la melhor.

— Bom, corre atrás, então. — Apontei para o casal. — O cara ali já está na sua frente por ser loiro: é o tipo de Momo. Mas seja esperto, Duuu, não a pressione, ou ela vai fugir para as colinas.

A festa foi um sucesso, todo mundo comendo e bebendo bem. Muita música boa dos anos 80 e 90, melhor época para música, em minha opinião. Finalmente chegou a hora do bolo. Fiquei frustrada pela pasta americana não me dar a possibilidade de sujar o lindo rostinho do meu ruivo.

Estava sentada com as pernas em cima das do Quim, conversando com Breno, quando a mestre de cerimônia veio falar que já podíamos ir. A mulher reuniu todas as solteiras para que eu pudesse jogar o buquê.

Quem pegou o buquê foi a minha amiga Raquel, ela colocou no pé e a Momo veio e o chutou, mandando o coitadinho para longe. Todas as solteiras

riram e comemoram como se tivesse sido o gol do século. Acho que se não fosse por meu ruivo delícia, eu teria feito o mesmo.

Quim e eu fomos embora em seguida. Não teríamos lua de mel, porque não queria me arriscar a ficar longe da minha médica, além do medo de pegar avião ou uma estrada. Então resolvemos ficar na capital mesmo, teríamos muito tempo para viajar. Tudo que eu precisava era do meu ruivo debaixo de mim ou atrás de mim ou do lado, e isso poderíamos fazer em qualquer cama.



— Ainda não entendo por que você gosta tanto desse programa.

Tínhamos chegado da nossa noite de núpcias, em um hotel cinco estrelas com direito a banheira de hidromassagem, morangos com chocolate e tudo mais que eu quisesse. Nunca me diverti tanto dando uma de celebridade, de criança, pulando na cama gigante, quase matando o Quim de susto e depois o obrigando a fazer a mesma coisa. — Você já assistiu quantas vezes isso?

— Sei lá, umas quatro ou cinco vezes a série inteira e... — Parei de falar quando, na TV, a Cristina Yang escorregou no gelo e caiu uma estaca de gelo em seu abdômen. Um ruivo apareceu para ver se ela estava bem. — Gente, eu tenho um Owen Hunt. — Sentei no sofá e olhei para os cabelos ruivos de Quim.

— Você tem o quê? — Ele me olhou como se eu parecesse doida.

— Um Owen. — Aponte para a TV. — Qual a chances de você se vestir de médico para mim? — Fiz cara de anjinho.

— Primeiro terno e gravata, agora de médico? — Quim sorriu e me puxou para o seu colo. — Policial também?

— Vai me prender e ler meus direitos, meu senhor. — Abracei Quim pelo pescoço e dei vários selinhos nele. — Vai me prender por quê?

— Excesso de gostosura. — Gargalhei. — Não ria, você é uma delícia.

— Ah, é? — Quim começou passar a mão por minha perna, subindo cada vez mais.

— Ou por falta de pudor. — Quim mordeu o meu pescoço, e eu dei um gemido, o safado sabia que aquilo era meu ponto fraco. — Onde está a calcinha, senhora Quindim?

— A médica disse que era melhor eu ficar sem ela em casa, para dar uma refrescada na amiguinha aí em baixo. — Quim colocou um dedo por entre as minhas dobras. — Quim.

— Sim. — Ele me despiu de sua camisa. — Eu adoro a forma que seu corpo está se transformando com a gravidez. O que era lindo ficou ainda melhor.

— Gosta mesmo? — Queria me ver com os olhos dele, mas depois de ver sua ex, sempre me dava uma pontinha de insegurança, muita besteira, né? — Mesmo eu usando esses sutiãs feios? Tentei achar um de grávida com rendas, mas os estilistas acham que grávidas não podem ficar sexy.

— Doce, você consegue ser sexy de qualquer jeito. — Não consegui responder essa frase, só sentir o que aquele ruivo delícia fazia com o meu corpo. Não preciso falar que Grey's Anatomy foi esquecido completamente e que o sofá da nossa sala de estar foi estreado.



— Quim, acorda. — Minha cabeça doía horrores, minhas costas, nem se fala. Ao sentar na cama vi tudo rodando.

— O que foi, Chay? — Quim esfregou os olhos e olhou para mim.

— Eu não estou bem. — Dei um gemido.

— Vamos para o hospital.

Toda vez que passava mal durante a noite, eu ficava impressionada com a rapidez que Quim levantava se arrumava e cuidava de tudo à minha volta antes que eu colocasse o pé no chão.

O hospital ficava a meia hora de casa. Eu até já tinha feito amizade com ambos os plantões noturnos, meus bebês adoravam aprontar de madrugada. Passamos pela triagem com a equipe de enfermagem, minha pressão arterial estava elevadíssima, meus pés mal cabiam dentro do meu chinelo, tive de tirar com muito custo a aliança que estava começando a me machucar por causa do inchaço nas mãos. O pior era a dor de cabeça, que estava provocando náuseas.

Deitei na sala de medicação que ficava ao lado da sala de consulta. A área de gestante era isolada da outra ala do pronto-socorro, e eu dei graças a Deus, pois estava bastante cheio àquela hora. Parecia que todos os bêbados resolveram dar PT^[17] tudo junto às três da manhã.

— O médico pediu para você ir até a sala de exames — a enfermeira boazinha veio me dizer depois de meia hora de espera.

— Ele não pode vir aqui? Estou meio tonta para andar. — Não tinha nenhuma mulher na salinha àquela hora.

— Ele vai precisar ver os bebês.

Quim e ela me ajudaram. Eu não sou fresca para essas coisas, mas estava bem mal mesmo, nunca tinha sentido nada daquilo.

— Vejo que sua pressão está bem alta, por que deixou para vir a essa hora da manhã? — O médico já foi logo dizendo, sem ao menos eu sentar na cadeira em frente a ele. Mandou Quim embora, não o deixando ficar na sala, mas eu não queria me indispor com ele, jogar os meus direitos de grávida na cara do babaca. O cara nem olhou para mim, ficou mexendo no celular.

— Por que eu não estava sentindo nada, e quando eu fui dormir, ela estava dentro dos padrões normais. — O cara queria me irritar, por que eu atraio essas pessoas?

— Vou te prescrever uma medicação para abaixar a pressão...

— Que seria? — perguntei.

— Hidroclorotiazida^[18].

— Não posso usar essa.

Ele finalmente olhou para mim. Seu cabelo preto bagunçado e os olhos avermelhados indicava que ele estava dormindo até eu chegar.

— Tem alergia?

— Não, mas...

— Então é essa que você vai usar. — Respirei fundo e passei a mão na barriga, os bebês estavam agitados, e isso piorava meu desconforto. — Se não tem alergia, não tem por que não usar.

— Minha médica disse que para mim ele não serve. — Mordi o lábio para não gemer. — Por causa da minha raça.

— Isso é besteira, só porque você é negra não quer dizer que o remédio não vai fazer efeito. — Ele entregou a ficha para enfermeira. — Isso é mito.

— Eu não vou ficar debatendo com o senhor o seu serviço, estou lhe informando que essa medicação não serve para mim — rosnei as palavras.

— Ainda bem. Porque o médico aqui sou eu.

— Sério mesmo que você vai bater boca com uma grávida que está sentindo dor, com pressão alta e muito a fim de meter a mão na sua cara para que você atenda as pessoas direito?

— Escute, minha senhora, se você quiser tomar o remédio é esse. Caso contrário, vou pedir que assinei um termo se responsabilizando por não querer

seguir a conduta médica indicada, colocando a sua vida e dos seus bebês em risco por irresponsabilidade.

Eu vi vermelho. *O filho da mãe não me chamou de irresponsável!*

— Você que o maldito irresponsável aqui. Você nem ao menos me tocou para me examinar. Captopril e Hidroclorotiazida não funcionam comigo, e se você tivesse estudado um pouquinho, saberia que isso é comum em pessoas negras!

— E eu estou falando que isso é...

— Foda-se o que você está falando!

Puxei meu celular do bolso do meu vestido. Não usava mais ele nos peitos por causa de umas coisas que li sobre o assunto. Acessei a minha agenda e procurei o número da minha médica, demorou para ela atender, mas assim que o fez, comecei passar o caso.

— Boa noite, doutora, desculpe te incomodar, mas estou aqui no hospital, minha pressão está alta de novo e tem um incompetente querendo me matar, ele quer me dar hidroclorotiazida, mesmo eu tendo falado que não funciona em mim.

— Ela tentou me acalmar primeiro e depois pediu o nome do médico. — Toma, ela quer falar com você. — Ofereci o celular para o *medicuzinho*.

— Eu não vou atender...

— Acho bom você fazer isso, minha médica só é a chefe da obstetrícia desse hospital, e eu vou fazer questão de estar presente quando ela chutar sua bunda magra daqui. Quem sabe assim você aprenda a ser um médico de verdade?

A enfermeira por de trás dele fez um *joinha* e segurou a risada. Eu já brigava quando não estava na razão, imagine estando! O médico ficou pálido enquanto escutava, dava até para ouvir os gritos da minha doutora, não entendi uma palavra, mas deu para entender que a bronca era fenomenal.

Eu queria realmente ainda falar mais algumas coisas para ele, só que tudo ficou escuro. [\[19\]](#)



Capítulo 13



Bem, deu ruim. *Game over*, galera. Bati com as dez, fui comer capim pela raiz, segui para luz e chega de drama. O fato é que fiquei *malzona*, então meu ruivo lindo vai narrar esse capítulo, tenha paciência com ele, ela está aprendendo. Acabei de ganhar meu próprio estagiário, dancinha feliz.

Quim

Quando Chay me chamou de madrugada, meu coração começou a bater como um louco, era sempre assim. Li muita coisa na internet sobre bebês, e depois que soubemos dos gêmeos, li mais ainda, revistas, artigos científicos, manuais, livros e sites. Eu queria ter tudo planejado, antecipar cada etapa. Se Chay soubesse disso, me chamaria de louco paranoico. Confesso, eu sou assim. Quando minha irmã estava grávida, eu não estava aqui, tinha ido passar uma temporada de seis meses na Irlanda, não acompanhei nada.

Agora eu não sei se tanto estudo foi bom. Minha cabeça estava girando com tanta informação, eu pensava no pior, ia perder a minha pretinha bocuda.

Desde o início, eu fiquei encantado com aquela mulher, a beleza exótica, o sorriso estonteante, as ideias loucas. Minha Chay era uma força da natureza, bonita e incrível. “Por favor, Deus, cuide da minha mulher e dos meus filhos”, fiz uma prece.

Quando a enfermeira saiu gritando no corredor para que chamasse a emergência, foi como se o meu mundo fosse ao chão. Levantei da cadeira incômoda onde estava sentado desde que o médico grosso me expulsou da sala e corri para o consultório. Chay estava no chão, se debatendo, uma espuma branca saía de sua boca, os olhos abriam e fechavam, e suas mãos encurvavam. Eu sabia o que era aquilo, estava tendo uma convulsão.

Fui empurrado para o lado por um enfermeiro alto. O médico que estava amparando a cabeça de Chay começou a dar ordens. Tudo foi muito rápido, fios, monitores, medicamentos, pessoas indo e vindo. Quando pisquei os olhos, minha esposa estava em uma maca sendo levada.

— O que está acontecendo? Para onde estão levando?

O mesmo enfermeiro que me tirou do caminho se colocou em minha frente, não permitindo que eu fosse atrás da maca.

— Sua esposa teve uma convulsão. — O homem negro falou comigo. Não conseguia olhar para ele, fiquei na porta aberta, que dava vista para as paredes

brancas do corredor do hospital. — Provavelmente o problema é a pressão alta. O médico vai fazer uma série de exames nela e no bebê...

— Bebês, são dois, meus bebês. — Desviei os olhos, focando no verde profundo, o cara parecia aquele médico do seriado que Chay adorava. — Eles estão bem?

— Assim que a crise passou, o médico deu uma auscultada nos batimentos cardíacos, e estão estáveis. Assim que estabilizarmos a mãe, vamos fazer exames nos bebês. — O enfermeiro colocou a mão no meu ombro. — Meu nome é Leandro, sou enfermeiro do pronto-socorro, e assim que eu tiver qualquer notícia dela, eu venho te informar. — Abrir a boca para falar, porém ele foi mais rápido. — Você não pode entrar agora, pois a equipe precisa trabalhar. — Balancei a cabeça assentindo. — Venha, vamos esperar na sala aqui do lado.

Acompanhei Leandro, a sala estava cheia e barulhenta, não encontrei um lugar para sentar, então simplesmente encostei em uma parede e deslizei até o chão. Meus ouvidos estavam zunindo e minha cabeça girava, respirei fundo várias vezes para tentar me acalmar.

A menina que nos atendeu veio até mim e me entregou os pertences de Chay. Sem querer eu apertei o botão de ligar de seu celular, e ele acendeu mostrando uma foto minha, dela e de Mônica no casamento. Como ela estava bela e animada no dia... Quem diria que a maluquinha pegaria o metrô para chegar no casamento.

Alcancei meu próprio celular e fiz uma ligação.

— Espero que alguém esteja morrendo para que você me ligue a essa hora
—Mônica resmungou no celular depois de vários toques.

— Mônica, é a Chay...

— Onde vocês estão? — Ouvi um barulho de resmungo e alguém caindo do outro lado. — Merda!

— Estamos no hospital perto de casa...

— Chego aí o mais rápido possível. — Ouvir a voz de um homem a chamando, parecia que Mônica estava com alguém, e eu não achava que era o Edu. — Ela está bem?

— Eu não sei...

— Aguenta, chego aí em minutos. — Não duvidava, Mônica estava morando perto da gente no antigo apartamento de Chay, para ajudar quando os bebês nascessem. “Deus, que não seja hoje, eles são muitos novinhos”, pensei.

Não sei quanto tempo se passou, fiquei sentado ali, pedindo a Deus que salvasse meus amores. Senti uma mão tocando meu ombro, olhando para cima, vi Mônica parada, me olhando.

— Me conta tudo.

Não tenho vergonha de falar que comecei a chorar. Mônica sentou ao meu lado e me abraçou. Depois de um tempo, contei o que sabia. Naquele momento, olhei ao redor e vi que a sala de espera estava vazia, um silêncio de morte reinava no lugar.

— Ela vai sair dessa.

— Eu espero que sim. — Ficamos ambos em silêncio. Comecei a rir quando lembrei de um fato.

— Você está louco? — Mônica olhou para mim.

— Me lembrei da primeira vez que vi essa desbocada...

— Quando você quase a atropelou no estacionamento? — Balancei a cabeça concordando. — Nunca entendi muito bem o que houve.

— Eu tinha acabado de voltar da Irlanda, lá dirigimos, como diz sua amiga, na esquerda errada. — Mônica gargalhou, Chay não sabia qual a diferença entre a esquerda e a direita. — Eu estava tendo dificuldade para voltar para a “esquerda” certa. Quando entrei no estacionamento, desviei meu olhar por meio segundo para pegar o celular, que tinha voado do painel, e quando virei com tudo para não acertar o poste, a doida estava no meio da pista...

— Ou seja, de fato você é um barbeiro e quis matar Chay. — Monica mostrou a língua para mim, e rimos.

— Eu descii do carro para pedir desculpas, quando a senhora bocuda começou a me xingar de barbeiro e mandar eu olhar por onde andava. — Comecei a girar a minha aliança no meu dedo, ainda não tinha me acostumado a ela. — Estava sem dormir direito, e então comecei a dar resposta atravessadas, e num instante estava batendo boca.

— Meu Deus. — Mônica balançava a cabeça em descrença. — Vocês são duas figuras.

— Como vocês se conheceram?

— Somos apaixonadas por livros e acabamos em um grupo de RPG...

— Vocês tinham algum problema de saúde?

— Não. É um tipo de jogo em que os participantes interpretam personagens, eu e a Chay éramos um casal no grupo. — Mônica deu um tapinha em meu ombro. — É, meu chapa, sua sorte é que gostamos muito de homem, ou você não teria a menor chance, ela teria sido toda minha.

— Não tenho como competir. — Ergui as mãos.

— Não mesmo. Mas o grupo acabou, e nossa amizade ficou. — Monica deitou a cabeça em meu ombro. — Não sei como explicar, a nossa amizade nasceu do nada, cresceu e se tornou isso que é hoje. Como ela sempre diz: somos irmãs gêmeas que nasceram de mães diferentes, anos diferentes e cores diferentes. — Eu ri, minha louquinha esposa vinha com cada uma. — No seu primeiro dia de trabalho, ela entrou no elevador, e eu estava lá. A bicha espumava de raiva por causa de um ruivo cegueta que o que tinha de lindo, tinha de mau motorista.

— Eu sou um ótimo motorista. — Tinha de me defender.

— Acreditamos em você. — Caímos em um silêncio confortável por um instante. — Lembra o ano que ela queria porque queria que todo mundo usasse chapéu de Papai Noel?

Revirei os olhos.

— Nem me fale, a criatura não me deixou em paz enquanto não coloquei o maldito gorro.

— É porque você não sabe que ela tirou uma foto e fez uma montagem.

— Como é? — Mônica deu uma risadinha.

— Ela pintou o seu rosto de verde e colocou a frase: “Eu sou o Grinch e vou roubar seu natal”.

— E toda a empresa riu de mim. — Mônica balançou a cabeça em negativo.

— Ela colocou de papel de parede somente no computador dela, Chay é doida, não maldosa.

— Você mudaria de ideia rapidinho quando souber sobre as mensagens que ela mandou quando vocês deram uma de Speed Racer...

— As mensagens picantes que vocês trocavam? — Senti meu rosto esquentar. — Quim, ela é minha melhor amiga, conversamos sobre isso, e sei coisas sobre você que gostaria de não saber. — Eu deveria estar da cor dos meus cabelos agora. — Sabe como é ruim olhar para uma Jontex e vir você na minha mente? Isso é muito estranho.

— Essa história de novo? — Fiz careta.

— Quim? — Olhei para cima e vi a médica da minha esposa. O rosto dela não expressava absolutamente nada, comecei a esperar pelo pior. Mônica e eu

levantamos do chão. — Tudo bem?

— Eu que pergunto, o que está acontecendo, doutora? — Mônica apertou a minha mão, e retribuí o gesto. — Ninguém me diz nada.

— Vou te explicar o que está acontecendo. — Ela apontou para as cadeiras estofadas. Caminhamos até lá e sentamos. — A Chay está na UTI neste instante. Seu quadro é estável, conseguimos baixar a sua pressão entrando com medicações que não prejudicaria os bebês. — Ela se apressou em dizer. — O que temíamos ocorreu: já evoluiu de pré-eclâmpsia para eclampsia.

— Ela estava se cuidando, nunca vi minha amiga mais focada em uma dieta em toda vida, doutora. — Mônica exclamou. — Cortou o açúcar, sal, refrigerantes, gorduras e tudo mais que poderia prejudicar. A única coisa que não se privou foi do chocolate, mas até isso era oitenta por cento de cacau.

— Eu não estou a culpando, Mônica. — A doutora sorriu. — Eu sei do esforço dela, acompanhei cada exame e estou muito orgulhosa dela. — “Não só você, doutora”, pensei. — Eu ou qualquer médico não sabemos explicar por que algumas gestantes simplesmente têm aumento de pressão, quando antes de engravidar tudo era normal. — Um sentimento de culpa surgiu dentro de mim, foi eu quem a engravidou. — Essa é uma doença que infelizmente é comum em gestantes.

— E agora, doutora? — perguntei.

— Coloquei Charlene em sedação, uma espécie de coma induzido. Até que a pressão chegue em um nível satisfatório, ela corre risco de ter mais convulsões, e

isso é tudo que não precisamos, essa que ela teve garantiu um sangramento... — Não deixei a doutora continuar, interrompi sua explicação:

— Os bebês? Ela os perdeu?

— Não, Quim, o mais provável é que a placenta se deslocou por causa dos tremores que o corpo sofreu, isso é comum nestes casos. — Mordi a língua para não retrucar que tudo era muito comum como se fosse normal. — Amanhã de manhã vamos fazer um ultrassom para ver como estão os bebês e a placenta, o importante agora é que os dois corações estão batendo fortes e saudáveis.

— Por que o coma? — Mônica fez uma das perguntas que estavam na ponta da minha língua.

— A pré-eclâmpsia ou a eclâmpsia são o aumento da pressão intracraniana, precisamos “acalmar” o cérebro. — A médica fez aspas com os dedos compridos. — Por isso entrei com uma solução de sulfato de magnésio, precisamos ficar de olho na proteína em sua urina. Entrei com remédios para diminuir a perda de sangue e outro para ajudar os pulmões dos bebês.

— Qual o plano que vamos seguir, doutora? — Eu precisava ter algum controle da situação, saber quais seriam os passos a seguir.

— Vamos mantê-la em coma, monitorá-la, e os bebês também...

— Se precisar, você vai fazer uma cesárea de emergência? Eles são muito pequenos. — Chay tinha entrado na vigésima oitava semana de gestação, nessa idade gestacional era quase impossível meus bebês sobreviverem.

— Sempre fui honesta com você Quim e vou ser mais uma vez. — A médica deu uma pausa para que eu pudesse me preparar, tenho quase certeza. — As chances de um parto prematuro em gemelar é grande, coloque nessa conta um descolamento prematuro da placenta e todos os problemas que Chay está enfrentando, pioram as chances. Pode acontecer de precisarmos tirar os bebês antes? Sim. Precisamos avaliar o que é mais importante, a vida da mãe ou dos bebês.

Era o que eu temia, ter que escolher entre um ou outro. Meus filhos ou minha esposa? Se eu escolhesse ela, teria de conviver a vida inteira com o peso na consciência de ter matado meus filhos, e se fosse a outra opção, seria a mulher que eu amava.

— Quim, não precisamos pensar nisso agora, essa é uma atitude extrema...

— Você vai salvar os bebês se isso acontecer — interrompi a doutora.

— Quim... — Balancei a cabeça para Mônica, em negativa.

— Você consegue ver a Chay me perdendo por ter matado os bebês? — perguntei para ela. — Honestamente, conhecendo Chay como nós dois conhecemos.

— Não. A bicha é louca, mas morre de amores por esses bebês... — Mônica cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Faça isso, doutora, promete que vai salvar os bebês? — Eu finalmente descobri o que queria dizer “um coração partido”. A decisão fez isso com o meu.

— Eu prometo que vou tentar de tudo para salvar os três. — A doutora apontou para o teto. — Vamos pedir a Deus que me guie e me ajude a salvar os três.

Eu não era religioso, acreditava nos céus e no inferno, mas nunca frequentei muito a igreja, mas naquele momento, eu comecei a pedir com toda força do meu coração para que quem estivesse lá em cima cuidasse dos meus amores.



Capítulo 14



Eu voltei, e agora é para ficar, porque aqui, aqui é meu lugar. Roberto Carlos, não curto muito suas músicas, mas essa é uma verdade. Acharam que se livrariam de mim? Olha o dedinho. Não, não, não. O que aconteceu? Bem, fui mantida em coma por sete longos dias, Quim quase surtou, Momo surtou completamente, e eu dei uma de Bela Adormecida, o que não deixa de ser uma comparação um tanto quanto diferente, mas igual. No conto original, a coitada da adormecida, enquanto estava dormindo, sofreu abuso e teve filho.

Bem, não tive meus bebês. Amém, senhor. Quando acordei, estava meio desorientada, nem fiz nada para me perder, olhei para os lados e encontrei um quarto branco sem graça do hospital. Só acho que o povo deveria colocar uma corzinha, tipo o vermelho, assim não daria para ver o sangue.

Quim estava deitado ao meu lado em uma posição que, no meu ponto de vista, era muito incômoda. Sua cabeça estava em cima do meu baço, sentado em uma dessas cadeiras que parecem poltronas de hospital. Ergui meu braço e toquei

seus cabelos acobreados. Demorou um pouquinho para ele despertar e entender o que estava acontecendo.

— Oi. — Minha voz saiu estranha, parecia que eu estava com a garganta inflamada, além de muito seca.

— Oi — respondeu Quim com a voz sexy e meio rouca que ele tinha quando acordava.

— Se você estava com ciúmes do Hunt, era só ter se vestido de médico em casa, não precisa ser um cenário real. — Quim franziu a sobrancelha e olhou de modo engraçado para mim. — Quando voltarmos para casa, você vai fazer maratona de Grey's Anatomy comigo para entender as referências.

Quim não disse nada, levantou da cadeira se aproximou de mim e colocou sua testa na minha.

— Eu amo você, não me dê esse susto novamente.

Senti meu rosto molhado, meu Quindim estava chorando. Obvio que caí no berreiro. Ficamos os dois abraçados curtindo a maravilha que era a vida.

— O que aconteceu? — depois de um tempo quietinhos, eu perguntei.

— Você teve uma convulsão e ficou em coma induzido por uns dias até sua pressão normalizar...

— Alguma coisa tinha que ser normal em mim. — Quim riu, e eu ganhei um beijinho na ponta do nariz. — Sério, Quindim, eu era uma pessoa centrada, um anjo de candura, e aí veio você e me estragou.

— Eu te estraguei, senhora Quindim? — Balancei a cabeça afirmando.

— Os bebês...

— Eles estão bem, porém você começou a perder líquido e ter sangramento, por isso, de agora em diante, repouso absoluto.

— Droga. — Fiz biquinho para ele. — Não vamos poder brincar de médico em um hospital?

— Não, mocinha. Você só poderá ir ao banheiro e voltar para cama. — Quim e eu entrelaçamos nossos dedos em cima da minha barriga. — Já andei conversando com a médica, vou trazer seu computador para cá, a TV tem entrada de HDMI. — Olhei para a tela plana pendurada na parede. — Vou comprar um cabo, trazer seus livros...

— Só o Kindle tá bom.

Eu sentia tão amada e protegida nos braços dele... Se me dissessem cinco anos atrás que eu terminaria sendo a senhora Quindim, eu daria uma senhora risada e chamaria o SAMU para internar a pessoa doida, e veja agora.

— Vou arrumar um 3G para você...

— Vou ter que ficar mesmo no hospital? — Quim balançou a cabeça afirmativamente. — Por enquanto sim, se tudo se mantiver calmo, você pode continuar em casa.

— Você vai poder ficar comigo? — Amava um hospital, eu estando em um sofá em casa, e ele, nas telonas. Minha mente hiperativa já começou a imaginar

várias semanas de terror. — Não quero ficar aqui sozinha.

— Não vai. — Quim me deu um beijo na testa. — Eu tive que fazer um sistema de rodízio, ou nunca conseguiria ficar com a minha própria mulher. — Quim puxou o celular e caçou algo nele até achar e me mostrar.

— Você fez uma planilha de Excel para acompanhantes da Chay. — Li o título.

— Sim. Mônica e Talita começaram a brigar por preferência, minha mãe e sua mãe entraram na disputa, aliás, ela e sua irmãzinha estão dormindo na casa dos meus pais.

— Seu pai aceitou bem isso? — Se aquele homem magoasse a minha mãe, eu ia dar na cara dele.

— Meu pai é um novo homem depois de quase morrer...

— Já estava na hora. — Às vezes, eu falo algumas coisas sem querer, meu cérebro e boca não se conversam. — Desculpa, Quim, é só que...

— Não, você tem razão, meu pai era ou é ainda muito preconceituoso. Ele está muito preocupado com você, parece que ganhou um novo fã. — Quim pegou o celular novamente. — Ele é o que mais pergunta sobre você no grupo da família, aprendeu a usar WhatsApp.

— Não. — Olhei para o celular. — Que fofo.

— Pois é. — Ele acessou a galeria de imagem e mostrou um vídeo. — Seu pai e meu pai arrumando o quarto dos bebês. — Assisti o vídeo dos dois homens

conversando e pintando um quarto de amarelo. — Os dois estão empenhados em terminar tudo, Mônica está no comando da decoração com a ajuda de nossas mães, as três são generais desse pequeno exército.

— Quim, onde é esse quarto? — Não estava reconhecendo o lugar.

— Hum. Talvez você vá querer me bater. — Ergui a sobrancelha esperando. — Eu comprei uma casa.

— Meu Deus, quanto tempo eu fiquei fora do ar? — Olhei, espantada.

— Sete dias. Minha mãe me ligou no dia em que você foi internada para dizer que tinha uma casa à venda perto da dela, foi aí que contei o que estava acontecendo.

— Certo.

— Por mais que você fale que os bebês serão a minha cara, eu duvido muito, tenho certeza que puxaram para o seu lado, ou seja, hiperativos e inquietos.

— Fiz uma careta para ele. — Cresci em uma casa...

— Eu também. Eu escolheria uma casa para criar as crianças também.

— Meu pai e nosso chefe me ajudaram para dar o sinal e segurar a casa...

— Vamos ficar devendo os dois?

— Não, coloquei o apartamento à venda, e assim que for vendido, usamos o dinheiro para abater a dívida.

— E enquanto isso...?

— As coisas vão ficar um pouco apertadas, estou fazendo um planejamento certinho para não acumularmos dívidas em cima de dívidas. Vai dar certo, com a minha mudança de cargo vou ganhar mais e...

— Meu FGTS vai quitar a casa dos meus pais, sendo assim, eu vou deixar de ter uma dívida e vamos conseguir pagar a nossa enquanto não vendemos o apartamento. — Dei um beijo em sua bochecha. — Não vou te bater porque adorei a surpresa e porque você vai me paparicar muito. — Quim gargalhou. — Me conte como ela é.

— Acho melhor te mostrar, assim que você ficar boa, vamos acertar a papelada, o dono da casa aceitou um contrato enquanto isso. — Quim pegou o celular e discou um número. — Oi, Mônica. — Ele fez uma pausa, escutando. — Ela está bem e está acordada. — Outra pausa, deu para ouvir o berro da minha amiga de onde eu estava. — Liga o Skype e vamos fazer uma chamada de vídeo, você está na casa. — Quim desligou o telefone, e logo em seguida, estava vendo a cara sorridente da minha amiga.

— *CHAY!* — gritou a doida. — Meu Deus, vou dar na sua cara pelo susto.

— Você não pode bater em uma grávida que foi falar com a morte pessoalmente e a bicha estranha não a aceitou.

— Claro que ela não ia te aceitar. — Mônica revirou os olhos. — É muita loucura até para a dona morte.

— Já fiquei sabendo das novidades, quero ver a minha casa. — Mônica virou a câmera do celular, e eu vi um cômodo vazio.

— Estou no seu quarto. — Ela foi andando para que eu pudesse ver. — Já dei uma boa limpada nesse guarda-roupas. — Vi o móvel embutido na parede. — Seu pai vai arrumar as portas dele...

— Jesus, meu pai é uma negação para essas coisas...

— Mas o meu pai não é, fique tranquila, pretinha. — Quim beijou minha testa. — Eduardo vai para lá à tarde, tem uns reparos para fazer em vários pontos...

— Eu vi um gatinho loiro ali! — eu gritei quando vi o vulto do Michael atrás da minha amiga. — O que o Gogo está fazendo aí, dona Mônica? — Minha amiga ficou vermelha.

— Acontece que ele também é bom com serviço manuais e está ajudando. — Ela deu de ombros.

— Ele é bom com as mãos, dona Momo? — Quim resmungou algo do meu lado, e Momo ficou ainda mais vermelha. — Quero detalhes, muitos detalhes, principalmente agora que estou proibida de fazer coisinhas. — Meu marido começou a tossir. — Você acredita que não vou poder brincar de médico em um hospital?

— Como eu senti falta dessa boca dura. — Momo gargalhou. — E, respondendo, sua pergunta, sim, ele é muito bom com as mãos.

— Uh! Ponto para o Gogo.

— Alguém pode me explicar porque o Gogo? — Quim pigarreou.

— Lembra quando eu e a Momo brigamos porque contei para você a história do hambúrguer? — Quim fez cara de Nazaré fazendo contas, eu adorava aquele meme criado, sempre que possível, mandava para ele. — Do Bruno que virou carne moída na Imigrantes. — Ele balançou a cabeça concordando. — Naquela época, o detetive Michael apareceu para falar comigo sobre o seu acidente, para conversarmos. Eu o levei até a sua sala, o que me lembra que ainda não descobri onde ficam os doces.

— Vai ficar sem saber. — Fiz biquinho para ele. — Não adianta. Não vou contar.

— O que que custa? — Dei um beijinho no seu pescoço. — Por favorzinho, você não pode negar um pedido de uma mulher grávida, as crianças vão nascer com cara de chocolate. — Momo e Quim caíram na gargalhada.

— Posso conviver com isso, vindo com saúde, é o que importa. — Quim respondeu.

— Momo, me diga por que me casei com esse ser?

— Porque ele é o senhor XL Acqua com efeito refrescante. — Acho que Quim conseguiu produzir um novo tom de vermelho, seu rosto estava brilhando.

— Verdade, obrigada por lembrar. — Mônica riu. — Por falar nisso, Gogo também é XL?

— Sim, mas ele é simples, sem muitas frescuras...

— Podemos voltar ao assunto do apelido? — Quim interrompeu a Mônica.

— Vou dar as camisinhas que tem em casa para ele quando o encontrar, garanto que você vai adorar. Como não posso usar mesmo...

— Você não vai fazer isso! — Momo deu um berro.

— Eu vou, agora sobre o apelido, Mônica achou que eu tinha contratado um gogo boy para pedir desculpas para ela quando apareci com Michael na mesa dela.

— Não pode me culpar, ele é lindo e todo forte e gostoso e...

— Já entendi, Mônica, não precisa continuar. — Meu Quim estava totalmente desconfortável com a conversa.

— Uma última pergunta e depois você pode voltar para o meu tour pela minha casa.

— E antes que seu marido tenha um AVC, não quero ter que fazer plantão fora de uma UTI pelo resto da minha vida.

— Qual o tipo de cueca?

— Charlene, por que você quer saber o tipo de cueca de outro homem? — Dei meu melhor sorriso para ele.

— Isso diz muito de um homem. Por exemplo você, usa cueca boxer, o que mostra que é seguro de si.

— De onde você tira essas ideias?

— Só Deus sabe, Quim. — Mônica riu. — Respondendo sua pergunta, às vezes, boxer, às vezes, samba-canção. Agora vamos ao tour.

— Sim, sim, sim! — disse animada. Minha nova casa era espaçosa, dois andares, três quartos, sala cozinha, banheiro social em cima e em baixo, quintal espaçoso, garagem para dois carros e um espaço nos fundos com churrasqueira, onde já visualizei uma pequena piscina para as crianças.

— Vamos pintá-la toda de gelo por dentro, e por fora, verde-claro. Seu quarto terá uma mistura de vermelho e branco para combinar com o chão preto. O quarto dos bebês será amarelo até descobrimos o sexo, depois podemos vir com uma decoração mais puxada para o lilás ou azul, sei que são cores que você gosta. — Minha amiga me conhecia mesmo. — Na cozinha, os armários embutidos vão ser pintados de branco e eu comprei vários adesivos lindinhos. Todo mundo está ajudando um pouquinho.

— Vocês estão me fazendo chorar. — Limpei o rosto. — Eu amei tudo o que estou vendo, agradece a todo mundo por mim?

— Não precisa agradecer, nós amamos você, sua doida. Agora cuida dos meus afilhados...

— Olá. — A porta do quarto se abriu, e por ela passou a minha médica. — Olha só quem acordou.

— Oi, doutora. — Acenei para ela. Uma enfermeira vinha atrás dela com um aparelho de ultrassom.

— Vamos ver esses bebês? — Balancei a cabeça que sim.

— Espera! — Gritou Mônica. — Vou chamar o pessoal para ver.

— Estamos ao vivo? — A médica perguntou.

— Sim, via Skype. — Mostrei para ela.

Em poucos minutos, minha família e eu podemos escutar os batimentos cardíacos dos gêmeos, uma onda de alívio varreu todo mundo. Poderia dizer que o pior já passou.



Capítulo 15



Um mês sem fazer nada, absolutamente nada, apenas lendo, assistindo série (fiz o Quim maratonar Grey's Anatomy comigo), comprando roupinha de bebê pela internet, (se eu não podia ir às lojas, as lojas vinham até mim), supervisionando a obra na minha casa nova. Dei graças a Deus quando, uns quinze dias depois de colocarmos à venda o apartamento, ele foi comprado, porque a Caixa estava encrencando com o financiamento da casa por eu já ter um em meu nome, eu sendo uma mulher casada... Tanta burocracia...

No final, deu tudo certo, o apartamento cobriu o restante que devíamos para o dono da casa, só teríamos de pagar o pai de Quim e o nosso chefe, o primeiro disse que não tínhamos de nos preocupar, e o segundo concordou em descontar já na folha de pagamento. Fiquei feliz por essa parte resolvida, meu ruivo metódico estava sem dormir, imaginando como iríamos acertar as coisas

Mas, mesmo assim, ficaríamos apertados por algum tempo, as melhorias mínimas da casa também iriam consumir uma boa fatia do nosso orçamento, juntando com os bebês, contas e mais contas.

— Qual a probabilidade de eu ganhar um Big Mac? — perguntei para minha doutora, estávamos em uma sala em algum lugar dentro do hospital, para fazer um ultrassom em 3D, e eu finalmente veria as carinhas dos meus bebês em cores. — Eu abro mão da batata e da tortinha de maçã e tomo suco de laranja natural feito em alguma casa de suco.

— A probabilidade é muito grande. — A doutora me ajudou a deitar na cama. — Sua glicose e pressão estão ótimas todos esses dias, níveis de proteína normais, e vamos ver como está o líquido amniótico. Estando tudo bem, vou te mandar para casa, e como prêmio você pode sim comer um Big Mac com batata frita e suco de laranja.

— Já disse que te amo, hoje? — Bati palminhas.

— Assim vou ficar com ciúmes. — Quim, que estava ajeitando o tablet para que todo mundo em casa visse a ultrassom, pois o povo gostou do Skype, comentou.

— Amorzinho do meu coração, se eu gostasse de mulheres, Momo estaria na frente. — Fiz careta quando o gel frio encostou na minha barriga.

— Não se preocupe, eu tenho já duas pessoas em casa, uma terceira já é demais. — Minha curiosidade bateu o pico máximo.

— Como assim?

— Eu tenho um relacionamento poliafetivo, sou casada com dois homens.

— Deus me livre. — Olhei para ela de boca aberta. — Eu não consigo lidar com dois Quins ao mesmo tempo, ficaria doidinha...

— Querida, você é doida antes mesmo de nós conhecemos. — Quim se deu por satisfeito onde colocou o tablet, claro que tentou ajeitar umas cinco vezes, mesmo estando alinhado.

— Está vendo? — A doutora riu. — Quim, pelo amor de Jesus Cristo, isso está bom, vem sentar aqui do meu lado, vem?

— Estou indo... — E ele ajeitou novamente o aparelho.

— Vê, dois desse comeriam meu juízo, e, para minha sorte, os bebês serão iguaizinhos eles.

— Isso seria ruim? — A médica começou a passar o aparelho na minha barriga.

— Não, é o que eu quero, perfeitos quindins, comportados, os próximos ganhadores do prêmio Nobel de matemática e ciência aplicada com apenas seis anos de idade, anota isso aí. — O pessoal de casa começou a rir. — Vão rindo, estou gerando os próximos Pink e Cérebro.

— Bem, com toda certeza, você está gerando alguém que vai gostar de *pink*. — Olhei para o monitor onde a doutora apontava. — Dê um alô para sua garotinha.

Sabe em final de copa, quando todo mundo começa a gritar com um gol nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo? Foi exatamente esse barulho que

ouvimos do outro lado da tela. Olhei para Quim e comecei a chorar.

— Parece que eu ganhei, vamos ter uma *mini-Chay*. — Ele me deu um beijo nos lábios e começou a rir, feliz.

— Já sabemos que você tem duas placentas e que os gêmeos são bivitelinos, sendo assim, as chances de ser um menino e uma menina são grandes.

— A doutora deu um zoom na tela. — Aqui temos o seu menino.

— E temos um *mini-Quim*. — Sorri vitoriosa para o meu marido. — Nossos pequenos anjinhos.

— O nível de líquido amniótico ainda está abaixo do normal, porém não apresenta riscos aos bebês, você vai poder terminar essa gestação em sua casa, em repouso absoluto. — Agora eu queria sair pulando de alegria. — Pode continuar na dieta, e muito de vez em quando, está liberada para comer alguma guloseima.

— Sim, senhora.

— Chegamos na marca de trinta e duas semanas, falta pouquinho, agora. Vamos fazer repouso, tomar muita água e nos ver todas as semanas.

— Sim, senhora. — Bati continência.

Quim foi desarmar o circo que ele fez enquanto a doutora imprimia a primeira fotinha de minha cria. Eles eram tão lindinhos, muito amor envolvido em um quadradinho minúsculo.

— Mas me diga uma coisa... — sussurrei. — Como é ter dois caras te enchendo o saco de uma vez só?

— Tranquilo, um é muito protetor, e o outro seria a sua versão masculina...

— Não acredito, quero conhecê-lo. — A enfermeira veio me ajudar a descer da maca e a voltar para a cadeira de rodas.

— Conhecer quem? — Quim veio dirigir a minha cadeira de rodas, toda vez que ele fazia isso, eu o lembrava da barbearagem que fez quando nos conhecemos.

— Um dos maridos da doutora que se parece comigo. Nas palavras dela, ele é meu eu masculino...

— Duvido muito. — Quim liberou as travas da cadeira e me deu um beijo na ponta do nariz. — Você é única não existe a remota chance de ter outro ser humano como você.

— Quindim, você não pode falar essas coisas quando nós não podemos fazer coisinhas. — Apertei a bochecha dele.

— Não pode mesmo — a doutora falou, rindo. — E você vai conhecê-lo, é o pediatra que te recomendei, e se tiver sorte, estará comigo na hora do parto. — Começamos a voltar para o meu quarto. Eu estava na ala ginecológica, já que ainda não tinha tido os bebês. — Murilo é incrível.

— Gostei desse nome. — Levantei a cabeça, encarando o meu marido. — Não escolhemos um nome para os bebês ainda.

— Temos mais seis ou oito semanas para isso. Já prevejo problemas, muitas pessoas querendo dar palpite nos nomes.

Balancei a cabeça, me senti um pouco tonta com o movimento e me segurei forte na cadeira. Quim e a doutora continuaram a conversar, e eu fiquei quieta, algo estava acontecendo, os bebês estavam agitados.

— Chay? O que foi?

— Acabei de levar um chute no estômago que me tirou o ar.

A doutora colocou a mão na minha barriga.

— Chay, você está com dor nas costas?

Mordi o lábio, queria negar, mas sentir dor durante a madrugada toda. Não falei para ninguém achando que era por causa do tempo prolongado deitada. A enfermeira da manhã tinha me dado remédio, e a dor deu uma aliviada, provavelmente na dosagem da tarde, ficaria melhor.

— Um pouquinho...

— Por que você não me disse? — Quim perguntou.

— Não queria preocupar você à toa, já tive dores assim durante esse mês todo em que estive deitada. — Fiz biquinho. — Tomei remédio e aliviou.

— Vamos chegar no quarto para que eu possa fazer o exame de toque e ver como estão as coisas.

Não gostei da cara dela. Mas fiquei quietinha. Entramos no elevador os três em silêncio.

— Oh, quindim Junior, dá um desconto para mamãe. — Eu me queixei, quando sentir outro chute. Peguei a mão de Quim e coloquei onde senti o bebê se

mexendo.

— Como você sabe que é o Junior? — O olhar bobo de Quim era uma graça.

— Intuição. — Dei de ombros. Chegamos em nosso andar, e fui para o meu quarto. — Tenho mesmo que passar pelo exame de toque? — perguntei à médica quando Quim manobrou a cadeira até próximo a cama. — Pensei que ia me livrar. — Levantei da cadeira e senti um líquido escorrendo pela minha perna. Ao olhar para o chão, vi que uma poça se formava. — *Mayday, mayday, I have a problem*, há pequenos anjinhos que querem nascer.

— Era o que eu temia. — A doutora deu a volta na cama e apertou o controle para chamar a enfermagem. — Quim, coloca Chay na cama. — Meu ruivo seguiu as ordens. Uma enfermeira chegou já entregando o par de luvas para médica. — Vamos ver o que temos aqui.

Não respondi. Virei de lado e apertei meu rosto contra o travesseiro, gemendo de dor. Minha barriga ficou dura, uma dor que começava de cima para baixo, como se eu estivesse sendo rasgada.

— Chay, acho que você está entrando em trabalho de parto prematuro, preciso que você deite certo, para que eu possa verificar o que está acontecendo.

Fiz o que me pediram. De fato estava entrando em trabalho de parto. Cinco dedos de dilatação e bolsa rota^[20], minha ida para casa estava cancelada. A médica começou a dar ordens para a equipe de enfermagem. O plano era inibir o nascimento dos dois traquinas, eles precisavam ficar mais tempo dentro de mim.

Não preciso dizer o quanto fiquei preocupada. Resultado: a minha pressão normal voltou a subir. Uma semana de intensa aflição, as dores iam e vinham, todos os procedimentos para manter os bebês dentro de mim por mais tempo não surtiram muito efeito, continuava a perda de líquido. Quim morava praticamente no hospital comigo, não me deixava sozinha um instante, e quando ele precisava fazer qualquer coisa, sempre tinha alguém comigo. Não conseguia mais dormir direito com medo por meus filhos, tão pequeninos.

— Eu escolhi eles em vez de você. — Quim olhou para mim uma noite, seu semblante sério. Segurava minha mão com força enquanto eu tinha contrações. — Se chegasse o momento e precisasse escolher entre você e os bebês, eu disse para a doutora salvar os bebês.

Olhei para o rosto torturado do meu ruivo e dei um sorriso.

— Acho bom mesmo você tenha escolhido eles, nunca te perdoaria se tivesse escolhido a mim. Eu não estava preparada para eles, não sabia nem que queria ser mãe, mas agora que estão aqui, não quero perdê-los.

— Não vamos, lutamos muito por eles. — Quim acariciou meu rosto. — Eles são apressadinhos iguais à mãe.

— Eu queria tanto que fossem calminhos igual ao pai.

Não teve jeito. Os bebês queriam nascer. Era um sábado de manhã, e eu estava indo para uma cesariana, não dava para ser parto normal por causa da minha pressão e porque um dos dois resolveu mudar de posição na hora H. Levei uma senhora de uma agulhada nas costas, dolorida para caramba, fui amarrada em

uma mesa com os braços abertos. Quim entrou logo em seguida, vestindo máscara e uma roupa azul, e ficou sentado, quietinho ao meu lado.

— Aposto que me amarram para eu não agarrar você. — Fiz biquinho. — Não é justo você esteja vestido de médico, e eu não possa te agarrar.

— Falo isso para a minha esposa toda vez que entramos em uma sala para um parto. — Um homem parou ao meu lado, completamente parametrizado também. — Você acredita que ela não se veste em casa assim?

— Você deve ser o Murilo. — Sorri para ele.

— Sou eu mesmo, vou cuidar dos dois traquinas que resolveram vir mais cedo. — O médico tirou a máscara e sorriu para mim. Uma cicatriz feia cortava seu rosto do canto da boca até a orelha, estremeci só de pensar na dor que ele sentiu. — Já ouviu falar de mim?

— Sim, sim, você é meu eu masculino. — O cara gargalhou.

— Muito prazer, sósia. Quero que você saiba que estamos com uma equipe pronta para os seus bebezinhos, preparei duas caminhas quentes para eles e tem um montão de gente os aguardando. Durante a sua estadia aqui, você tomou injeções doloridas de corticoides para ajudar os pulmões deles. — O médico fez uma pausa, olhando para a equipe. — Eles vão fazer uma breve parada para conhecer a mamãe e depois vamos para a UTI Neo por precaução.

— Eles vão ficar bem? — Mordi os lábios para não chorar.

— Vamos fazer todo o possível para que sim.

— Murilo, seja um bom doutor Karev para os meus bebês.

— Eu vou ser uma Arizona, Chay. — Ele piscou.

— Não! Você assiste Grey's Anatomy? — Arregalei os olhos para ele.

— Hoje está um lindo dia para salvar vidas.

— Eu tenho o meu próprio Owen Hunt. — Olhei para Quim, que revirou os olhos.

— E eu uma Cristina Yang. Não é docinho? — Murilo perguntou para a doutora, que estava, no momento, colocando as luvas.

— Murilo, vai para seu quadradinho. — Ela apontou.

— Ela está mal-humorada porque acordou sendo lambida pelo BB-8, o cão que eu dei para nossos filhos. Temos um casal de gêmeos de sete anos que são o terror.

— E você ainda traz um cachorro para casa. — A doutora parou ao meu lado. — Pronta? — Balancei a cabeça que sim.

Começou a operação, Quim ficou conversando comigo o tempo todo, mas eu estava mais preocupada em olhar para iluminaria, dava para ver pelo reflexo o procedimento. O anestesista colocou uma máscara de oxigênio em meu nariz, e o *bip* do meu coração me fazia sentir em um próprio episódio da série que tanto amava, aquilo era incrível. Mas nada foi tão incrível quanto ouvir o choro do meu bebê.

— Uma linda ruivinha acaba de nascer. — Murilo comentou, alegre.

— *Mini-quindizinha*. — Ganhei um beijo nos lábios do meu ruivo.

Momentos depois, veio outro choro, e ouvi uma exclamação de espanto da minha médica.

— O que foi? Meu bebê está bem?

— Sim, é que... — Ela ergueu o bebê para que eu pudesse ver. — Ele é negro. Você deu à luz a uma menina ruiva e um menino negro, sabe como isso é raro?

— Acho que no Brasil só tem um caso. — Murilo comentou ao pegar o meu menino.

— Você tinha que ser diferente até na hora de dar à luz? — Nunca tinha visto um sorriso tão largo no rosto de Quim. — Muito obrigada por meus filhos lindos.

— Você nem viu eles, vai lá ver. — Eu estava meio sorrindo meio chorando, completamente chocada com tudo aquilo.

— Vamos ver juntos, eu posso esperar.

Se eu não amasse aquele homem, provavelmente naquele momento teria caído de amores.



Capítulo 16



Eles eram a coisinha mais fofinha que eu já tinha visto em minha vida. Um sentimento de medo começou a surgir em mim. Quando eles ainda estavam em minha barriga, os dois permaneceram protegidos de tudo e todos, agora precisavam lutar pela vida.

A minha menina parecia maior, mais forte, tinha um cabelo ralinho que já dava para perceber que seria igual ao do pai. O meu menino veio depois, seu chorinho fraco apertava o meu coração. Murilo apareceu em seguida explicar os procedimentos agora. Os dois iriam para UTI Neo, pois apesar de eu tomar remédios para que os pulmões deles se desenvolvessem, o principal problema aqui seria a respiração. Eles ficariam em um respirador, parecido com o que eu estava usando, e cuidariam de vacinas e exames.

O pediatra pediu para que eu me cuidasse e relaxasse, ficasse boa logo para cuidar dos pequenos. Muito fácil ele falar, falasse aquilo para o coração. A ordem correta das coisas são: engravidar, ficar com os bebês dentro de você por nove

meses, sofrer um pouquinho no parto, para depois, quando eles fizerem malcriação, lembrar esse fato, e, por fim, tê-los em seus braços. Estava tudo errado.



— Oi. — Abri os olhos e vi o sorriso bonito do meu ruivo.

— Quim, o que houve? — Levei minhas mãos na minha barriga sentindo um vazio. As lágrimas vieram em meus olhos quando lembrei que meus amores não estavam comigo. — Onde estou? — O quarto não era o mesmo também, apesar de minhas coisas estarem ali.

— Você está na maternidade porque agora é uma mamãe. — Nunca tinha visto Quim tão contente e animado como naquele momento. — Sua médica preferiu que você dormisse um pouquinho, então prescreveu uma leve sedação, e sua pressão voltou a subir novamente. — Fiz uma careta, ela não podia se manter normalzinha? — Nossos lindos filhos estão criando uma comoção enorme no hospital inteiro, todo mundo quer ver os bebês coloridos.

— Vamos começar a cobrar ingressos, assim já guardamos para a faculdade. — Nem eu acreditava que eles eram tão diferentes assim, segundo o doutor, só houve um outro caso desses no Brasil. — Você deveria estar com eles...

— É horário de visita, nossa família está com eles. — Quim me deu um beijo na testa. — Quer saber o peso e altura? — Balancei a cabeça

afirmativamente. — Nossa menina tem 2230 gramas e 41 centímetros, nosso menino, 1960 e 39 centímetros.

— A menina é comilona igual a mãe. — Sorri. — Você sabe que terá de arrumar um estoque de chocolate em casa, já imaginou as duas de TPM?

— Estou me preparando psicologicamente para isso. — Quim levantou e foi até um armário na lateral do quarto. — Assim que você for liberada para comer, olha o que tem aqui para você.

Eu não precisava nem ver o que tinha dentro da sacolinha, só de ver a logo verde, já me enchia de alegrias. Quim me entregou a sacola e foi avisar à enfermeira que eu tinha acordado. Vi várias barrinhas de chocolates, biscoitos e outras coisinhas mais.

A enfermeira veio em seguida e perguntou como eu estava, verificou meus sinais vitais e tirou a sonda que eu estava usando. Nesse momento, achei que ela estava sugando a minha alma. Senti uma sensação estranha na altura do umbigo que não sabia descrever. Tomar banho foi uma tarefa complicada, nunca tinha visto tanto sangue saindo de mim. Precisei da enfermeira para me trocar e coloquei um absorvente que mais parecia uma fralda, estava me sentindo uma velha.

Depois disso, fui ver meus bebês, os dois estavam juntinhos em um berço só, perguntei se o lugar estava cheio e precisava de lugar. A enfermeira me explicou que inicialmente tinha deixado os dois separados, mas a minha menina não parava de chorar e os níveis de oxigênio do menino estavam baixando, então o

doutor Murilo mandou colocar os dois juntos, e as coisas melhoraram. Existia uma explicação científica muito chata para isso. Resumindo, eles precisavam do conforto um do outro, já que passaram quase oito meses dentro de mim.

Meu leite não veio. Apesar de não poder dar de mamar ainda, ele não apareceu. Explicaram que era normal, o corpo da mulher tende a demorar um pouco para se adequar à nova situação, um parto cesariana não é natural e por mais que eu tenha entrado de fato em trabalho de parto, meu corpo não “despertou”. Caso isso persistisse eu iria tomar remédio.



— Precisamos escolher os nomes deles. — Eu estava de um lado da incubadora, pegando na mãozinha do pequeno, e Quim, do outro lado, com a nossa pequena. — Tem alguma ideia?

— Valentina para nossa menina. — Quim ergueu os olhos para mim. — Porque eu tenho certeza que ela vai ser uma guerreira como a mãe, valente...

— Você quer dizer briguenta, mas eu aprecio o seu jeito de dizer de modo fofo que sou demais. — Mostrei a língua para ele, ouvindo sua risada. — O menino pode se chamar Vicente. Aquele que conquista, ele tem carinha de general de exército...

— Agora você vai dizer que ele vai ser controlador igual ao pai? — Quim ofereceu a mão, e eu a peguei por cima da incubadora.

— Você dois. — Olhamos para cima, o doutor Murilo estava com um celular apontado para nós. — Sorriam para a primeira foto em família.

Aquela foi a primeira de muitas, o jornal da cidade queria fazer uma reportagem com a gente, pois não era todo dia que havia um acontecimento daquele. Minha pressão deu trégua, e eu agradei a Deus por isso. Poderia ser estranho, mas devido a esse fato, eu fiquei internada no hospital, sendo assim não precisava ir para casa e vir todos os dias para o hospital ou ficar direto em uma cadeira desconfortável como acompanhante do meus pequenos. Minha médica estava preocupada, eu tinha chances de desenvolver a síndrome Hellp — pelo que entendi, seria uma *digievolução* da eclampsia, onde as enzimas e umas paradinhas ficariam elevadas. Eu precisava fazer exames de sangue para ver se minhas plaquetas estavam ok.

Dois dias após o nascimento, meu leite começou a vir, queria pular de alegria, mas, devido aos pontos, não me atrevi. Eu subia na UTI de três em três horas para tirar leite e ficar com os meus pequenos.

Murilo disse que eles estavam evoluindo muito bem e, que se continuasse assim, iriam para o quarto rapidinho, mas duas semanas se passaram, e nada disso acontecer. Minha médica já não tinha mais justificativa para me deixar na maternidade, e eu teria que ir embora e deixar meus preciosos.

— Olá, pessoal. — Estava arrumando a minha mala quando Murilo chegou, todo sorridente.

— Oi, doutor. — Não consegui disfarçar minha tristeza.

— Ouvir dizer que a senhora estava meio triste, então trouxe duas pessoas para te animar um pouquinho. — Quando virei a cabeça, vi as enfermeiras entrando com dois berços no quarto. — “VV” querem ver a mamãe.

Quim me abraçou, e eu chorei de imensa alegria em seu ombro. Meus bebês estavam comigo. E ainda ganhei a notícia de que eu ficaria com eles na maternidade, já que a pediatria estava cheia. Dois dias depois, chegou uma moça que também teve gêmeos e, pasmem, um ruivo e ou preto.

Ela estava tendo problemas com o ruivo dela, eu, como uma ótima *cupida*, claro que ajudei, dei uns conselhos ótimos. Estava pensando em abrir um negócio para isso, Chay Conselheira Amorosa LTDA. Perfeito.



Dias depois...

O grande dia finalmente chegou, depois de muitas lutas e sustos, eu finalmente estava saindo do hospital com os meus dois bebês. Ganhei uma festinha de despedida — quando você passa quase dois meses em um lugar, acaba criando amizades. Antes de sair do hospital, tive de tirar várias fotos e prometer uma reportagem completa sobre meus gêmeos diferentes.

Eu estranhei quando cheguei em casa e não vi toda a comitiva me aguardando, Quim me explicou que estava vetado muita gente dentro de casa. Era

para vir de pouquinho e pouquinho, sendo assim, só tinha nossos pais e Momo nos esperando.

— Minha amiga, estou apaixonada por seus bebês. — Estávamos eu e Momo na minha nova cozinha linda. Adorei o que o pessoal fez na casa toda, cada ambiente decorado com muito amor e carinho pela minha família e amigos... O que me fez lembrar de algo.

— Sim, são. — Dava para ouvir a paparicação dos avós na sala, meus meninos seriam muito amados. — E como vai a novela Momo do Bairro?

— Como? — Vi suas bochechas corarem.

— Acho melhor Momo e Seus Dois Pretendentes. — Minha amiga gargalhou.

— Não são dois, talvez um só. — Ela deu de ombros. — Pedi um tempo para o Eduardo, mas...

— Apareceu o Michael — completei a frase para ela.

— Não, eu não estou em um momento para relacionamento. Bruno...

— Antes que você comece a sua autossabotagem, *deixa eu* fazer meu discurso, assim poupamos tempo, já que daqui a pouco, um daqueles anjinhos vai começar a chorar atrás de leite — interrompi a minha amiga. — Eu quase morri, cheguei muito perto da Dona Morte, batemos um papo legal, e ela foi com minha cara e me deixou voltar.

— Chay...

— Quieta, hora do discurso. — Momo fez uma careta. — Você não chegou nem aos trinta anos, e muita merda já aconteceu na sua vida. E você tem duas opções: deixar toda ela te enterrar e você sobreviver até chegar o dia em que a Dona Morte vai bater em sua porta, te levar para o juízo final e mostrar em um grande telão a covarde que você foi a vida toda... Ou você pode deixar os medos de lado e se aventurar. Essa opção vai te garantir novos sofrimentos? Talvez. Mas ela também vai te dar oportunidades de ser feliz, cacete, Momo. Você vai deixar um hambúrguer ditar a sua vida?

— Você sabe que estou tendo dificuldade em comer hambúrguer desde o episódio. — Vi Momo estremecer.

— Porque é besta, pare de viver no passado e tente viver no presente. Sabe o que namoro significa? — Não esperei que ela respondesse. — Conhecer. É um período de tempo que você vai conhecer outra pessoa, o meu “namoro” com Quim durou cinco anos, e eu queria matar o homem todos os dias, da mesma maneira que não conseguia ver meu dia sem ele.

— Vocês, às vezes, eram irritantes — Momo confidenciou. — Era um chove não molha, todos os seus ficantes não prestavam porque tinham algum defeito, que, na verdade, eram qualidades do Quim.

— Exato. Eu tinha medo de ser rejeitada por ele. — Apontei para mim. — Olha para mim, apesar de ter toda a autoestima, eu me achava menos perto de todas as mulheres bonitonas que eu vi desfilando na Paulista. Ficava me perguntando por que um homem como Quim iria olhar para mim, deixei meus

preconceitos me afastarem por cinco anos. Eu perdi cinco anos de um intenso romance porque me achava menos.

— O que é uma bobagem.

— Sim, hoje, depois de casada, com os meus filhos em outra sala, eu vejo a bobagem. Quantas vezes perdi de beijar a boca impertinente do Quim e acabar com o chove e não molha?

— Muitas.

— Sim. Esse é o ponto, aconteceu uma merda federal. Aprenda com ela e faça melhor no futuro, não deixe um homem ditar sua vida, mas não quer dizer que tem de deixar de viver por causa disso. — Abri meus braços e girei na cozinha. — Olha para isso. Se eu não tivesse deixado os meus preconceitos de lado e não inventasse de dar uma de cupido, eu não teria tudo isso.

— Eu admiro você, Chay, mas eu não quero um relacionamento agora, estou tentando deixar o passado para trás. — Momo suspirou. — Estou até pensando em voltar para as passarelas, uma das coisas que me afastei por causa do Bruno.

— Acho bom mesmo, eu preciso dizer para as pessoas que tenho uma amiga modelo. — Fui até ela e a abracei apertado, claro que a besta começou a chorar, e eu tive de me segurar para não fazer a mesma coisa.

— Te adoro, sua doida — Momo disse depois que me largou.

— Eu também, pessoa que diz ser um anjo e esquece que o Lúifer também era. — Ganhei uma gargalhada e um tapa. — Agora vamos ao Duuu, ele realmente é um completo sem noção, tenho vontade de bater nele com um gato morto até o gato miar, mas ele não merece essa expectativa toda.

— Chay, já expliquei meu ponto e...

— Ao meu ver, você está deixando aquela pontinha de esperança — interrompi. — A esperança é a única coisa que faz o ser humano continuar. Não tem essa de tempo, vou pensar ou qualquer coisa. Diga para ele que você não o quer, a transa foi boa, porém acabou, não tem como voltar atrás, seja meu docinho teimoso e coloca um ponto final definitivamente nisso.

— Eu vou voltar a falar com ele. — Ela deitou a cabeça no meu ombro. — Ele tem sido um ótimo amigo nesses dias, e eu realmente queria somente manter a amizade...

— Com benefícios? — perguntei de forma completamente inocente.

— Sim. — Momo ficou vermelha. — Sem amarras, sem vínculos, mas ele não quer.

— O cara tem o que todo homem quer, e joga fora. — Revirei os olhos.

— Pois é, acho que é por isso que me dou bem com Michael...

— Safadinha, não me contou o lance com o Michael.

— Nós saímos, tivemos uma noite de sexo quente, e você quase morreu — Monica comentou. — Ele me deixou no hospital aquele dia, depois ajudou aqui na

casa, mas não trocamos mensagens ou falamos por telefone. Ele me ligou algumas vezes, e eu fiz o mesmo, e só. Ele não quer relacionamento, do mesmo jeito que eu não quero. Então ficamos assim.

— Vou manter minha boca fechada por enquanto. — Ouvi meu nome sendo chamado na sala. — E depois quero ouvir com riqueza de detalhes todo seu lance.

— Sim, senhora.

Eu esperava realmente que minha amiga deixasse o passado para trás e focasse no futuro. Eu precisava ir a um casamento para pegar o padrinho em algum lugar, Quim dificultaria as coisas, mas nada que algumas frases safadas em seu ouvido não resolvessem.



Capítulo 17



Ser mãe é padecer no paraíso. O filho da mãe que inventou essa frase estava completamente certo. Multiplica isso por dois. Quando eu terminava de cuidar de um, precisava atender a outra, e o primeiro que cuidei recomeçava a chorar, e era um *círculo infinito que não acabava mais*.

— Chay. — Quim veio até mim e tirou uma Valentina aos berros do meu colo. — Vai tomar um banho.

— Eu estou tão mal assim? — Fui sentir o meu próprio cheiro e constatee o óbvio: eu era cheiro de puro leite e algo mais que eu não queria saber.

— Você precisa de cinco minutos para você. — Logo me senti a pior mãe do mundo por concordar com ele. Era horrível saber que eu queria cinco minutos longe dos meus próprios filhos. — Chay.

— Oi. — Tentei não chorar.

— Tem chocolate na gaveta do banheiro.

Balancei a cabeça e fui para o banheiro. Retirei as minhas roupas e entrei no box do banheiro, liguei a água e deixei correr livremente. Sentei no chão e comecei a chorar. Eu era uma fraude, uma péssima mãe, e meus filhos me odiariam para sempre. Estava cansada, mental e fisicamente, acordava de hora em hora para cuidar dos gêmeos. Quim me ajudava, mas voltaria para o serviço depois que a licença-paternidade acabasse, então não podia ficar acordando toda hora e ainda levantar cedo para trabalhar. Não era justo ficar acordado tanto tempo. Estava em casa havia uma semana, e eu já queria sair correndo e gritando.

Depois de chorar litros e finalmente dar uma relaxada, eu voltei para a sala e encontrei algo muito fofo. Quim estava deitado no sofá, sem camisa e com Valentina deitada em seu peito. A menina finalmente dormia. Deixei os dois quietinhos e fui atrás de Vicente, que estava acordado.

— Vamos lá, mocinho, você precisa comer para ficar forte igual ao seu pai.
— Sentei na cadeira de amamentação. — Para crescer grandão e colocar respeito somente com a sua presença. — Vicente resmungou um pouco e finalmente abocanhou o meu peito. Era uma sensação indescritível amamentar. — Desculpa a mamãe, eu estou realmente fazendo o meu melhor, sou nova nisso, tenha um pouquinho de paciência.

Parece que ele me entendeu. Meu menino abriu os olhos claros e me olhou, agarrando minha mão em seguida. Será que todas as mães se sentiam daquele jeito? Alcancei meu celular e fiz uma chamada.

— Mãe... — Eu seria a mulher que acabaria com a falta de água no mundo, se continuasse a chorar daquele jeito. Passei uma hora no telefone falando com a minha mãe e amamentando meu bebê, e as duas coisas me deram alívio na alma.

— Tudo bem aqui? — Quim olhou da porta, com Valentina nos braços.

— Eu não sou uma mãe perfeita, eu vou errar, e isso é bom. — Dei um longo suspiro.

— A semana foi pesada. — Quim veio até mim e ofereceu Valentina, e eu dei a ele o Vicente. — Eu sei que minha mãe é toda espalhafatosa e...

— Vou ligar para ela, para ver se pode ficar comigo até eu pegar jeito de cuidar dos dois, eu preciso de ajuda. — Sorri para Quim. — Ela cuidou de vocês dois e vai ser de grande ajuda para mim. Minha mãe não pode vir por causa da minha irmãzinha.

— Você está sendo incrível, Chay. Não que eu não soubesse que daria conta. — Quim me deu um beijo nos lábios. — Vamos conseguir.

— Sim, somos uma equipe.

— Batman e Robin. — Quim gargalhou.

— Exato, é você é o Batman, porque assim eu posso te pegar.

— Então você terá que ser a Mulher-Gato.

— Miau, gostosão. — Dei uma piscadinha para ele. — Posso saber por que está sem camisa? Esqueceu que estou de resguardo e não posso me aproveitar de tudo isso?

— Mulher, mantenha essas mãos longe de mim, pensa que é fácil ver nossos bebês mamando nessas duas maravilhas aí, e eu chupando dedo? — Quim falando sacanagem era tão bom. — Respondendo sua pergunta, uma enfermeira me ensinou esse truque no hospital, ela disse que o método ajudava no sistema imunológico e respiratório do bebê. Mas acho que deixei Valentina mal-acostumada.

— Isso, ou ela, como uma boa filha da mãe aqui, adora esse ruivo aí. — Quim revirou os olhos e foi sentar no banquinho, Vicente tinha acabado de arrotar e estava se mexendo, pronto para voltar a dormir. — Quindim, quer apostar quanto que essa princesinha vai ser a maior filhinha de papai?

— Tudo bem para mim, assim evita que qualquer marmanjo venha para cima dela. — Ergueu Vicente no ar. — Vamos manter todos os gaviões bem longe da nossa princesa, não é, garotão?

— Não se preocupe, filha, mamãe vai te ajudar a escapar desses dois bobões aí.

— Sério isso, Charlene? — Queria gargalhar com a cara de indignado do Quim.

— Claro que sim, vou ensinar para ela desde cedo a brincar de médico protegida...

— Charlene!

— Quim, temos que ensinar e aconselhar, não adianta você querer proibir e colocar o irmão atrás da menina. — Fiz um carinho nos cabelos acobreados da

minha filha. — Valentina será uma linda mulher e vai chover caras na horta dela, só precisamos ensinar a fazer as coisas direito, para não nos tornarmos avós cedo ou ela pegar alguma doença. — Apontei para o menino. — Isso vale para Vicente também. Você acha que vou ficar contente quando ele vier apresentar a namorada? Nenhuma mulher do mundo será suficiente boa para ele.

— Você pode ter razão, mas ainda acho que ela só deve namorar depois dos trinta anos. — Eu queria ir até ele e morder o biquinho gracioso do Quim, meu marido estava mostrando seu lado ciumento, não só com nossos bebês, mas comigo também. Eu o peguei olhando torto para um dos amigos dele, que ficou encarando meus peitos fixamente, e ele deu uma chamada no cara e depois veio falar comigo sobre pessoas que não têm senso do ridículo e não respeitam a mulher dos outros.

— Ainda bem que meu pai não pensou o mesmo, ou você teria que esperar mais dois anos para começar a namorar comigo.

— Com a sorte que eu tenho, vou ganhar um sermão da montanha dessa pequena toda vez que eu for muito muito protetor.

— Isso com toda certeza. — Sorri para ele.



O primeiro mês de vida dos meus bebês foram difíceis. Até encontramos uma rotina para nós quatro, demorou, mas quando finalmente aconteceu, me senti

menos péssima mãe. Fátima foi um anjo na minha vida, vinha todos os dias na parte da tarde e me ajudava com os bebês, cuidava deles, e eu conseguia tirar uma soneca todos os dias, o que me ajudava a noite.

Mônica também foi um anjo — que ninguém diga que eu a chamei assim, a bicha vai ficar convencida. Ela vinha junto com Quim à noite e me ajudava com a casa. Não tínhamos dinheiro sobrando para pagar uma diarista naquele momento, o orçamento estava bem apertado. Ter gêmeos e uma casa nova bagunça com o orçamento. Mas segundo Quim, ficaríamos naquela pindaíba por mais seis meses, depois disso poderíamos respirar com mais alívio.



— Fátima, vou até o mercado comprar mais fralda tamanho P. — Entrei na sala de casa e peguei a minha sogra tricotando mais sapatinhos de bebês, era uma gracinha. Segundo ela, fez uma promessa de fazer mil daqueles para doar, se os gêmeos ficassem bons. — Vou levar a Tina comigo, que a pequena está inquieta.

— Tudo bem, minha querida. — Ela apontou para o carrinho onde Vicente dormia. Ele era a calma em pessoa, o mundo caía ao seu redor, e ele não estava nem aí. — Eu e esse rapazinho vamos assistir à novela.

Eu me despedi deles, e Tina e eu fomos passear. A garotinha era uma Maria Gasolina, adorava um carro. Tinha um Hipermercado Extra bem próximo de casa, vi no aplicativo que a fralda estava com um bom desconto e corri para

aproveitar. Como sempre, aqueles carrinhos para bebês nunca estavam disponíveis, então coloquei o bebê-conforto dentro de um carrinho normal mesmo e fui atrás da sessão das fraldas. Parei no corredor e fui analisar os preços.

Você tem que ficar bem esperta com essas promoções de mercado, para eles te enganarem é facilzinho, por isso me distraí meio segundo entre duas fraldas da mesma marca, quando Tina abriu o maior berreiro, ao olhar para o lado, vi uma mulher com ela no colo. A mulher deveria estar na casa dos trinta anos, magra de um jeito meio doente, vestia jeans e camiseta, uma pessoa comum, que passaria despercebido.

— Mas que porra você está fazendo com a minha filha? — Fui para cima dela para pegar a minha menina, e a mulher não deixou.

— Sua filha? Essa menina é minha. — A mulher estava realmente achando que levaria a minha menina assim.

— Você tem meio segundo para me devolver a minha filha, ou vou partir a sua cara. — Eu gritei, meu coração estava disparado. Uma mulher que estava passando pelo corredor veio para ver o que está acontecendo.

— Essa mulher que roubar a minha menina. — A ruiva apontou para mim.

— Sua filha o cacete, eu passei sete meses com ela dentro de mim, para chegar uma filha da puta e querer levá-la.

— Olha para você, não tem chance de você ser mãe dela. — A mulher que chegou na conversa falou. — Vou chamar o segurança.

— Pode chamar os seguranças, a polícia, a merda das forças armadas inteiras, mas ninguém vai levar a minha menina! — Tina chorava sem parar, o desespero estava me tomando, fui para cima da mulher e peguei à força a menina nos meus braços.

— Me devolva a minha filha! — A mulher gritava. Mais pessoas iam chegando, e quando eu fui ver, um círculo de gente estava ao nosso redor.

— Muito bem, o que está acontecendo aqui? — um segurança gritou no meio da roda, calando todo mundo.

— Essa mulher está tentando sequestrar uma criança. — Alguém disse e apontou para mim.

— Senhora, me entregue o bebê. — O segurança chegou perto de mim, estendendo os braços. Apertei Valentina contra o meu peito e encostei na prateleira, alguns pacotes de fralda despencaram. A mulher que queria levar minha Tina chorava e gritava para que eu desse a filha que não era dela, todo mundo olhava para mim. Eu me senti um bicho acuado. — É só você devolver a menina, que não vai ter problemas com a polícia...

— Não precisa chamar polícia, é só devolver a minha menina. — A farsante dizia.

— Devolve o bebê, moça — outra pessoa falou.

— Eu quero a polícia aqui, eu quero a porra das forças armadas, pois ninguém vai tirar a minha Valentina de mim!

— O nome dela é Amara...

— Você é uma doente mental! — interrompi a mulher.

— Moça, esse bebê não é seu...

— Por que ele não é meu? — Virei para o homem que falava. — Quem é você para dizer que não é meu?

— É só olhar para ela. Ela é branca, e você é negra.

— Tudo isso por causa do maldito preconceito racial? Seu bando de filhos da puta, a porra da cor da minha pele não diz nada sobre quem é a mãe dessa criança. — Eu chorava de desespero, nunca pensei que passaria por isso em toda a minha vida. — Eu sou preta, eu dei à luz a um bebê branco porque o pai da criança é branco, eu... — fiquei sem palavras.

— Vamos ter que chamar a polícia — o segurança informou.

— Não precisa — a farsante falou.

— Não precisa? É claro que precisa, eu quero ver você apodrecendo em uma cela, eu tenho pena que esse país não tenha pena de morte, porque eu ia adorar ver você sendo enforcada! Ninguém vai levar a minha filha! Eu quero a polícia aqui e agora! — Limpei as lágrimas do rosto. — Vamos todo mundo para a delegacia.

— Não...

— O que foi? Está com medo da polícia? — perguntei para ela. Ajeitei Tina no meu braço e dei mais um passo para frente. — Você não está falando que

é a mãe dela? Então prova?

— Não preciso provar nada, eu sou a mãe dela e você está tentando levá-la. — A mulher tirou da bolsa uma certidão de nascimento. — Aqui a prova.

— Eu também tenho uma dessas na minha bolsa, isso não prova que você é mãe dela.

— O que mais você quer? Eu tenho a certidão de nascimento, eu sou branca, a preta é você, querendo roubar um bebê branco! Você deveria tentar ao menos pegar alguém da sua cor!

— Ah, é? Eu tenho como provar que essa criança é minha. Tina tem uma manchinha no pé. — Olhei para ela. — Em qual dos pés ela tem a marchinha e de que formato que é?

— Que besteira é essa? — A mulher começou a recuar, e eu continuei indo para cima dela. Agradei aos céus por meu cérebro agir com rapidez.

— Você não é a mãe dela? Qual mãe que não conhece o seu próprio bebê?

— Eu conheço o meu. — Uma mulher loira entrou na conversa. — Meu filho tem um sinal de nascença atrás da coxa direita.

— Vamos lá. Diga onde é a manchinha? — Mentalmente, eu pensei na mão para escrever, assim conseguiria dizer com precisão qual era a esquerda certa se me perguntassem. O pessoal começou a questionar a mulher, que ficou pálida e a todo custo queria recuar.

— É no pé esquerdo...

— Ah, é? Tem o formato do quê?

— É só uma mancha qualquer. — Ela veio para cima de mim, tentando tirar o bebê dos meus braços, e eu virei de lado, impedido.

— Não é uma coisa qualquer. — Eu tirei a sapatilha do meu pé, mostrando para todo mundo. — É em formato de coração no pé direito. — Tirei o sapatinho do pé de Tina, mostrando para eles. — Tal mãe, tal filha — disse de modo irônico.

— Chay? — Olhei para o lado e suspirei de alívio: o pai de Quim estava ali. — O que está acontecendo?

— Seu Manoel, querem tirar a Tina de mim! — Respondi começando a chorar novamente.

— Mas que palhaçada é essa? Quem está tentando levar a minha neta? — Manoel se colocou na minha frente.

— Escuta, senhor. — O segurança apontou para ruiva, que tentava se afastar, mas a loira barrou o caminho dela. — Ela está dizendo que o bebê é dela, e essa outra senhora...

— É minha nora, seu nome é Charlene e passou um mês internada em um hospital tentando não morrer e manter com vida os meus netos. — Manoel pegou o celular no bolso da camisa. — Aqui. Esse é o menino.

— Ele é negro... — comecei a falar.

— Eu sei quem você é. — Um senhor apontou para mim. — A mãe dos bebês coloridos, deu à luz a um negro e outro branco, minha esposa contou para

mim esses dias, e eu não acreditei.

Policiais militares, as forças armadas, os bombeiros, cães farejadores chegaram no local e todo mundo foi para delegacia. A sequestradora foi presa.^[21]



Capítulo 18



— Não! Ela é minha, minha! — Eu sentei na cama, gritando no meio da noite, assustada.

Essa é a minha vida agora, acordar gritando por causa de um pesadelo ou ficar ao lado dos berços dos meus filhos, vigilante.

— Chay. — Quim veio me abraçar. — Está tudo bem, minha querida.

— Nunca vai ficar bem. — Quim se colocou atrás de mim e me abraçou.
— Como faço para parar com isso?

— Não faz. Você precisa entender que isso foi apenas um sonho depois de você ter lido aquela matéria.

— É o meu dever protegê-los. — Deitei a cabeça em seu ombro. — E se acontecesse comigo?

— Se acontecesse com você, teria enfrentado a multidão enfurecida e protegido Tina. — Quim afastou minhas trancinhas, que eu havia colocado colocado no segundo dia que cheguei em casa. Por mais que gostasse do meu

cabelo solto, agora eu tinha duas crianças que dependiam de mim. Cabelo afro dá muito mais trabalho que o liso, para o manter lindo, cheio de cachos, como se vê por aí, precisa de tempo para cuidar, e isso era uma coisa que eu não tinha. — Você teria encarnado a própria Mulher Gato e protegido sua cria. — Ele começou a dar beijinhos no meu pescoço.

— Não, Quim. — Mordi o lábio para não gemer, o safado sabia que o pescoço era um dos meus pontos fracos. Eu parecia aqueles gatinhos que se desmancham todos quando recebem carinho. — Você precisa melhorar nas frases engraçadas para tirar as pessoas da tristeza.

— Então me ensine, prometo que vou ser um aluno aplicado. — Quim enfiou as mãos por baixo da minha camisa, senti arrepios subindo por minha espinha, suas mãos quentes acariciavam a minha pele.

Desde o casamento, nós não tínhamos transado. Teve todo aquele lance da minha quase morte, meu tempo prolongado no hospital e depois nossa adaptação aos bebês, não sobrou muito para sermos marido e mulher. Até aquele momento, não tinha sentindo falta disso, mas foi só um toquezinho em um lugar estratégico, e pronto. Estava pronta para ele.

— Eu sou uma ótima professora. — Quim não me disse nada, continuou me acariciando e dando pequenos beijinhos. Quando chegou nos meus seios, dei um profundo gemido.

— Estão doloridos. — Balancei afirmativamente. — Não vou tocar neles...

— Não. — Segurei suas mãos em meus seios. — É bom, continua. — E foi o que ele fez. Se tinha algo que Quim adorava em meu corpo, com toda certeza eram meus peitos. Antes mesmo de nós ficarmos, eu o flagrei várias vezes olhando para os meus meninos. Depois que ficamos juntos, todas as vezes em que fazíamos amor, ele se dedicava um tempo a brincar com eles. — Quim...

Um choro de bebê chegou em nossos ouvidos. E não sei quem deu o maior gemido de frustração.

— Tinha parece que adivinha. — Comentei tentando levantar. Quim me puxou de volta para cama e me deu um beijo de tirar o fôlego de qualquer um. — Fique — mandei quando vi que ele ia levantar também.

— Vou te ajudar...

— Quim, você vai trabalhar amanhã...

— Não se preocupe. — Meu ruivo sorriu e veio me dar um beijo. — Vou virar sócio da Red Bull para ganhar desconto. — Não achei graça nenhuma na piada, por mais que adorasse que ele me ajudasse com os bebês, meu ruivo também precisava dormir.

Saí do nosso quarto e fui para o dos gêmeos. Acho que nunca mais aquela sensação de medo iria passar, eu passei a ter medo de sair na rua com Tina. Cheguei no quarto e fui direto para o berço com detalhes em tons de rosa. Minha menina parou de chorar, fungando, enquanto seu irmão ao lado dela dormia tranquilo. Peguei Tina em meus braços e fui sentar na cadeira de amamentação, a luz noturna do quarto era o suficiente para ver seu rostinho.

— Mamãe promete que sempre vai cuidar de você, nunca ninguém vai tirar você de mim. — Tina sorriu e se aconchegou em meu colo, acho que minha promessa foi suficiente para ela.



— Precisa de ajuda? — Estava em frente aos escritórios onde trabalhava.

A noite passada tinha sido um fracasso total, demorou para colocar os gêmeos para dormir, parecia incrível, mas Vicente quis atenção também, chegou a hora de mamar e depois tive de trocar a fralda, demorei bastante e quando voltei para a cama, sexo era a última coisa que passava minha cabeça. Eu dormi e não vi a hora que Quim tinha saído para trabalhar.

Mas aquela a loba dentro de mim agora estava faminta por um ruivo gostoso. Eu tentei esperar a noite, fiz planos, tudo muito simples, daria de mamar para os gêmeos, colocaria para dormir e atacaria o Quim, nessa ordem, mas quem disse que eu consegui esperar?

Então coloquei um vestido de botões, meia calça sete oitavos com direito a cinta liga, calcinha rendada e os horríveis sutiã de amamentação. Por que os estilistas não conseguiam fazer algo sexy para mães? O que eu estava usando pelo menos não era bege, peguei um pretinho básico.

Abri a porta com o meu crachá e caminhei pelos corredores, vendo o pessoal trabalhar. Estava há um bom tempo longe de tudo aquilo e deu uma

pontinha de saudade. Coisa que logo, logo eu não teria mais, minha licença-maternidade estava acabando.

— Duuu, por favor. — Voltei para o presente assim que vi o engenheiro e ofereci Tina, que estava dormindo tranquila no bebê-conforto.

Caminhei até Momo e coloquei Vicente em seu bebê-conforto em sua mesa.

— É o seguinte. — Olhei de um para o outro. — Vocês dois estão encarregados das minhas joias preciosas. — Tirei a bolsa pesada que estava em minhas costas. — Por uma hora, vão deixar todos os problemas de lado e vão cuidar de Vic e Tina para que eu possa resolver um assunto muito importante com o meu marido. — Momo ia falar, mas eu balancei a cabeça em negativa. — Eu sei que você dá conta deles, mas o Duuu vai ajudar. — Olhei para o Duuu com a cara fechada. — Não é?

— Sim. — O cara arregalou os olhos.

— Acho bom mesmo. — Dei a volta na mesa da minha amiga e comecei a caminhada decidida para a sala do meu ruivo.

— Que bicho mordeu ela? — Duuu perguntou para Momo.

— Não faço a mínima ideia, mas eu tenho pena do Quim, ela está com cara de que vai *pegar ele de jeito*. — *Ah, minha amiga, você não sabe como eu vou.*

Entrei por um outro corredor, com várias outras salas menores. O prédio novo era melhor equipado para reuniões. Senti o maior orgulho de ter participado

da montagem estrutural da rede. Todo meu esforço para tirar certificações foi aplicado ali. O sentimento aumentou quando cheguei ao meu destino e vi o nome de Quim em uma placa, com o nome gerente gravado, meu ruivo também merecia o cargo. Abri a porta e o que eu vi me deixou puta.

Tinha um ruiva falsificada e safada quase sufocando meu Quim com os peitos. A descarada estava toda se insinuando para ele. Sabe aquelas secretarias de filme pornô — não que eu assista — fazendo caras e bocas e se curvando para os chefes, com seus imensos decotes à mostra? Era bem isso o caso.

E o Quim estava com a cara de irritado. Um manual para entender o Quim:

Cara fofa e toda contente, ele só faz quando os bebês estão por perto ou em raríssimas ocasiões.

Cara Chay, eu apelidei essa cara anos atrás. Toda vez que nós brigamos, ele tem uma expressão única que diz “quero torcer seu pescoço”, caracterizada por um levantar de sobrancelha, veia pulsando na têmpora e o curvar de boca.

Cara de irritado: maxilar travado, vinco entre as sobrancelhas — já disse que ele vai ficar cheio de rugas — e a cor do rosto com aquele rosa quase vermelho.

Por fim, a cara normal dele, usada para todas as pessoas, que eu descrevo como “a de paisagem”, sem reação nenhuma.

Quim estava com a cara de irritado, beirando a puto da vida. Ele se afastava, e a mulher chegava junto. Ah, ela estava mexendo com a pessoa errada.

— Você. — Aponte para ela. — Fora.

— Quem é você? E quem te deu o direito de entrar aqui assim? — Ela estava de palhaçada com a minha cara? Para qualquer lugar que você olhava tinha foto minha ou das crianças, e ela realmente estava me perguntando isso?

— Você tem meio segundo para sair daqui, ou vai ganhar meus cinco dedos na sua cara. — Avancei para a mesa. A mulher segurou os papéis contra o peito, que apostava que eram falsos.

— Quim...

— É *senhor* Joaquim. — Quim disse. O ruivo cruzou os braços e olhou para mim, com um sorrisinho nos lábios.

— A tintura afetou seu cérebro, garota? Fora. — Elevei o meu tom de voz. A mulher saiu de trás da mesa e começou a andar em direção da porta. — Mas uma coisa, amanhã coloque o uniforme da empresa, aqui é um lugar de respeito, e não qualquer lugar que você vá vestida assim. — Deu uma olhada com raiva para a micro-saia que usava. — É para você é *senhora* Joaquim também.

Assim que ela saiu, eu voltei e passei a chave na porta. Quim levantou da cadeira e ia falar, quando o interrompi.

— Sente-se. — Quim empalideceu, provavelmente imaginou que eu ia brigar com ele. Dei a volta na mesa e o empurrei até ele cair na cadeira. — Quindim, não posso tirar meus olhos de você, que alguma oferecida já que colocar as mãos no que é meu?

— Chay, eu... — Subi meu vestido e coloquei meu dedo em seus lábios.

— Quindim, você tem uma hora para terminar o que começou ontem. — Do bolso do vestido, eu puxei uma Jontex. — Que tal usar essa boquinha para outra coisa? — Quim me puxou para mais perto dele.

— Sim, senhora. — Ele deu o sorriso safado que eu tanto amava. — Você me deixou de pau duro com essa pose de durona. — Quim me colocou sentada em cima da sua mesa. Eu amava como ele era forte e conseguia fazer tais coisas comigo. — Temos cinta liga? Senhora Quindim, você veio com segundas intenções mesmo?

— Segundas, terceiras, todas as más intenções possíveis e imagináveis. — Quim abaixou a cabeça e começou a dar beijos pela minha pele exposta, cada beijo me deixava mais ligadona. — Sim, isso. — O meu ruivo puxou o vestido para cima, me deixando só de roupa íntima. O olhar dele era tudo que eu precisava para me sentir sexy e poderosa, eu adorava como Quim me comia com os olhos.

— Eu já disse como amo seu corpo? — Ele se levantou e afastou as coisas da mesa, me deitando com cuidado em seguida. — Seu cheiro doce, sua pele macia, seus seios. — Ele os juntou com suas grandes mãos. Não fazia muito tempo que tinha amamentado, procurei esvaziar bem eles, não queria vazando leite, não achava nem um pouco sexy aquilo. — Eles ficam maiores quando estão cheios de leite.

— Gosta deles grande, Quim? — Meu marido soltou os ganchos que sustentavam as partes da frente da peça de roupa. Olhou para mim, dando um

sorriso de canto de lábios. Sua língua deu uma leve lambida em um dos meus seios.

— Eu os adoro e venero. — Quim sugou com avidez enquanto com a outra mão apertava meu outro seio. Ele tomou o seu tempo, quanto mais fazia isso, mais excitada eu ficava. — Eles são a fonte de alimento para meus bebês — disse depois de se sentir satisfeito, migrou para outro, dando o mesmo tratamento. — O engraçado é que quando você está os alimentando, eu sinto uma ternura, nada sexual, mas é só os bebês saírem de cena, que já fico pensando...

— Safadezas. — Minha gargalhada terminou em gemido, quando Quim mergulhou sua mão dentro da minha calcinha.

— Pronta para mim, minha Chay. — Quim sussurrou em meu ouvido. — Completamente molhadinha, senhora Quindim.

— Eu queria te experimentar primeiro. — Coloquei a mão em sua virilha, sentindo seu pau ficar duro. — Mas não temos tempo. — Massageei, Quim travou seu maxilar e jogou a cabeça para trás, tentando não gemer. Queria o contato de pele com pele. — Quem sabe hoje à noite?

— Vamos torcer para isso. — Ouvi o barulho do zíper se abrindo e depois da embalagem. — Sabe o que mais eu gostei quando você estava grávida? — Quim me puxou para fora da mesa e me colocou em meus pés no chão, minhas pernas estavam trêmulas. — O jeito como fazíamos amor. — Ele me colocou de costas e abaixou a minha calcinha.

— Gosta de me comer por trás, Quindim? — Espalmei a minha mão em cima da mesa e curvei meu torso, empinei a minha bunda e olhei por cima do ombro, aquele olhar de lobo dele me deixava quente.

— Sim. E de lado, de frente, de qualquer jeito. — Nós dois gememos quando ele entrou dentro de mim. Fazia tanto tempo que não estávamos assim. Quim estava hesitante, dava para perceber pelos seus movimentos.

— Quim, mais rápido, por favor. — Sussurrei, aquela lentidão estava me matando, eu queria sexo rápido, forte e intenso. — Eu quero você, Quindim.

— Já estou tentando me conter...

— Não é hora de se conter, homem, quero sexo selvagem e intenso. Me coma! — Acho que dei um grito que toda empresa ouviu, mas foda-se, quer dizer, *foda-me*.

— Menina desbocada. — O safado riu e não mudou a velocidade. Estava quase xingando todos os palavrões que eu conhecia, quando ele acelerou, atendendo meu pedido.

A mesa sob mim fazia barulho de rangido, e Quim apertava minha cintura com força o bastante para deixar marcas. Eu queria puxão de cabelo, tapa na bunda, mordidas, precisava pedir para minha sogra ficar com as crianças pelo menos três noites, para ter meu sexo intenso com meu ruivão.

Quim se curvou por cima de mim e alcançou minha orelha, sussurrando sacanagem enquanto com uma mão descia pelo meu corpo até achar aquele

pontinho que dava o maior prazer para uma mulher. Ele começou a me estimular ali também, eu era uma massa, e ele, meu oleiro. Meu Quim sabia dos paranauês.



— Gosta do que está vendo? — Quim estava largado em sua cadeira, me olhando depois de uma transa fabulosa. Esse negócio de ficar na seca tinha seu lado bom, pois quando finalmente nos saciamos, era como se fosse a primeira vez, uma explosão de sensações.

— Sim, esse seu vestidinho vai me dar altas fantasias. — Estava vestindo um modelo simples com saia rodada, sem mangas e com vários botões que eu estava fechando com extrema paciência. — Qual a chances de eu ser recebido em casa hoje com você nele? Adoraria ter você para o jantar.

— Estou vendo nascer um novo fetiche por mesa, senhor Quindim? — Ia me afastar, mas as mãos de Quim se grudaram em minha cintura, me fazendo cair sentada em seu colo.

— Não estreamos nossa casa nova, quero você em todos os lugares. — Girei em seu colo e peguei seu rosto, dando um beijinho na ponta do seu nariz.

— Pedido aceito, mas agora eu tenho que ir, antes que nossos anjinhos escravizem o prédio todo com sua fofura.

— Tina e Vic estão aqui. — E a expressão fofa tomou o lugar. Era só os bebês entrarem em cena.

— Sim. Momo e Duuu estão cuidando deles...

— Você fez o Edu ficar no mesmo ambiente que a Mônica? — Olhei para ele com o cenho franzido, sem entender nada. — Eduardo não vem mais neste prédio para não dar de cara com a Mônica.

— Sinceramente, o Duuu tem que parar de *frescagem*.



Quatro incríveis anos depois

Eu deveria ter jogado na loteria. Sério. O que eu falei aconteceu.

Valentina é a minha cópia, não na aparência, pois nisso é igualzinha ao pai. Tem lindos cachinhos acobreados, sardas pontilhando o nariz, tão branquinha, que sempre tenho de passar protetor nela, para não se queimar no sol. Os olhos são de um castanho escuro, única coisa que puxou de mim, junto com o temperamento. A menina tinha uma energia inesgotável, no alto dos seus quatro anos, tocava o terror por onde passava. Não para um segundo sequer, sempre com uma pergunta para fazer ou uma resposta na ponta da pequena língua.

E eu sou aquela mãe babona, que precisa se esconder para rir de suas travessuras e traquinagens, para não perder a pose de durona. O grudinho do pai, onde Quim está, Tina está atrás.

Já Vicente é a minha cópia fisicamente, exceto pelos olhos verdes do pai. Pretinho, com um cabelo black que ele adora quando está bem baixinho — acho que vou comprar uma maquininha para cortar o cabelo desse menino. “Deus, me dê um coração forte e paciência para não matar cada menina que correr atrás do meu garoto, amém”. Vic é a calma em pessoa, o mundo pode estar caindo ao seu redor, e ele nem liga. É ruim para comer, tenho de ficar brigando com ele, é silencioso e muito teimoso, Quim fala que isso ele puxou de mim.

Os gêmeos são completamente diferentes, mas muito unidos. De vez em quando, acordo de noite e vou vê-los, e Tina está dormindo na cama do irmão ou vice-versa. Na hora das travessuras também, tenho quase certeza que a maioria das ideias é dela, mas o irmão não a deixa sozinha.

E é por isso que eu estava saindo, naquele dia, no meio do expediente para ir até a escolinha deles. Estava dirigindo, coisa que eu odeio, achei uma vaguinha na última da rua, dei a seta para entrar, e veio uma pessoa de não sei onde e estacionou no meu lugar. Aquilo me deixou puta da vida. Coloquei a mão na buzina, e a loira que saiu do carro ainda olhou para minha cara e disse um “perdeu”. Respirei fundo para não passar por cima dela. Só achei uma outra vaga a duas quadras, e a cada passo que eu dava, xingava mais um pouco a perua que roubou a minha vaga.

Entrei no colégio e me dirigi à secretaria. Meus anjinhos estavam de braços cruzados, sentados em um banco no corredor, do outro lado estavam a loira ladra

de vaga e um outro menino. Quase fui atropelada por uma menina de óculos imensos na cara, que correu para o lado dos meus filhos.

— Senhora Charlene, que bom que chegou, vamos à minha sala? — A diretora, que saía da secretária, me deu um sorriso.

— Vamos logo, que eu não tenho o dia todo. — A perua disse. Olhei para ela de cima a baixo e empinei o meu nariz de batata.

— Vai ter que esperar mais até eu falar com os meus filhos. — Vi Tina baixando a cabeça e Vic apertando a mão dela. Acho que meu filho vai ser advogado no futuro, o garoto ia argumentar a favor da irmã ou tentar levar a culpa.

— A diretora vai falar com a gente...

— Além de cega é surda? — Nem me dei o trabalho de olhar na cara da fulana. — Muito bem, me digam o que aconteceu.

— A culpa foi dele. — A menina de óculos apontou para o outro menino. — O Vi não fez nada.

— Oi, meu docinho. Qual o seu nome? — Eu me acomodei no chão para ficar na mesma altura das crianças.

— Hilda.

— Eu sou a Chay, mãe desse dois. — Olhei para os dois e esperei.

Uma coisa que andei treinando no decorrer do crescimento deles foi o olhar de mãe. Sabe aquele que quando nossa mãe dá, nos borramos de medo? A

bicha não precisa dizer uma palavra, e já tem a gente na palma da mão. Eu treinei no espelho e deu muito certo, obrigada.

— Mamãe, a culpa é minha — disse Valentina, por essa eu não esperava.

— Não é verdade, a culpa é minha. — Agora sim, Vic sempre tomava a iniciativa.

— Eu vou julgar de quem é a culpa. Vamos aos fatos.

— O bobão do Danilo quer o parquinho só para ele — Valentina começou.

— Quando a Hilda foi no escorrega, ele a empurrou.

— Mentira! — o tal de Danilo gritou.

— Meu filhinho nunca faria isso — a bruaca falou.

— Duvido muito que ele não faria isso, afinal, tendo uma mãe como ele tem...

— O que você quer dizer com isso? — Revirei os olhos e voltei para os meus filhos.

— Continua, Valentina. — Uma coisa era certa, mesmo errados, eu os defenderia, e em casa, acertaríamos as coisas.

— O Vic foi falar com ele e disse o que o papai falou. — A menina apertou a mão do irmão, achava tão fofo aquilo, o companheirismo dos dois. — Que não se deve machucar uma mulher, que o menino tem que proteger as meninas. — Sorri para o meu filho, cheia de orgulho.

— Então? — questionei.

— O Danilo empurrou ele também. — Hilda falou. — Mas o Vic não fez nada, disse que não ia bater nele porque o pai disse não se pode agir com violência, que se ele não parasse, iria chamar a professora.

— Então o Danilo começou a o chamar de frutinha. — Valentina continuou a história. — Ele tentou empurrar o Vic de novo, mas o Vic desviou igual o professor ensinou, e o Danilo caiu no chão igual uma batata podre. — Meus filhos tinham começado a frequentar aulas de caratê, ideia da Tina, ela queria ser espiã.

— Igual a um herói de verdade. — Vi o sorriso tímido na menina. — O Danilo levantou e quis brigar com ele, mas a Tina foi para cima dele, o derrubou no chão e começou a puxar o cabelo dele. — Minha menina ficou vermelha e abaixou a cabeça.

— Desculpa, mamãe. — Tina me disse. — Mas o Danilo não vai machucar o meu irmão. — É nessas horas que eu tenho que correr para algum banheiro e sorrir, mas sou uma mãe e devo me manter séria.

— É uma selvagem, essa menina, pobrezinho do meu Dan — a bruaca falou. Sorri para os meninos e levantei.

— Vão buscar suas coisas na sala, que vou falar com a diretora. — Caminhei para a sala da mulher, sendo seguida pela bruaca.

— Você deve levá-la em algum psicólogo, pode ser que os pais dela sejam ruins. Você não deveria ficar com esses problemas nas mãos, eu ouvi dizer que crianças adotadas passam por isso e agem com agressividade.

Eu tinha sentado na cadeira e levantei como se tivesse uma mola nela, avancei para a mulher, que retrocedeu até encostar as costas na porta.

— Escuta aqui, sua bruaca. — A mulher abriu a boca para falar, mas não deixei. — Problemas de agressividade? Minha filha estava defendendo o irmão do seu filho, um brutamontes infantil que ainda por cima é homofóbico. Você é que precisa dar limites para ele e o ensinar que não deve bater em ninguém, muito menos em uma mulher. Que espécie de ser humano você está criando? E nem vamos falar do comentário. — Fiz aspas com a mão. — Frutinha?

— Charlene... — A diretora começou.

— Não, Dolores, exijo um pedido de desculpa do garoto e dessa pessoa. — Apontei para a mulher. — Principalmente depois do comentário racista.

— Como? Que comentário? — A bruaca ainda tinha a pachorra de perguntar.

— Insinuação de que minha Valentina não saiu de dentro de mim.

— Eu sei que mãe é aquela que cria, mas...

— Mas merda nenhuma. Antes de você destilar seu preconceito, vai estudar. Mesmo que ela não tivesse passado sete meses dentro de mim e eu não tivesse quase morrido para ter os meninos, isso foi desnecessário. Meu marido é ruivo, e meus filhos puxara um pai cada. — Virei para a diretora.

— Eu não sabia...

— Estou esperando um pedido de desculpas. — Cruzei os braços e comecei a bater o pé.

— Charlene, vamos ter calma e...

— Eu estou calma. Vamos lá.

— Me desculpe por ter dito o que disse sobre a sua filha.

— Ótimo. — Virei para a diretora. — Meus filhos não vão ser punidos por se defenderem. Pelo que eu entendi, quem precisa de um acompanhamento psicológico é esse garoto.

— Charlene, a escola é contra violência...

— Onde estava a professora, que nada viu? — A mulher corou. — Muito bem, vou aguardar o pedido de desculpa do garoto que começou toda essa briga, e que não se repita isso. Pago muito caro por essa escola para manter meus meninos em segurança. — Abri a porta da sala e saí para o corredor.

— Vicente e Valentina, vamos. — Caminhei para a saída com os dois do meu lado. Assim que entramos no carro, Tina falou.

— Estou encrencada? — Olhei para minha filha pelo espelho sem dizer nada. — Desculpa, mamãe, eu não devia ter puxado o cabelo do Danilo.

— Sim, querida, você está encrencada porque brigou na escola. — Era tão difícil ser mãe e brigar com as crianças. — Vocês estavam com a razão, o menino estava errado, ele fez uma coisa errada, e você agiram com violência, o que é que o pai de vocês sempre fala?

— Violência gera violência. — Os dois falaram juntos.

— Muito bem. — Toda minha raiva por causa da bruaca foi embora. —
Dois dias sem TV, Valentina.

— Tá bom. — *Ai, aquela carinha de emburrada tão Quim...*



— Por que os meninos estão tão quietos? — Estava terminando de lavar a louça, e Quim estava secando. — Não está passando o desenho que eles gostam e me perturbam para assistir na TV grande?

— Valentina está de castigo por derrubar e puxar o cabelo de um amiguinho da escola. — Contei todo o ocorrido para ele enquanto terminamos com os afazeres da cozinha.

Entramos em uma rotina gostosa algum tempo atrás. Chegávamos os quatro em casa, era banho, jantar em família, depois eu e o Quim cuidávamos da cozinha, e as crianças iam fazer o dever de casa — quem diria que crianças da pré-escola tinham tanto dever? —, meia hora de TV antes de os dois irem para cama e nós quatro lermos uma história, e finalmente papai e mamãe teriam alguma diversão debaixo dos lençóis.

— Você abrandou o castigo porque está do lado dela? — Quim sorriu e veio me puxar para os seus braços. Balancei a cabeça em afirmativa. — É muito ruim estar muito orgulhoso dos nossos filhos por terem brigado na escola?

— Pensei o mesmo, você precisava de ver a menina defendendo o Vic. —
Joguei meus braços ao redor do seu pescoço. — Parece que o nosso filho já
começou a fazer suas conquistas.

— Como você adora dizer, ele é igual a mim. — Dei um tapa em seu
ombro, e o safado riu. — Ele é lindo igual a mãe.

— Mãe, quero água. — Falando no pestinha, olha ele ali. — No copo do
Batman.

— Sim, senhor.

— Já guardei os brinquedos na caixa.

— Você é igualzinho ao seu pai. — Olhei para o meu menino e revirei os
olhos.

A criança não gostava de bagunça. Seus brinquedos preferidos eram os
quebra-cabeças, desde pequeno, adorava os jogos mais lúdicos. Lembro que a
Momo deu um brinquedo com tanta peça, que quase bati nela, achando que teria
trabalho para guardar tudo aquilo, mas nunca tive: Vic sempre organizava tudo no
lugar depois.

Fui ver Valentina, dormindo no sofá, agarrada no ursinho de *emoticon* de
cocô que eu dei de presente de aniversário de um ano de casado — não podia
perder a oportunidade, né?

— Papai, a mamãe sempre fala que eu sou igual a você. Isso é ruim? —
Ouvi Vic perguntando para Quim.

— Você acha ruim? — Quim perguntou para ele.

— Não, eu quero ser igualzinho a você quando crescer. — Não consegui parar de sorrir.

— Meu amor, eu amo muito você e seu pai. — Vic estava no colo de Quim, e fui até eles e dei um beijinho no garoto. — Você é meu presente especial e faz muito bem ser igual ao seu pai, ele é um homem de muito bem.

— Quero abraço também. — Tina veio arrastando a pelúcia e esfregando o olho.

— Vem cá.

E naquele momento, eu vi que a vida era boa. Valeram todas as brigas e discussões com o meu ruivo bocudo, nós tínhamos uma família linda e maravilhosa. Não foi fácil chegar aqui. Tivemos outras brigas e reconciliações ao longo desse tempo, o que fez nosso amor ficar mais forte.

Fim? Será? Não, isso nunca será o fim, sempre terá mais Chay e Quim.

Obrigada por ler essa louca história de amor.



FIM

[1] TI – Tecnologia da Informação.

[2] Tranças Nagô, box braids ou canecalon são tranças feitas com material sintético.

[3] PC - Personal Computer, em português, computador pessoal seria um laptop ou notebook.

[4] Bubbalo é uma marca de chiclete.

[5] Nota da Autora: Osasco é uma cidade do estado São Paulo. Essa cidade fica próxima à capital. Da Avenida Paulista até onde Mônica mora, dá mais ou menos 22 quilômetros de distância.

[6] Emissora de televisão em São Paulo

[7] Na capital de São Paulo, as sacolas plásticas nos supermercados são pagas, devido a uma lei municipal.

[8] São bonecos, réplicas de personagens de HQ, filmes, seriados, etc.

[9] O **Sem Parar** é um serviço que permite que os carros passem pelos pedágios das estradas do Estado de São Paulo **sem** precisar **parar**, já que um equipamento abre automaticamente as cancelas. Estacionamentos de shoppings, aeroportos e algumas empresas também trabalham com o sistema.

[10] Série americana de televisão.

[11] Nota da autora: Referência a um seriado chamado Grey's Anatomy

[12] Uma marca de boneca.

[13] Personagem do seriado The Big Bag Theory.

[14] Uma trança rente a cabeça

[15] Em São Paulo existe um cartão de vale-transporte chamado Bilhete Único, com ele você pode pegar algumas linhas de ônibus, metrô e trem e pagar um valor diferenciado.

[16] Acidente vascular cerebral, quando se dar em uma pessoa pode paralisar metade do corpo, sendo assim o policial ficaria com um sorriso torto.

[17] Uma gíria usada para quando a pessoa bebe demais, ou seja, dar perda total – PT.

[18] Remédio para hipertensão, há estudos clínicos que dizem que alguns remédios para pressão ou coração não funcionam em negros.

[19] Nota da Autora: Quando trabalhava em um hospital, isso realmente aconteceu.

[20] Quando a membrana amniótica se rompe sem que a mulher esteja em trabalho de parto, o fenômeno é conhecido como **bolsa rota** e pode ser facilmente percebido pela gestante, pois uma grande quantidade de líquido amniótico escorre.

[21] NA: Esse capítulo foi baseado em um caso que ocorreu em junho de 2017, no estado de São Paulo. Felizmente, assim como aqui, a história acabou com um final feliz, porém devemos nos perguntar: até onde vai o nosso preconceito?